Júlio Dinis

Uma Familia Inglesa

Cenas da Vida do Porto

UMA FAMÍLIA INGLESA

JÚLIO DINIS

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

CAPÍTULO I

ESPÉCIE DE PRÓLOGO, EM QUE SE FAZ UMA APRESENTAÇÃO AO LEITOR

Entre os súbditos da rainha Vitória, residentes no Porto, ao começar a segunda metade do século dezanove, nenhum havia mais benquisto e mais obsequiado, e poucos se apontavam como mais fleumáticos e genuinamente ingleses, do que Mr. Richard Whitestone.

Por tal nome era em toda a cidade conhecido um abastado negociante de fino tato comercial e génio empreendedor, cujo crédito nas primeiras praças da Europa e da América, e com especialidade nos vastos empórios da Grã-Bretanha, se firmava em bases de uma solidez superabundantemente provada.

Nos livros de registo do Bank of England, bem como nos de alguns Joint-Stock banks e dos banqueiros particulares da

City ou de West-End, podia-se procurar com êxito documentos justificativos deste crédito florescente.

Não era Mr. Richard homem para seguir somente caminhos batidos, nem para empalidecer ao abalançar-se em veredas não arroteadas, onde se achava a sós com os seus esforços e tenacidade.

Por vezes arriscara capitais a inaugurar companhias, a plantar novos ramos de comércio, a auxiliar indústrias nascentes, aventurando assim proveitosos exemplos, para serem seguidos depois, já com melhores garantias de lucro, pelo seus colegas, caracteres em geral cautelosos e positivos e sempre desconfiados a respeito de inovações.

Apesar disso, as crises, essas derruidoras tempestades tão frequentes na vida do comércio, tinham passado por cima da casa Whitestone, respeitando-a. Através das nuvens negras, que tantas vezes assombram o mundo monetário, vira-se sempre brilhar a firma do honrado Mr. Richard, com o esplendor tradicional; enquanto que não sorriam fados tão propícios às de muitos meticulosos e precatados, não obstante egoístas abstenções.

Era o caso de mais uma vez repetir o Audaces fortuna... de já estafada memória.

Esta imunidade, em parte devida à lúcida inteligência, com a qual Mr. Richard sabia superintender nos variados negócios do seu trato, em parte a não sei que benigno espírito, ou acaso feliz, a que muitas vezes parece andar subordinada a fortuna, valera-lhe uma ilimitada confiança entre todos, com quem o negócio o ligava, confiança da qual, nem em circunstâncias frívolas, se mostrou nunca indigno depositário.

O quotidiano aparecimento do negociante estrangeiro na Praça — nome que entre nós se dá ainda à Rua dos Ingleses, principal centro de transações do alto comércio portuense — festejavam-no benevolentes sorrisos, rasgadas e pressurosas reverências, frases de insinuantes amabilidades e afetuosos shake-hands, segundo o mais ou menos adiantado grau de familiaridade, que cada qual mantinha com ele.

Ninguém se dispensava de qualquer destas demonstrações de estima, ou as impusesse o prestígio dos avultados capitais e da social liberalidade do comerciante britânico,

ou — como de preferência opinarão os que melhor conceito formam dos homens — um longo passado sem mancha, uma retidão e cavalheirismo, aquilatados todos os dias.

Mr. Whitestone não se deixava porém desvanecer com estas homenagens dos seus confrades, aliás merecidas.

Decididamente não era a vaidade o seu defeito dominante. Aspirando essa espécie de incenso moral, que tão bem formadas cabeças atordoa, não sentia, no íntimo, turbar-se a limpidez, verdadeiramente cristalina, da razão, nele pouco sujeita a esvaimentos.

Os gelos daquele coração, formado e desenvolvido a 51 graus de latitude setentrional, não se fundiam com tão pouco.

Loas, hinos encomiásticos, capazes, ainda que em prosa, de atemorizar as modéstias menos esquivas, protestos hiperbólicos de veneração a todo o transe, tudo isso escutava friamente e sem nem sequer experimentar certa agradável e voluptuosa titilação da alma — se me admitem a frase — que em quase todos os filhos de Eva — primeira e mal estreada vítima da lisonja — produzem sempre os

panegíricos do merecimento próprio, entoados por bocas alheias.

A mesma indiferença, a mesma, senão absoluta impassibilidade, estabilidade de razão pelo menos, com que, uns após outros, esvaziava copos de cerveja e cálices do Porto e Madeira, de rum, de conhaque, de kummel, de gingerbeer, e até de absinto, libações que a qualquer pessoa menos inglesmente organizada ameaçariam, em pouco tempo, com as mais pavorosas consequências de um completo alcoolismo; essa mesma indiferença e impassibilidade opunha ao efeito, não menos inebriante, das lisonjas de que lhe enchiam os ouvidos.

A eloquência cortesã dos seus muitos entusiastas mais do que uma vez a recebia assobiando distraidamente, mas sem a menor afetação, o nacional God save the queen, ao qual marcava o compasso com a cabeça ou com a bengala.

Não se dava ao trabalho de retribuir um cumprimento com outro cumprimento. Aqueles que têm por costume semear lisonjas, para depois as colherem, em proveito próprio, encontravam em Mr. Richard Whitestone terreno ingrato para tal género de cultura; não vingavam lá.

A chamar-se delicadeza a certos requebros de linguagem, a certas subtilezas de galanteios, a certos meneios, ares e olhares convencionais, muito à moda nas salas e que variam com as épocas, hesitar-se-ia em conceder a Mr. Richard o nome de delicado.

A delicadeza que ele praticava não era de facto essa. Fazia-a consistir toda, a sua, nos sentimentos e nas ações inspiradas pelos eternos e invariáveis ditames da consciência e da razão, superiores portanto às flutuações caprichosas da moda. Era uma delicadeza natural.

Verdadeiro inglês da velha Inglaterra, sincero, franco, às vezes rude, mas nunca mesquinho e vil, podia tomar-se por uma vigorosa personificação do típico John Bull.

Alheio e pouco propenso à metafísica, não o namoravam as transcendentes questões de filosofia, que preocupavam doentiamente as inteligências da época; todo votado à contemplação da face positiva da vida, se não se arroubava, como os exaltados otimistas, a considerar nos destinos futuros da humanidade, evitava também o estorcer-se nas garras do demónio da hipocondria, como se estorcem

tantos, a quem prolongadas meditações sobre os males que perseguem o homem acabam por envenenar o pensamento.

Possuía em compensação Mr. Richard, e em alto grau, para lutar contra as ocorrentes resistências da vida efetiva, aquela qualidade de espírito, que, segundo Sterne, se diz obstinação nas más aplicações e perseverança nas boas.

Outra apreciável disposição de ânimo caracterizava ainda o nosso comerciante: — era a de não ser sujeito a longas mortificações, ou pelo menos — e com mais rigor talvez — a de as não manifestar nos gestos ou por quaisquer sinais exteriores.

Dir-se-ia, a julgá-lo pelas aparências, que espessa camada de estoicismo lhe encrostara o coração, libertando-o da influência dos estímulos, que mais dolorosamente costumam comover essa víscera de tão numerosas simpatias.

Neste mundo, ao qual os Heraclitos dos séculos cristãos granjearam o título lutuoso e elegíaco de Vale de lágrimas, não havia sucesso possível, catástrofe realizável, com força de alterar por muito tempo a costumada expressão

fisionómica de Mr. Richard, de lhe desbotar sequer o colorido vigoroso, ou — como julgo se lhe chama em linguagem técnica — o colorido quente, do qual vinha ao gesto certo ar de satisfação, despertador das mais justificadas invejas.

Nos tipos ingleses, que as ondas do oceano arrojam todos os dias às nossas praias, é este fenómeno mais vulgar do que porventura se pensa.

Cada uma dessas figuras britânicas vale por um protesto mudo, mas eloquente, contra os velhos preconceitos de poetas e de escritores meridionais.

Teimam de facto estes em que são indispensáveis os vívidos raios do nosso desanuviado Sol, ou a face desassombrada da Lua no firmamento peninsular, onde não tem, como a de Londres — a romper a custo um plúmbeo céu — para verterem alegrias na alma e mandarem aos rostos o reflexo delas; imaginam fatalmente perseguidos de spleen, irremediavelmente lúgubres e soturnos, como se a cada momento saíssem das galerias subterrâneas de uma mina de pit-coal, os nossos aliados ingleses.

Como se enganam ou como pretendem enganar-nos!

É esta uma ilusão ou má-fé, contra a qual há muito reclama debalde a indelével e acentuada expressão de beatitude, que transluz no rosto iluminado dos homens de além da Mancha, os quais parece caminharem entre nós, envolvidos em densa atmosfera de perene contentamento, satisfeitos do mundo, satisfeitos dos homens e, muito especialmente, satisfeitos de si.

Nem é para admirar que o romancista inglês James ousasse abrir o primeiro capítulo de um romance seu com a seguinte exclamação:

«Merry England! Oh, merry England!», alegre Inglaterra! oh! alegre Inglaterra!

E porque se não há de chamar alegre à Inglaterra? Como se generalizou a infundada crença de que o inglês é por força melancólico?

É uma destas abusões, para lhe não dar nome pior, contra as quais ninguém se precavê com suficiente critério filosófico.

Repare o leitor imparcial para qualquer dos membros da colónia inglesa, à qual Mr. Richard Whitestone pertencia, e verá que nem só nos tempos em que a civilização e a indústria não tinham ainda arroteado as densas florestas britânicas, seria cabido o jovial estribilho da canção que o supracitado romancista pôs na boca do legendário Robin Hood, seu herói; — «Oh, merry England, merry England, ho» pode ainda cantar, através dos nevoeiros e do fumo das fábricas, o inglês moderno, fiel depositário daquele folgado carácter nacional.

Eu tenho há muito como ponto de fé, que ainda que o spleen seja doença indígena da Grã-Bretanha, não domina tão fatalmente sob o céu londrino, como muitos parece imaginarem.

Dryden afirma que as comédias inglesas possuem sobre as de todo o mundo incontestável superioridade.

E querem saber a que atribuem alguns esta superioridade da comédia inglesa? Ao clima, a esse mesmo clima, que, em contrário, tantos acusam de fomentador de hipocondrias e suicídios.

O clima inconstante da Inglaterra, explicam aqueles, é próprio para favorecer o desenvolvimento desses caracteres excecionais e extravagantes, precioso e inesgotável pábulo do espírito cómico da Grã-Bretanha. A jovialidade dá-se muito bem naquele poderoso império.

Tom Jones e o próprio Falstaff são tipos mais ingleses talvez do que uns sombrios caracteres, que Byron pôs à moda.

Ora Mr. Richard, o corajoso leitor do Times, o inimigo declarado da França, apesar de certa severidade de convenção, era metal inglês, livre de toda a liga.

Nos maiores empertigamentos, a que o respeito pela pragmática inglesa o constrangia, lá lhe estava o gesto a denunciar que era artificial tudo aquilo.

Enquanto ao físico., enquanto ao físico era Mr. Whitestone carateriza damente inglês.

Não suprirão estas palavras mais circunstanciada descrição?

Não há entre nós quem, ao ver por aí, nos maiores e mais mesclados juntamentos, certa ordem de tipos masculinos, hesite em atribuir-lhes por pátria a velha Albion, a filha dos

nevoeiros, a rainha dos mares, a terra dos meetings, dos puddings e de muitas coisas mais?

Pois bem, todos esses caracteres, todos esses sinais distintivos dos mais perfeitos exemplares da classe, achavam-se reunidos na pessoa de Mr. Richard Whitestone, como certidão de naturalidade, limpa da menor viciação.

Era aquela conhecida tez, quase cor de tijolo; aqueles olhos azuis, à flor do rosto, a resplandecerem como safiras; aqueles cabelos e suíças ruivas, que, sem grande violência de imagem, poder-se-ia talvez comparar às labaredas do fogo, que lhe inflamava constantemente as faces injetadas; os dentes regulares, como enfiaduras de pérolas, e alvos, como os caramelos das montanhas; a postura ereta; os movimentos prontos, e no rosto o tal continuado ar de satisfação.

Do vestuário podia dizer-se quase o mesmo. — Não falseava o tipo. Era ainda inglês de lei.

Um pequeno fraque de pano azul, fabricado nas melhores oficinas de Yorkshire ou do West of England; as calças, curtas e estreitas, dentro das quais as descarnadas tíbias

podiam fazer o efeito do êmbolo em corpo de pneumática; as botas esguias e compridas, onde a elegância era sacrificada à solidez; gravata e colete alvíssimos, como os de um lorde do parlamento, e, de Inverno, vestidura completa de gutta-percha que, nestas épocas utilitárias e prosaicas, veio substituir as impenetráveis armaduras da Idade Média — tais eram as peças principais do guarda-roupa do honrado negociante. Coroava finalmente tudo isto o chapéu, aquele chapéu de forma invariável, castelo roqueiro inacessível às ondas destruidoras da moda; baluarte inabalável no meio dos ventos encontrados dos humanos caprichos; o chapéu, cujo molde clássico dá a um grupo de ingleses um aspeto que é só deles; o chapéu, expressão simbólica da índole industrial e fabril da famosa ilha, pois desperta lembranças das chaminés que ouriçam o panorama das suas mais manufatureiras cidades.

Respirando, havia mais de vinte anos, a atmosfera perfumada do nosso clima meridional, e bebendo, em todo este tempo, da própria fonte o predileto das mesas britânicas, o genuíno Port wine — esse néctar, cujo aroma, ainda mais que os da nossa atmosfera, é grato às pituitárias

inglesas, Mr. Richard Whitestone não conseguira, ou melhor, estas influências, com todos os outros feiticeiros atrativos da nossa terra, ainda não tinham conseguido de Mr. Richard Whitestone dois importantes resultados: a adoção dos hábitos de vida peninsular, contra os quais antes reagia sempre com a inteira inflexibilidade das suas fibras britânicas, e o respeito à gramática portuguesa, que, em todas as quatro partes, maltratava com uma irreverência, com um desplante de bradar aos céus e de desafiar os rigores da férula mais indulgente.

Não desmentia Mr. Richard a asserção do autor das Lendas e Narrativas, quando afirma que sempre que um inglês, em casos desesperados, recorre a algum idioma estranho, nunca o faz, sem o torcer, estafar, e mutilar com toda a barbaridade de um verdadeiro Kimhri.

De facto, as cinzas de Lobato e de Madureira deviam agitar-se na sepultura sempre que Mr. Whitestone falava, porque as regras mais triviais de regência e de concordância eram por ele atropeladas com uma frieza de ânimo, com uma fleuma, com uma impassibilidade, somente comparáveis às de um membro do Jockey-Club, ao passar

com um cavalo por cima do corpo de algum transeunte inofensivo ou competidor derrubado na arena.

Não era mais feliz a prosódia, a alatinada prosódia deste recanto peninsular.

As combinações gramaticais de Mr. Richard, ao falar a nossa língua, saíam marcadas com um verdadeiro cunho britânico. Vénus, a própria Vénus, perderia aquelas ilusões que nos refere o cantor d'Os Lusíadas, se porventura ouvisse o português que ele pronunciava.

Transparecia de alguma sorte nas orações do seu discurso o crédito liberal de um verdadeiro cidadão de Londres. O espírito conciliador e ordeiro, o constitucionalismo arreigado naquele ânimo inglês, e a adesão aos princípios interventores adotados no seu país, parecia haverem-se estendido, extravagantemente, ao campo da sintaxe portuguesa, levando Mr. Richard, num excesso de tendência harmonizadora, a tentar nela concordâncias de substantivos e adjetivos contra a absoluta e insuperável repugnância de géneros e de números; e a modificar a constituição gramatical de um país aliado, como a Inglaterra gosta de modificar a sua constituição política.

O efeito reunido daquela prosódia e sintaxe era às vezes de uma resultante cómica que não atuava impunemente sobre os ouvidos, aliás não muito pechosos, dos colegas comerciais, em cujos lábios sorrisos de malícia mal disfarçada vinham por instantes afugentar a sisudez da profissão.

Mr. Whitestone percebia-os e bem lhes suspeitava o sentido, mas era completamente indiferente ao que percebia e suspeitava.

Se o contradissessem na pronúncia de uma palavra inglesa, embora das mais controvertidas, se descobrisse um sorriso nos circunstantes, na ocasião em que ele estivesse falando a pátria língua, então sim, então era possível que chegasse a exaltar-se a ponto de quase ameaçar o imprudente com uma irrepreensível aplicação da nobre ciência dos boxers, quase divina arte do soco, que, desde Jack Brougton, tem sido cultivada em Londres «com fanatismo e ensinada com talento» — textuais palavras de escritor ex-professo.

Mas os sorrisos que lhe valiam as atrocidades praticadas por ele nas gramáticas estrangeiras, esses, sofria-os com

impassível indiferença, e não sei até se com certos vislumbres de orgulho e regozijo.

CAPÍTULO II

MAIS DUAS APRESENTAÇÕES, E ACABA O PRÓLOGO

O honrado chefe da casa Whitestone tinha dois filhos: uma gentil lady, mimosa planta do Norte transplantada, aos dois anos, para o nosso clima, e um rapaz, mais novo do que ela, e nascido já em Portugal.

Eram Jenny e Carlos.

Jenny era uma destas jovens inglesas cuja suavidade e correção de contornos, alvura e delicadeza de tez e puro dourado dos cabelos lhes dão uma aparência tão subtil e vaporosa, e, quase direi, tão celestial, que se espera a cada passo vê-las desprenderem-se da terra e dissiparem-se, como instantânea visão luminosa, diante dos olhos, que por momentos ofuscaram.

Delicadas, como arminho, que chega quase a subtrair-se à sensação do tato, de delicado que é, estas poéticas organizações setentrionais possuem tanto de vago, tanto de

material, que, junto delas, apodera-se de nós, entes profanos e grosseiros, certo invencível constrangimento, como se receássemos com um sopro desvanecê-las, crestá-las com um olhar, maltratá-las com um gesto.

Os desejos não voam até ali; rodeia-as uma atmosfera de virginal castidade, no seio da qual esses filhos alados da imaginação abatem-se asfixiados.

Belezas, como ela, foram por certo as que inspiraram as imagens de virgens dos cantos de Ossian ao espírito de quem quer que foi seu autor, daquelas virgens que o bardo comparava à neve da planície e cujos cabelos imitavam vapor do Cromla, dourado pelos raios do ocidente.

Se no azul meigo dos olhos de Jenny se não concentrava o fogo das paixões de um coração ardido, nem se descobria a cintilação denunciadora de fantasias exaltadas, havia nele não sei que misteriosa e suave luz, como se de reflexo levado para ali do mais íntimo de alma; os lábios, delgados e levemente compridos, não se agitavam sob o império de tumultuosos sentimentos, mas fixavam-se em contínuo sorriso, expressivo de afabilidade e de brandura, prometedor de plácidas mas duradouras felicidades; o seio,

sempre modestamente afogado no vestido liso e singelo, embora não tivesse o arfar voluptuoso que arrebata as imaginações, animava-se da ligeira ondulação, denunciadora do sereno sentir da mulher, a quem Deus confia os destinos da família; desses simpáticos vultos de mãe, de irmã e de esposa, por todos encontrados ou sonhados ao menos uma vez na vida, astros inacessíveis às violentas tempestades, que tantas vezes ameaçam o horizonte doméstico, anjos pacificadores entre os seus, que com todos repartem carinhos e afagos, que com lágrimas e sorrisos a todos consolam e recompensam; se, vendo Jenny, podia lembrar o amor, era o amor da mulher sempre casta que, ao estender a cara cândida aos beijos afetuosos do esposo, baixa ainda os olhos, corando com todo o pejo de uma primeira entrevista, e fita-os no berço do filho adormecido sob a vigilância dos seus cuidados.

A estatura esbelta da jovem inglesa, o andar, sem os requebros lânguidos das nossas elegantes, a cara pura e de gracioso modelo, coroada por um diadema de formosos e desadornados cabelos louros, o olhar entre afável e melancólico, a voz meigamente sonora e cadenciada, tudo

enfim, de modo inexplicável, como variadas frases de misteriosa linguagem da beleza, denunciava os encantos, as doçuras daquele carácter feminino, tão alheio a fraquezas mundanas, que mais se dissera angélico.

Sentia-se, vendo-a, que para ela nunca o amor seria um passatempo, um capricho apenas, gozado entre risos, terminado sem lágrimas. Talvez nunca tão violenta paixão a chegasse a dominar até; porém, se nascesse, seria como essas plantas que mal se desentranham em galas de folhagem e de flores, mas que se prendem por tenazes e penetrantes raízes ao solo de onde brotaram.

Em Jenny, a paixão de amante, a ter de lhe inquietar o coração, dificilmente se revelaria, a não ser adivinhada; mas depois, se o fosse, ou havia de consagrar-se na de esposa, de sublimar-se na de mãe, ou lentamente a consumiria; ser-lhe-ia fatal, se, por não compreendida, não chegasse a realizar essa santificada evolução.

Almas assim estão talhadas, ou para a felicidade celeste, ou para a máxima tortura; que eu não sei de outra maior do que a daqueles que concentram em si o sofrimento e

sufocam todas as manifestações de dor, quando às vezes a revelação lhes poderá dar lenitivo.

Mas o céu de Jenny era ainda límpido, e amena a corrente da vida.

Um rápido e impercetível movimento de lábios, um desvanecido contrair de cara e — a não ser ilusão isto — um como escurecer do puro azul daqueles olhos amoráveis eram os únicos vestígios das raras lutas travadas entre a sua razão poderosa, bem que de mulher, e os impulsos de diversos afetos, luta sempre decidida pela vitória da primeira.

Mas eram raras essas nuvens, tão raras como diáfanas, tão diáfanas como passageiras.

Estava-lhe quase sempre no seio aquela mesma placidez que se lhe lia no rosto.

E nem por isso se julgue frio e insensível o carácter dela; animavam-no também os raios vivificadores dos sentimentos que nos prendem à terra; mas, com o influxo da vida, não transmitiam esses raios a labareda que destrói.

Será menos enérgico e abençoado o calor do Sol, porque não inflama os bosques e as cidades, como o incêndio que a mão do homem ateia? Mas um cobre de verdura os prados e de flores os ramos, e ilumina o hemisfério inteiro; o outro calcina as plantas que abraça, e a pouca distância estende a sua claridade fatal; qual será mais poderoso e efetivo?

Em Jenny os afetos do coração pareciam-se com as chamas dos lampadários sagrados, que, em honra de Deus, iluminam o interior dos templos. O vê-las luzir eleva o pensamento a meditar coisas do céu.

Há entes assim que tudo santificam; paixões, que nuns acalentam vícios, são neles eficazes impulsos para sublimes virtudes.

O cálice, que, em mãos profanas, preside aos banquetes e às orgias, consagrado no altar, transforma-se em símbolo misterioso da mais augusta religião.

Deus desce também a muitas almas, para tornar em holocausto digno de si as paixões originárias delas.

Carlos era, sob muitos respeitos, diferente da irmã.

Inglês pelo sangue, meridional pelo clima, onde vira, a primeira vez, a luz do dia, onde passara a infância, onde sentira as primeiras comoções da adolescência, o despertar da vida do coração, tinha um carácter que se ressentia desta, de alguma sorte, dupla nacionalidade.

Da Península recebera o entusiasmo, a viveza de imaginação, a impetuosidade de sentimentos, que raras vezes reprimia; vinham-lhe da Grã-Bretanha a força de vontade, a pertinácia, o estoicismo, com que, em certas ocasiões, surpreendia a quantos julgavam conhecê-lo; vinham-lhe até, da mesma fonte, algumas excentricidades de manifesta herança paterna — eficaz inoculação de britanismo, que não lhe consentiria mentir à origem, se alguma vez o tentasse.

Ainda que algum tanto estouvado, não deixava por isso Carlos de possuir um generoso e compassivo coração, alma sensível a todos os infortúnios, olhos a que a piedade não permitia serem estranhas as lágrimas.

Se, por ações mal refreadas, por palavras irrefletidas, as fazia também verter, era ele o primeiro a acusar-se, a

compadecer-se, a procurar enxugá-las por toda a qualidade de sacrifícios.

Capaz de heroica abnegação em bem dos outros, se frequentemente se esquecia de benefícios recebidos, como se poderia censurá-lo, quando, habituado a realizá-los maiores, não exigia também dos favorecidos a gratidão em recompensa, parecendo até desconhecer os direitos que tinha a ela?

Corajoso até à imprudência, liberal até à prodigalidade, sincero até à rudeza desatenciosa, os seus maiores defeitos não passavam de nobres qualidades, levadas ao excesso.

O que ele não sabia, ou não podia, era conservá-las no ordeiro meio termo, tão respeitado pela sociedade.

O sangue dos vinte anos fazia doidejar aquela cabeça; os instintos generosos faziam o tormento daquele coração, porque se uma, em momentos de exaltação, conseguia romper com as generosas repugnâncias do outro, a reação era infalível, e este, mais tarde, obrigava-a a arrepender-se, descobrindo, e exagerando até, as nem sempre remediáveis consequências dos seus desvarios e caprichos.

Carlos era destes homens que encerram e alimentam no próprio seio o seu principal inimigo.

Entre Carlos Whitestone e o pai existia um cordial e puro afeto, ainda que disfarçado, em ambos eles, sob aparências de frieza e de reserva da mais genuína índole britânica.

Raras vezes se procuravam os dois, e sempre que, nas ocasiões ordinárias, se viam juntos, poucas palavras trocavam. Quando mais solta se desenvolvia a loquacidade de Mr. Richard na presença do filho, era ao saborear os últimos cálices, depois do jantar de família; mas, ainda então, a conversa quase se reduzia a uma espécie de extenso e variado monólogo, recitado por aquele e interrompido por este apenas com algumas frases de assentimento, em que predominavam os Yes, ao mesmo tempo que os lábios se armavam de um sorriso de complacência — nem sempre segura fiança de atenção.

Carlos respeitava o pai, amava-o até com extremos capazes de lhe inspirarem os maiores sacrifícios, e contudo evitava-o, como se, junto dele, se não achasse à vontade.

E não achava, de facto.

Possuía Carlos um destes génios que não suportam constrangimentos; ou hão de romper com eles, ou evitá-los.

Calava-se, onde não podia abandonar-se aos caprichos de uma conversa fútil; entristecia, onde lhe fossem estranhas as expansões de uma alegria infundada, de um desses irresistíveis júbilos de criança que, como tal, em puerilidades se revela. Dessem-lhe a liberdade de poder ser estouvado, vê-lo-iam talvez sisudo; mas, forçado a isto, tornava-se sombrio e de mau humor.

Ora a austeridade de costumes de Mr. Richard Whitestone, a rigidez dos seus princípios de decoro e de respeito às praxes da etiqueta inglesa exerciam sobre Carlos uma influência, contra a qual não tinha coragem de revoltar-se; e por isso fugia-lhe.

No pai via quase sempre um juiz severo e inflexível, pronto a julgá-lo e a condená-lo talvez; e Carlos, que habitualmente trazia na consciência algum pecado de juventude a remordê-la, e que não confiava no seu poder de dissimular, furtava-se, quanto podia, às investigações do júri paternal, sempre antevistas por ele e bem longe às vezes do intento de Mr. Richard Whitestone.

Este, do seu lado, não amava menos extremosamente o filho; para as verduras da mocidade era indulgente, como, em tempos passados, desejara e precisara que fossem também consigo; Deus sabe que esforços lhe custavam até estes sisudos ares de convenção tão opostos ao fundo de desafogada jovialidade do seu carácter, e que não conseguiam dissipar o sorriso, que tinha como que estereotipado nos lábios.

Julgava ele, porém, do dever de pai e natural mentor que era de Carlos, conservar sempre certo ar de hombridade e de quase rudeza para com o estouvado que, não raro, lhe estava dando motivos para mais severas penas.

À sua precisão britânica repugnavam longos discursos de moral e prolixas catequeses. Lacónico, nestas coisas, por sistema e por espírito nacional, nunca usava de parábolas para chamar ao aprisco a ovelha tresmalhada.

Um único «Ho!», mas pronunciado com aquela expressão que só a laringe britânica lhe sabe dar, um ho aspirado, gutural, eloquente, inglês enfim, combinado a um abanar de cabeça rápido e desaprovador e a dois ou três particulares estalidos de língua, eram os sinais de

impaciência e de desagrado que Mr. Richard manifestava, e dos quais mais se temia Carlos, do que se temeria de qualquer menos concisa fórmula, sob que pudesse revelar-se a censura paternal.

Dia em que aquele fatal «ho!» lhe tivesse soado aos ouvidos, já não se confiava despreocupado a inteiro prazer; passava-lhe uma nuvem no firmamento azul da juventude, límpido como o de poucas.

Prometia então emendar-se; solenemente a si próprio o prometia, mas cedo a promessa era esquecida, até que nova e semelhante ocasião se renovava.

Outro era o sentir de Carlos para com a irmã.

Jenny era o seu anjo bom, e o anjo bom da família toda, a meiga, a benigna fada cujo olhar serenava as tempestades, e desanuviava o Sol.

Com sorrisos decidia, para o bem, os combates de paixões. Débil e delicada era aquela mão, mas quantas vezes Carlos a encontrara interposta entre si e o precipício, para lhe servir de amparo! Delgado e vacilante imaginar-se-ia aquele braço, mas firme o sentia ela sempre ao ter de

sustentar o irmão na queda iminente, ou de elevá-lo até si. Branda e suave lhe saía dos lábios a voz, mas só ela se fazia escutar dos ouvidos, quando o tumulto das paixões os ensurdecia.

Não havia segredos entre os dois. De pequeno se acostumara Carlos a vir contar a Jenny quase todas as ações da sua vida, boas ou más que elas fossem.

Referia-lhe, um por um, e com sincera ingenuidade, os pensamentos dominantes do dia, e mais do que uma vez conseguira vencer-se, quase ao ceder à tentação de actos menos generosos, só para não ter de os confessar depois a este afetuoso juiz e merecer-lhe uma amigável repreensão entre sorrisos, ou o mal reprimido movimento de desgosto daqueles bonitos lábios, o que deveras o magoava.

Nem menos o afligiriam os remorsos, se procurasse subtrair-se à pena, não denunciando o delito. A consciência costumava censurar-lhe também estas faltas, nas raras vezes que as cometia.

Jenny, igualmente atendida pelo irmão e pelo pai, servia-se desta duplicada influência para harmonizar toda a família,

nos momentos de receada discórdia.

Com uma palavra extinguia qualquer irritação que as extravagâncias de Carlos pudessem ter produzido no ânimo de Mr. Richard; com outra dissipava no irmão as menores tendências à insurreição, tão naturais à idade e temperamento dele, contra alguma medida repressiva, posta, de vez em quando, em prática pelo pai, como em último recurso.

Frequentes vezes o pequeno erário de Jenny abrira-se a solver dívidas, imprudentemente contraídas por Carlos, e a remediar todas as más consequências das suas leviandades. Estava sempre pronta a advogar-lhe os pleitos, a minorar-lhe as culpas.

Mas também o que ela não conseguisse de Carlos, ninguém mais na terra o conseguiria.

Deixar adivinhar desejos, era formular pedidos; uma súplica, timidamente expressa, valia por uma ordem imperiosa. E contudo Jenny nunca procurava tornar aparente este predomínio; antes se esforçava por o dissimular.

Conhecendo, mais por muito refletir do que por experiência, que não a tinha, os mil mistérios e caprichos do coração humano, toda a sua admirável diplomacia feminina estava em saber fazer-se obedecida, brincando; em aceitar e agradecer, como concessões espontâneas, o que lhe dizia a consciência ser o resultado das suas insinuações e pedidos.

Desenvolvia-se de ordinário uma perfeita tática, e engenhosamente tecida da parte de Jenny, em quase todas estas conferências íntimas entre os dois irmãos.

Virtuosa e simpática hipocrisia, com que Jenny, para dominar, se humilhava!

Quando os anjos nos imitam na dissimulação, ainda então não perdem a sua candura. São sempre anjos. Roçam com as asas pelo lodo do mundo, mas levantam-se imaculados.

Quem ensinara a Jenny, cuja vida se deslizara quase toda no trato íntimo da sua pouco numerosa família, esta ciência do coração, que dizem só adquirir-se no muito lidar com os homens e com o mundo? Já o indicámos: — a sua índole pensativa, os seus hábitos de reflexão. Mais se aprende na

leitura meditada de um só livro, do que no folhear levianamente milhares de volumes. Assim também no estudo dos caracteres. Observadores há que, após anos e anos gastos a viver com os homens, morrem em ingénua ignorância a respeito deles; outros que, na solidão do gabinete, perscrutam no próprio coração os segredos dos mais, decifram-nos, porque descobertas aí as leis principais e comuns a toda a natureza humana, fácil é adivinhar depois as secundárias, de onde procedem as diferenças. Surpreende deveras quando se vê sair desses cantos obscuros um homem a todos desconhecido, e que a todos parece conhecer. Como e onde aprendeu este homem tudo isto? Pela observação desapaixonada em si, ou, quando muito, nos seus mais próximos; depois a inteligência, vigorada por este ensino, abalançou-se, guiada por vestígios na aparência insignificantes, a induções fertilíssimas.

Carlos não sabia resistir muito tempo à irmã. Sem suspeitar que cedia, recuava passo a passo. Aproximava-se do fim onde a hábil contendora o queria levar e, ao atingi-lo, ficava surpreendido de haver realizado, com tão pouco custo,

supostos sacrifícios, cuja ideia só, momentos antes, o tinha feito desanimar de empreendê-los.

Por não diferentes processos, de cada dia se vergava, por assim dizer, às mãos de uma criança o carácter geralmente considerado inflexível de Mr. Richard Whitestone.

E com tal habilidade aprendera Jenny a ocultar estas pequenas, mas importantes vitórias, que a todo o instante obtinha sobre os seus, que mal vinha à ideia do bom gentleman, quando, muito convencido do que dizia, se jactava de ser firme nas suas resoluções, e pouco propenso a revogar projetos formados, que, naquele mesmo momento talvez, lhe estavam dando seus actos solene desmentido.

Tais eram os principais membros da família Whitestone com quem travaremos mais íntimo conhecimento nos vários capítulos desta singelíssima história, em cujo decurso, desde já o declaramos para não alimentar ilusórias esperanças, a ação prossegue desimpedida de complicadas peripécias.

CAPÍTULO III

NA ÁGUIA DE OURO

Era uma das últimas noites do Carnaval de 1855.

Havia menos estrelas no céu, do que máscaras nas ruas. Fevereiro, esse mês inconstante como uma mulher nervosa, estava nos seus momentos de mau humor; mas, embora; o folgazão Entrudo ria-se de tais severidades e dançava ao som do vento e da chuva, e sob o dossel de nuvens negras que se levantavam do sul. Graças à cheia do Douro, a cidade baixa podia bem prestar-se naquela época a uma paródia do Carnaval veneziano.

À porta dos teatros apinhava-se a multidão; os altos brados dos vendedores de senhas e os agudos falsetes dos mascarados atordoavam os ouvidos. Dos cabides dos guarda-roupas, provisoriamente armados nas lojas circunvizinhas aos principais salões de baile, pendiam vestuários correspondentes a todas as épocas e a todas as

nações, e alguns aos quais não era possível assinar época, nação, classe ou condição social conhecida.

Numerosos grupos de espectadores paravam diante das exposições de máscaras à venda e tornavam o trânsito naquelas ruas quase impraticável. Era uma fascinação análoga à que produz um conto de Hoffmann em imaginações excitáveis a exercida neles por tantas máscaras enfileiradas, cuja diversidade cómica de expressão e de gesto lembrava um enxame de cabeças mefistofélicas, surgindo à luz para se rirem das loucuras da humanidade.

Estes absortos contempladores a cada passo vinham a si, desagradavelmente acordados pelas pragas enérgicas dos condutores de carruagens, prestes a atropelá-los, ou pela interjeição pouco harmoniosa dos cadeirinhas obrigados por causa deles a irregularidades no andamento da sua grave e benéfica tarefa. Só então, e ainda a custo, se dispersavam para, alguns passos mais adiante, se aglomerarem de novo.

Se é lícito comparar as grandes às pequenas coisas, veremos nestes a imagem de todos os inofensivos

pensadores deste mundo, a quem sempre cruelmente vem despertar o embate dos afadigados em empresas positivas.

A animação era geral na cidade.

Todos corriam com ânsia... a enfastiarem-se, fingindo que se divertiam.

Alguma coisa havia também na Águia de Ouro, a anciã das nossas casas de pasto, a velha confidente de quase todos os segredos políticos, particulares e artísticos desta terra; alguma coisa havia nesta modesta casa amarela do Largo da Batalha, que desviava para lá os olhares de quem passava.

Desde as três horas da tarde que o tinir dos cristais e das porcelanas, o estalar das garrafas desarrolhadas, o estrépito das gargalhadas, das vozearias tumultuosas e dos hurras ensurdecedores rompiam, como uma torrente, do acanhado portal daquele bem conhecido edifício; e por muito tempo essa torrente, à maneira do que sucede com a das águas dos rios caudalosos ao desembocarem no mar, conservava-se distinta ainda, através do grande rumor que enchia as ruas.

Os criados subiam e desciam azafamados as escadas, cruzavam-se ou abalroavam-se nos corredores, hesitavam perplexos entre ordens contraditórias, vinham apressar os colegas na cozinha ou entretinham com promessas os impacientes convivas da sala.

No entretanto, o modesto e solitário freguês, a quem uma veleidade estomacal convidara a ir cear a humilde costeleta, principal troféu culinário da casa, era pouco atendido e, farto de esperar, retirava-se sorrateiro e cabisbaixo.

Sob aparências de modéstia, a Águia de Ouro parecia desta vez aureolada de não sei que majestade, condigna do seu emblema.

A luz escassa de um lampião da rua, batendo sobre a ave de Júpiter que coroa a tabuleta do estabelecimento, parecia dar-lhe reflexos mais brilhantes do que os do costume.

Que era noite solene para a casa, aquela casa que tem já dado que entender a ministérios e a empresários líricos, não podia haver dúvida.

Cá em baixo, os serventes do café falavam a meia voz e mostravam no olhar certo ar de preocupação, certa importância no gesto, como se efetivamente se estivesse passando coisa de momento no andar de cima.

O café contrastava, porém, com a animação que se percebia nas salas da hospedaria.

Estavam desertos os lugares daquela abafada quadra, em cujas paredes ainda então existiam, e ameaçavam perpetuar-se, reproduções em lona dos combates que restabeleceram a independência da Grécia; a luz amortecida dos candeeiros não dissipava as sombras dos recantos.

O marcador do bilhar cabeceava com sono.

Os bailes de máscaras tinham derivado dali até os homens políticos. Naquela noite as discussões sobre a Guerra da Crimeia, então na ordem do dia, travavam-se ao som das valsas e das mazurcas, nos teatros.

Não é pois neste lugar, agora melancólico e quase lúgubre, que eu pretendo demorar o leitor.

Subamos e, por entre os criados que encontrarmos nas escadas e corredores, penetremos na sala de onde provém o ruído de festa que já noticiámos.

O leitor por certo conhece o recinto. As suas particularidades arquitetónicas não requerem também as fadigas da descrição.

É um jantar de rapazes a festa a que viemos assistir.

Chegámos, porém, tarde.

O fumo dos charutos enevoa a sala e empana o fulgor das luzes; o jantar vai no fim, a desordem portanto no ponto culminante.

Há já cálices partidos, vinhos preciosos extravasados, convivas em todas as posições, algumas indescritíveis.

A vozearia é atordoadora. A confusão pode dar uma ideia de Babel.

Tratam-se simultaneamente todos os assuntos; as transições fazem-se com uma rapidez que surpreende e embaraça os próprios interlocutores; atenção que se desvie um segundo é atenção perdida; não encontra depois já o

diálogo onde o deixou; às vezes a conversa generaliza-se; momentos depois, distribui-se em especialidades por diversos grupos; mais tarde, generaliza-se de novo; em certas ocasiões, todas as bocas falam, cada um se escuta a si; noutras, algum orador consegue por instantes fazer-se escutar de todos, até que um aparte, um incidente, um gesto restabelece a independência primitiva. Dão-se também verdadeiros encruzamentos de conversas; o dos pés da mesa responde ao dito que ouve ao da cabeceira, enquanto que os intermédios se entretêm de outros objetos; é um baralhar de palavras, em que a custo se tira a limpo a expressão do pensamento.

Ali fala-se em literatura e ouve-se, de vez em quando, pronunciar o nome de algum romancista ou poeta de vulto ou da moda; perto, discute-se política e julgam-se num momento, e com a mais desenganada crítica, as primeiras capacidades financeiras, diplomáticas e militares da época; conversam, mais longe, de aventuras de amor dois rapazes carairos e, atravessando-se diagonalmente com tão agradável prática, o diálogo de outros dois exerce-se sobre modas de casacos; um grupo exalta-se, tratando assuntos

de teatro lírico e premeditando pateadas e ovações; junto deste, dois entusiastas de hipicultura fazem a história pitoresca das compras, vendas e manhas de cavalos. A própria filosofia alemã fornece alimento à animação dos discursos; e tudo isto interrompido de gargalhadas, de cantigas, de juras e exclamações em todas as línguas.

Seria igualmente difícil determinar o elemento comum dos indivíduos reunidos ali.

Há-os das mais diversas condições; desde o jovem padre, que põe a tratos a ciência e a paciência dos cabeleireiros para disfarçar, quanto for possível, os vestígios da tonsura, até o oficial do exército, todo possuído das branduras civilizadoras do século e para quem a mesma caça é ocupação bárbara e aflitiva da sensibilidade; há-os das mais diversas idades, desde o colegial de ontem, ainda imberbe e embriagado com as primeiras comoções da vida de adolescente, até o velho que, ingenuamente persuadido de que o tempo se esqueceu de lhe ir contando os anos, deixa passar a geração, contemporânea sua, e insiste em viver, entre rapazes, vida de rapaz; há-os em diversas circunstâncias monetárias, desde o capitalista, que vê

correr descuidado a fonte dos seus rendimentos, com tranquilizadora confiança no inesgotável manancial que a alimenta, até à classe dos encostados, verdadeiros mártires da moda, cuja vacuidade de bolsa lhes constrange a imaginação a fabricar sistemas quotidianos para os manter, embora à custa de humilhações, naquela atmosfera, fora da qual já não sabem respirar; há-os de todos os graus de inteligência, desde o escritor aplaudido e que, sem favor ou com ele, conquistou reputação nas letras, até o analfabeto, cujas sandices são saudadas com gargalhadas que ninguém procura reprimir na presença dele próprio.

Finalmente, esta reunião de elementos, debaixo de todos os pontos de vista tão heterogéneos, é uma porção de sociedade que pretensiosamente se decora com o título de elegante e para pertencer à qual é difícil fazer resenha dos requisitos necessários; pois que nem a própria elegância — na verdadeira aceção do termo — é dote genérico dos seus membros.

O motivo do jantar. O jantar não tinha motivo e era esta outra circunstância que o caracterizava. Um jantar pode muito bem ser motivo de si mesmo: sendo possível dele

dizer-se de alguma sorte, em linguagem filosófica, que tem em si a «razão suficiente da sua existência».

Na companhia encontraremos alguém já conhecido nosso.

E como, até agora, só tenho apresentado ao leitor três pessoas, não será prova de grande perspicácia, da sua parte, adivinhar qual dessas três será.

Efetivamente é Carlos Whitestone um dos convivas e não dos mais sisudos.

Ficava próximo da cabeceira da mesa. Carlos era quem mais vezes conseguira encaminhar a um fito único todas as atenções e modificar a assembleia a ponto de se lhe poder referir o conticuere omnes da Eneida; — verdade é que não tão completamente o fizera como o herói troiano, pois nem tinha destruição de Ílion a descrever, nem a paciência dos Tírios a escutá-lo.

Carlos Whitestone passava por estar muito em dia com os boatos cómicos e escandalosos, de que sempre e em toda a parte é tão sôfrego o paladar social.

Por isso o escutavam todos com prazer.

Sinto que não chegássemos a tempo de ouvir o princípio da narração, que ele levava em meio.

— O nosso homem — dizia Carlos, acendendo um charuto no de um jornalista, seu vizinho —, apesar do aviso que recebera, resolveu na melhor das boas-fés.

— Então é a boa-fé dos maridos — comentou a meia voz um padre que, atrasado nas operações gastronómicas, investia com denodo contra um timbale de pombos, ainda miraculosamente intacto, e acrescentou: — Não sei de outra que a exceda.

— Regula por essa a dos amantes ingénuos — acudiu Carlos ao comentário.

— Mas é de menos consequências — respondeu o outro.

— Silêncio, padre Manuel! — bradaram algumas vozes. — Vamos lá, Carlos; e depois?

— Depois — prosseguiu Carlos — enfeitou-se, perfumou-se, aparamentou-se, frisou-se.

— E tingiu-se; que não esqueça — acrescentou do fim da mesa uma voz.

— E tingiu-se; sim — disse Carlos —, e feitos todos estes aprestos, caminhou para a entrevista.

— E como se realizava essa entrevista? — perguntou um militar.

— De uma maneira muito singular — prosseguiu Carlos — o conselheiro, todas as noites, depois de pousar na relva o chapéu, a bengala e as luvas, trepava, como um esquilo, pela faia que fica junto da varanda e...

— Ora! Impossível! — exclamaram alguns, rindo.

— Palavra!

— Isso é contra todas as leis da mecânica, aquele bojo. — principiou a dizer um estudante da Universidade.

— Pelo contrário — atalhou outro — é exatamente o bojo que o faz subir. Lembra-te do princípio de Arquimedes. Os aeróstatos...

— A queda do conselheiro seria uma bela experiência para um curso de física.

— Divertida. — anotou uma voz.

— Como exemplificando as leis da queda dos graves. um tão grave personagem — concluiu o primeiro.

Estes sujeitos guindavam o calembour ao supremo grau da escala do espírito.

— Então? deixem falar Carlos; e depois? — disseram alguns curiosos.

Carlos continuou:

— Naquela noite, porém, estava reservada ao conselheiro a mais triste surpresa; ao entrar na espessura da folhagem, deu de cara com o outro.

— Com o Vítor?

— Exatamente, com o Vítor. Imaginem agora vocês o soberbo diálogo que se seguiu ao encontro.

— Devia ser preciosíssimo! Que harmonioso certame de rouxinóis!

— O conselheiro principiou talvez por dizer-lhe:

Tytire, tu patulae recubans sub tegmine fagi

Formosam resonare doces Amaryllida silvas

— Protesto contra o recubans. A posição de Vítor era menos cómoda.

— Mutatis mutandis, já se sabe.

— Ó padre Manuel, diz-nos como a tua latinidade exprimiria a posição em que estava o Vítor.

— Não interrogues o padre. Não vês que ele está, como os antigos agoureiros, consultando as entranhas das aves? Respeitemos a solenidade do acto.

— Mas as consequências, Carlos, quais foram as consequências?

— As consequências foram as que vocês já sabem, o conselheiro.

Neste ponto, a narração de Carlos foi interrompida por o criado da hospedaria, que se aproximou dele para lhe entregar uma carta.

— Com a sua permissão, meus senhores — disse Carlos preparando-se para abri-la.

— Bravo! — exclamou o jornalista. — Temos carta de alguma Eco impaciente.

— E un foglio a me lasció — cantarolou um dilettante, voltando as costas da cadeira para a mesa.

— É a proposta de capitulação de alguma Tróia sitiada — disse o militar.

— Cheira-me a fumo de gambiarra e ribalta; temos intriga de camarim.

— Antevejo então uma descarga de bilhetes de benefício, a que poucos escaparemos.

Carlos sorria, ao abrir a carta.

— Ó Carlos, olha que são perigosos para as digestões os sobressaltos de coração — notou o estudante de medicina.

— Sossega; é um excitante a que já estou habituado — respondeu Carlos.

De repente tornou-se sério.

— Má nova! — disseram alguns.

— O caso complica-se.

— As exigências da beneficiada sobem até o acróstico, querem ver?

— Não é isso; aposto que mais outro conselheiro trepa uma segunda faia, e desta vez vinga o colega, na pessoa de Carlos.

Carlos não os escutava já. Ergueu-se, aproximou-se do aparador, e escreveu, no verso do bilhete que recebeu, algumas palavras à pressa.

Enquanto fazia isto, os companheiros do festim, fingindo ditar-lhe a resposta, diziam:

— Meu anjo, se no céu.

— Voo nas asas do amor.

— Qual outro Leandro, eu, náufrago.

— Minha Heloísa; se o infortúnio de Abeillard.

— Julieta, quando o rouxinol.

Carlos voltou para a mesa, depois de fechar a carta e de entregá-la ao criado.

Esforçava-se por manter nos lábios o sorriso; mas o esforço era visível, circunstância que, como sempre, lhe anulava o efeito.

— Que é isso? — disse o militar, que lhe ficava em frente. — Respiraste a peste nessa carta?

— O nosso Manrique terá de correr a salvar a sua Leonora das garras de um conde de Luna? — disse o dilettante.

— Ulisses voltou aos lares domésticos; o que vale por um mandado de despejo aos.

— Um capelista, menos atencioso, insiste pelo pronto pagamento de uma avultada conta de enfeites.

— Um dominó leva a sua ingratidão até.

— Já vão numerosas as hipóteses — disse Carlos, enchendo um cálice de vinho e procurando conservar às suas palavras o tom jovial do princípio da noite; depois acrescentou: — este bilhete era para me recordar.

— Ai! recordações!.

Te souviens-tu, de même,

De nos transports brulants...

— Para me recordar que era hoje o dia dos meus anos — concluiu Carlos.

— Deveras!

— É o que eu te digo.

Quand tu mas dit: «je taime!»

Javais alors vingt ans.

— E estavas calado com isso.

— Se o ignorava! Quando soubesse a tempo, não me teriam aqui.

— Então? Receber-nos-ias na tua casa?

— Também não. Costumo consagrar estes dias exclusivamente à vida de família.

— Oh! oh! sentimentalismo!

— Britânico! Pés no fender, punch na mesa, Times na mão. E de vez em quando um monossílabo rosnado, ou uma interjeição que produz na garganta o efeito do ácido prússico. Delicioso!

— Deve ser um céu aberto!

— Mas céu inglês, um pouco turvado de nevoeiros.

— E de carvão de pedra.

— Não esquecendo uma paráfrase de algum texto bíblico.

— E umas variações vocais sobre motivos do God save.

Carlos sorriu, respondendo:

— Creiam-me, de vez em quando, tem seus prazeres também um dia passado assim.

Eu quero acreditar que, dos circunstantes, muitos, se não todos, sentiam a verdade do que acabara de dizer Carlos, e também possuíam faculdades para apreciar estes íntimos gozos de família; mas envergonhavam-se de fazer tão claro, e em plena ceia de Carnaval, tal confissão. Que querem? Não está em moda trazer o coração à vista. É costume tratar, como ridículas, todas as manifestações de sentimento; consideram-se como pequenas fraquezas que, com milhares de outras, só se devem confiar à discrição das quatro paredes do nosso quarto.

Carlos porém não sabia dissimular; com verdadeira convicção e franca ingenuidade, dissera aquelas palavras, que lhe valeram alusões epigramáticas ao que eles

chamavam «respeitabilíssima tendência para pai de famílias».

O bilhete que motivara esta cena e que parecia haver impressionado deveras Carlos era da irmã e dizia apenas:

«CHARLES

É hoje o dia 19 de Fevereiro. Fazes vinte anos. Julguei que seria desnecessário pedir-te para nos dares o prazer de te vermos connosco. O pai esperava-te. Adeus.

Jenny.»

A este pequeno bilhete, Carlos respondeu apenas:

«JENNY

Confiaste de mais na minha memória; acredita que me esqueci. Não me sucederia o mesmo decerto, se, em vez do meu, fosse o dia do aniversário de qualquer de vós. Fazes-me a justiça dessa suposição, não é verdade? Agora não

posso valer-lhe. Obriguei-me a seguir até o fim companheiros tão doidos como eu; e, quando os deixasse, não sei se ainda iria em estado de poder, sem profanação, sentar-me ao teu lado, à santa e patriarcal mesa de família. Bem vês que nem vale a pena festejar o dia em que veio ao mundo mais uma cabeça leve. Amanhã te pedirei perdão. Como me lembrei também de fazer anos na segunda-feira de Entrudo?!

Teu mau irmão

Charles.»

Afinal, após algumas explicações mais, um dos convivas levantou-se e, empunhando o cálice:

— Meus senhores, proponho que saudemos o aniversário de Carlos — bradou, em tom de brinde.

— Apoiado — responderam todos, imitando-o.

— Carlos — continuou o primeiro —, bebo aos teus vinte anos! Contes pelos trezentos e sessenta e cinco dias que se

vão seguir ao de hoje as paixões que fizeres nascer; e possas tu.

— Não se admitem longos speeches; olá! Bebamos! — disse uma voz.

— É sempre mais expressivo o gole que entra, do que a frase que sai — acrescentou outra.

— Até porque, devendo sempre dar-se a primazia ao mais sábio, é o vinho que a merece; pois é ele, neste momento, o que mais sabe.

— Ora faz-nos o favor de nos poupar, ao menos agora, à difícil digestão dos teus calembours.

— Então? Bebamos! — insistiu o coro.

E o brinde foi geral.

Carlos correspondeu constrangido àquela saudação. Parecia-lhe estar vendo Jenny, a olhá-lo com uma expressão de amigável desgosto; Jenny, a única a fazer companhia ao velho negociante, que não pouco devia ter sentido a ausência do filho. Durante toda a noite já não era para o

pobre rapaz dissipar completamente aquela impressão penosa.

Apoderara-se de Carlos Whitestone um pensamento fixo, um quase remorso de se ver ali; e este efeito, se não lhe distraía completamente a atenção dos assuntos que na sala se tratavam, enfraquecia-lhe a intensidade dela a ponto de nem já tomar parte nas discussões, nem o ocuparem, por muito tempo, as ideias aventadas por os outros.

À placa da câmara escura, não preparada na oficina fotográfica, é comparável o pensamento, em ocasiões assim. Lá se gravam ainda as imagens das coisas exteriores, mas, não as fixando a atenção, dissipam-se rapidamente, removidos os objetos que as motivaram.

Daí o tom distraído e indiferente das raras observações feitas por Carlos no resto da noite, e a impaciência de algumas respostas que foi forçado a dar.

Entre muita coisa que se disse na sala, eis o que ele ouviu, sem escutar; a qualquer destes assuntos não costumava Carlos, nas ordinárias disposições de espírito, recusar atenções, nem esquivar a concorrência própria.

O jornalista, que ficava ao lado dele, interpelou-o pela preocupação em que o viu.

Ora uma observação qualquer da parte deste jornalista tendia fatalmente a degenerar em longa revista literária, que era difícil interromper.

— Que tem você, homem? O tal bilhete produziu um efeito quase apoplético. Coragem! É negócio de coração? Alguma loura e nevada miss, hem? Oh! as inglesas! A desassombrada candura do seu suavíssimo to flirting! — daquele flartar, como, com tanta razão, traduz Garrett, à falta de melhor vocábulo.

E ele aí principiava:

— Você já leu Garrett, Carlos? Que me diz daquelas Viagens, hem? Oh! é inquestionavelmente o melhor dos seus livros. Prefiro-as às de Xavier de Maistre. Que eu não participo da admiração geral por Xavier de Maistre; é preciso que saiba.

Pausa, durante a qual saboreou um gole de Xerez. Depois de alguma asserção mais arrojada, a pausa era de rigor.

Carlos, já se sabe, não redarguiu. Neste intervalo, pôde ouvir o conviva próximo, que dizia:

— Eu agora o que desejava era ter, pelo menos, trezentos contos de réis; ia daqui a Paris, depois.

O jornalista prosseguiu:

— Xavier de Maistre inspirou-se de Sterne; é evidente; ficou porém a grande distância dele. A Viagem Sentimental, sim. Oh! A Sentimental Journey. É um livro delicadamente temperado de uma certa especiaria filosófica, única que se combina com vantagem à literatura amena. O humour morreu com Sterne. — Pausa. — A demasiada filosofia gela a inspiração literária. Aí tem Pope. É frio, é árido, é marmóreo. — Pausa. — Os poetas franceses não têm tanta tendência para se deixarem filosoficar, permita-me o neologismo. Vítor Hugo, às vezes. Qual prefere você, ó Carlos, Lamartine ou Vítor Hugo? Vítor Hugo é mais byroniano. E é notável que fosse Lamartine quem cobiçasse o Childe Harold! Força de contrastes! Aquele Childe Harold! Aquele Childe Harold! Que me diz você àquele Childe Harold? É o único poema verdadeiramente romântico que se tem escrito até hoje. — Pausa. — Perdoo-

lhe o Poor, paltry slaves! com que nos mimoseia. E note que eu não sou admirador cego de Byron.

Nova e maior pausa, durante a qual o orador acendeu um charuto.

Carlos continuava calado.

Percebeu então que num grupo vizinho se dizia:

— Quem tem uma bonita parelha é o visconde de Custóias.

— Melhor é a do Manuel Galveias.

E mais adiante:

— Perdão, menino; mas para mim a síntese não é uma mera consideração dos factos analíticos; a síntese precede a análise, e dá a esta a força que vai buscar ao mundo interior, isto é, verte nela o imutável, os princípios evidentes; Kant...

O jornalista continuava:

— Eu não me regulo pela crítica convencional. É o meu sistema. Não me resolvo a entoar amen à opinião dos

povos. — Pausa. — Por exemplo, tenho a sinceridade e a coragem de confessar que não me fascina Dante.

Grande pausa.

— Padre Manuel — dizia nesta ocasião, do fundo da mesa, um dos convivas, apontando para o cálice que levava aos lábios. — Ecce Deus qui laetificat juventutem meam.

O padre sorriu, mas não disse nada. Comia.

— Porque afinal de contas — prosseguiu o discursador — você há de concordar comigo; Dante é um rapsodista quase como Homero. Que é a Divina Comédia, senão o compêndio das crenças religiosas daquele tempo?

Pausa.

— O que há a respeito da revolução carlista em Pamplona? — ouviu Carlos perguntar.

— Nada mais se sabe por enquanto, apenas que estão implicados alguns sargentos, cabos e paisanos — respondia outra voz.

E continuava a dissertação literária:

— O grande merecimento de Dante é o da forma. Lá essa qualidade tem ele. Logo os primeiros versos:

Nelmezzo del cammin di nostra vita...

Acho porém dotes superiores em Boccacio. — Então que quer? É um espírito encarnado em corpo de menor vulto, mas. você já leu o Decameron? Deve ler. É um livro excecional. Há nele alguma coisa que vai além do século em que foi escrito. E esse é o sinal supremo do génio. As imitações de La Fontaine são pálidas. Desengane-se. La Fontaine, afinal, era contemporâneo de Luís XIV. Naquela corte não podia existir a verdadeira inspiração. Abomino a literatura desse tempo. Detesto Luís XIV e o seu século. — Pausa. — Molière salva-se, mas porquê? Porque o género cómico tem uma índole especial. Não é a inspiração que o regula; é a análise, é a reflexão filosófica.

— Eu aposto — berrava um político — que, se os aliados se meterem a dar o assalto a Sebastopol, não fica um só vivo.

— Veremos — questionava outro. — Deixa Omer-Paxá ocupar a estrada de Sebastopol a Sinferopol e depois

falaremos. Olha que ele desembarcou na Eupatória com 40 000 homens.

O jornalista continuou:

— Há um único homem que admiro, em qualidades cómicas, mais do que Molière: é Rabelais. Oh! o Rabelais é o meu livro! Há três livros que nunca tiro da minha banca de estudo, nem da minha mala de viagem.

— É a Bíblia, Os Lusíadas e o Paulo e Virgínia. Já sei. É o costume — disse enfim Carlos, levantando-se, já impaciente e procurando subtrair-se à torrente de perguntas, respostas, apreciações críticas, cotejos e citações que saíam, em tom categórico, da palavrosa boca do vizinho.

— Não há tal — respondeu este, porém, tomando-lhe o braço e levantando-se igualmente. — Esses são a fórmula dos três grandes sentimentos da alma — o da religião, da pátria e do amor; — bem o sei; mas, confesso-lhe, o que, por temperamento, mais me seduz é a pintura social e a análise das paixões, e só três homens as fizeram bem: Lesage, Richardson e Rabelais. A criação de Pantagruel e Gargântua é famosa!

— Quem dizes tu que tem uma garganta famosa? — exclamou, voltando-se, um dilettante, por trás de cuja cadeira os dois passavam naquele momento. — Falas da Ponti? Oh! que mulher! Que vocalização! Que sentimento!

— Aí tornas tu com a Ponti — disse um velho rapaz, pronunciado adversário da prima-dona e um da numerosa seita que passa metade do ano a suspirar pelo teatro lírico e outra a dizer sistematicamente mal das companhias escrituradas. — És capaz de sustentar que vai bem na Norma. Se ouvissem a Rossi-Cassi...

— A Rossi-Cassi! Oh! por quem és, desalmado! Não sacudas reputações cobertas pelo pó do tempo! Pff! Que poeira! Vive da atualidade.

— Falar na Rossi com esse entusiasmo de conhecedor equivale a um assento de batismo feito pelo menos em 1800.

— Nego — bradou embespinhado o velho rapaz.

— Parce sepultis — disse o padre.

— Lascia la donna in pace — trauteou outro dilettante.

Carlos e o jornalista tinham passado adiante! O jornalista ia já a falar em libretos de óperas, em Felice Romani, em Manzoni, no Ei fu! do Cinque Maggio... etc., etc., etc.

Carlos foi retido agora pela mão de um rapaz, junto do qual tinham chegado.

— Aqui está quem nos pode informar — dizia o que o segurava. — Ó Carlos, diz-nos uma coisa: conheces a Laura Viegas?

— Não — respondeu Carlos, distraído.

— Conheces por força. A filha do Viegas, daquele brasileiro que comprou a quinta do Pedroso.

— E então?

— Mas conheces? Bem. Que dote achas tu que terá aquela rapariga?

Carlos encolheu os ombros, significando a sua ignorância, e preparava-se já para seguir para diante, quando outro, a quem igualmente preocupava esta ciência dos dotes, o segurou pela sua vez.

— Não tem que ver; o Viegas não lhe pode dar mais de nove contos.

— Triplique, e não lhe faz favor nenhum — disse, do alto da mesa, o padre, conseguindo passar esta nota por meio de uma briga travada entre os mais disparatados assuntos.

— Ora aí tens! — disseram os disputantes, aceitando o auxílio, como de valia provada.

O padre limpava tranquilamente os beiços e enchia um cálice de malvasia.

— Então diz o padre Manuel que o Viegas.

— O Viegas tem pelo menos. — dizia de lá o padre, elevando o cálice entre os olhos e a luz, e revendo-se na limpidez do licor; e, antes de completar a frase, levou-o à boca e despejou-o de um trago.

Depois continuou:

— Tem pelo menos. pelo menos.

Aqui, enxugou os lábios e enfim concluiu:

— Sessenta e sete contos de réis.

— Ora!

Carlos passara para o outro lado da mesa, seguido ainda do jornalista, que lhe ia dizendo:

— É a questão do dia. — O dinheiro. — A literatura ressente-se.

E daqui passou a falar de Alexandre Dumas, filho, de Émile Augier, de Ponsard. etc., etc.

— Deixa-te disso — dizia, no ponto da sala a que os dois chegavam, um rapaz imberbe e ainda em estudos de preparatórios — a Emília Vitorina é outra qualidade de mulher. Ainda ontem, em casa do barão de Tavares, me encontrei com ela. Trajava de Maria Stuart. Era uma perfeita rainha, uma mulher distinta, esplêndida.

— Foi, foi; já não é. Descobriram-se-lhe os primeiros estragos, quando em ti apareciam os primeiros dentes. A idade. — dizia outro.

— Ora a idade! a idade! A mulher tem sempre a idade que parece ter.

— Concordo; mas, depois dos quarenta e tantos anos, a mulher parece ter a idade que tem.

— Bárbaro! Ó Carlos, que dizes tu?

— Digo que sim — respondeu Carlos, que nem atendera à discussão.

— Está esta criança do Duarte a afirmar que prefere a Emília Vitorina à Mariana Prazeres.

— E prefiro, repito.

— Não sejas ímpio. Quem não acha admirável aquela bonita cabeça da Mariana?

— E a mão? Aquela mão comprida e delgada, onde as veias se desenham em azul; a verdadeira mão artística, aristocrática.

— No assunto «mãos», peço licença para citar a primeira. das províncias do Norte pelo menos, a da Clementina Rialva — lembrou um indivíduo a quem a conversa arrancou a uma quase modorra.

— Apoiado! — entoaram muitas vozes.

— A propósito da Clementina Rialva — exclamou uma crónica viva de boatos do dia —, sabem que o Chico da Lousã sempre a tira por justiça?

— Deveras?!

— Asseverou-me ontem o Brito que, como sabem, é todo dele.

— Terrível catástrofe!

— Deixa lá. O Chico o mais que quer é empregar-se. Ora o Rialva, pai, tem influência e, feitas as pazes do estilo.

— Sim, as pazes sentimentais dos quintos actos dos dramas.

— Que influência tem o Rialva? — perguntou, encolhendo os ombros, um malogrado aspirante à eleição popular.

— Não. Está feito! O cunhado é empregado na secretaria do reino.

— E o ministério deve-lhe serviços.

— Estás enganado. Foi moda falar-se aí muito nos serviços eleitorais do Rialva; pois eu digo-vos que ele nem

quatro votos arranjou ao Roboredo.

— Como não arranjou? Ó menino! Pois quem levou lá o Roboredo?

— Quem levou lá o Roboredo foi.

— Eu te digo, Pires; ele teve em tempo alguma influência no ministério, mas depois de um certo emprego na alfândega que pediu para o sobrinho, e que não obteve, abandonou a regeneração...

— Que sobrinho? O que nós em Coimbra chamávamos o gigante Polifemo? Oh! Que alarve!

— Sempre foi um homem que teve a habilidade de concluir o curso e que nunca se pôde conformar com a existência dos antípodas. Dizia ele que até lhe fazia mal pensar na posição incómoda em que tinham de viver esses pobres diabos, se existissem.

— E um dia em que ele.

Uníssona e estrepitosa gargalhada, partindo de um grupo que estava já em pé no extremo da sala, interrompeu a história.

Todas as atenções e todos os olhares convergiram para ali.

Eram quatro os rapazes que riam e riam até lhes caírem as lágrimas dos olhos. Junto destes, o quinto mostrava, em certo ar constrangido, poucas disposições para expansão igual.

— É impagável este homem! — dizia um dos que riam.

— Que foi? Que foi? — perguntavam os que não faziam parte do grupo, rindo já com antecipação também.

O dos ares constrangidos respondeu:

— Não façam caso; são doidos.

— Que foi? Digam — insistiam todos na sala.

— É aqui o Cláudio Pires que fez uma das suas descobertas.

— Eu disse. — tentou este interromper.

— Silêncio! — bradaram muitos a um tempo.

— O Cláudio — continuou um dos que mais riam ouvindo aqui o Lourenço falar com elogio num sistema de comportas que viu no estrangeiro, observou-nos que havia

de se dar bem por lá, por isso que nada se lhe acomoda melhor com o estômago, depois de jantar, do que as comportas.

— Comportas de marmelos, ou assim uma coisa, é o que eu disse.

A justificação foi sufocada por um coro geral de gargalhadas.

— O bárbaro era capaz de roer os diques dos Países Baixos e sacrificar a Holanda a uma geral inundação.

— Que terrível capricho estomacal!

— Vejam do que está dependente a sorte dos impérios! Esta escapou a Volney!

E os ditos sucediam-se, e cruzavam-se os epigramas, e a confusão subia de ponto com isto.

Até que, enfim, uma voz dominou o tumulto.

— Reparem que são onze horas e que é tempo de fazermos a nossa entrada solene nos bailes de máscaras.

Era o velho rapaz que falava e, erguendo-se da mesa, exclamou, enchendo o cálice:

— Às nossas conquistas desta noite!

— Apoiado! — disseram todos, imitando-o. — Às nossas conquistas!

E seguiu-se tal arrastar de cadeiras, que parecia uma tempestade.

Passados alguns minutos, desembocavam do portal da Águia os joviais companheiros, depois de um jantar que durara oito horas.

Os passos de muitos ressentiam-se do emprego desta terça parte do dia.

Um dos convivas, que estivera até ali quase sempre silencioso, tomou então o braço de Carlos e, apoiado nele, caminhou, com movimentos mal seguros, por o Largo da Batalha, dizendo, em tom confidencial e quase comovido, estas palavras, que ia entremeando com prolongadas aspirações no tubo do volumoso cachimbo:

— Carlos, tu és meu amigo; talvez o único amigo que eu tenho. Por isso vou confiar de ti a última das impressões que eu revelei em verso.. Eu gosto de falar disto só com

quem me entenda. Os poetas precisam de um coração para eco. Almas de sensitiva.

Apesar da intimidade em que ia feita a confidência, muitos dos que ouviram acercaram-se dele, porque tinha certa nomeada o engenho poético e improvisador do que falava assim.

Alguns, porém, já tinham travado conhecimento com várias máscaras desgarradas, que encontravam caminho do teatro. Dois seguiam cantando a plenos pulmões o dueto da Lúcia:

Ó solepiú rapido a sorger tapresta

O poeta confidencial principiou a recitar com certo entusiasmo, quase selvagem, o seguinte hino ao tabaco, o qual, devemos confessar, não era muito para produzir eco nos corações:

No centro dos círculos

De nuvens de fumo,

Um deus me presumo,

Um deus sobre o altar!

Nem de outros turíbulos

Me apraz tanto o incenso,

Como o deste imenso

Cachimbo exemplar!

Em divãs esplêndidos,

Cruzadas as pernas,

Fuma, horas eternas,

O ardente sultão.

Subindo-lhe ao cérebro

O mágico aroma,

Esquece Mafoma,

Huris e Alcorão.

Longe, ó longe, o ópio,

Que os sonhos deleita

Da mísera seita

Dos Theriakis!

Horror ao narcótico

Que vem das papoulas!

E ao que arde em caçoulas,

No altar do Caciz!

Que a raça gentílica

Das zonas ardentes

Consuma as sementes

Do arábio café.

Despejem-se as chávenas

Da atroz beberagem

Da cor do selvagem

Da adusta Guiné.

E a tal folha exótica,

Delícias da China,

Por nossa má sina

Trazida de lá,

Servida em família,

Num morno hidroinfuso?...

Anátema ao uso

Das folhas do chá!

Nem tu, ó alcoólico

Humor dos lagares,

Terás meus cantares,

Meus hinos terás.

Embora das ânforas

Vazado nas taças

Aos outros tu faças

A língua loquaz.

Cerveja britânica,

De furor espuma!

De coisa nenhuma

Me podes servir.

Quando ouço do lúpulo

Gabarem proezas,

Às bocas inglesas,

Desato-me a rir.

Nem venha da cânfora

Pregar maravilhas

O das cigarrilhas

Famoso inventor.

Raspail é cismático

E eu sou ortodoxo,

O seu paradoxo

Não me há de ele impor.

Meu canto é da América

País do tabaco,

Perante o qual Baco

Seu cetro partiu.

A Europa, Ásia e África

E a Terra hoje toda

Este herói da moda

De fumo cobriu.

Até na Lapónia,

Da gente pequena,

Se fuma; e no Sena,

No Tibre e no Pó,

No Volga e no Vístula,

No Tejo e no Douro;

Que imenso tesouro

Se deve a Nicot!

Meus áridos lábios

Mais fundos ainda aspirem!

Que os parvos suspirem!

Por beijos, aos mil.

Não quero outros ósculos,

Não quero outra amante.

Qual mais doudejante

Que o fumo subtil?

Tornadas Vesúvios,

As bocas fumegam.

De nuvens que cegam

Vomitam montões.

Fumar! Ó delícias!

Prazer de Nababo!

E leve o diabo

Do mundo as paixões!

— Bravo! — disseram quantos o escutavam, deveras entusiasmados com a musa do recitador. O próprio Carlos sorriu, menos preocupado já. Principiava a dissipar-se-lhe a nuvem.

— Quem compra uma senha?!

— S. João! Quem quer?

— Doze vinténs, meus amos, doze vinténs.

Com estes e análogos pregões caiu um bando de negociantes de senhas sobre os recém-chegados da Águia, que trataram de obter bilhete da melhor maneira possível. Cedo entraram no salão do teatro, onde já centenares de pessoas morriam de calor, de asfixia e de tédio; e eram trilhadas, apertadas, esmagadas quase, aos encontrões dos máscaras, arrebatados num golpe vertiginoso.

O leitor, que todos os anos costuma saturar-se de fastio ali também, com boa vontade me dispensará de o constranger a repetir mais outra vez a operação, recordando essas horas de insipidez a que se sujeita, sob pretexto de gozar o Carnaval no Porto, e para fazer o que todos fazem — uma das mais poderosas razões dos nossos actos na vida.

Pedindo vénia por tanto tempo o haver demorado, em diversão fora dos seus hábitos, provavelmente mais pacíficos — o que fiz só por a necessidade que tinha de mostrar em ação o carácter do nosso herói e exemplificar o seu sistema de vida e a sua companhia habitual —, concordo em que nos retiremos e vamos a cenas menos agitadas do que estas, que nem consolam, nem divertem.

CAPÍTULO IV

UM ANJO FAMILIAR

Vai adiantada a manhã do dia seguinte àquele em que se passaram as cenas descritas já. São mais de onze horas. Carlos dorme ainda.

Recolhera-se à hora crítica em que principiam a desmaiar as estrelas no firmamento, a agitarem-se nos ninhos as aves e a soarem na rua os socos de alguns operários mais matutinos. Que admira pois que durma, a sonhar talvez a continuação, favorável aos seus desejos, de qualquer aventura incompleta do baile da véspera?

A situação da casa de Mr. Richard Whitestone facilitava esta infração dos direitos do dia, que se fez para vigílias e trabalho, e não para sonhos e repouso.

O leitor, que é do Porto, quase me dispensa de dizer-lhe que era o bairro de Cedofeita aquele onde a família Whitestone vivia.

Esta nossa cidade — seja dito para aquelas pessoas que porventura a conhecem menos — divide-se naturalmente em três regiões, distintas por fisionomias particulares.

A região oriental, a central e a ocidental.

O bairro central é o portuense propriamente dito; o oriental, o brasileiro; o ocidental, o inglês.

No primeiro predominam a loja, o balcão, o escritório, a casa de muitas janelas e de extensas varandas, as crueldades arquitetónicas, a que se sujeitam velhos casarões com o intento de os modernizar; o saguão, a viela independente das posturas municipais e à absoluta disposição dos moradores das vizinhanças; a rua estreita, muito vigiada de polícias; as ruas em cujas esquinas estacionam galegos armados de pau e corda e os cadeirinhas com o capote clássico; as ruas ameaçadas de procissões, e as mais propensas a lama; aquelas onde mais se compra e vende; onde mais se trabalha de dia, onde mais se dorme de noite. Há ainda neste bairro muitos ares do velho burgo do Bispo, não obstante as aparências modernas que revestiu.

O bairro oriental é principalmente brasileiro, por mais procurado pelos capitalistas que recolhem da América. Predominam neste umas enormes moles graníticas, a que chamam palacetes; o portal largo, as paredes de azulejo — azul, verde ou amarelo, liso ou de relevo; o telhado de beiral azul; as varandas azuis e douradas; os jardins, cuja planta se descreve com termos geométricos e se mede a compasso e escala, adornados de estatuetas de louça, representando as quatro estações; portões de ferro, com o nome do proprietário e a era da edificação em letras também douradas; abunda a casa com janelas góticas e portas retangulares, e a de janelas retangulares e portas góticas, algumas com ameias, e o mirante chinês. As ruas são mais sujeitas à poeira. Pelas janelas quase sempre algum capitalista ocioso.

O bairro ocidental é o inglês, por ser especialmente aí o habitat destes nossos hóspedes. Predomina a casa pintada de verde-escuro, de roxo-terra, de cor de café, de cinzento, de preto. até de preto! — Arquitetura despretensiosa, mas elegante; janelas retangulares; o peitoril mais usado do que a sacada. — Já uma manifestação de um viver mais

recolhido, mais íntimo, porque o peitoril tem muito menos de indiscreto do que a varanda. Algumas casas ao fundo dos jardins; jardins assombrados de acácias, tílias e magnólias e cortados de avenidas tortuosas; as portas da rua sempre fechadas. Chaminés fumegando quase constantemente. Persianas e transparentes de fazerem desesperar curiosidades. Ninguém pelas janelas. Nas ruas encontra-se com frequência uma inglesa de cachos e um bando de crianças de cabelos loiros e de babeiros brancos.

Tais são nos seus principais caracteres as três regiões do Porto, sendo desnecessário acrescentar que nesta, como em qualquer outra classificação, nada há de absoluto. Desenhando o tipo específico, nem estabelecemos demarcações bem definidas, nem recusamos admitir algumas, e até numerosas exceções, hoje mais numerosas ainda do que então, em 1855.

É claro, pois, que era neste último bairro que residia o ilustre Mr. Richard e a sua família.

O nome da rua sou obrigado porém a ocultá-lo, para evitar indiscrições mal sofridas em terras onde todos se conhecem.

A casa, essa posso descrevê-la, ainda que o farei com o devido artifício, para a não trair para com algum leitor mais desocupado.

Era uma das tais casas escuras, com vidraças de caixilhos brancos, retirada ao fundo de um jardim, nas grades do qual se entrelaçavam tão intimamente as folhas sempre verdes das austrálias e os ramos floridos de japoneiras gigantes, que resguardavam de vistas curiosas as avenidas irregularmente traçadas por entre relva digna de uma paisagem inglesa.

A casa tinha um andar apenas, além do mirante. Uma espécie de pavilhão, ou corpo lateral, seguia um dos lados do jardim, e vinha abrir três amplas janelas para a rua, que era das menos frequentadas da cidade.

Era neste pavilhão o quarto de Carlos.

Toda aquela residência respirava certo ar de comodidade, certo confortable, esse simpático adjetivo do vocabulário inglês.

Andavam-lhe por longe as vozes discordantes da indústria e do comércio, tão funestas às encantadas visões dos sonos

matinais.

Tudo parecia fomentar aquele dormir reparador de Carlos, que ia absorvendo a manhã inteira, pelo menos segundo a maneira de contar o tempo dos poucos que ainda hoje começam a dar as boas-tardes logo depois do meio-dia.

Jenny nunca podia adormecer enquanto não ouvisse entrar o irmão, circunstância que, não obstante, lhe ocultava, para não o constranger nos seus prazeres, ou de que apenas o fazia conhecedor, quando nesse constrangimento previa utilidade.

Tendo por isso notado a hora avançada a que, daquela vez, Carlos voltara a casa, deixava-o agora dormir, para que restaurasse as forças perdidas pela vigília da véspera e porventura necessárias para vigílias novas.

Como uma jovem mãe, solícita pelo sono do seu primeiro filho, desde manhã cedo a viam os criados aparecer nas proximidades dos aposentos do irmão, a prevenir e afastar o menor ruído que pudesse despertá-lo.

No extenso corredor que mediava entre o quarto de Carlos e o resto da casa, passeava, desde o alvorecer, e com

passos levíssimos, essa doce figura de mulher, como se fora o anjo-da-guarda daquele estouvado, que nem suspeitava sob que asas protetoras adormecera.

Às vezes parava junto da porta de Carlos e, aplicando aí o ouvido atento, parecia espiar o menor rumor que de dentro saísse a denunciar-lhe o acordar.

Depois afastava-se e dirigia-se lentamente para a sala oposta, onde ia inspecionar e dirigir os preparativos do lunch de Mr. Richard, cujas horas se aproximavam já.

Numa destas ocasiões em que voltava de dentro do quarto do irmão, encontrou-se com um criado, rapaz ainda, o qual, encostado à ombreira da porta do jardim, parecia tão dominado por pensamentos penosos, que nem lhe deixaram perceber a aproximação de Jenny.

A jovem inglesa olhou-o com bondade e, parando junto dele, perguntou-lhe:

— Como está a sua mãe, José?

O rapaz voltou a si e, tomando logo uma atitude de respeito, respondeu:

— Hoje ainda não sei, minha senhora; ontem porém deixei-a bem mal.

— Hoje não sabe?! — exclamou Jenny, desviando o olhar para o relógio do corredor, que marcava onze horas e meia. — Não sabe, e é perto do meio-dia!

— Então, minha senhora? Como o Sr. Carlinhos se levanta mais tarde.

— Vá vê-la, José, vá. Naquele estado, coitada!. Sabe lá a falta que lhe estará fazendo?

— Mas, se.

— Vá; Carlos não lhe importa. Eu lhe direi. Ande, vá.

— Então muito agradecido, minha senhora — disse o rapaz, sensibilizado com a bondade da sua jovem ama.

Jenny continuou passeando.

Ao passar junto das escadas do mirante, parou, afirmando-se em alguma coisa que via nelas. Subiu dois ou três degraus e curvou-se para observar melhor; era uma pena de ave que o vento transportara do pátio para ali. Jenny não pôde reprimir um pequeno movimento de desagrado.

O escrupuloso amor do asseio, radicado no carácter e nos hábitos ingleses, não lhe permitia ver com indiferença aquilo.

— Varreram-se hoje as escadas, Pedro? — perguntou ela a um criado, com longo avental branco, que naquele momento passava no corredor.

— Varreram, sim, minha senhora — respondeu este.

— Repare — acrescentou Jenny. — A falar verdade são bem pouco cuidadosos. Veja esse corrimão cheio de pó.

— É que se tornou a sujar. O vento.

— Seria; mas não tira que se limpe outra vez.

— Decerto; eu vou já.

— E olhe — continuou Jenny, indicando as vidraças que davam para o jardim — passe também com um pano humedecido por esses vidros tão baços e dê lustro aos metais dos fechos.

— Sim, minha senhora; e digo também ao hortelão que ensaibre o jardim; depois da chuva que tem caído bem precisa disso — lembrou o criado, como todos desta classe,

mais zeloso em superintender nas tarefas dos outros do que em cumprir as suas.

Jenny fez um gesto de assentimento e passou para diante. Entrou na sala de jantar.

Lançou um olhar para a mesa onde, sobre toalha de alvíssima bretanha, brilhavam os mais puros cristais e a mais preciosa louça inglesa.

Esteve algum tempo a examinar com atenção as particularidades do serviço, acusando por vezes no gesto algum defeito que percebia.

— Pedro — chamou ela por fim, apoiando a mão no espaldar da cadeira destinada a Mr. Richard.

O criado, que andava no corredor, acudiu ao chamamento.

— Então onde pôs a mostarda?

— Ai! é verdade.

O criado correu ao aparador a buscar esse indispensável artigo da cozinha britânica.

— Veja como dobrou esse guardanapo.

O criado apressou-se a corrigir a imperfeição notada.

— Aquele pão não é o que o pai quer para os lunchs. Bem sabe.

— Tem razão, minha senhora.

O pão foi substituído com celeridade verdadeiramente inglesa.

— Desvie mais para o centro aquelas flores. Tão perto do fiambre não; chegue o prato mais para cá. Assim. Veja esse trinchador como ficou. Ficou pior agora. Assim. Ponha o Times aí ao lado. Está bom. Pode ir.

Ficando só, pelas suas próprias mãos deu ainda um jeito particular a tudo, atendendo a pequenas circunstâncias muito do agrado de Mr. Richard e de que só ela tinha conhecimento; necessidades pueris, mas necessidades afinal, e de que ninguém é isento. Correu as cortinas das janelas, para dar à sala aquelas meias-sombras discretas, tanto do gosto inglês, e voltou de novo ao corredor.

Alguns passos dados, veio a ela uma criada, ainda nova, com os olhos baixos e maneiras enleadas.

— Que tem, Luísa? — perguntou-lhe Jenny.

— Venho dizer adeus a miss Jenny, porque me vou hoje embora.

— Como vai embora? Quem a mandou?

— Ninguém, mas.

— Não está bem?

— Se estou, mas.

— Então?

— A miss Jenny sabe que a minha irmã estava a servir aí para fora da cidade. O trabalho era muito, coitada, e ela era tão fraca! Lidou quanto pôde, até que enfim caiu doente. Vai para casa da minha mãe. Mas como há de tratá-la a pobre de Cristo? ela, quase entrevada e cega? Meus irmãos andam todo o santo dia por fora, e para pagar à enfermeira?. Quem pensa nisso? Assim, vou eu. e, quando ela se achar melhor, se a miss Jenny me quiser outra vez.

— A Luísa não pode de modo nenhum deixar-nos agora.

— Mas.

— Escute; se quiser tratar da sua irmã, traga-a para aí.

— Ó minha senhora.

— Prepare-lhe aquele outro quarto do mirante.

— Seja por amor de Deus.

— Olhe, Luísa — apressou-se a interrompê-la Jenny —, vá ver se me apronta aqueles punhos que eu lhe disse, vá.

— Vou já fazê-lo, minha querida senhora — disse a rapariga, a quem palpitava o coração alvoroçado de contentamento.

Nisto ouviram-se gritos agudos, desentoados, pungentes, que fizeram parar Jenny e assombraram-lhe a cara serena de uma nuvem de tristeza. Vinham do andar superior aqueles gritos.

O criado, vendo-a parada a escutá-los, disse meio compungido, meio a sorrir:

— É a Sra. Catarina; tem estado desde ontem tão impaciente!

— Pobre Kate! — murmurou Jenny, suspirando — e subiu com ligeireza as escadas que conduziam ao mirante.

Catarina ou Kate, segundo a familiar abreviatura inglesa, era uma criada octogenária, que tinha sido ama de Mr. Richard, e jazia agora, paraplégica e demente, num dos quartos da casa, vigiada com carinho pela família Whitestone e com impaciência, a custo reprimida, por os criados e criadas. Em certos dias os acessos da velha eram furiosos e as suas imprecações, em língua mestiça de português e inglês, e os seus gritos horripilantes punham em alvoroço toda a casa. Em momentos assim era difícil apaziguá-la; tão violentas gesticulações fazia, que poucos eram os braços para impedir-lhe que se maltratasse.

— Cães! — bradava ela agora, naquele estranho imbróglio linguístico, impossível de reproduzir aqui e que fazia rir as criadas que a seguravam. — Cães! Têm-me aqui presa! Querem matar-me à fome! à fome! Mas deixem estar que em vindo Dick. Ele há de vir, há de vir! Larguem-me! Dick! Dick! — Era o nome familiar que ela dava ainda a Mr. Richard. — Dick! pois assim queres matar-me? assim queres ver-me morrer? Não tens pena de mim? Dick! Fui eu quem te trouxe ao peito, eu. Olha que sou a pobre Kate Simpleton. Dick! Dick! Livra-me destes demónios, que me

querem afogar. Que mal te faço eu para me deixares morrer? Larguem-me!

E por um esforço inesperado daqueles braços emaciados e fracos, soltou os punhos das mãos que os seguravam e, levando-os às faces, feria-se no rosto encarquilhado e contraído.

Nisto entrou Jenny no quarto.

A velha apoderara-se de uma faca, que por descuido lhe tinham deixado ao alcance da mão.

Jenny fez sinal às criadas para que se afastassem do leito e aproximou-se dele.

— Cuidado, miss Jenny! — disse a despenseira, gorda, ruiva e sardenta matrona inglesa, que suava ainda com o esforço que sustentara.

— Cautela, menina! — repetiu a outra criada, musculosa portuguesa dos arredores da Maia. — Olhe que ela é perigosa nestas ocasiões.

Jenny não as atendeu.

Chegou-se ao leito da velha demente e pousou-lhe nos pulsos as mãos, delicadas e débeis.

A velha estremeceu e fitou nela o olhar espantado e ameaçador.

— Bons dias, Kate — disse-lhe afavelmente Jenny, sem que no rosto, risonho e sereno, se desenhasse a menor sombra de receio.

Kate ficou a olhá-la por algum tempo daquela maneira.

— Então que ruindade é esta hoje, Kate? Nem me conheces?

A velha principiou a sossegar; conservava-se porém ainda muda, e não desviava de Jenny os olhos espantados.

— Não me conheces, ama? — continuou esta, em tom mais afetuoso. — Kate, então? Já nem queres conhecer a Jenny?

O rosto da octogenária iluminou-se com um sorriso estranho, selvagem quase; a cabeça principiou a agitar-se-lhe em movimento afirmativo, que, pouco a pouco, aumentou de velocidade, até à rapidez de certos

desordenados gestos próprios daqueles estados de espírito; a mão soltou a faca que ainda segurava.

— Eu logo vi que me conhecias — dizia Jenny, afastando-lhe compassivamente os cabelos da cara enrugada. — E hás de estar quieta, não hás de?

— Sim, sim — dizia a velha, a rir como criança, e lançava os braços em volta do colo de Jenny, aproximava-a do seio e beijava-a, murmurando com voz chorosa as mais ternas expressões de afeto da língua inglesa.

— Sim, sim, poor thing sim — repetiu muitas vezes, cingindo-a a cada momento mais a si.

— Ai, miss Jenny, miss Jenny! — dizia a despenseira aterrada.

Jenny fez-lhe sinal com o dedo, a impor-lhe silêncio, ou a mandá-la sair.

A demente, tomando a cabeça de Jenny, principiou a balançar-se como a adormecer crianças, e cantava ao mesmo tempo uma melancólica toada, com a qual, havia cinquenta anos, adormecera já o pequeno Dick, atualmente Mr. Richard Whitestone.

Eis o sentido da canção que, em dialeto escocês, ela cantava:

Dorme, filho, que eu vigio,

E enquanto dormes, sorri;

Que a tua porção de lágrimas

Eu as chorarei por ti.

Jenny não lhe oferecia resistência. A velha chorava, cantando; a voz ia-se-lhe a enfraquecer gradualmente; por fim, tomou-a um daqueles profundos sonos, que parece, nesses estados, participarem já do carácter do sono final, que não vem longe.

Adormeceu entoando em voz já mal percebida:

A tua porção de lágrimas.

Eu as chorarei. por ti.

Jenny desprendeu-se-lhe então dos braços, conchegou-lhe a roupa, fechou a janela e, recomendando silêncio aos criados, desceu.

No fim dos degraus encontrou sentado o jardineiro da casa, com o rosto entre as mãos e soluçando.

— Que é isso, Manuel?

O velho ergueu-se com sobressalto.

— Ai, menina Jenny, é que. veja.

E apontou para o degrau da porta do jardim onde jazia partido um vaso de porcelana com uma preciosa begónia.

— Como foi isto? — perguntou Jenny.

— O pai mandou-me trazer do quarto dele para a estufa este vaso e tanto cuidado me recomendou! e vai eu. veja a minha desgraça, logo ao descer a escada escorrego. Valha-me Deus, valha!

— Sossegue. O meu pai não lhe há de ralhar muito.

— Pois sim; mas se ele tanto me recomendou! E era um vaso de tanta estimação! Ai, como me principiou hoje o dia, Senhor!

Jenny viu, comovida, a aflição do velho, que nem tinha coragem para apresentar-se diante de Mr. Richard.

A bondosa rapariga baixou-se e, tomando os dois fragmentos do vaso onde se continha ainda a terra com a begónia, uniu-os cuidadosamente e, descendo ao quintal, caminhou, segurando-os, em direção da estufa.

— Onde vai, menina? — dizia o jardineiro admirado.

Jenny não lhe respondeu.

O velho seguiu-a.

Ao aproximar-se da estufa, onde Mr. Richard labutava em cuidados de jardinagem, Jenny disse-lhe, levantando a voz:

— Não quis confiar a ninguém este vaso, porque. Ai!

Era o vaso que lhe caía das mãos, e vinha fazer-se em pedaços no chão, à entrada da estufa.

— Oh! — disse Mr. Richard, correndo em socorro da begónia.

— Veem, veem! — dizia Jenny, fingindo-se consternada — como Deus me castiga a presunção!

— É verdade — disse Mr. Richard agachado — um vaso tão bonito! Criança! Olhem para esta pobre begónia! Como ficou!

— Está vingado, Manuel — continuou Jenny. — Eu a desconfiar de si, e vai.

O velho hortelão não podia falar; enquanto Mr. Richard examinava os estragos da begónia, ele cobria de beijos a mão de Jenny, que não pôde retirá-la a tempo.

Era meio-dia.

— Vamos — disse Jenny a Mr. Whitestone — perdoe-me a culpa e venha ao seu lunch.

Mr. Richard olhou afetuosamente para a filha, a quem afagou nas faces, e, separando-se com um suspiro da begónia, seguiu para casa, murmurando, a sorrir:

— Estouvada! Buliçosa!

No degrau da escada não escapou à vista aguda de genuíno inglês a terra que ficara ali, como vestígio do delito do Manuel. Jenny, que o percebeu, apressou-se a dar uma causa ao facto.

— Fui eu que estive a mudar aquelas raízes que vieram de Inglaterra.

— Já! Não sei se seria bom. Vamos ver como ficaram.

— Agora não que são horas do seu lunch.

Mr. Richard não insistiu e dentro de alguns segundos procedia já aos preparativos desta refeição matinal.

CAPÍTULO V

UMA MANHÃ DE MR. RICHARD

Mr. Richard era de uma rigorosa pontualidade nos seus actos da vida doméstica. Logo pela manhã, depois de uma leitura de Bíblia e de uma revista à preciosa coleção de aves e de insetos de Inglaterra, que possuía, consultando a propósito os livros de Yarrell, Shuckard, Rennie e de outros especialistas da localidade, passava a gozar no jardim das belezas matutinas e a exercer a sua paixão florista, cavando, mondando, semeando os seus bem guarnecidos canteiros. Esta ocupação matinal de Mr. Richard, forçoso é confessá-lo, não era demasiadamente favorável ao horto, para com o qual ele tinha aliás as melhores intenções deste mundo.

Apesar de no seu gabinete se encontrarem constantemente abertos livros de botânica e de horticultura, desde a Flora Londinensis de Curtis e as obras completas de Lindley, até às publicações periódicas das várias sociedades hortícolas

de Londres, Mr. Richard Whitestone costumava fazer ciência pela sua conta e risco. Desprezando os preceitos dos escritores teóricos, juntamente com a experiência provada do velho Manuel, ensaiava às vezes processos não referidos nos manuais de jardinagem, com grave detrimento das mimosas e raras plantas, cuja aquisição, por todo o preço, obtinha nos melhores mercados da Europa e principalmente no Covent-Garden market e no Pantheon de Oxford Street.

A natureza tinha sempre muito que fazer ao remediar os resultados da arte do velho comerciante.

Felizmente, para o aspeto geral do jardim, Mr. Richard Whitestone era exclusivo nas afeições floristas. A uma única planta dedicava, em cada época do ano, os seus cuidados horticultores. Por aquele tempo, eram as begónias as suas prediletas. Ia um destroço nelas, ocasionado por tanto amor e cuidados, que consternava o velho Manuel, deveras afeiçoado às plantas.

Mr. Whitestone ensaiara nas pobres uma espécie de rega, à qual grande número sucumbiu. Era um líquido artificial de uma composição indigesta, e em que ele procurara reunir

todos os elementos que julgara mais próprios para lhes desenvolver a vegetação.

— Isso queima-lhe as folhinhas! — aventurou-se a dizer Manuel, vendo Mr. Richard a temperar aquela caldeirada.

— Cala a boca, tolo. Verás como ficarão viçosas.

À vista do resultado, Mr. Richard teve porém de abandonar o processo, mas sem se dar por vencido.

— É que estes vasos são pouco porosos. Hei de mandar vir de Londres uns.

Era uma maneira muito de Mr. Richard, esta de sair das situações apertadas. Apelava sempre para Londres, como fiel inglês que era.

Nestes entretenimentos levava pois o tempo até à hora do lunch.

Voltava então a casa. Era uma verdadeira hecatombe de ostras qualquer refeição destas. O mercado do Porto a custo pode satisfazer as exigências dos numerosos malacozoófagos da colónia inglesa, entre os quais Mr. Whitestone ocupava lugar eminente. O roast-beef à inglesa,

ou o fiambre, a mostarda, as batatas, a bolacha, a cerveja, o queijo de consistência pastosa forneciam também estes lunchs, acomodados à robustez daquele estômago saxónio, descendente dos que ainda no quinto século da era cristã eram antropófagos — segundo afirma o autor da Viagem de Jersey a Granville.

Carlos fazia de ordinário companhia ao pai neste repasto matinal. Mr. Richard gostava de ver o filho junto de si em tão solenes momentos, conquanto não trocasse com ele meia dúzia de palavras; passados os cumprimentos iniciais, era costume seu abrir o Times e acompanhar o acto manducatório da leitura deste interminável jornal, interrompendo-a apenas por alguma curta frase a recomendar ou a criticar um ou outro prato.

Por isso a ausência de Carlos nesta manhã cavou-lhe uma ruga de descontentamento na cara, que os ares do jardim tinham expandido, e suspendeu-lhe a ária festiva, mas por ele um tanto estragada, que entre dentes vinha trauteando ao entrar na sala.

Esta música era a de uma das melodias de Russell, popularíssimo compositor e vocalista inglês, a cujas salas,

por aquele tempo, corria em Londres a multidão ávida e entusiasta, com o fim de ouvir cantar as próprias composições, que ele mesmo acompanhava ao piano. Nas salas, nos teatros, nas ruas e nos campos, tanto na Inglaterra, como na América do Norte, lê-se em notícias dessa época, repetiam-se as composições deste músico notável, cujo carácter nacional se aperfeiçoara na convivência da escola italiana, sem perder com isso, diz-se, o cunho da originalidade.

De entre a coleção de melodias ou cantos populares, publicadas naquele ano em Londres, e procuradas com alvoroço pelos amadores nacionais espalhados por todo o mundo, havia uma que Mr. Richard sobre todas amava. Era essa a que vinha trauteando ao entrar na sala.

Tanto na índole desta música, como na da letra, que assina o nome do Dr. Mackay, encontrava-se de facto muito do característico génio inglês, para justificar de sobra esta preferência.

É um canto de animação aos numerosos bandos de emigrados que de todos os pontos da Grã-Bretanha partem a cruzar os mares, à procura da riqueza e, sem lágrimas, se

despedem do berço natal, que todavia amam com fervor. Se é lícito admitir que, nestas lutas travadas no seio da sociedade atual para conquistar a riqueza, pode ainda incidir um raio daquele esplendor épico, de que se iluminam os trabalhos análogos do mitológico Jason, decerto os ingleses são os heróis dessas epopeias modernas. Aquele desprendimento com que se separam do que amam quase com fanatismo — a pátria e a família —, aquela coragem estoica, que os alenta nos reveses, e a firmeza de ânimo, que nas vitórias lhes evita os sonos perigosos, dão a esses argonautas do comércio um prestígio respeitável, que certas ridículas exterioridades não podem sufocar.

Como complemento ao estudo do carácter de Mr. Richard Whitestone, daremos aqui a tradução dos versos do Dr. Mackay, por ser o conceito deles afinado pelo sentir do honrado negociante.

Era esta mesma canção a que os soldados ingleses entoavam na Crimeia, durante a campanha daquele tempo; e ao partir da pátria, enquanto os instrumentos marciais

soltavam aos ventos as notas deste canto popular, milhares de espectadores cantavam uníssonos:

Cheer, boys!, cheer...

que são as primeiras palavras do hino, que traduziremos assim:

«Eia! rapazes, eia! Longe de nós a ociosa tristeza. Almas varonis, a coragem nos alentará no caminho! A esperança impele-nos para diante, e mostra-nos um esplêndido amanhã; esqueçamos portanto a escuridão de hoje.

Adeus, pois, ó Inglaterra! Ficam-te ainda muitos filhos, que como nós te amem.

Nós enxugaremos as lágrimas que ao princípio derramamos. Porque havemos de chorar, ao soltarmos as velas em busca da fortuna? Adeus, pois, adeus, Inglaterra! adeus para sempre.

Eia! rapazes, eia! pelo país! pelo país natal! — Eia, rapazes! A vontade forte imprime vigor ao braço. Eia! a riqueza recompensa o trabalho honrado; eia! eia, rapazes! pela nova terra, pela terra feliz!

Eia! uma favorável brisa sopra para nos impelir livremente sobre o dorso do oceano; o mundo seguir-nos-á pela esteira que deixarmos; no Ocidente brilha a estrela do império. Aqui temos fadigas e pouco a recompensá-las; além a abundância sorrirá às nossas penas; e as nossas serão as planícies e as florestas, e o grão dourado amadurecerá para nós em campos sem limites.»

Foi pois a música correspondente a esta canção que Mr. Richard interrompeu quando, ao entrar na sala, viu que com um único talher estava preparada a mesa.

— Carlos está ainda na cama? — disse, voltando-se para Jenny e num tom em que se revelavam ligeiros indícios de mau humor.

Cumpre-me avisar aqui os leitores de que, para dupla comodidade, minha e sua, farei falar português a Mr. Richard, e até segundo as regras de uma gramática cuja autoridade ele nunca reconheceu.

Jenny sentiu a necessidade de advogar a causa do irmão junto de Mr. Richard, que, já bastante indisposto com a

ausência de Carlos no dia do seu aniversário, encarava agora com maus olhos tais excessos de indolência filial.

Profundo admirador das belezas deste mundo sublunar, Mr. Richard olhava o sono como um invejoso que nos furta algumas horas de prazer nesta vida, e ao qual, obrigado a fazer ligeiras concessões, tratava sempre como inimigo.

À interrogação paterna, Jenny respondeu:

— Ainda.

— Ho! — acudiu Mr. Richard, com a sua monossilábica e gutural interjeição de desgosto, acompanhando-a dos acessórios do costume.

Jenny acrescentou:

— Charles teve de se recolher ontem mais tarde.

— Escolheu bem o dia.

— Não se lembrava.

— Esquisito!

— Creia que se não esqueceria assim, se se tratasse do dia 3 de Julho, do aniversário do pai.

Mr. Richard sentou-se e pôs-se a ler o Times.

Jenny sentou-se em frente dele, mas arredada da mesa.

— E, como se deitou tarde — prosseguiu ela, passado tempo — e eu receei que a falta de descanso lhe pudesse fazer mal, ordenei que o não chamassem.

— Então veio muito tarde?

— Julgo que... às duas horas. — balbuciou Jenny.

O criado, que começara a servir Mr. Richard, pensou fazer um obséquio corrigindo:

— Perdão, miss Jenny, passava já das quatro.

— Ho! — repetiu Mr. Richard.

Jenny olhou para o criado de maneira que lhe deu a conhecer a inconveniência da correção.

— Foi uma promessa que Charles fez a uns amigos. — disse ela — e só soube o dia que era, quando já não ia a tempo de recusar.

Mr. Richard não precisava de ouvir mais nada, para suspender as suas censuras. Tinha já perdido o hábito de

discordar da filha. Por isso só respondeu, lendo o Times:

— Sim, sim. Está bom. O mal dessas extravagâncias é dele e por isso.

Nisto entrou, aos saltos, na sala um desses pequenos cães felpudos, pretos e pardos, verdadeiros Átilas dos ratos e rivais dos velhos exterminadores desta raça perseguida.

— Ó Butterfly, good morning! How do you do, sir? — exclamou Mr. Richard, saudando o seu cão predileto, que lhe estendeu a pata como para um shake-hand. Havia nisto um requerimento a uma fatia de fiambre, o qual o inglês não indeferiu.

O pequeno quadrúpede sentou-se então com familiaridade na cadeira devoluta ao lado do seu dono, fazendo a devida justiça às sobras do lunch que lhe cabiam em partilha.

Jenny erguia-se a cada momento para servir o pai, atendendo a particularidades, fúteis de mais para merecerem a observação do criado ou de outrem que não fosse uma filha.

Numa destas ocasiões, Mr. Richard, como se não tivesse perdido ainda o fio da conversa anterior, disse a meia voz:

— É que há oito dias que nem aparece no escritório e… é feio isso.

Jenny não respondeu.

Era claro que durante todo o tempo, em que tinham guardado silêncio, o mesmo pensamento ocupara o espírito de ambos.

Receio que os redatores do Times não tivessem desta vez conseguido cativar a atenção do seu leitor.

Levantou-se por fim o inglês.

Lavando as mãos e estendendo a vista pelos floridos tabuleiros do jardim, murmurava ainda:

— Parece mal. É mau costume.

E saiu da sala para o gabinete.

Jenny acompanhou-o.

— E demais nem tanto custa — dizia ele ainda, pelo caminho.

Enfiando o sobrecasaco e aceitando das mãos de Jenny o chapéu e a bengala, continuou no mesmo tom:

— Dá lugar a que se diga… a que se repare.

Calçando as luvas de pelica cor de cana, por uma esquisitice patriótica mandadas vir de Inglaterra diretamente, resmoneou ainda:

— Não sei que custe muito estar alguns minutos no escritório.

E, passado um momento:

— É feio, é feio.

Parecia, enfim, disposto a sair, mas Jenny, costumada a observá-lo, descobria-lhe certa hesitação, como se se travasse nele uma luta entre duas resoluções encontradas.

— Até logo, Jenny — dizia Mr. Richard, mas sem acabar de partir.

— Não sei o que me esquece! — murmurou depois com manifesta perplexidade.

Jenny correu os olhos pelo quarto.

— O lenço? — perguntou, oferecendo-lhe um que vira sobre o toucador.

— Ah! o lenço, sim. o lenço.

Era evidente que não estava satisfeito ainda.

— Agora. não me falta nada; adeus.

Jenny julgou que desta vez sempre iria.

— Ah! sim — continuava ele, parando novamente.

Jenny fitou-o com olhar interrogativo.

— Não sei o que. Ah!. Então... então Carlos... não se levanta esta manhã?

— Se quer que o chame?

— Não, não. É que...

E depois, interrompendo-se:

— Não é nada.

— Deseja que lhe dê algumas ordens?

— Não. mas. Enfim, o que é tem tempo.

— Mas diga; Charles não deve tardar a erguer-se.

— É que.

E Mr. Richard, com certo modo embaraçado, aproximou-se da secretária, abriu-a e tirou de lá um magnífico relógio de corrente, de construção inglesa, objeto que expressamente havia encomendado de Londres para presentear o filho no dia dos anos dele.

A ausência de Carlos, na véspera, impedira-lhe realizar o afetuoso intento.

Agora como que sentia vergonha de ter a sua afeição resistido inteira ao delito filial, e de não lhe restar já no coração força bastante para reprimir as expansões dela.

— Aí está — dizia Mr. Richard a Jenny, procurando com um tom sacudido tirar às palavras a menor sombra de afeto. — Se quiseres, podes dar isso ao teu irmão. Para ele é que eu o destinava, se ontem.

Jenny tomou o relógio das mãos do pai, a quem agradeceu com um sorriso de ternura.

Mr. Richard prosseguiu:

— Que eu não sei se Carlos o quererá; ainda que é objeto de preço.

— O maior preço é ser uma lembrança sua, senhor.

Mr. Richard resmoneou um monossílabo inglês e ensaiou um gesto de inveterado ceticismo, que não lhe saiu muito expressivo.

Jenny acrescentou:

— E de mais preço ainda, se das suas próprias mãos o recebesse.

— Queres talvez que vá acordar Carlos, para que me faça o favor de aceitar as minhas prendas? — perguntou o pai com certo azedume.

— Mas se… logo ao jantar.

— Talvez não nos dê a honra de nos fazer companhia.

— Oh! se Carlos soubesse.

— Nada, nada. Entrega-lho tu, se quiseres.

E, dizendo isto, saiu da sala, atravessou o jardim e dentro em pouco tempo transpunha o portão da rua.

O criado, que o encontrou no corredor, ouviu-o murmurar ainda:

— Parece muito mal.

Mas, chegando à rua, já ia aparentemente satisfeito. Caminhava com a rapidez peculiar ao povo para o qual o tempo é dinheiro, dirigia ao favorito Butterfly frases de cordial afeto e trauteava por entre dentes o popular — Cheer, boys, cheer!...

CAPÍTULO VI

AO DESPERTAR DE CARLOS

Jenny ficou ainda por muito tempo imóvel junto da porta, onde se despedira do pai. O olhar corria-lhe pelos objetos que a rodeavam; o pensamento porém não acompanhava o olhar.

Aquelas feições, em que se podia reconhecer, misteriosamente combinada à candura de uma criança, não sei que severidade, toda maternal, tomavam agora um ar de preocupação e melancolia, uma dessas sombras que as ideias graves parece projetarem no rosto de quem não aprendeu a dissimulá-las.

Jenny pressentia haver chegado uma nova ocasião de ser necessário intervir com a sua influência pacificadora e angélica, para dissipar a nuvem, embora ténue, que assomava no horizonte doméstico.

Exercera já de um dos lados essa influência, conseguira adoçar as disposições acerbas de Mr. Richard para com o filho; faltava-lhe porém o resto, estava ainda incompleta a obra; era preciso ensaiá-la sobre Carlos também.

E Jenny, que bem conhecia o irmão, tinha fé em que o não tentaria debalde.

Rompia por isso um raio de confiança por entre as sombras daquela preocupação.

Foi neste estado de espírito que chamou André, para que fosse acordar o irmão.

André era o mais antigo criado da casa, espécie de mordomo jubilado, que servia Mr. Whitestone desde o seu estabelecimento no Porto e trouxera já ao colo os dois filhos do inglês.

— Vá — disse Jenny — diga a Charles que eu o espero na biblioteca.

Carlos dormia tranquilamente, quando o velho André lhe entrou no quarto. A respiração profunda, pausada e regular denunciava um sono livre de pesadelos e de sonhos importunos.

O criado, depois de escutar algum tempo aquele som, único que, como do bater da pêndula vizinha, se percebia no quarto, caminhou com precaução, bem escusada a quem vinha para despertar, até uma das janelas, que entreabriu.

Espalhou-se então no aposento uma meia claridade, coada através das longas cortinas que, soltas das abraçadeiras douradas, rojavam pelo tapete.

Pôde então o velho observar a completa desordem que ia naquela sala.

Estes raios de luz, menos felizes do que os evocados pelo fiat lux do Génesis, pode dizer-se que vieram ainda iluminar um caos; pois dificilmente se encontraria mais apropriada expressão para designar o aspeto do aposento, a cuja vista se dissolveu em sorrisos toda a sisuda gravidade desenhada nos lábios e nas feições do mordomo.

A cena, de facto, escapa à mais esmiuçadora descrição.

Parecia que os objetos, ali contidos, tinham, durante a noite, entrado em dança fantástica, de tal sorte os surpreendera o dia, deslocados da natural situação.

As cadeiras, amontoadas em desordem no meio da sala, tinham usurpado as atribuições dos guarda-roupas; estes, abertos de par em par, patenteavam o interior desordenado e quase vazio, como após um saque de cidade conquistada.

Nas mesas, nos sofás, em voltaires, no chão, por toda a parte enfim, menos nos lugares competentes, viam-se casacos, coletes, calças, mantas de diferentes cores e feitios. O pavimento achava-se literalmente alastrado de objetos de impossível enumeração; aqui, umas luvas, calçadas pela primeira vez na véspera e já postas de lado como inúteis; ali, alguns ramos de flores desfolhadas e murchas, cuja posse, procurada talvez com incansável insistência, trouxe depressa após si o abandono e o esquecimento; noutros pontos, charutos meio consumidos, os fragmentos de uma preciosa jarra de porcelana da Índia, um livro, que cometera o delito de não excitar a curiosidade, uma cadeira derrubada com o fardo que lhe pesou sobre o espaldar; cartas, colarinhos, retratos, lenços, chicotes. As esporas no lugar do relógio; este pousado na beira do mármore do fogão; sobre o leito, um dominó de cetim; pendente à cabeceira, o jornal da véspera e um

longo cachimbo com tubo de guta-percha; aos pés, o polvorinho de caça, o robe de chambre de damasco e o teliz da horsa favorita; no velador, um tinteiro de prata, transformado em cinzeiro de charutos; um chapéu pendurado na chave da porta; o candeeiro no chão, alguns livros e mapas geográficos quase debaixo da cama. Um abat-jour de cartão envernizado com figuras extravagantes, representando chins em posições todas chinesamente ridículas, servia de barrete ao busto de Shakespeare, cujo pescoço estava, além disso, diplomaticamente enfeitado com uma gravata de baile; em frente, Byron, coberto com chapéu de feltro de abas largas, o qual lhe pendia galhardamente sobre a orelha esquerda, parecia fitar com petulância o seu ilustre conterrâneo; no outro ângulo, era aquela figura séria e bondosa de sir Walter Scott, com não sei que ares de acanhado debaixo do barrete turco, que a guerra da Crimeia pusera então à moda; e, finalmente, um quarto busto ocultava, sob máscara de cetim preto, a expressão de candura e sofredora tristeza do cantor dos combates dos anjos e demónios, o sublime Milton.

Dir-se-ia que estes grandes personagens da literatura inglesa, obedecendo à voz do Carnaval, tinham surgido da sepultura, para virem celebrar também entre si, com as suas cabeças pálidas, a mais estranha mascarada.

No meio de toda esta confusão, um enorme terra-nova, de ventas leoninas e corpulência de touro, languidamente recostado nas moles almofadas do sofá luxuoso, pousava as patas musculosas e peludas sobre um magnífico álbum de gravuras, com a mais absoluta irreverência pela preciosidade, que assim lhe servia de cabeceira e de estrado.

Imagine-se o resto.

André, o metódico André, sorria e abanava a cabeça no meio de tanta desordem. Demorou-se alguns instantes a examinar todo aquele desarranjo, que bem simulava os vestígios da recente luta; depois, caminhou para o leito, afastou vagarosamente, de má vontade ainda, as cortinas brancas que o resguardavam e, curvando a cabeça, fitou os olhos na cara espaçosa e lisa de Carlos, sem que se resolvesse a acordá-lo de dormir tão tranquilo.

Carlos tinha a fisionomia simpática e expressiva. O melhor tipo saxónico encontrava-se ali. Os cabelos louros, curtos e naturalmente anelados, deixavam-lhe livre a cara ampla, de bossas proeminentes, e cujos ângulos se prolongavam por sobre as têmporas; as cores eram do alvo delicado, próprio dos tipos setentrionais; o nariz de perfil, em que não entrava o elemento da mais desvanecida curva; os lábios, algum tanto grossos e levemente encrespados num sorriso, entre irónico e afetuoso, pronto a caracterizar-se com facilidade igual num e noutro destes sentidos; as pálpebras longas, salientes, e nas quais, em curvas azuladas, transparecia uma rede de pequenas veias, e em torno às órbitas o círculo de cor desmaiadamente roxa, vestígio de longas noites de agitadas vigílias; tais eram os traços principais daquela fisionomia aberta e atraente que, em alguns deles, oferecia o que quer que era de Byron. Os olhos, naquele momento velados, possuíam fogo correspondente à vivacidade do espírito que os animava; as feições, paralisadas agora pelo sono, gozavam em vigília de mobilidade extrema e eloquente, outro ponto de analogia com as do poeta inglês, segundo a crença dos seus biógrafos.

André acabou enfim por o chamar, mas com voz que parecia de quem desejava não ser escutado.

— Sr. Carlos — disse ele.

Apesar de pronunciada em tom baixo e quase a medo, bastou esta palavra para o despertar.

Abriu imediatamente os olhos, fitou-os no criado e, estendendo os braços naquele quase involuntário movimento com que todas as manhãs despedaçamos as últimas cadeias com que nos algema o sono, deixou-lhos cair em volta do pescoço, como para apoiar-se, dizendo ainda com voz mal distinta:

— Bons dias, André. Que horas são?

— Meio-dia.

Foi a resposta que obteve, acompanhada de significativo sorriso.

— Save us! — exclamou Carlos, imitando a despenseira inglesa, de quem era esta a frase habitual, e ao mesmo tempo voltou os olhos para o relógio carairo, o qual, como

em resposta a esta mímica interrogatória, bateu doze lentas e sonoras pancadas.

— Pois não me parecia — continuou Carlos, ao acabar de contá-las. — Ia até estranhar-te a madrugada, sabes tu? E… e… o pai?

— Saiu já.

— E. e que disse?

André encolheu os ombros, respondendo:

— Nada.

Era a maneira de exprimir que alguma coisa dissera.

Carlos compreendeu isto mesmo, mas não perguntou mais nada.

— Toca a pôr a pé, que são horas! — dizia André, ocupando-se a levantar alguns objetos que via pelo chão.

— Desumano, cruel, que me recordas? — respondeu-lhe Carlos em tom de recitação trágica.

— Vamos, vamos, preguiçoso.

Carlos abriu ainda outra vez a boca, em gesto quase sentimental de despedida ao sono que se afastava; afagou com a mão o colossal terra-nova, que veio pousar-lhe a cabeça nos joelhos, e abriu ao acaso o livro que encontrou à mão, um romance de Dickens, do qual leu algumas linhas distraído.

— Então? — insistiu André, vendo-o pouco disposto a levantar-se.

— Fica aí?

— Vai-me buscar o almoço, homem. Traz-me só café. Parece-me que ainda agora terminei aquele turbulento jantar de ontem.

— Então quer almoçar aqui?

— E julgo que é uma resolução muito louvável.

— Mas.

— Mas o quê?. Que objeções lhe pões? Fala.

— É que miss Jenny espera-o na biblioteca.

Carlos de um salto sentou-se na cama.

— Ó pateta! E ainda agora me vens com isso? Depressa — chega-me daí esse robe de chambre. — Isso não. não vês que é um dominó?!. Anda… avia-te. Aquele lenço. O outro. Bem. Vai. Diz a Jenny que num momento estou com ela.

E depois de proceder com a maior celeridade àquela ligeira toilette de manhã, Carlos entrou na biblioteca, onde Jenny o esperava.

Era nesta biblioteca que muitas vezes os dois irmãos se entregavam a leituras comuns, restos de hábitos adquiridos na infância, quando pelos mesmos livros estudavam, formando um gracioso grupo de cabeças louras, objeto das contemplações apaixonadas e das bênçãos cordiais de Mr. Richard Whitestone.

— Bom dia, Charles — disse Jenny, estendendo-lhe a mão, que ele apertou afetuosamente.

— Fiz-te esperar muito, filha? Perdoa-me; mas aquele pateta não soube dizer-me logo que tu.

— Desculpa mandar-te acordar, mas.

— Fizeste bem; senão, dormiria até à noite.

— Vieste ontem muito tarde, Charles — disse Jenny, abaixando-se disfarçadamente para acariciar o terra-nova, que se lhe deitara aos pés.

— Pois ouviste-me?

— Ouvi.

— Então acordei-te, Jenny? Não foi por falta de cautela, porém… sou sempre um desastrado!

— Não, não acordaste. Eu não tinha adormecido ainda.

— Não tinhas adormecido! Às quatro horas!

Estiveste doente, Jenny?

— Não, mas.

Carlos olhou para a irmã com uns modos que procurou tornar severos.

— Querem ver que foi pela minha causa?. Então que te tenho dito, Jenny? Fico de mal contigo se tornares a ter essas canseiras por mim, a ponto de…

— Não, não foi por canseira, é que.

— É que tu és uma teimosa e o que merecias.

— Não se trata agora disso. Diz-me: vens hoje mais cedo?

— Hoje! À terça-feira de Entrudo! Ó Jenny! Deixa ao menos passar o Carnaval, deixa já agora acabar esta maldita época, e depois. depois verás que hei de ficar muitas noites em casa ao pé de ti e de… Tens-te enfastiado muito aqui só, não tens, pobre pequena?

— Ora, não falo por mim; mas… é que… isso faz-te doente por certo, Charles. Esses jantares tão longos. Essas noites tão mal dormidas.

— A mim?! A mim nada me faz mal, filha; lá por isso.

— E depois. Olha, Charles, há deveras tanto tempo já que te não vemos connosco, à noite. Não é por mim que falo, repito; mas o pai. bem sabes, antigos hábitos… gosta de nos ver reunidos todos. a certas horas. Coitado! Não digo sempre, mas… às vezes, de vez em quando, se te não custasse.

— Pois sim, Jenny, pois sim. Deixa voltar o Verão, que eu prometo. prometo que, muitas vezes até, hei de fazer o que dizes. Mas as noites de Inverno! As noites de Inverno, não

obstante tudo quanto imaginou aquele bom Thompson nas suas Estações, são tão longas para se passarem em casa!

— As de Estio. depois… já sei.. hás de achá-las tão formosas que.

— Não — replicou Carlos, sorrindo; — então depois de eu te prometer havia de… Mas, olha cá, Jenny, tu és muito boa, e já sei que me vais até ralhar por o que eu vou dizer; mas deves concordar em que de facto é pouco agradável, para um rapaz da minha idade pelo menos, a maneira porque o pai costuma passar aqui as suas soirées. Aquele eterno Times, aquele Times sem fim aterra-me, Jenny. A Bíblia é um livro que respeito e admiro, mas tremo um pouco das paráfrases dos nossos reverendos letrados; confesso que tremo. O Tristram Shandy do Sterne já o sei de cor; no Tom Jones do Fielding, quando o não tivesse ainda lido, não haveria já capítulo de que não fosse bem informado, à força de o ouvir citar; e, a falar verdade, ter de passar uma noite a escutar, mais uma vez, os comentários a um e outro, com que fatalmente nos flagela o inesgotável entusiasmo paterno. a falar verdade!

— Charles! — disse Jenny, em tom repreensivo.

— E para cúmulo dos males — prosseguiu Carlos — estar sempre debaixo da permanente ameaça de uma visita do spleen de Mr. Morlays, ou da, não menos para temer, jovialidade de Mr. Brains, Heraclito e Demócrito, ingleses que o sabor nacional tornou mais difíceis de digerir ainda do que os próprios filósofos gregos. Aí está o que me faz procurar aqueles lugares onde, como diz Thompson: «sussurra um público possuído de todos os assuntos e animado de mistos discursos».

Jenny não pôde deixar de sorrir às reflexões do irmão; mas, como para diminuir o efeito desta fraqueza, apressou-se a dizer-lhe:

— Pois sim, Charles; mas nem ontem! Ontem, na verdade!. No dia dos teus anos!.

— Então que queres, menina? Não me lembrei de tal, realmente. Acredita. Reputo tão pouco motivo para festas o facto do meu nascimento!

— Mas os que te estimam formam melhor opinião desse dia. Nem lhes queres dar o prazer de to afirmarem?

— Daria se… se me lembrasse.

— O pai destinava-te uma surpresa. Coitado! Fez-me pena a maneira porque ele me encarregou, ainda há pouco, de te entregar este relógio — disse Jenny, passando para as mãos do irmão o presente de Mr. Richard.

— Deveras?! Pois ele. Pobre pai! Vês? E eu que lhe roubei esse prazer! Ai Jenny, esta minha cabeça! Tu ainda ao menos sabes o que me vai no coração, não é assim?

— Sei, Charles, sei.

— Mas os outros.

— Todos te fazem justiça, só tu é que…

— Mas repara, Jenny, é um relógio magnífico este; pois não é?! Bem; não há que ver, Sr. Carlos; é preciso que pela sua parte faça alguma coisa também. Está dito; não esperarei pelo Verão. O Carnaval está a expirar; acabando ele. penitenciar-me-ei na Quaresma.

— O Carnaval! Muito divertidos devem ser esses bailes de máscaras, para assim te atraírem, Charles!

— Enganas-te, Jenny; são insípidos, mas… Tu não podes talvez entender isto, que não obstante é exato... são

insípidos, mas irresistíveis ao mesmo tempo.

— Ora!

— Acredita-me. Rara é a noite em que me não encho de tédio, em que não morro de sensaboria no meio daquele infernal tumulto, e então, se de lá me lembro de ti, do sossego dos teus serões, do silêncio das tuas noites, do teu bonito quarto cor de violeta, pergunto a mim mesmo, Jenny, porque me conservo longe dali, o que me afasta das portas desse paraíso, voluntariamente perdido por este louco, que nem merece ser teu irmão. Sinto vontade então de soltar uma lamentação como a de Eva por errar num mundo, que ao pé do teu, Jenny, é também obscuro e selvagem; por estar a respirar num ar bem menos puro. — Não é assim que diz o Milton? — E contudo não tenho nenhum arcangélico poder a impor-me a expatriação. Vês?

— Estás a gracejar, Charles?

— Acredita que não. Outros te poderiam dizer o mesmo se.

— E é isso que te conservou por lá, ainda hoje, até às quatro horas da manhã?

— Hoje? Ah! Mas... perdão, Jenny; tudo tem suas exceções. A noite de ontem, por exemplo, não me deixou desagradável memória de si; devo confessá-lo.

— Então?

— Então. é que eu tenho que te contar, e se tiveres a paciência de me escutar e prometeres não me ralhar muito.

— Ah! Pois temos culpas?

— Eu sei? Desconfio tanto de mim, que já me não atrevo a afirmar que procedesse bem. Mas tu o dirás.

Jenny sorriu.

— Ouçamos — disse ela, preparando o almoço, que um criado acabava de trazer para a sala.

CAPÍTULO VII

REVISTA DA NOITE

— Como te disse, Jenny — principiou Carlos, procedendo àquele extemporâneo almoço, às horas a que muita gente encetava a séria e importante tarefa da digestão do jantar — ontem correu-me a noite mais agradável que de costume.

— Sim? Então que te sucedeu?

— Eu te conto. Levantámo-nos da mesa às onze horas; foi um longo jantar, ao qual os brindes continuados não deixaram nunca desfalecer a animação. Entrei no teatro, um pouco atordoado e um pouco pesaroso; atordoado pelos efeitos excitantes daquelas muitas libações e daquele ruído todo.

— E pesaroso.

— Com os remorsos que a tua carta me veio despertar.

— Ah!. remorsos?!.

— Afianço-te que os tive. Nestas disposições de ânimo parecia-me um inferno o teatro, verdadeiros demónios aquelas ínsulas máscaras, gritos de condenados as desafinações da orquestra.

— E ficaste?

— E fiquei; fiquei, ansioso porque o final do divertimento me autorizasse a retirada. Já vejo que nem ideia fazes sequer destas coisas, que aliás são verdadeiras. Deixa-me continuar.

— Continua — disse Jenny, folheando ao acaso um livro de gravuras inglesas que estava na mesa. — Mas é deveras estranha essa maneira de te divertires. martirizando-te.

— É, confesso que é. Mas outros muitos estão neste caso; podes crê-lo.

— Bem; vamos adiante — replicou Jenny, fitando os olhos nas letras douradas da brochura.

Carlos prosseguiu:

— Deixei os meus companheiros e sentei-me extenuado; nem queria ver, nem apreciava nada do que em torno de

mim sucedia. Afinal, porém, por fazer alguma coisa, reparei nos vizinhos de ombro a ombro entre quem a sorte me arrojara.

Jenny ergueu para o irmão a vista, com um modo particular.

— Do lado direito, encontrei um homem gordo, que dormia. Como a felicidade alheia não é espetáculo de que nos venha conforto, quando o infortúnio nos punge, desviei com despeito os olhos desta bem-aventurança e voltei-os.

— Para o lado esquerdo?

— Justamente; para o lado esquerdo.

— E. e o que achaste desse lado do coração, Charles? — perguntou Jenny, sorrindo.

— Ai, Jenny! ai, minha pobre irmã! prepara a tua santa paciência, que aqui venho eu confiar-te mais uma das minhas paixões.

— Eu logo vi; não sei porque foi que to estava a ler no rosto. Então é deveras uma paixão?

— Receio que sim.

— Pobre Charles! Que fatalidade!

— Estás a rir? — disse Carlos, sorrindo também e estendendo a chávena para a encher outra vez. — Ora ouve. Ao meu lado esquerdo, do lado do coração, como dizes, estava um dominó feminino, fitando-me de uma maneira… como nem te sei dizer. e com uns olhos… mal sabes que bonitos olhos eram aqueles, Jenny!

— Os da máscara? — perguntou Jenny, preparando a chávena.

— Não; os da mascarada, os quais eu percebia através das aberturas oculares da elegante máscara de cetim preto que ela trazia. A cabeça descaía-lhe ligeiramente sobre o ombro em postura de tanta languidez e melancolia, e nesta posição a seda da máscara descobria-lhe um canto de lábios e um princípio de colo tão bem modelados, que eu não pude desviar mais dali o olhar extasiado, e… e… Então que quer dizer agora esse teu sorriso, Jenny?

— Estou a admirar a rapidez com que te apaixonas e extasias.

— É que não imaginas que bonito contorno o daquele rosto; não imaginas! Eu digo-te uma coisa, Jenny; bem sei

quantas ilusões andam ligadas à máscara de seda, que, por descuido estudado, se afasta um pouco, o preciso. o conveniente. Porque na maior parte dos rostos há pequenos pontos fracos, que a máscara artificiosamente oculta, deixando só aparecer as perfeições. Conheço que é fácil iludir-se então o olhar e fantasiar-se falsamente o todo pela parte que se pode ver, conheço.

— Basta, basta, Charles. Pena é que de tão pouco te sirva o tanto que conheces, visto que ainda ontem.

— Ontem não havia, não podia haver ilusão. Isso é que não. Aquela cabeça não era dessas cabeças buliçosas, como folhas de álamo, que morrem por serem adivinhadas. Era uma cabeça pensadora, melancólica, cheia de sentimento, estremecendo a cada beleza que, com pesar seu, não pudera ocultar.

— Ah! Que singular cabeça!

— E depois há certos extremos de perfeição, que a Natureza, quando os cria, não os vai desperdiçar assim em qualquer rosto que nas mais feições destoe desses primores

parciais. E neste caso estava tudo o que vira do perfil da minha simpática vizinha, a quem dirigi a palavra!

— A quem dirigiste a palavra!

— Sim; que achas tu de extraordinário nisto, para fazeres esse movimento? Num baile de máscaras prescinde-se das apresentações, ridícula invenção da etiqueta, que eu desconfio ser originária da nossa diplomática Inglaterra.

A reflexão histórica transformou num sorriso o movimento de surpresa de Jenny.

Carlos continuou:

— E depois vais ver que tudo quanto lhe disse podia bem ser repetido à mais ingénua lady num dos nossos bailes de família. Afinal de contas, irmãzita, eu, que arranjei por aí, não sei bem como, a reputação de atrevido, tenho ainda canduras de que muitos dos mais tímidos se riam já aos quinze anos.

Esta confissão, na qual alguma coisa havia verdadeira, desafiou em Jenny um gesto de dúvida, que o mesmo sorriso afetuoso veio porém suavizar.

— Olha que é assim — prosseguiu o irmão — e senão. escuta. Como te disse, falei à minha simpática vizinha. Perguntei-lhe se estava muito fatigada. Aí tens; a pergunta é mais do que ingénua, é quase ridícula. Que lhe censuras tu?

— A essa, decerto que nada. E depois?

— Ela respondeu-me: — «Bem mais fatigada disto tudo do que esperava, vindo aqui, Sr. Carlos».

— Como disseste?. Sr. Carlos?!

— É verdade, «Sr. Carlos». Sabia o meu nome a misteriosa incógnita; sabia o meu nome! Está de ver que aumentou a minha curiosidade. Continuando a conversar, vim a saber dela que tinha vindo ali acompanhada de outros dominós femininos, cujo humor mais galhofeiro contrastava com aquela melancólica seriedade. Ficámos a conversar um com o outro, amigavelmente, inocentemente, assim como eu converso agora contigo... E... queres que te diga? Havia até alguma coisa do teu falar, maneiras de dizer tuas, na conversa daquela rapariga; e era isto talvez o que me impunha certo acatamento para com ela, de que

não podia livrar-me. Não imaginas a graça, o bom senso, a viveza que revelou em todo aquele diálogo comigo. Mostrou-se muito informada ao meu respeito e até a respeito da nossa família; houve um momento em que deu mostras de querer falar de ti; eu porém evitei a conversa.

— Porquê?! — perguntou Jenny, fingindo-se ofendida.

— Porque. — balbuciou Carlos embaraçado, e depois, com mais resolução, continuou: — Digo-te a verdade, Jenny; respeito-te muito; tenho pelo teu nome uma veneração muito grande, para que me fosse agradável ouvi-lo pronunciar naqueles lugares, e pronunciado de mais por. não obstante o favorável conceito que continuo a fazer da desconhecida. mas. por lábios que. não sei ainda. que não tenho a certeza se serão dignos disso. Passadas duas horas talvez neste inofensivo conversar, chegaram, já fartos de alvorotar o salão, alguns dos rapazes que me tinham acompanhado. Foi-me pouco agradável, confesso-o, a presença dos meus amigos e sobretudo desagradabilíssimos os galanteadores conceitos que dirigiram à minha interlocutora e os gracejos com que a respeito dela me mimosearam.

— Coitada!

— Coitada?! Ai, se já principias assim a lamentá-la. mal vai a minha história.

— Pois acaso?.

— Escuta. Ao princípio, ela não mostrou timidez; sustentou com vivacidade o diálogo, aparando e retribuindo triunfantemente os galanteios que eles lhe dirigiam. Mas a luta era desigual; porque enfim os contendores, nesta esgrima de palavras, tinham de reserva armas de que ela não podia servir-se. Foi então, ao reconhecer isto, que se mostrou inquieta e ergueu-se para retirar-se; seguimo-la; à porta do salão ela e as companheiras voltaram-se, viram-nos e pareceram atemorizadas. Ela então, a desconhecida, dirigiu-se a mim e pediu-me que lhe servisse de protetor, apelou para a minha generosidade, e eu.

— Tu protegeste-as, não é verdade? — disse Jenny, juntando as mãos, e fixando no irmão um olhar de simpatia. — Protegeste, não protegeste?

— Fui, fui um D. Quixote de donzelas perseguidas. Então que queres tu? Não te dizia eu que havia ainda em mim

muito da candura dos quinze anos?

— Não te arrependas, Charles, não te arrependas de ser generoso.

— É certo que consegui afastar os meus associados, o que não foi pequena tarefa; fiz valer porém os direitos de descobridor e prometi-lhes revelar o segredo daquela máscara, segredo cuja investigação me competia. Feito isto, segui-as. Ao princípio tudo foram efusões de gratidão à minha nobreza de carácter, ao meu coração, aos meus sentimentos, etc., mas, quando nos livrámos das ruas mais centrais e passou o perigo da perseguição que temiam, tudo mudou de figura e principiaram já a pedir-me para também me retirar. Esta ingratidão ofendeu-me e recusei. Então. Aí estás séria outra vez!

— E com razão, Charles. Pois pediam-te e tu. Isso já não é de generoso. Quem sabe os motivos?

— Perdoa-me, Jenny; tu é que não sabes nada destas coisas. Pouco generosas eram elas. E demais, esses pedidos seriam sinceros? A regra é recusá-los sempre; e está certa de que quase nunca a recusa ofende.

— Basta que uma vez.

— Mas repara, Jenny... Valha-me Deus!. Ora vem cá. Tu estás-me aí a fantasiar uns bailes de máscaras à tua moda. Supões que todos esses dominós eram. eu sei lá. outras tantas princesas disfarçadas ou outras Jennys como tu.

— Pois bem, uma vez que o disseste, vamos que era eu?.

Carlos previu o mau terreno em que se colocava, admitindo a hipótese, e por isso interrompeu a irmã, dizendo:

— Mas não suponho, nem posso supor, porque. porque ainda ninguém viu uma Jenny naqueles lugares; e demais ouve, que eu não sou ainda assim merecedor de tantas severidades. Teimei, como disse, em segui-las; para desistir, exigia conhecê-las; elas porém recusaram tirar a máscara, e sobretudo a tal que eu mais desejava saber quem era. Às três horas e meia estávamos aqui em frente de casa, onde me tinham trazido manifestamente para me tentarem a entrar. Resisti à tentação e transpus, sem hesitar, a porta, continuando a segui-las. As companheiras da minha incógnita levavam já o caso a rir e acredito que não poriam grande dúvida em darem-se a conhecer; ela porém

mostrava-se. ou fingia-se deveras aflita; dirigiu-se a mim de mãos juntas, pediu-me que me retirasse.

— E tu?.

— Eu... eu recusei.

— Ó Charles!

— Ouve. Ela insistiu. Disse-me que lhe poderia fazer muito mal se teimasse, e eu insisti.

— Como és às vezes tão mau!

— Mas se eu não acreditava na sinceridade daqueles medos, e agora mesmo. Mas afinal, a rapariga disse-me com uma voz chorosa e na qual me pareceu descobrir tanta sinceridade:

— «Peço-lhe este favor por.» Adivinhas por quem ela me foi pedir?

— Não.

— «Peço-lhe este favor pela sua irmã, por Jenny»; sim, por ti, foi por ti que ela me pediu e fê-lo juntando as mãos com tal candura, que eu. Precisas de perguntar-me se condescendi desta vez?

Jenny estendeu a mão ao irmão.

— Obrigada. Afinal o bem triunfa sempre no teu coração. Estava certa disso.

Carlos baixou a cabeça, como mortificado com estes louvores da irmã. Dir-se-ia que aquelas palavras lhe estavam a fazer sentir remorsos, longe de o desvanecerem.

Depois de uma hesitação de momentos, terminou por dizer, com evidente enleio:

— Olha, Jenny. eu por fim de contas não sou homem para aceitar louvores que não mereço… repugna-me esta hipocrisia; custa-me deveras, mas… sou forçado a dizer-te que… que não sou digno desses aplausos.

— Porquê?

— Porque… alguma coisa se passou. eu não disse tudo ainda e… É verdade que… condescendi... sim… mas não tão desinteressadamente como… sim… porque exigi… usurpei... à maneira de compensação.

— O quê?

— Um beijo, ao qual a pobre rapariga não retirou a tempo a face e que a lançou numa espécie de desespero, fingido talvez, decerto... mas bem fingido.

Jenny reproduziu um gesto de desgosto.

— Mas não me condenes, Jenny — apressou-se Carlos a acrescentar — porque afinal eu nem lhe vi o rosto, e estou provavelmente condenado a nunca descobrir quem ela seja.

Além disso cumpri religiosamente o prometido, renunciando a acompanhá-la, o que me custou deveras; ainda hoje me preocupa o olhar, a voz daquela rapariga e quase lamento. Vamos, não continues a olhar-me desse modo. Pois recusas perdoar-me, quando eu.

— A falar verdade, mereces bem pouco que te perdoem. Mas, como cedeste no meu nome, quase me tiraste o direito de ser severa. O final. o final. na verdade.

— E vês o meu endurecimento na culpa? Foi isso de toda a aventura o que me deixou mais agradável memória de si.

— Então! — disse Jenny, batendo-lhe com o livro na mão. — Olha se queres que retire ainda o perdão que já te dei.

Que mais terás a pesar-te na consciência? Aproveita a aportunidade desta minha disposição benévola.

— Julgo que não tenho mais nada.

— Aí está uma alma com excelente opinião de si! Visto isso, tens cumprido todos os teus deveres?

— Mas. deveres de que género?

— Que pergunta! Pois não sabes os deveres que tens?! Maus indícios! Deveres de cristão, de cidadão, de filho e de…

— O que aí vai! o que aí vai! Por quem és, Jenny! vamos por partes, senão.

— Pois bem, quero falar-te agora só de uns, que me parece teres descurado um pouco.

— Fala.

— Diz-me: tens ido ao escritório?.

— Ai, o escritório! — disse Carlos, rindo. — Então era disso que me querias falar? Bem longe estava eu de pensar no escritório.

— Tens lá ido?

— Eu não.

— Não!

— Há já bastante tempo que lá não vou, há. mas. achas isso grande pecado?

— E pergunta-lo? Não é o trabalho um dever?

— O trabalho será.

— Então.

— É que faz sua diferença. Tu não sabes como eu trabalho no escritório? É outra dessas imposturas sociais, que me fariam rir deveras, se não fossem tão fastidiosas. É preciso que saibas, minha boa Jenny, que no escritório o trabalho real, o trabalho útil, o trabalho-trabalho está encarnado na pessoa de Manuel Quintino. Esse sim. É quem ali faz tudo, quem a tudo dá solução, e parece-me que o único até capaz de o fazer. Exige-se que eu vá lá também, não para trabalhar; a minha cooperação o mais que faz é impacientar o bom do homem, distrair os outros caixeiros e alterar a ordem metódica dos papéis comerciais. Eu vou só

para fingir que entro naquelas coisas, para representar de comerciante, embora não penetre em nenhum dos segredos ou transações em que anda empenhada a firma. Hoje lembram-se de me comunicar o princípio de certo negócio, do qual se julgam depois tão dispensados de dizer-me o resultado, como eu de perguntar por ele; amanhã, dar-me-ão parte da conclusão de outro, cuja existência eu ignorava ainda. Ora aqui tens como eu sou comerciante. O pai gosta de me ver lá em baixo, como representante da firma Whitestone & C.ª, e mais nada. Chego ao escritório, abro a janela, mostro-me ao público, como uma espécie de tabuleta da casa, dou três passeios na praça, converso em tudo, menos no negócio, e venho embora. Se isto é trabalhar.

— Mas, já que te repugna essa ociosidade, porque não trabalhas deveras?

— Porque não é costume. O trabalho é para o guarda-livros. Nós somos uma espécie de padrinhos; damos o nome à criança e pagamos-lhe o enxoval, mas não nos encarregamos das fadigas da sua educação. Contudo, já uma ou outra vez tentei trabalhar, por descargo de

consciência; mas lembrança minha era saudada com uma risada do Manuel Quintino e com o riso mal disfarçado dos outros caixeiros. Pelos modos era disparate certo.

— Pois bem; por isso mesmo que tão pouco se exige de ti é que devias ser mais assíduo.

— Mas é tão monótono! Fazes lá ideia! Odeio aquela Rua dos Ingleses, Jenny; abomino-a.

— E preferes mortificar o pai, que já hoje se queixou das tuas faltas, quando um pequeno sacrifício.

— Não lhe chames pequeno; mas, grande que seja, estou resolvido a fazê-lo para te agradar. Amanhã.

— Amanhã! — disse Jenny, encolhendo os ombros.

— Pois então? Queres que já hoje?.

— E porque não?

— Mas vê que já é tarde.

— Mais tarde será se te demorares.

Carlos emudeceu.

— E ao mesmo tempo — prosseguiu Jenny — aproveitaria a ocasião de mandar saber daquela pobre viúva inglesa que há já tantos dias não aparece. Não tenho querido que lá vá nenhum criado, porque, por mais que lhes recomende, todos gostam de a aperrear, e ela, coitada, aflige-se tanto. Se tu fosses hoje ao escritório, ficava-te em caminho.

Jenny sabia que qualquer ação generosa servia a Carlos de estímulo para realizar sacrifícios; por isso lhe lembrou esta visita de caridade a uma das muitas pobres que a família Whitestone socorria. Não se enganou a previdência da irmã.

— Está dito — disse Carlos com modo resoluto. — Vou hoje... trabalhar... Mal sabe Manuel Quintino, que é o grande motor daquela máquina comercial, o que lhe está iminente. O homem dá ao demo o meu auxílio; mas que to agradeça, Jenny. Manda-me o José para me ajudar a vestir; ainda hoje me não deu o gosto de o ver, o mariola.

— Ai, o José? — disse Jenny, pousando a mão no ombro do irmão.

— Olha, Charles, o pobre rapaz tem a mãe tão doente, que eu tive pena dele e mandei-o.

— Basta, basta; fizeste bem. Eu não me lembrava disso, senão. Passaremos sem o José e não passaremos mal.

Jenny abraçou o irmão e saiu contente da sala.

Em consequência deste diálogo, Carlos apareceu na praça comercial pelas duas horas da tarde.

CAPÍTULO VIII

NA PRAÇA

Havia grande atividade na larga rua chamada dos Ingleses, à hora a que o filho de Mr. Richard Whitestone ali chegou.

A vida comercial estava então no seu auge; numerosos grupos ocupavam os passeios, o centro da rua e os portais das velhas casas que de um e de outro lado a limitam. Presta-se a curioso estudo o aspeto da Praça em ocasião assim.

Nas posturas, no ademã e em várias outras exterioridades dos diferentes indivíduos que compõem estes grupos, pode-se encontrar indícios da posição comercial que eles ocupam.

Vêem-se homens de aspeto grave, de movimentos pausados, de palavras medidas e espremidas, escutadas, aqui e além, por um auditório atento, mudo, boquiaberto, cujas cabeças, balançando-se, como as dos bonecos de

porcelana, comentam com movimentos de aprovação as palavras destes oráculos; são diretores de bancos, ou de companhias comerciais de outra qualquer natureza, bem ou mal reputadas, as primeiras capacidades da Praça; os acionistas, sempre inquietos pelo futuro dos capitais, meditam cada palavra deles, como as de uma mensagem de Napoleão III, na abertura do parlamento francês.

Mais longe, passeiam, com ar de quem está confiado em si, outros que não escutam os primeiros, mas que os saúdam com fraternal familiaridade. Não têm tão numeroso cortejo a rodeá-los, porém são igualmente cumprimentados por todas as cabeças da Praça; chamam aos lábios das pessoas a quem se dirigem um sorriso de afabilidade, e obrigam-lhes o tronco à inclinação expressiva de acatamento, pouco diferente da eloquência persuasiva, a qual, segundo um escritor humorista, é representada por um ângulo de 85,5° com o horizonte. — São estes os negociantes que não administram capitais alheios, mas que dispõem de grandes capitais próprios; de quem menos diretamente depende, portanto, a numerosa turba dos pequenos capitalistas, mas cujos destinos influem, mais ou menos, sobre os de toda a

Praça. Além disso têm a fazê-los valer o prestígio da riqueza, prestígio que se impõe até aos que nada esperam dela.

Observa-se às vezes um espetáculo, à primeira vista de difícil interpretação. Um homem, humildemente vestido, de aspeto triste, de cabeça baixa e barbas crescidas, é escutado com ansiedade na roda dos mais esplêndidos membros do corpo comercial; todos parecem esforçar-se por não perder a menor palavra das poucas sumidas que o tal homem pronuncia. De vez em quando, ele murmura não sei que frase e limpa uma lágrima, e os outros levantam as mãos ao céu, cruzam os braços, encolhem os ombros, coçam a cabeça, dão uma volta, como a distrair mágoas, e tornam a acercar-se dele, como se fosse o centro de atração daqueles elementos dispersos; e toda a cena se reproduz de novo. Que quer dizer isto? — É um negociante falido de pouco e rodeado de credores, a quem, na sua humilhação, domina e que de vez em quando apavora, calculando com voz dolente o diminuto dividendo que lhes concederá. Não há posição social, situação na vida, por mais abjeta e precária que pareça, que não tenha a sua

aristocracia. Os ladrões têm os monarcas conquistadores; os homicidas, os duelistas e guerreiros; a pobre, a oprimida, a miserável classe dos devedores, tem os grandes negociantes falidos.

O olhar exercitado em estudar a fisiologia da Praça talvez possa distinguir do negociante, cujos pagamentos ainda em época alguma foram suspensos, aqueles cujas remotas fraturas têm sido miraculosamente consolidadas pelos dotes das esposas. Mas a segurança e franqueza de maneiras é tão igual nas duas espécies, que à nossa análise não é possível a discriminação.

A contrastar com todos estes, vê-se uma turba, igualmente numerosa, agitar-se na Praça, sempre a passo rápido, rapazes pela maior parte com papéis, sacas ou amostras na mão; saem de um portal para entrar em outro; descem a calçada do Terreiro em direção à Alfândega, ao cais ou a bordo de algum navio mercante; consultam os indivíduos dos grupos que já mencionámos, ou aguardam pacientes que eles os descubram e interroguem; dirigem-se-lhes então, tirando o chapéu — atenção nem sempre retribuída —; são estes os segundos-caixeiros, os chamados «de fora»,

os praticantes de escritório, os cobradores, e ainda os despachantes; aqueles, enfim, sobre quem mais pesada se exerce a carga da vida do comércio e que menos proventos auferem dela. Distinguem-se pelo grau de velocidade dos passos; a dos despachantes chega a ser incómoda de ver-se.

É digna de nota também a posição que tomam mais ordinariamente os dois interlocutores dos curtos diálogos, que a cada momento se travam no meio da rua, entre os representantes das diversas hierarquias sociais que se dizem — caixeiro e patrão. O caixeiro está perfilado, com a mão na aba do chapéu e os olhos fitos nos lábios do negociante; esse responde-lhe, olhando para o lado e, às vezes, sorrindo até para um colega que de longe fala por acenos — distração perigosa para a clareza da ordem dada, mas cujas consequências são atribuídas depois a quem a recebeu; os patrões mais acessíveis levam a sua bondade a ponto de puxarem por o botão do casaco, ou de desapertarem o do colete do subordinado, enquanto lhe dão instruções. Quando o caixeiro expõe o resultado da comissão que executou, é-lhe permitido o acionado,

mormente se, na execução dela, houver a vencer a renitência de algum devedor emérito, circunstância na qual pode até tentar um epigrama, com a certeza de que agradará. Porém, quando são mais modestos os ares do caixeiro e mais impertinentes os do patrão, é quando o segundo está sendo convencido por o outro de um erro que repugna ao seu amor-próprio confessar.

Há ainda outra classe, também inquieta, apressada, incansável, porém, muito longe das disposições para a reverência desta última em que falámos. Há nas suas cortesias rasgadas alguma coisa de artificial, que não ilude ninguém, e às vezes a menos cerimoniática familiaridade substitui até essas aparências de respeito. São espantosos de tenacidade a perseguirem em certos casos o comerciante, que em vão tenta fugir-lhes; passam-lhe da esquerda para a direita, da direita para a esquerda; atravessam-se-lhe no caminho; entram com ele nos portais, sobem com ele as escadas, invadem-lhe o ádito dos escritórios, transpõem a barreira dos mostradores, encostam-se sem cerimónia às escrivaninhas, batem-lhe amigavelmente nos ombros, colocam-lhe diante dos olhos

garrafas, vidros, maços de fazenda, tabelas de preços, amostras de todos os géneros comerciáveis, de que andam constantemente munidos, e a custo se resolvem a soltar das mãos a vítima que chegaram a atacar. — São estes os corretores e agentes de casas estrangeiras.

A classe dos primeiros-guarda-livros é a porção aristocrática desta bureaucracia ou escritoriocracia comercial. Mostra-se principalmente à janela dos primeiros andares, onde vem, de vez em quando, descansar das fadigas de uma escrituração. De ordinário, conservam a pena entre os dedos, como para significar que é momentânea a pausa — o que nem sempre sucede. Mais necessários, e por isso mais apreciados e atendidos, gozam já de certas franquias e privilégios entre os da sua classe. É-lhes concedido falarem da janela para a rua com algum colega ou amigo que passa; a alguns até se permitem fumar na varanda um charuto, e ausentarem-se algum tempo do escritório sem prévia requisição; na rua, saúdam mais desassombrados os patrões e são menos distraidamente correspondidos por estes.

Acrescente-se agora a progénie ociosa dos grandes capitalistas — comerciantes honorários, cuja vida comercial se reduz, como a de Carlos, a passear na Praça até às quatro horas da tarde; o brasileiro retirado, distraindo-se a presenciar, como espectador, o labutar do negócio, à maneira do marítimo velho que se senta à beira-mar a olhar para as ondas, de que vive arredado já; acrescente-se ainda o empregado da alfândega, fumando o cigarro, nas frequentes entreabertas do descanso das suas laboriosas manhãs; os carrejões em disponibilidade, estacionados a cada esquina; os rapazes de escritório, encostados às ombreiras das portas; os meninos dos diretores das companhias, confiados à vigilância de algum empregado subalterno; isto tudo composto de ingleses ruivos, de alemães loiros, de brasileiros escuros, de portugueses de todas as cores, e ter-se-á imaginado o aspeto da Praça comercial do Porto, à hora em que Carlos Whitestone a atravessou.

Carlos passava pelos diferentes grupos ali reunidos, como por entre gente que toda lhe era igualmente familiar.

Como sempre, e como em toda a parte, não se constrangia ali também.

O génio que tinha não lhe consentia etiquetas; a sua posição social não deixava que ninguém lhe estranhasse as familiaridades.

Enfiava o braço no de um dos mais sisudos comerciantes, a quem tratava pelo nome do batismo; de repente, deixava-o, para acender o charuto no cigarro de um segundo-caixeiro de escritório, que o estava saboreando às ocultas, e ali mesmo pactuava com este qualquer partida de caça. Aproximava-se do grupo de capitalistas e barões, que discutiam acaloradamente o relatório de uma companhia, e cedo, com as suas reflexões e comentários, fazia degenerar a conversa para assunto mais frívolo e jovial; abandonava-os, e ia abraçar alguns rapazes, tão laboriosos como ele, que falavam dos bailes da véspera ou abriam a boca de enfadados; dali dirigia-se a cumprimentar um inglês esgalgado, que passava sobre uma horsa, mais esgalgada ainda, e examinava com os olhos de conhecedor as qualidades físicas do quadrúpede e os expedientes da arte do cavaleiro; tolhia a passagem ao despachante que

atravessava a correr a Praça e, apesar de tantas pressas, conseguia fazê-lo parar a escutá-lo; chamava pelo nome o galego da esquina, para que lhe viesse sacudir a lama das botas e, durante esta operação, divertia-se a bater-lhe com o chicote na copa do chapéu. Às vezes ouvia com aparente atenção um homem, que lhe vinha falar de certo negócio pendente do escritório Whitestone, mas, se a exposição se demorava, o seu interlocutor, quando menos o esperasse, achava-se só, porque Carlos fora, sem cerimónia, conversar com o guarda-livros, seu amigo, que avistara na janela de um primeiro andar. Tão depressa entrava num diálogo com o mendigo que lhe pedia esmola, como com qualquer rapariga cujas graças o atraíssem.

Neste género de ocupações se demorou Carlos Whitestone na Praça aquele dia, procurando ser visto pelo pai — único fim que tinha na ideia.

Mr. Richard estava porém na Assembleia Inglesa ou Feitoria, da qual era assíduo frequentador.

Um dos muitos grupos, de que Carlos Whitestone se aproximou, compunha-se das mais graduadas individualidades da Praça.

Carlos passou o braço por cima do ombro de um barão, enfiou o outro no de um capitalista brasileiro, e cumprimentou familiarmente um velho inglês, que estava na companhia também.

— O que não há em toda a Europa é uma Bolsa assim como a do Porto — dizia um comerciante bem-intencionado, em que se encarnara a balda, muito portuguesa, de pendurar no pináculo da perfeição alguma coisa boa que temos ainda por cá.

O inglês estremeceu de pasmo.

— What!! — A exclamação saiu-lhe violenta na violência da explosão. — Na Europa! Que diz, senhor? Vossemecê já viajou?

— Nada, não, senhor; ainda não saí do Porto; mas dizem entendedores.

— Ora então. então. A Bolsa de Londres. o Royal Exchange. não vamos mais longe. o Royal Exchange, o moderno; porque o primeiro Royal Exchange foi do tempo da rainha Elisabeth, construído por um arquiteto chamado Gresham, em 1500 e tantos; ardeu em 1667. Dois anos

depois levantou-se o segundo; este foi construído por Jerman; ainda me lembra bem dele; ardeu em 1838. Estava eu em Londres. Em 1842 lançou-se a primeira pedra de novo, que foi segundo o plano de Tite, e dentro em três anos estava completo.

— E esse quando ardeu? — perguntou Carlos.

O inglês sorriu, sem responder à pergunta, e preparava-se para entrar em circunstanciada descrição da planta baixa e alta do edifício.

Carlos interrompeu-o outra vez:

— O que estou vendo, Mr. Lyons, é que há em Londres uma terrível disposição para arderem as bolsas.

O barão e o brasileiro acharam extraordinária graça ao dito de Carlos e, batendo-lhe no ombro e chamando-lhe «manganão, patusco, cabeça-de-vento» e outras injúrias assim amáveis, não quiseram mais saber do que lhes dizia o inglês, o qual se viu constrangido a engolir o resto da notícia histórica e arquitetónica.

— Mas, senhores! — dizia em outro grupo, para o qual Carlos se dirigiu, o meticuloso possuidor de umas cinco

ações de certa companhia, a um dos diretores da mesma. — Eu não vejo as coisas bem figuradas. Para que hei de estar a dizer o contrário? Negócios com o governo nunca me agradaram. O governo! Quem é o governo? O governo afinal não é pessoa que se penhore; por isso voto que.

— Mas repare — dizia o diretor com exemplar paciência — repare que as garantias oferecidas são das mais seguras; o governo compromete-se.

— E adeus, minhas encomendas! — disse o outro. — Ora que é cisma! Mas quem é o governo? Eu não sei quem é o governo! Uns valdevinos, que hoje são tudo e amanhã são nada. Faz-se o contrato com uns e amanhã respondem por ele caras novas. Não me entendo com isso. Muito bonitas falas, sim, senhores; mas como não respondem por o que é seu. E os nossos capitais.

Estes capitais eram cem mil réis por junto.

O diretor pedia resignação a Deus, para não romper com o obstinado.

Carlos representou aqui de enviado celeste. Tomou o braço do acionista dissidente e, sem lhe atender aos esforços,

afastou-o para o passeio, dizendo-lhe a meia voz:

— O senhor já sabe do que se trata hoje na Praça? Vai organizar-se uma companhia monstro.

— Pois sim, sim; mas deixe-me, que tenho que discutir ali com o senhor.

— Ouça — insistia Carlos — é negócio de os acionistas ganharem 40 por cento, avaliando muito por baixo.

O homem, que era de ingenuidade proverbial entre os colegas, olhou para Carlos com gesto entre desconfiado e inquiridor.

Depois a frase «40 por cento» era de uma sonoridade!

A fisionomia de Carlos tomara uma expressão de sisudez irrepreensível.

— Pois sim, mas… eu agora. — dizia ainda o homem.

Carlos insistiu:

— Olhe que lhe falo a sério. É uma companhia de capitalistas ingleses que se vai meter nisso. O meu pai está encarregado do trabalho da instituição. É por isso que eu.

— Mas que é afinal? — perguntou o sujeito com curiosidade.

— Demais espera-se que o governo conceda um subsídio.

O homem teve vontade de perguntar quem era o governo, mas resistiu à tentação desta vez.

— Mas qual é o fim? — perguntou em vez disso.

— E o comércio do Porto vai ressentir-se vantajosamente deste cometimento — continuava Carlos, deveras embaraçado em organizar a tal companhia.

— Mas o fim da empresa?. o fim? — bradava o outro.

— O fim? Um grande fim. uma nova via de tráfego comercial entre a cidade alta e a baixa.

— Como? Alguma rua.

— Não, senhor; aproveita-se uma riqueza, ainda inexplorada, que há no seio da cidade.

Um enxame de ideias extravagantes esvoaçaram na imaginação do acionista, que já com ardente curiosidade perguntou:

— Mas… que é?… como?

— Nada menos do que tornar navegável o rio da Vila.

O acionista dissidente olhou ainda alguns instantes para Carlos; mas cedo depois voltou-lhe as costas desapontado e procurou o diretor que estivera interpelando; este, porém, aproveitara a oportunidade e desaparecera, esquivando-se a resolver o difícil problema que o outro lhe apontara ao peito. — Quem era o governo?

O leitor que é do Porto permita-me que eu explique aos que o não são que este nome pomposo de rio da Vila é dado a um pequeno riacho de águas menos limpas que se despenha por uns sítios escusos e não menos asseados do que elas, até desaguar furtivamente, e como envergonhado, no Douro.

O primeiro indivíduo de quem, depois deste, Carlos se avizinhou, era uma potência comercial, que ouvia amavelmente o pedido que lhe fazia um colega para ele pedir a outro, para este pedir a terceiro e este terceiro pedir ao ministro para o ministro empregar na alfândega o filho do cunhado do primeiro que pedia. Esta complicação

enredada de pedidos — da qual inevitavelmente se havia de ressentir o período, como ressentiu — parecia claríssima para o que estava sendo exorado, pois, sem pedir explicações, e como homem que logo à primeira vista entrou no âmago da questão, não fazia senão prometer aplicar todo o seu valimento e ser até importuno para servir o amigo.

Carlos chegou no meio dessas promessas cordialíssimas. É preciso que se diga que Carlos sabia, por acaso, que este capitalista havia recebido, aquela mesma manhã, uma carta de Lisboa, assegurando-lhe que fora provido, no lugar disputado, um parente seu. Esta circunstância fez com que o pouco dissimulado irmão de Jenny ficasse verdadeiramente abismado diante da impavidez com que o negociante iludia o amigo. Obedecendo à franqueza pouco de sociedade, que dissemos ser um dos elementos do carácter dele, Carlos não pôde enfim reprimir-se, que não dissesse:

— Mas, senhor F., olhe o que promete; esquece-se de que o seu parente C. foi, ontem mesmo, despachado para esse lugar?

Seguiu-se uma careta entre os dois interlocutores, que trocaram algumas frases, em tais casos forçosamente tolas; fartos enfim de mastigar orações sem nexo, separaram-se friamente.

O capitalista ralhou muito com Carlos; porém Carlos ainda ralhou mais com ele pela sua pouca lisura.

E o certo é que ficaram amigos. Há nos caracteres francos e generosos, como o de Carlos, o que quer que seja que dissipa ressentimentos ainda aos mais reservados e egoístas.

Resolveu finalmente o irmão de Jenny entrar no escritório.

Ao dirigir-se para lá, viu que lhe vinha ao encontro um homem gordo, baixo e corado, que já de longe lhe estava fazendo cortesias.

Parou a escutá-lo.

— V. S.a passou bem? — disse o recém-chegado.

Carlos correspondeu ao cumprimento.

— Ora eu — continuou o homem — já há pouco fui ao escritório de V. S.a, mas nem V. S.a nem o senhor seu pai lá

estavam. Eu não sei se V. S.a me conhece.

— Não, senhor — disse Carlos, entretido a olhar para o laço da gravata do seu interlocutor.

— Eu sou Anastácio Rebelo, que fiz aquele carregamento de laranjas o ano passado.

Carlos fez distraidamente um gesto afirmativo, e passou a examinar o botão do peito do Sr. Anastácio Rebelo.

— Ora V. S.a — prosseguiu este — há de estar certo de que há dois meses. um meu correspondente de Braga me pediu. Eu não sei se o pai de V. S.a lhe disse. Talvez não dissesse.

— Talvez não — disse Carlos, sem o atender.

— Pois o negócio é simples: este meu correspondente. que é também meu compadre. isto é, eu é que sou padrinho do filho dele, uma criança de treze anos, que esteve há meses na minha casa, a banhos na Foz, por causa de uns humores frios que.

Carlos assobiava já.

— Mas agora que este meu compadre. Olhe; aqui está a carta que ele me escreveu — prosseguiu o homem, procurando-a no casaco — eu julgo que a trago comigo. Por ela fará ideia.

E principiou a tirar papéis sobre papéis, cartas, escritos, ordens, letras, contas, recibos. dizendo, ao passo que examinava cada qual pela sua vez:

— Não. isto é outra coisa. é a ordem para me pagarem uns cinquenta e tantos mil réis. E já não vem sem tempo. Mas onde diabo pus eu a carta?. Não é isto. Isto é o escrito de arrendamento da minha casa do Forno Velho. Isto é. Que S. Pedro é isto?. Ah! a carta do Maranhão. isto. isto é uma encomenda que me fazem de Bragança. V. S.a não me sabe dizer onde se vende. a estampa da Guerra da Crimeia?

— Eu não, senhor — disse Carlos, dando dois passos para o escritório.

— Encomendaram-ma e eu. — continuava o homem, seguindo-o. — Ah! achei; cá está a carta! — exclamou, segurando Carlos pela manga do casaco. — Ora quer ler?

— Eu não, senhor — respondeu este, tentando evadir-se.

— «Prezado amigo e compadre» — principiou o homem a ler. — «Recebi a sua de treze e agradeço-lhe as recomendações que me manda. A comadre. — é a mulher dele — recomenda-se à Sra. D. Maria do Carmo — é a minha mulher. — e o Juca. — é o tal meu afilhado. — manda muitos beijos ao padrinho.»

— Que é o senhor — disse Carlos, já impaciente com a maçada.

— Justamente — respondeu o homem, sorrindo à perspicácia de Carlos.

— Pois sim, mas eu agora não posso demorar-me — acrescentou Carlos, fazendo outra tentativa para fugir.

— Isto também não interessa. — concordou o homem — aqui mais abaixo é que. tal, tal, tal. sim, senhores. — «A festa do Bom Jesus este ano promete ser feita com espavento e eu espero que vossemecê.» — Eles querem que eu.

— Com licença, que estou com pressa.

— Sim; isso também não faz ao caso. É aqui abaixo. — «A Câmara Municipal foi reeleita, como sabe; a gente da

oposição levou uma derrota que.»

Carlos já não podia mais.

— Ora, meu caro senhor, que tenho eu com isso? Faz favor de me dizer?

— Tem V. S.a razão. É que eu julgava. Tal, tal, tal — «O seguro não quer pagar os prejuízos do incêndio da minha casa da Rua do Souto.» — Olhe que também isto de seguros.

— Adeus — disse Carlos, rompendo de todo com o Sr. Anastácio Rebelo.

— Ah! é aqui; agora sim — exclamou este triunfantemente. — Cá está. — Aquela encomenda que eu fiz para Inglaterra.

Justamente quando o Sr. Anastácio chegava ao ponto desejado, através daquele mar, cheio de baixios, da carta do seu correspondente, Carlos, vendo uma galante costureira, que a passos apressados atravessava a rua, deixou-o sem cerimónia para se dirigir a ela.

— Adeus, minha flor.

A rapariga respondeu-lhe:

— Ninguém o conheceu ontem no baile.

— Então esteve lá?

E prosseguiu o diálogo, mesmo em presença de toda a sisuda classe comercial, que ao filho de Richard Whitestone tudo desculpava.

Anastácio Rebelo dobrou a carta do compadre, e afastou-se escandalizado com o que via.

Outros rapazes aproximaram-se. A rapariga fugiu.

Carlos, depois de alguns instantes tomados por ocupações análogas às que descrevemos, caminhou enfim para o escritório.

Era assim que ele tratava negócios na Praça Comercial; vejamos no escritório.

CAPÍTULO IX

NO ESCRITÓRIO

Na velha sala de paredes cinzentas e de soalho carcomido pelo caruncho, onde Mr. Richard Whitestone tinha o escritório, havia vinte anos que escrevia, adicionava, subtraía, multiplicava e dividia algarismos, e isto tudo resmoneando, cantarolando e tossindo, o Sr. Manuel Quintino, personagem da idade do seu século, primeiro-guarda-livros da casa, e homem de hábitos de vida tão beneficiadores da saúde do corpo, como mantenedores da serenidade do espírito.

Manuel Quintino era a alma daquele recinto. Na confusão de papéis com que lidava, tais como: — correspondências, faturas, contas-correntes, contas de venda, conhecimentos, primeiras, segundas e terceiras vias de letras, minutas de seguros, recibos e mais documentos comerciais, ele só, habituado desde muitos anos àquilo, podia descobrir uma disposição ordenada.

Disto mesmo se gabava; o que não se devia taxar de presunção da sua parte.

Pedissem-lhe, de repente, a mais insignificante carta, que ele, sem hesitar, iria dar com ela. Era porém seu o segredo desta singular classificação que dera às coisas; para o próprio Mr. Richard, antolhava-se um dédalo o escritório, dédalo onde, ao querer orientar-se, não dispensava nunca o fio condutor das explicações do guarda-livros.

Homem de hábitos regulares, a mais não poder ser, invariavelmente ao soarem as sete horas da manhã, no Verão, e as oito, no Inverno, estava Manuel Quintino movendo a chave na porta do escritório; e meia hora depois, sentado já à banca, todo entregue ao trabalho da escrita. Às três da tarde, no Inverno, e às quatro, no Verão, movia segunda vez a chave, mas em sentido contrário; excetuando uma ou outra ocasião extraordinária, em que a afluência de serviço o obrigava a serões.

Não era Manuel Quintino destes guarda-livros de mão rápida, e de pronto expediente, que num momento dão solução a muitos negócios juntos. Ele tudo queria feito com tempo, e, a cada momento, dizia: «para pressas é que não

era»; graças, porém, à paciência e à regularidade de trabalho, que não perdia nunca, insensivelmente o serviço adiantava-se-lhe nas mãos e difícil seria acharem-no atrasado alguma vez.

Observava pontualmente o judicioso preceito: festina lente, e comprovava, com o exemplo, a eficácia dele.

Queria Manuel Quintino imensamente àquele escritório, tal qual se achava, assim mesmo desataviado e nu. Por vezes, Mr. Richard, e principalmente Carlos, tinham procurado realizar nele certos melhoramentos que o fizessem mais cómodo; tiveram, porém, de recuar diante das repugnâncias do velho guarda-livros, que declarou afligir-se deveras com isso; e, como era ele a parte mais interessada no caso, visto que ali passava grande parte da vida, foi-lhe fácil vencer.

Em resultado disso, continuava a deliciar-se com aquelas quatro paredes escuras, com o teto de castanho apainelado, que o tempo enegrecera, com o chão áspero e picado pelos insetos, com as janelas de construção antiga, de pequenos caixilhos e abundantes em fechos, aldrabas e postigos, com a porta de fortaleza, cujos gonzos perros tinham um chiar

que era para Manuel Quintino como o timbre de uma voz de amigo, agradável ainda quando pouco harmoniosa, com as escrivaninhas, os mochos, os cabides, o lavatório e toda a mobília enfim, feita segundo os velhos modelos dos escritórios antigos.

Eram aquelas as testemunhas do encanecimento dos seus cabelos; como tais as amava.

Além de Manuel Quintino, compunha-se o pessoal do escritório de dois segundos-caixeiros e um rapaz de serviço, a todos os quais o guarda-livros acusava constantemente de mandriões e ao mesmo tempo quase os impedia de trabalhar, pela excessiva disposição que tinha para fazer tudo pelas suas mãos.

Momentos antes de Carlos chegar, Manuel Quintino havia dado aos escriturários duas cartas insignificantes a copiar e entregara-se ele, com todos os seus cinco sentidos, à redação da correspondência para Londres.

Dos escriturários, um, tendo terminado a sua fácil tarefa, aproveitou-se da distração de Manuel Quintino, tirou às escondidas da escrivaninha um romance de Paulo de Kock e

pôs-se a lê-lo, com a sôfrega curiosidade dos dezassete anos; o outro, ocupou o tempo a escrever uma carta de amores à dama dos seus pensamentos, carta em que, por incidente, foram inclusas algumas alusões epigramáticas ao guarda-livros, a quem entre outras coisas se chamava «Argos desapiedado»; o rapaz de serviço, deixado também em disponibilidade, entretinha-se a perseguir as moscas da vidraça ou a traçar com o dedo letras maiúsculas nos vidros, que humedecia com o bafo. Qualquer destas três ocupações, sendo pouco ruidosa, mantinha no escritório um silêncio que agradava a Manuel Quintino.

Ele era o único a interrompê-lo, graças ao singular monólogo que estava de contínuo murmurando à pena com que escrevia.

Dava-se efetivamente em Manuel Quintino uma ilusão singular.

À força de lidar com a pena, à força de tão indissoluvelmente a ver associada ao seu destino, o velho guarda-livros acabara por julgá-la quase dotada de certa inteligência e falava-lhe, animando-a, repreendendo-a,

sopeando-lhe os ímpetos, como a caprichoso corcel que se pretende guiar.

— Anda, anda — dizia ele —; que ronceira que estás hoje! Olha que não temos esse tempo, que julgas. Então?. Que é isso agora?. Pois já queres mais tinta? Depressa gastaste a que bebeste! Vá, avia-te. Bonito R! Isso não esperava eu de ti!. Adeus! Agora mais este cabelo!. E sujas-me todo!. Trapalhona!. Ai, que impertinente que estás!. Adiante! adiante! adiante! Espera, espera. Lá te esqueceu um D!. E agora?. Agora vê se te mexes entre essas duas letras. Assim. Ah!. não toques nos SS. assim. Bem... Continua, mas com tento. Então! Não querem ver que paras outra vez? Ora isto é de mais!. Deixa estar que... Oh!

Era um borrão que lhe caía no meio da página e lhe inutilizava a correspondência quase no seu termo.

«Trai la rai, la rai, larai lai

Trai, larai, larai, larão, lão

Trai larai, lai, larai, larai lai,

Trai lari, lari, lari, larão lão

Trai lari, lari, larão lão.»

Isto era a trautear o hino da Carta, coisa que ele fazia sempre nestas ocasiões críticas. E sem mais alguma observação, pôs a folha suja de lado, preparou outra e encetou nova correspondência, não sem primeiro substituir a pena, dizendo ao deixá-la:

— Descansa. Hoje não estás nos teus dias.

Vem cá tu — dizia para outra. — Vê lá como te portas!

E, olhando fixo para ela:

— Hum! Não tens lá muito boa cara! Não… Ora vamos a ver. Vá, despacha-te que tenho mais que fazer!.. Abre os bicos… abre… Assim… bem! Sim, senhora!… Bravo!… Ninguém havia de dizer que tu… Cáspite!.

E com estas palavras de animação ia aplaudindo o bom serviço da pena e quase lhe parecia vê-la trabalhar com mais ardor, assim estimulada.

Foi neste momento que um valente encontrão abriu a porta do escritório, e o terra-nova, precedendo Carlos Whitestone, invadiu o até ali silencioso e tranquilo recinto,

principiando logo por entornar a infusa com água, colocada a um dos cantos da sala.

Manuel Quintino, que estremecera com a súbita aparição do quadrúpede, ao ver o estrago que a sua impetuosidade produzira, pôs-se a olhar silencioso para ele e em seguida para a porta, como se contasse com mais alguma invasão, não menos revolucionária do que esta.

Efetivamente, Carlos não se fez esperar.

— Good morning, Mr. Manuel Quintino! — bradou Carlos do limiar, fazendo para o guarda-livros uma reverência muito rasgada.

— Good morning, Mr. Charles — respondeu Manuel Quintino, encolhendo os ombros e dando às feições um ar de paciente resignação, uma espécie de bondoso mau humor.

Cumpre advertir aqui que Manuel Quintino falava o inglês, graças à sua longa convivência com os Her Majestys subjects residentes na nossa cidade; mas o inglês de Manuel Quintino era, até certo ponto, como o português do patrão. Causava especial sensação ouvi-lo pronunciar todas

as palavras inglesas num tom, inflexão e maneiras do cunho mais genuinamente português. Podia dizer-se que Manuel Quintino falava português em inglês.

— Ditosos olhos que o veem! — disse ele a Carlos; e depois para o rapaz do escritório: — Olha aquela água que se entornou. — e para Carlos outra vez, com gesto velhaco: — Então esteve doente?

— Eu? Tenho gozado a mais florescente saúde do mundo — respondeu Carlos.

— Como não tem aparecido! — Anda, avia-te, rapaz!

— Tenho-lhe talvez feito aqui muita falta?

— Hum! — resmungou Manuel Quintino.

Os caixeiros, que com a entrada de Carlos tinham escondido, um o romance, outro o modelo epistolar, sorriram, entreolhando-se.

— E você como tem passado por aqui sem mim, minha flor? — perguntou Carlos, mexendo-lhe nos papéis. — Cada vez mais bonito, cada vez mais contente.

— Adeus, adeus. Não bula aí, homem! Que é o que quer? que é o que quer?

— Lumes. Não há lumes nesta casa? Que diabo!.

— Eu logo vi. Não pensa senão em fumar. Espere lá, espere lá. Não me desarranje isso. Eu dou-lhe lumes, eu dou. Ora aí tem. E deixe-me.

Carlos acendeu um charuto e ofereceu outro a cada um dos caixeiros, que os afagaram com olhares ávidos, mas sem se atreverem a aceitá-los.

— Fumem — insistiu Carlos.

Manuel Quintino levantou os olhos e fixou-os nos dois rapazes.

Sob a influência daquele olhar, hesitaram ainda.

Carlos obrigou-os porém a aceitar, ofereceu-lhes lume para acenderem e, enquanto o faziam, voltou-se para Manuel Quintino e, vendo a cara de contrariado com que ficava, aproximou--se dele:

— Que tem você, Manuel Quintino? Deixe fumar os rapazes. Não seja fóssil.

— Se o pai vier por aí, pensa que há de gostar de... E para além disso, é distraí-los do serviço.

— Que serviço? Olhem o grande serviço que eles faziam! — Rapaz — acrescentou logo depois, dirigindo-se ao perseguidor das moscas da janela —, vai à Rua de Santo António saber se aquele meu casaco está pronto. e chega de caminho ao teatro de S. João, pergunta pelo bilheteiro e diz-lhe que vais do meu mando tomar seis cadeiras para a récita de quinta-feira. Entendes? Seis cadeiras; depois.

— E faz favor de me dizer quando é que ele há de levar a correspondência ao correio? — perguntou com mau humor Manuel Quintino.

— Eu sei lá disso. Anda, vai.

— Mas.

— Ora! mande ao correio quem quiser. Avia-te. Salta.

O rapaz saiu a correr.

Manuel Quintino encolheu os ombros.

Carlos dirigiu-se à janela, que abriu de par em par. Uma rajada de vento, entrando na sala, fez esvoaçar toda a

papelada da banca de Manuel Quintino.

— Lá vai! lá vai! lá vai tudo com os diabos! — exclamou o guarda-livros. — Adeus, minha vida; estou arranjado!

Carlos desatou a rir.

— Isso; ria-se que tem muita graça! Então os senhores que fazem? — perguntou, descarregando as iras sobre os caixeiros. — Ponham-se à palestra e a fumar e eu que trabalhe; hem?

— Deixe estar que eu apanho isso — disse Carlos, continuando a rir.

E todos quatro principiaram a apanhar os papéis, dispersos por a sala. — Vão lá saber agora. — prosseguiu Manuel Quintino — vão lá saber agora a ordem em que eu tinha tudo isto! Olhem… olhem... Ficou bonita a carta do correspondente de Liverpool! Sim, senhores! Olhem para estas contas da gerência da capela inglesa! Também ficaram asseadas! Pois estas apólices. E o maldito cão a afocinhar-me na água aquela minuta!. Passa fora! Eh!. passa fora, tratante.

E voltando à escrivaninha pôs-se a coordenar outra vez os papéis.

— Ó Manuel Quintino — perguntou-lhe Carlos já da janela —, quem é aquela rapariga que está aqui em frente no terceiro andar? Aquela cara é nova para mim.

— Eu sei lá disso, homem? Tomara que me deixassem.

— Quem é, ó Paulo, você há de saber. Um rapaz da sua idade. — disse Carlos, dirigindo-se familiarmente a um dos caixeiros.

Era este um rapaz ainda imberbe, pálido, com certo fundo de melancolia, transparecendo por debaixo do jovial sorriso, próprio dos seus, ainda incompletos, dezoito anos. À pergunta de Carlos, aproximou-se da janela.

— Não sei — disse depois de ver a pessoa designada — não a conheço. O Pires há de saber.

Pires era o nome do outro caixeiro, que pela sua vez foi chamado.

E todos três, em resultado desta conferência, ficaram encostados à varanda, praticando em vários assuntos de

igual momento.

Manuel Quintino, que já tinha posto por ordem os papéis, olhava de vez em quando para a janela e principiava:

Trai la rai...

trauteava o hino da Carta.

O vento, depois de prejudicar a papelada do guarda-livros, dirigiu os seus furores contra a pituitária do mesmo; Manuel Quintino começou a espirrar.

— Deus me salve! — dizia ele de cada vez.

À quinta não teve mão em si que não dissesse a Carlos:

— Ó Sr. Carlos! Ora a falar verdade, homem! Isso sempre é um gosto esquisito! Aí posto à janela com este vento dos diabos! Eu já estou... — e espirrou outra vez — já estou constipado.

— Nesse caso, recolho-me — disse Carlos, fechando a janela e vindo debruçar-se na escrivaninha de Manuel Quintino, o qual começara de novo a correspondência.

— Sim, senhor, Sr. Manuel Quintino — dizia Carlos, expelindo uma baforada de fumo, à qual o velho fez caretas

—; você será parente do Quintino Durward de que fala o Walter Scott? Você sabe quem era o Walter Scott, Manuel Quintino?

— Eu não, senhor... — respondeu o velho, continuando a escrever.

— Walter Scott era um romancista. Sabe o que é ser romancista? Diga-me, já leu algum romance?

— Não, senhor, que tenho mais que fazer.

— Pois deixe estar que lhe hei de emprestar romances para ler.

— Muito agradecido.

— O primeiro há de ser O Cavaleiro de…

Os dois caixeiros fungaram do outro lado da sala.

— D’Harmental — concluiu maliciosamente Carlos — e acrescentou: — Não sei de que se riem estes senhores.

— É porque têm a vida muito canseirosa — respondeu Manuel Quintino.

— Depois hei de emprestar-lhe a Mademoiselle...

O mesmo efeito nos caixeiros.

— Mademoiselle de la Seiglière — delicada conceção de Jules Sandeau — concluiu Carlos, olhando-os com gravidade cómica.

— Adeus, já me fez enganar! — exclamou Manuel Quintino. — pela sua causa escrevi agora — cavalheiro — em vez de — Companhia.

— Isso emenda-se.

— Há de emendar boas coisas.

— Emenda, sim. Olhe, desse a faz-se bem um o; depois, o m forma-se do v e do…

— O remédio é outro.

E com exemplar paciência começou nova carta.

— Oh! com os diabos! Então vai outra vez principiar?

— É o que o senhor faz.

— O caso é que você tem bonita letra! Invejo-lha. Se me ensinasse a escrever assim!

— Não precisa.

E, para fixar a atenção, ia dizendo em voz alta o que escrevia:

— Recebi o seu favor de 14 do corrente e em resposta.

— Não preciso? Preciso tal — prosseguiu Carlos. — Rapariga a quem eu escreva.

— Do nosso ajuste — dizia Manuel Quintino, e, falando para Carlos alternadamente: — Ele aí vem com as raparigas; o que eu lhe queria era os cuidados!. — O preço do género.

— Então parece-lhe indigno o assunto? Ora diga, Manuel Quintino, diga se, quando era rapaz, não maçava também com o tal assunto os velhos do seu tempo.

— E a competente comissão. — Não que eu, quando era rapaz, já tinha mais em que pensar. — Em vista pois das ordens recebidas.

— Cuida que me levantava ao meio-dia para pensar em raparigas, e que me deitava lá por altas horas, ainda por causa delas?

— Então que fazia você? — insistiu Carlos, tomando a pena e desenhando uma figura na margem do jornal do dia.

— Com lucros prováveis. — O que eu fazia bem o sei; ainda não me esqueceram as madrugadas dos meus vinte anos.

— Ah! Madrugadas!. Bem entendo!.

— Para trabalhar, para trabalhar! Está muito enganado, se pensa que todos tiveram a sua vida. Bom era isso! — A falência da casa Rodrigues e…

— Grande vida a minha! — continuava Carlos.

— Há lá nada mais sensabor? Veja que precioso tempo perdido nesta soturna sala.

E ao dizer isto ia, insensivelmente, sem reparar no que dizia, aproximando a pena da borda da carta que Manuel Quintino escrevia, e quase principiava a desenhar algum ornato nela.

— Oh! Oh! — exclamou o velho, arredando-lhe a mão. — Que ia fazer? Se lhe parece, suje-me agora a carta.

Carlos ergueu-se, rindo, e pôs-se a passear na sala.

— O pai ainda não veio hoje aqui?

— Há que tempos!

— E não volta?

— Há de voltar, se Deus quiser.

— É preciso fechar isto mais cedo hoje — continuou Carlos. — Estes senhores precisam de gozar o Carnaval.

— Bom Carnaval é o deste mundo!

— Que horas são?

— Duas e vinte minutos — respondeu Manuel Quintino, sem olhar para o relógio e não errando meio minuto.

— Se o meu pai. — principiava a dizer Carlos, mas foi interrompido pelo ranger das botas de Mr. Richard, que se ouviu nas escadas.

Restabeleceu-se a ordem no escritório.

Os caixeiros puseram-se a escrever e o próprio Carlos pegou num a folha inglesa e fez que a examinava na secção comercial.

Manuel Quintino curvou-se ainda mais sobre a banca e moveu com maior agilidade a pena sobre o papel paquete em que estava escrevendo.

Mr. Richard entrou no escritório com o rosto jovial e assobiando uma das suas prediletas toadas inglesas; mas, graças ao duro ouvido musical de que era dotado o velho gentleman, tão transtornada lhe saía ela, que o próprio autor lhe custaria decerto a reconhecê-la.

O Butterfly, com a leveza que justificava o nome de lepidóptero que lhe tinham posto, atravessou a sala e foi cumprimentar o seu companheiro terra-nova, o qual, sentado, com a língua de fora, o recebeu com benévola, mas sisuda majestade.

Todos se ergueram à entrada de Mr. Richard, em cujo rosto um olhar exercitado em estudá-lo facilmente descobriria certa expressão de contentamento, despertada pela vista do filho, o qual ele, naquele dia, estava bem longe de esperar ali.

O plano de Jenny surtira bom efeito.

Mr. Richard dirigiu-se imediatamente ao seu gabinete particular. Carlos foi ter com ele, para lhe pedir a bênção e ao mesmo tempo aproveitou a ocasião para lhe agradecer o relógio e para desculpar-se de não ter assistido na véspera ao jantar de família.

Mr. Richard Whitestone já não tinha coisa alguma no coração contra o filho. A vinda deste ao escritório fora bastante para dissipar a menor sombra de ressentimento.

— Não teve dúvida — repetiu ele muitas vezes, interrompendo a longa justificação de Carlos —, não teve dúvida, não teve dúvida. pois. esse relógio é de um fabricante muito acreditado e, segundo o homem afirma aos compradores, não fará diferença de meio minuto em cinco anos! Talvez seja confiança de mais! — acrescentou, rindo com vontade.

— Ou cegueira paternal — observou Carlos, rindo como ele.

— Sim, sim, ou isso, cegueira paternal, sim — concordou Mr. Richard, rindo cada vez mais e experimentando ele mesmo também os efeitos da tal cegueira.

E em seguida destapou duas garrafas de cerveja de Bass, tirou do armário uma copiosa provisão de bolacha e, na companhia do filho, celebrou a sua terceira refeição daquela manhã.

Passados minutos, voltaram ambos ao escritório nas melhores disposições deste mundo.

Se Jenny os pudesse ver então, como exultaria de contentamento!

Mr. Richard encaminhou-se para a escrivaninha de Manuel Quintino. Carlos sentou-se na escrivaninha oposta, e fingiu examinar os livros comerciais.

Mr. Richard dirigiu várias perguntas ao guarda-livros, sobre alguns negócios pendentes, às quais Manuel Quintino deu respostas lacónicas, mas perentórias.

O inglês consultou depois algumas cartas, entregou outras ao guarda-livros, tomou notas, expediu ordens, examinou a escrituração, abriu o copiador e, de repente, voltando as costas a Manuel Quintino e dirigindo-se a Carlos:

— Já leste a carta do nosso correspondente em Londres? — perguntou com afabilidade.

— Ainda não, senhor.

— Manuel Quintino! Então porque lha não mostrou?! — disse o pai, voltando-se outra vez para o guarda-livros; e depois acrescentou de novo para Carlos: — Há notícias importantes e que fazem prever a probabilidade de ser este um ano de vantajosas transações, se por acaso.

— É um homem diligente Mr. Leeson — notou Carlos, querendo dizer alguma coisa, mas com tanta infelicidade, que trocou o nome do correspondente de Londres pelo do de Liverpool.

— Ho! — disse logo Mr. Richard, mortificado — Leeson!. de Londres! Repara. de Londres!?

Carlos conheceu que tinha sido inconveniente a observação, mas o pior era que não sabia corrigi-la, pois que de todo lhe esquecera o nome do tal correspondente.

— Ai, de Londres. — dizia ele embaraçado. — Eu julguei que. sim de Londres; é que me pareceu.

Mr. Richard esperava ouvir o verdadeiro nome, pronunciado pelo filho, mas não sucedeu assim.

Manuel Quintino, que tinha bem fundados motivos — motivos que o leitor deve prever quais fossem — para não julgar de instante necessidade pôr Carlos Whitestone ao corrente das notícias comerciais, abriu contudo a escrivaninha e, procurando a carta em questão, levou-a a Carlos, não podendo disfarçar um sorriso, ao qual este correspondeu com ligeiro movimento de ombros.

Carlos, em vez de citar o nome do correspondente, pôs-se portanto a examinar a carta.

— Fale-lhe naquele negócio da aguardente — disse Manuel Quintino quase ao ouvido de Carlos, antes de se retirar outra vez para a banca onde escrevia.

Mr. Richard pusera-se a passear na sala, esfregando as mãos e, de vez em quando, parava junto da vidraça, onde tocava um ligeiro rufo. Não estava ainda de todo restabelecido da má impressão que lhe causara o haver encontrado o filho tão pouco ciente do nome dos correspondentes da casa.

Carlos ficou a olhar para a carta comercial, mas julgo que nem a lia. Estava pensando como havia de aproveitar o

conselho, pouco explícito, de Manuel Quintino e falar ao pai no tal problemático negócio da aguardente, para ele inteiramente misterioso.

Temia, referindo-se-lhe aventuradamente, agravar as dificuldades da sua posição, longe de diminuí-las.

Manuel Quintino continuava a escrever, lançando para Carlos, ao molhar da pena, um sorriso malicioso.

Este pousou a carta.

O pai olhava-o obliquamente, como a esperar alguma reflexão.

Carlos fitou ainda Manuel Quintino, o qual lhe fez um impercetível sinal.

Carlos aventurou-se:

— Enquanto ao negócio da aguardente. — disse ele com certa hesitação — nada.

O efeito foi maravilhoso!

Mr. Whitestone voltou-se com viveza e, sem disfarçar a íntima satisfação que lhe causava ver o filho tão bem informado, exclamou:

— Ah! Também reparaste? Foi o que logo me deu que entender. Pensei que nem estavas ao facto!

Carlos, animado com o resultado, prosseguiu com mais coragem:

— Como era negócio de vulto.

Manuel Quintino fez porém uma careta, que o levou a corrigir.

— Isto é. de vulto não digo. mas.

— Mas que podia bem vir a sê-lo para o futuro. é assim — atalhou Mr. Richard.

— Exatamente — concordou o filho.

Manuel Quintino sorria.

— Mas já estive a pensar — prosseguiu Mr. Richard —; talvez influíssem nisto as condições do mercado em Londres. Subiria o género a ponto de exceder o máximo indicado nas nossas cartas.

— Pode ser, mas... — dizia Carlos, olhando para Manuel Quintino, à espera de receber inspirações dali.

Este afeiçoou os lábios como para pronunciar uma palavra, que a Carlos pareceu dever ser «juro». Por isso abalançou-se outra vez a dizer:

— E também o juro.

Parou, porque deveras não sabia o que devesse dizer do juro, nem era natural imaginar que tivesse subido ou descido.

Manuel Quintino moveu a cabeça em direção ao teto, exprimindo mimicamente a primeira hipótese.

— Talvez o juro subisse — concluiu, em vista de isto, Carlos Whitestone.

Mr. Richard aproveitou a insinuação do filho e, evidentemente satisfeito, notou com vivacidade:

— Efetivamente o juro está muito alto em Londres.

— Há muito tempo que o não tivemos tão desfavorável — apressou-se Carlos em dizer, desta vez sem hesitar, visto que dava apenas nova forma à mesma ideia.

— É verdade que não. Creio até que ainda nestes últimos dez anos não subiu tanto, como agora.

Carlos percebeu em Manuel Quintino um movimento de desaprovação, que o animou a dizer:

— Isso é que não sei; dez anos será de mais, contudo.

— Olha que não é de mais — insistiu Mr. Richard, deveras admirado das informações do filho e, depois de meditar algum tempo, continuou, voltando-se para o guarda-livros: — Em que ano teve lugar aquela quebra da casa Blackfield de Londres, Manuel Quintino?

— Em Outubro de 1847 — respondeu este, sem levantar os olhos da escrita.

— Em 47? — Ai, então tens razão, tens; 47 a 55. 8. É isso. Porque eu lembro-me de que estava então o juro a 8 por cento.

— E dessa vez — acrescentou Manuel Quintino — o câmbio eranos mais desfavorável que hoje.

— É isso, é isso.

Essa conversa prolongou-se por algum tempo, com visível satisfação de Mr. Richard, com bastante dificuldade para Carlos e com superior diplomacia do bondoso Manuel

Quintino, que estava sendo colaborador de Jenny, na obra de pacificação doméstica encetada por ela.

Ouviram-se enfim três horas na torre de S. Francisco, e Mr. Richard, depois do último exame aos livros e algumas recomendações mais, saiu do escritório, dando as boas-tardes a Manuel Quintino, fazendo a Carlos um sinal de despedida, menos seco do que de ordinário e, o que mais era, afagando na passagem o terra-nova, coisa que não praticava, senão em ocasiões de grande harmonia com o filho.

Ainda mal se tinha perdido nas escadas o som dos passos de Mr. Richard e o dos latidos de contentamento do Butterfly, impaciente de liberdade, já a carta do correspondente de Londres, descrevendo uma parábola, vinha cair na escrivaninha ao lado de Manuel Quintino, e Carlos acendia novo charuto e dispunha-se a seguir o exemplo paterno.

— Até que soou a hora da redenção! — exclamou ele, pondo o chapéu na cabeça.

— Então já se vai embora? — disse Manuel Quintino, maliciosamente.

— E acha você que não tomei dose bastante de comércio esta manhã? Isto em pleno Carnaval? Que impiedade!

— Eh! eh! eh! E que me diz do tal negócio da aguardente? Então com que está alto o juro, hem? Eh! eh! eh!

— Vi-me deveras embaraçado com a tal aguardente!

— Mas saiu-se bem.

— Agradeço-lhe o auxílio.

— Quer mandar dizer alguma coisa ao correspondente a tal respeito?

— Que vá para o diabo! Não me pôde ocorrer o arrevesado nome desse maldito. Como se chama ele?

— Então não sabe ainda? Woodfall Hope. Uma das primeiras firmas comerciais de Londres; e neste negócio da aguardente.

— Não, isso mais devagar, Manuel Quintino — atalhou Carlos —; não lhe aturo nem mais uma palavra a respeito

do tal negócio da aguardente. Boas tardes. Adeus, meus senhores. Deixem isso e vão ver as máscaras. Adeus.

— Farwell! Mr. Charles. Eh! eh! eh!.

Dentro em pouco, ouvia-se o descer apressado de Carlos, e a pancada violenta da meia cancela do portal impelida de encontro ao batente.

O escritório voltou ao primeiro silêncio. A Praça estava quase deserta. Como era terça-feira de Carnaval, terminara mais cedo a azáfama do comércio. Os caixeiros bocejavam e o chiar da pena de Manuel Quintino aumentava o efeito sonífero do lugar.

De repente, porém, foi mais ruidosamente interrompido o silêncio por o «Trai larai, larai, larai, lai» do guarda-livros.

O bom homem, revendo o trabalho feito, descobriu omissões e enganos que o obrigavam a refazê-lo outra vez; a isto procedeu com exemplaríssima paciência.

Voltou a si todas as culpas.

— Ora eu devia ter mais juízo. Ainda me deixo distrair como as crianças; merecia palmatoadas.

Depois, lembrando-se de Carlos:

— Aquele traquinas também! Valha-me Deus!

Em seguida para os caixeiros:

— Os senhores podem ir embora. Vão às máscaras, vão; e olhem se têm juízo e não arruínem a saúde. Adeus. Eu ainda fico.

— Mas se quer que o ajudemos, Sr. Manuel Quintino. — disseram eles, por deferência.

— Eu quero mas é que me deixem. Vão com Deus.

Os caixeiros não se fizeram rogar.

— Agora, juízo — continuou Manuel Quintino, ficando só — juízo, senão só chego a casa à noite e a Cecília há de estar com canseira já. Como se transtornou hoje tudo! Eu, que contava acabar com isto mais cedo, pois levava o serviço adiantado, e vai. Como diabo lhe deu o rapaz para vir hoje ao escritório?. Bom rapaz, isso lá é, um coração de pomba. A cabeça é que. E nisto de negócio, então!. Eh! eh! eh!. E o pai a imaginar há pouco. A gente sempre tem cegueiras pelos filhos! Cala-te, boca, que também não

podes falar! Coitados dos pais! E o velho quer-lhe deveras. Toda a sua pena é o rapaz não tomar gosto para o comércio. Aquilo também muda. Verduras! Bom rapaz! Bom rapaz! Tem a quem sair. O pai, um homem de bem às direitas. a mãe, era uma santa senhora. Pois a irmã? Isso então nem falemos. Um anjo! E pensar que não são católicos! A falar a verdade! Ora adeus! Protestantes destes, que remédio tem S. Pedro senão ir recebendo-os no Céu.

Em consequência da visita de Carlos, só às três e meia foi que Manuel Quintino pôde terminar a sua tarefa e fechar o escritório, para voltar a casa com apetite no estômago e tranquilidade no coração. Já vê o leitor que tinha razão Carlos ao assegurar que não era das mais proveitosas a sua ingerência nos negócios comerciais.

CAPÍTULO X

JENNY

Jenny entrou no seu quarto, logo depois da partida de Carlos para o escritório. Era um delicioso quarto, cor de violeta, onde se divisava o bom gosto e a elegância desafetada, maravilhosamente unidos a um não sei quê de austeridade inglesa, não em tal grau que destruísse a feição leve e graciosa que compete aos aposentos de uma mulher de vinte anos, mas bastante para os despojar de certo excesso de ornamentos, que em extremo agradam a alguns espíritos, mais que femininos, pueris.

Não lhe era cabida a descrição que um romancista francês nos faz do quarto de uma das suas heroínas, pintando-nos tão abundantes as tapeçarias e alcatifas que, em todo ele, se não mediria uma polegada de madeira a descoberto, e tão flácidas e macias, que nessa gaiola perfumada poderia qualquer avezita voar, de canto a canto, sem receio de magoar as asas.

Este requinte de mole elegância parisiense mal se quadrava com a índole séria e com a atividade natural de Jenny Whitestone. Há em toda a inglesa um pouco de puritana; no carácter das mais ternas conserva-se sempre alguma coisa que, debaixo do ponto de vista moral, corresponde àquele esbelto e inflexível de forma que lhes é próprio, tão diverso do requebrar indolente e quase mórbido das mulheres meridionais.

Não se encontrava no quarto de Jenny um único objeto dessa mobília, quase de boneca, dos boudoirs da moda, onde predominam o papier maché, o pau-rosa, a madeira branca e dourada; e os primores de uma arte que, à força de querer apurar em delicadeza os seus produtos, os faz às vezes acanhados e ridículos.

A elegância, ali, não abdicava certa dignidade, à qual hoje é raro combinar-se. Nenhum dos costumados artifícios da indústria moderna; tudo era o que parecia ser; o mármore, mármore; o bronze, bronze; o damasco, damasco; as rendas, rendas verdadeiras. Não havia nos móveis esses tenuíssimos folheados, mascarando, com madeiras de preço, outras de menos valor; nenhuma dessas maravilhas

de imitação, obtidas com vernizes e tintas; nenhuns metais enfeitados, pelo galvanismo, com falsos títulos de nobreza. Nem um só objeto mentia dentro daquele recinto.

Os caracteres, naturalmente observadores da boa-fé, até nestas coisas a amam.

A cor predominante do quarto, de um tom que agradaria a pintores, fazia vantajosamente sobressair a alvura dos cortinados do leito, castamente descidos.

Cores mais garridas só as das camélias que, em singelas jarras de biscuit e porcelana, adornavam o toucador e o fogão.

Não usurpavam o lugar, devido às pobres flores, essa profusão de quinquilharias, hoje tanto em moda: vidros de essências, de pomadas, de óleo, cartonagens de todos os feitios, figuras de porcelana e de jaspe, flores de penas, de papel, de sola, de cascas de cebolas, de tudo com preferência às verdadeiras; retratos de rainhas e de reis, sabonetes de várias cores e formas e uma infinidade de pequenos objetos, que dão a qualquer desses gabinetes a aparência de bazar ou de exposição de feira.

Alguns bronzes de arte, alguns puríssimos cristais de Inglaterra, algumas bonitas floreiras e uma ou outra obra de literatura ou de religião, naquelas inimitáveis brochuras inglesas, era o mais que ali se podia ver.

As paredes estavam limpas de arrebicadas litografias coloridas, representando meninas a disfarçarem um sorriso atrás do leque, a brincarem com um gato, a cheirarem uma flor, a olharem-nos através de uma luneta e em outras muitas posições todas afetadas, de tão graciosas que querem ser; em vez deste adorno, então comum nas salas do Porto, notavam-se as mais afamadas produções do inexcedível buril britânico e algumas aguarelas, cópias fiéis de paisagens inglesas.

A luz penetrava na sala por entre discretas venezianas e cortinas, que lhe temperavam a intensidade até o grau adequado aos hábitos de viver de Jenny.

De tudo, enfim, vinha a este quarto um aspeto de plácido recolhimento, em que se aprazia o espírito pensador e inclinado à melancolia da adorável irmã de Carlos.

Era ali dentro que, corridos os reposteiros e as cortinas, recostadas às mãos a cara pensativa, em silêncio, a sós, tantas vezes, como agora, a simpática menina se entregava a meditações abençoadas de Deus, e das quais dimanavam júbilos suaves para quantos de perto a rodeavam.

Agitado o coração de saudades, sempre vivas e pungentes, contemplava nesses momentos, com fervor quase religioso, o retrato da mãe, fiel e mimosa miniatura, que recatava como a mais preciosa das suas joias.

A imagem daquela que a estremecera tanto e que parecia ainda olhá-la com um bondoso sorriso, que nem a morte lhe apagara dos lábios, produzia em Jenny a mais poderosa impressão.

Às vezes, à força de muito a contemplar, figurava-se-lhe que essas amadas feições se animavam, que um ligeiro movimento lhe corria nos lábios, que um raio de vida fulgia, por instantes, nos olhos tão cheios de piedade e de tristeza.

Que alegria para o coração da pobre Jenny! Persuadia-se de que a alma da mãe, evocada pela simpatia filial, passara ali, iluminara momentaneamente a imagem inerte, e abençoara

a filha, que tão pequena deixara órfã de apaixonadas carícias.

Esta ilusão vivia com Jenny; era nela um desses íntimos segredos do coração humano, para os quais não há confidentes possíveis. Perante a amizade mais provada, perante o amor mais extremoso, a alma, por expansiva que seja, não se revela toda. Há uma parte obscura do nosso mundo interior e sempre inacessível aos olhares estranhos, onde se refugiam esses muitos segredos do eu para eu, segredos de que nós mesmos nos riríamos, se os lábios ousassem pronunciá-los um dia; — que não ousam. Há exemplos de perfumes tão subtis que, aberto o vaso que os contém, quase instantaneamente se dissipam na atmosfera; assim estes mistérios interiores, inconsistente alimento da nossa fantasia, perdem-se também, ao tentarmos comunicá-los.

Guarde cada um para si essa parte do pensamento, superstições infundadas, crenças pueris, que não podem separar-se de nós, sem que nós próprios as desconheçamos e com os estranhos zombemos delas, das pobres, que não

nasceram para viver senão assim, presas à alma, de cuja essência parece receberem vida.

São como umas delicadas algas marítimas cuja textura tenuíssima se expande na água em formosas arborizações iludindo as esperanças dos que, namorados de tanta beleza, as arrancam de lá; fora do ambiente em que vegetam, cedo se mirram e desformam.

Bem lúcida e forte era a razão de Jenny, e contudo, no mundo interior, nutria a crença ilusória — pelo menos ilusória me parece, a mim que de fora a examino — de que aquele retrato da sua mãe não tinha uma expressão invariável.

Eu queria dizer que isto era sentido, e não pensado, pela bondosa menina; mas não sei se o rigor filosófico me permitirá a linguagem; e contudo, não vejo como de outra sorte dar conta deste frequente fenómeno psicológico — o da persistência de certas crenças irracionais, nos espíritos mais vigorosos e lógicos.

Dias havia em que nos traços e delineamentos daquela miniatura Jenny julgava descobrir um ar de alegria, que

logo se lhe insinuava no coração; outros em que, pelo contrário, ganhavam vulto aos seus olhos não sei que sombras de tristeza, que a faziam estremecer, como se fossem presságio de mal.

Seriam reflexos de pressentimentos próprios que então a iludiam? Talvez; e ficar-se-á compreendendo melhor o mistério, interpretando-o assim?

Pressentimentos! Que espírito filosófico há aí que os admita?

Jenny era ainda uma criança, quando perdeu a mãe; no meio dos jogos e dos brinquedos infantis veio um dia surpreendê-la este profundo golpe no coração; ao seu lado, crescera o mal ameaçador e terrível, mas, no descuido de tão tenros anos, só dera por ele quando a vítima lhe caía prostrada nos braços. Feliz idade, a destas imprevidências! Num momento a vida inteira se lhe afeiçoou muito diversa do como até então a antevira. Cedo, muito cedo, aquela criança franzina e débil recebeu a solene investidura da sacrossanta missão de mulher; transmitiu-lha a mãe, já moribunda; legou-lhe, nos derradeiros instantes, a tarefa

abençoada, que até o fim cumprira, sem um só dia de desalento.

Apertando nas mãos já frias as da filha lacrimosa, que só então vira a morte, que, tanto havia, a ameaçava nos seus mais queridos afetos, incumbiu àqueles poucos anos o pesado encargo da família; e, com a voz trémula e os olhos turvados pelas sombras do adormecer final, disse-lhe que a essas mãos ia deixar entregue a paz da vida interior, a felicidade dos seus; que a elas confiava os tesouros e bálsamos de afeições e de carinhos, com que, no lar doméstico, se sanam tantas dores e desilusões, colhidas lá fora, nas lutas da sociedade; depois, cingindo ao peito a filha, como em extrema recomendação, para a qual as palavras lhe faltavam já, morreu beijando-a; ungiu-a das suas últimas lágrimas e impressionou-lhe a mente infantil a ponto que a órfã, depois de a chorar sobre o túmulo, levantou-se mulher, mulher apesar dos seus doze anos, mulher pela sisudez dos pensamentos, pela consciência viva e fervente da sua nova missão.

É um ensino eficaz o do infortúnio! Desde essa hora fatal, como que se abriram os olhos de Jenny para verem mais

fundo no coração daqueles que era dever seu tornar felizes. Só então principiou a refletir que, entre os corações mais nobres e puros, se estabelecem às vezes contrastes, de que podem resultar conflitos dolorosos; que o infortúnio e as misérias da vida nem sempre provêm da funesta influência do mal de que se tenha deixado eivar completamente uma alma humana; que mais vezes é do encontro de duas paixões, na essência generosas, que a tempestade se origina. No alto mar, um vento dominante pode governar o movimento e a derrota de um navio, mas é necessário que seja extrema a sua violência para que ele, por si só, o faça soçobrar; penetre porém o vaso mais poderoso no seio desses redemoinhos que formam os ventos encontrados, e a submersão será quase inevitável.

É assim na vida.

Não basta que sejam grandes e simpáticos os caracteres, que laços de família ou sociedade prendem uns aos outros, para que entre eles exista harmonia. Que nas suas órbitas os animem movimentos contrários, e serão já de temer os embates e as perturbações fatais.

A natureza física também nos mostra como venenos enérgicos resultam às vezes da combinação de elementos inofensivos.

Tudo isto se foi esclarecendo, à força de meditações, no espírito da pequena Jenny, que tão precoce adeus teve de dizer àquelas espontâneas e não motivadas alegrias da infância, que nela findaram com o último suspiro da mãe.

E cedo foi, muito cedo para uma criança inglesa que, de ordinário, na idade em que as outras principiam já a querer ser senhoras, brinca alegre e descuidada nos parques, correndo, saltando, rindo, sem se afligir por a fímbria dos vestidos ainda se lhe não humedecer na relva.

Esta livre expansão, que sabem e costumam dar à alegria as pequenas inglesas, é talvez a causa de serem desafetadamente sérias, quando enfim a natureza, e não a arte prematura, as faz mulheres.

Cessaram pois em Jenny os risos dessa idade, risos expansivos e irreprimíveis, que a cada palavra, que à menor causa rebentam, como da laranjeira florida chovem

sobre o prado as pétalas nevadas e fragrantes, à mais leve viração que lhe agita a folhagem.

Afez-se a refletir, a votar-se toda à felicidade dos seus, procurando insinuar-se nos pequenos segredos do carácter de cada um, para os dirigir, sem luta funesta, na mesma esfera de ação, no mesmo círculo em que tinham de viver.

Desde essa época principiou a crescer e a vigorar com rapidez o predomínio de Jenny em toda a família — suave sujeição, grata aos que a suportam, como uma bênção do céu.

Até então amara-se em Jenny uma criança meiga, cujas graças joviais faziam distrair o espírito de preocupações mais sérias; cedo porém tomou esse amor diverso e mais respeitoso carácter.

Em Mr. Richard Whitestone, à afeição protetora, de que rodeava a filha, principiou a misturar-se uma deferência, que tinha os seus vestígios de veneração; em Carlos, a familiaridade que as idades quase iguais e os jogos e estudos comuns tinham feito nascer entre ambos degenerou gradualmente num sentimento de mais respeito,

num a dócil submissão, que em todos os seus actos se denunciava.

Forte com esta dupla preponderância, ia cumprindo Jenny religiosamente o legado da mãe, sempre com o pensamento nela, sempre com os olhos na sua imagem, na qual julgava entrever reflexos da alegria ou da tristeza que a sorte da família devia por certo despertar naquela alma de justa, que a contemplava do Céu.

Este oráculo, para todos mudo, só eloquente para os sentidos da filha, consultava-o Jenny com ardente fé ao encerrar-se sozinha no quarto, onde a luz e o rumor de fora penetravam discretamente, como convinha a lugar de tão piedosos mistérios.

Era triste a imagem desta vez!

Triste porquê?

Se os lábios da irmã de Carlos traíssem naquele momento as ideias que tão profundamente a absorviam, eles falariam deste modo:

— Pobre mãe! Porque venho encontrar-te assim triste? Não passaria ainda a nuvem desta manhã?. Mas era tão

ligeira!. tão leve! que a mim mesma me inquietou pouco. Que adivinhas tu, boa mãe? — Isto pensava, ao beijar o retrato. — Alegra-te; Carlos deve estar agora no escritório; pobre Carlos! É tão bondoso aquele coração! Como ele havia de amar-te, como havia de acariciar-te, mãe, se ainda vivesses connosco! Poucos o conhecem bem. Mas porque estás ainda triste? Hás de ver como voltarão amigos. É fácil reconciliar aqueles corações, que afinal tanto se estremecem! Uma ou outra nuvem, que passe entre ambos, gera-a o mesmo excesso de amor. Parece-me que ia a dizer como tudo se passou. A vista de Carlos foi bastante para dissipar todo aquele ressentimento. ressentimento próprio de quem muito estima!. Então! Já não tens confiança na tua filha? Bem vês como todos aqui me querem. Eles decerto veem em mim alguma coisa do teu espírito, mãe, para serem assim tão dóceis com uma pobre rapariga. É à tua alma, à tua alma, que me acompanha, que eles obedecem afinal. Continua ao meu lado, mãe, e eu serei forte; não me abandones, e verás que não há fundamentos para apreensões. E ainda triste! — E beijava o retrato. — E ainda. e ainda. e ainda!. — Beijava-o repetidas vezes.

Depois tentava a razão dissipar aquelas piedosas ilusões.

— Estou louca! — pensava então Jenny. — Pois como pode um retrato.

Aproximava-se mais da luz.

As ilusões voltavam outra vez, como volta o enxame das abelhas que o vento afasta das flores.

— Não sei, não sei como isto é, não posso saber. mas esta expressão é mais triste do que a de ontem. De que procede esta tristeza?. A maneira porque me falou do baile de ontem. O baile!. acaso. aquela máscara?. Mas que pode resultar dali?. O meu Deus! Diria que ainda te puseste mais triste! Deverei pois acreditar.

Nisto ouviu passos fora da porta.

Quebrou-se o encanto! Como se extinguiu toda a expressão do retrato para os sentidos, meio alucinados, da comovida. Visionária — chamar-lhe-ei assim? — Apressou-se em escondê-lo.

A figura de Luísa, aquela mesma criada que já conhecemos, apareceu no limiar.

— Que é, Luísa?

— É a filha do Sr. Manuel Quintino.

— Ah! Chegou finalmente Cecília? Que entre, Luísa, que entre. Nem sei para que a fez esperar — acudiu Jenny com vivacidade.

Era Cecília uma das suas mais afeiçoadas amigas.

CAPÍTULO XI

CECÍLIA

Passados momentos, entrava no quarto, ligeira como uma andorinha, risonha como uma criança, a filha de Manuel Quintino. Era a única família que o velho guarda-livros tinha no mundo.

Jenny estendeu-lhe afetuosamente a mão. e .e «beijaram-se», pensará a leitora. Pois não beijaram, não, minha senhora; as inglesas poupam muito mais esse tesouro dos beijos do que as mulheres dos outros países; um amigável aperto de mãos, um sorriso, uma frase afetuosa. e mais nada. Será para os fazer mais apreciados, quando concedidos?

Cecília era um modelo da beleza portuguesa, e portuense talvez, nas suas mais felizes realizações.

É costume entre nós, quando se quer exaltar, no conceito dos leitores, a beleza de uma mulher, classificá-la entre as

espanholas, entre as italianas, entre as alemãs, e entre as inglesas, mas nunca entre as nossas compatriotas, que sofrem, há muitos anos, com sublime resignação de mártires, esta velha e flagrante injustiça.

Parece que o tipo nacional é indigno de referência, e que só quando dele aberra e, por um capricho da natureza, reveste a feição estrangeira, é que uma figura de mulher merece as fórmulas, mais ou menos sonoras e hiperbólicas, da nossa admiração.

É vulgar ouvir-se dizer: — «Como é bela! Há naquele todo vaporoso certo ar germânico!» — «Que mulher! Tem o salero de uma espanhola!» — «Que majestade! que morbideza! É uma perfeita madonna italiana!» — «Que poética gravidade! Dir-se-ia uma cândida lady». O que porém se não ouve, pelo menos o que eu ainda não ouvi, é: — «Que simpática rapariga! É uma portuguesa perfeita!»

A causa disto é o sermos nós uma nação pequena e pouco à moda, acanhada e bisonha nesta grande e luzidia sociedade europeia, onde por obséquio somos admitidos, dando-nos já por muito lisonjeados, quando os estrangeiros se deixam, benevolamente, admirar por nós.

Falta-nos certo uso de sociedade, que ensina cada qual a ocupar o seu lugar. Quando não encarecemos exageradamente as coisas pátrias, à maneira daquele sujeito que vimos num dos grupos da Praça, caímos no excesso oposto e nem sequer falamos delas, como se nos corressem da origem.

Bem que pese à vaidade nacional, é forçoso, o fazer aqui em família, uma confissão: — Nós temos o defeito daqueles provincianos que, nos círculos da capital, sufocam envergonhados, como coisa de mau gosto, uns restos de amor da terra, que ainda os punge, e deitam-se a exaltar, com afetação altamente cómica, os prazeres e comoções da vida das grandes cidades, que ainda mal gozaram e ainda mal saborearam; — falam dos teatros, dos bailes, da cantora da moda, do escândalo do dia, sem se atreverem a dizer uma palavra pelo menos das árvores, das paisagens, das tradições, dos costumes locais, do conchego doméstico da sua província, o que porventura os outros lhe escutariam com mais vontade; e no fim de tudo ficam mais ridiculamente provincianos, do que nunca.

Assim também os portugueses, acanhados nos círculos da Europa, não ousam conferir diplomas de excelência a coisa que lhes pertença; envergonham-se de falar nas riquezas pátrias, enquanto abrem a boca, por convenção, a tanta insignificância que, em todos os géneros, a vaidade estrangeira apregoa como primores; levam o excesso da modéstia, se é só modéstia isso, até recearem que as vistas dos estranhos averiguem do que lhes vai por casa, e agradecem, com efusões de sensibilidade, uma ou outra frase de louvor que, em momentos raros, eles lhes concedem.

Se ousamos falar de Camões, ao mesmo tempo que de Tasso, de Dante e de Milton; se ousamos apregoar o vinho do Porto, junto com o de Xerez, Château-Laffite e Tokay, é porque lhes deram lá fora o diploma de fidalguia; que por nós. continuaríamos calados, a ler um e a beber o outro, sem bem conhecermos a preciosidade que líamos e bebíamos, ou pelo menos correndo-nos de uma nos parecer sublime, e a outra deliciosa.

Ainda que se taxe um dos símiles de menos delicado, é certo que o mesmo sucede com as belezas femininas;

costumámo-nos às exclamações à moda: — «Ah! as espanholas!» — «Oh! as italianas!» — «Ai, as alemãs!», e julgaríamos de mau gosto dizer em público: — «As portuguesas!», até sem interjeição prévia a encarecer-lhes a valia.

E isto fazem-no até muitos que nunca transpuseram as barreiras desta cidade, onde não abundam os tipos dessas várias belezas exóticas.

Eu porém atrever-me-ei a arvorar a bandeira puritana nesta campanha gloriosa.

Decerto não serão os leitores que mo levarão a mal.

Deus me defenda de querer, por forma alguma, ferir a fama tradicional de todas as já estudadas e classificadas belezas, admitidas e exaltadas, como tais, no mundo inteiro; a minha tolerância abrange todas; queria somente que se abrisse lugar para as nossas patrícias, que bem merecem essa distinção.

As portuguesas não formam tipo específico, dir-me-ão talvez; são uma variedade apenas de espécie mais vasta. Sempre desejava que conhecessem Cecília, para que depois

me dissessem a qual dos tipos femininos consentidos e sancionados pertencia a amiga de Jenny.

Se houvesse uma fórmula única para a beleza feminina, chamar bela a qualquer destas duas mulheres, agora reunidas diante do leitor, seria condenar a outra; tão diversas, tão opostas até, eram aquelas duas fisionomias em tudo! Mas não sucede assim; tem tantas maneiras de se realizar a beleza, tantos meios de excitar em nós, no mais íntimo do nosso peito, essas misteriosas vibrações que nos arrebatam, que seria loucura disputar primazias em casos assim. Nisto é como no mais.

Pois por serem belos os vergéis do Minho, perdem a beleza as lezírias do Vouga, ou até as paisagens alpestres de Trás-os-Montes?

Cecília não era loira nem trigueira, nem daquela cor pálida que sonham os poetas e de que os médicos desconfiam; tingia-lhe o rosto, graciosamente oval, um colorido que, em linguagem artística, julgo que nem tem ainda palavra criada.

Se porém, à falta de termos, sempre lhe quisessem chamar pálida, deviam acrescentar que era de uma palidez através da qual se pressentia o sangue cheio de vida, que às vezes o transformava na difusa cor-de-rosa de um rosto de criança; os cabelos que, por um ondado natural, se erguiam levemente no alto da cara vacilavam entre o negro e o castanho-escuro; os olhos, sim, esses eram negros deveras, e — qualidade bem rara em olhos! — de uma discrição impenetrável. Os olhos discretos, quando de ordinário são eles os primeiros que atraiçoam e inutilizam a reserva dos lábios! Olhos que ousam fitar-vos sem deixar fugir um segredo, nem desviar-se, por desconfiarem de si próprios! Discretos, mas expressivos de simpatia e de familiar bondade! Não imaginam os encantos de uns olhos assim! E não julguem que são por isso incapazes de eloquência; anime-os um dia a confiança e o amor, e verão os raios ofuscadores que despedem! Mas o que eles não fazem — e bem hajam por isso — é andarem por aí a desperdiçar eloquência, como esses implacáveis faladores que em toda a parte se ocupam a declamar discursos. Na conformação habitual dos lábios, no sorrir, no mover da cabeça, em todos os movimentos e gestos enfim, havia, em Cecília, uma

completa ausência de arte, tanta naturalidade e franqueza, que a vista deixava-se ficar, com prazer suave e sem timidez, a contemplá-la.

Há um meio de reconhecer o género de beleza a que pertencia Cecília — género que eu sustento ser o nacional — : quando, junto de uma mulher formosa, vos sentirdes à vontade, sem que a razão se vos perturbe, sem que por galanteria vos julgueis obrigados a lisonjas, sem que fermente em vós o tanto ou quanto de poesia que encerram todos os corações; quando, suavemente dominados pela branda influência de um olhar sem requebros, puderdes sustentar com essa mulher uma conversa afetuosa, sincera, leal, como sustentaríeis com um amigo ou com uma irmã; quando, ao separar-vos dela, lhe apertardes cordialmente a mão, sem que nem a vossa, nem a sua estremeçam ao encontrarem-se e, finalmente, trouxerdes dessa entrevista uma impressão agradável que mais vos acalente do que vos agite os sonhos, ficai certos de que encontrastes um dos tipos de que falo.

Aviso-vos, porém, que os não julgueis pouco perigosos, apreciando-os pela placidez destes primeiros efeitos; se

levais em conta de ventura a liberdade do coração, fugi-lhes enquanto é tempo; pois, continuando nessa convivência íntima, natural, insinuante, correis o risco de insensivelmente vos deixardes prender, e um dia, ao tentar terminá-la, surpreendeis-vos deveras apaixonados; pela dor que experimentais, conheceis então que fundas raízes lançara já o afeto.

Eu, por mim, julgo mais irresistíveis as paixões que se geram assim; as que nascem rápidas têm evolução rápida também, e muitas vezes apagam-se em pouco tempo.

Vendo nisto de paixões uma espécie de doenças da alma, como alguns querem, era possível talvez estabelecer nelas divisão análoga à que, nas do corpo, admitem os médicos. Haveria assim paixões agudas e paixões crónicas; umas, como as doenças do mesmo nome, geradas por impressões súbitas, rápidas na sua marcha, prontas na sua terminação; outras, adquiridas insidiosamente, por influência de todos os dias, e de que nem se suspeita mal, lavrando a ocultas e revelando-se, apenas, quando o terreno já é seu e a vitória certa.

Quais delas zombam mais da arte, devem sabê-lo médicos e doentes.

Mas, voltando a Cecília, o seu conversar, ao qual dava realce o timbre de voz, vibrante e sonoro, tinha uma vivacidade e animação, direi até uma eloquência natural, que entretinha a ouvir-se; no decurso de qualquer conversação, era notável a frequência com que lhe passavam a voz e as feições por contínuas e sucessivas alternativas de tristeza e alegria; como alternam nas campinas a sombra e a claridade, quando atravessam rápidas o ar as nuvens impelidas pelo norte.

Era assim que, referindo acontecimentos tristes, uma ou outra circunstância deles desafiava-lhe um sorriso ou uma observação jocosa, e que, no meio da história mais jovial, não lhe passava despercebido qualquer ligeiro vestígio de sentimento que ela tivesse e, de repente, lhe desaparecia o riso dos lábios e os olhos refletiam uma generosa melancolia.

Um dia, por exemplo, contava ela a Jenny, e contava-o quase a chorar, o infortúnio de um pobre centenário, a quem o seu pai socorrera. O desgraçado velho vivia numa

casa miserável e, abandonado de todos, ia sucumbindo à fome, quando Manuel Quintino o disputou compassivo a morte tão tormentosa.

— Se visse o pobre homem! — dizia então Cecília, com tremor de compaixão na voz — se o visse! Como ele nos recebia, chorando e rindo, como me pegava nas mãos para as beijar! Como erguia ao céu aqueles olhos, quase cegos pela velhice e pela desgraça! Fazia pena! Tão trémulo, tão curvado!. — E, de repente, vindo-lhe aos lábios um sorriso, que ela não reprimiu, acrescentou: — E então, naquela idade e naquela miséria toda, o cuidado que o pobrezinho tinha ainda com o rabicho que usava na cabeleira! Coitado!

De outra vez contava, rindo, o episódio caricato de certo operário, seu vizinho, que voltara uma noite a casa em completo estado de embriaguez, e atordoara a rua inteira com expansões de extemporânea alacridade, altercando, cantando e tocando até altas horas. Tudo quanto até ali referira lhe merecera sorrisos, mas, num instante, cobriu-se-lhe o rosto de profunda tristeza e, suspirando, prosseguiu, cingindo a mão de Jenny:

— Mas não quer saber? Quando este homem estava mais contente, vieram trazer-lhe um cão, que ele estimava muito e que naquela mesma noite tinham envenenado nas ruas. Parece-me que estou ainda a ver como ele ficou; esteve por muito tempo calado a olhar para o pobre animal e depois desatou a chorar e a abraçá-lo, chamando-lhe seu amigo, seu companheiro, até. — acrescentou, sorrindo — até seu irmão. Metia realmente dó. E aquela gente a rir cada vez mais! Era aquilo para rir; diga?

Justeza de observação, talento para apreciar todas as faces dos sentimentos e das ações humanas, poucas vezes os dá o estudo no grau em que ela naturalmente os possuía.

Não se podia pois, repetimos, dizer Cecília apaixonada como uma italiana, pensativa como uma alemã, séria como uma inglesa, lânguida como uma espanhola, coquette como uma francesa, porque a nenhum desses tipos se aproximava; era verdadeiramente portuguesa, e, para caracterizar estes, só conheço uma frase, de que talvez o leitor se vá rir, mas pela qual eu tenho inexplicável predileção. Associa-lhe o meu pensamento tal conjunto de qualidades físicas e morais que, sempre que a ouço aplicar,

ela só, supre para mim uma longa descrição; e se for a analisá-la não lhe encontro decerto a compreensão que instintivamente lhe atribuo. Se ao leitor suceder o mesmo, conceberá o tipo de Cecília depois de eu o pronunciar.

Cecília era o que naturalmente a todos ocorre chamar — uma pobre rapariga. — Nesta expressão nada há que faça supor a beleza da pessoa a quem se aplica, bem sei; nem em rigor se refere a qualidade alguma moral.

É certo; por isso não a analiso. Sucede porém que, quando, de qualquer mulher que não conheço, ouço dizer que é — uma pobre rapariga —, não sei porque a imagino bela, bela de beleza nacional e com um coração. como o coração de Cecília.

Aqui temos a inglesa Jenny, que não poderia recear confrontos com a sua amiga, nem em gentileza nem em bondade; mas, não sei porquê, lembrou-me chamar a Jenny anjo e fada, e hesitaria em defini-la, como defino a Cecília.

Acusar-me-ão de dar à filha de Manuel Quintino uma feição demasiadamente burguesa, com a frase burguesa pela qual a caracterizo. Folgarei de que seja merecida a crítica,

porque. — vá aqui mais outra confissão, em que revelarei a minha coragem, — eu simpatizo mais com os tipos burgueses do que com os tipos aristocráticos — e em mulheres sobretudo. Rodeia-se de mais poesia aos meus olhos a rapariga burguesa, e sem aspirações a deixar de sê-lo, quando a trabalhar à luz do candeeiro, do que a elegante dos salões, gastando a imaginação em problemas de toucador; a costura, a simples, a modesta costura, útil e abençoada aplicação da agulha feminina, agrada-me bem mais do que as bonitas futilidades do, reputado mais nobre, trabalho de bastidor; a mulher que a si própria se penteia acho-a mais merecedora da contemplação do artista, do que a indolente que, reclinada numa poltrona e folheando um jornal de modas, entrega a cabeça às mãos de uma criada ou do cabeleireiro. Esta, a ser copiada, basta-lhe por tela. um leque ou uma tampa de cartonagem.

Sim, Cecília não tinha nada do tipo aristocrático; nisso era ela ainda genuinamente do Porto, cidade cujo principal título de glória é o ter, em épocas em que a nobreza era tudo, previsto que podia e devia prescindir dela, para se engrandecer.

CAPÍTULO XII

OUTRO DEPOIMENTO

— Esteve doente, Cecília? — perguntou Jenny, acomodando o chapéu da amiga.

— Não; porque mo pergunta?

— Nem eu sei. Pareceu-me ler-lhe no rosto. e depois. veio tão tarde.

— Ai, menina — replicou Cecília, sorrindo e ajeitando o cabelo, que o chapéu desordenara — é que se soubesse. Hoje fiz de fidalga.

Levantei-me depois das oito horas.

— Sim, preguiçosa? E querem então ver que se esqueceu de trazer aqueles cabeções de que me falou.

— Agora. Olhe; trago esses e até mais alguma coisa.

— Bem, bem; vamos ver isso tudo — atalhou Jenny, com curiosidade.

E as duas raparigas foram sentar-se, uma ao lado da outra, no sofá próximo da janela.

— Veio só? — perguntou Jenny, momentos depois.

— Vim.

— Sem medo?. no dia de Entrudo!.

— Medo nenhum. da minha casa aqui são caminhos que podem dizer-se todos de aldeia. Quase sempre por entre quintas e campos. Encontrei umas criancitas, que vinham da mestra, e conversei com elas todo o tempo.

E, continuando a revistar o interior de um saco de marroquim verde com fechos de aço, Cecília prosseguiu, mudando de tom:

— Não julgue que lhe vou mostrar nenhuma preciosidade; foi uma distração de meia hora no serão de sábado. Esta semana tive tanto que fazer, que não pude ocupar-me com estas bagatelas. Bem sabe que não me cresce muito tempo para brincar. Olhe.

E mostrava a Jenny um delicadíssimo primor da arte feminina; um cabeção apenas, mas do qual, se me auxiliassem conhecimentos técnicos, poderia fazer uma descrição, pelo menos do tamanho da que Homero consagrou ao escudo de Aquiles.

Mas a ciência das leitoras e a ignorância provável dos leitores neste assunto não lhes deixarão sentir a lacuna.

— Pois eu ia quase dizer-lhe que ainda acho este mais bonito do que o outro que me mostrou há dias — disse Jenny, demorando-se a examinar o cabeção.

— O desenho desse é mais delicado, mas. Ai! — acrescentou, passando, a sorrir, a mão pelos olhos, e suspirando — parece-me que nem vejo, de sono que tenho!

— Sono! E levantou-se tão tarde! Que quer dizer isso hoje, Cecília?

— É que me deitei ontem muito tarde também.

— A trabalhar?

Houve um intervalo de silêncio, antes que Cecília se resolvesse a responder. Jenny insistiu, elevando ao mesmo

tempo os olhos para ela. Viu-a corando e como entretida a segurar um alfinete.

Os alfinetes são os principais cúmplices de todos os disfarces femininos. Sempre que uma mulher precisa de ocultar um sorriso, uma turbação, um rubor, tem a certeza de encontrar estes amigos oficiosos a servirem-lhe de pretexto. Há sempre um alfinete a pregar, a despregar e a repregar de novo.

Afinal, porém, com visível esforço sobre si mesma, Cecília respondeu de uma maneira que em vão procurou tornar natural:

— Não, Jenny, não foi a trabalhar.

Jenny pressentiu um segredo naquele enleio e hesitação, mas não tentou descobri-lo; disfarçando as suas suspeitas, disse-lhe:

— Pôs agora de lado um trabalho de crochet que me pareceu bonito.

Cecília mostrou-lho, sem dizer nada.

E o silêncio manteve-se algum tempo entre as duas, silêncio de as constranger a ambas; até que enfim Cecília, numa dessas súbitas resoluções tão frequentes nela, e pelas quais parecia querer apressar-se a realizar um bom pensamento, antes que ulteriores reflexões viessem sufocá-lo, pôs de lado, com certa impaciência, toda a obra que tinha estendida no regaço e, tomando as mãos de Jenny, fitou os olhos, negros e cheios de vida, nos olhos azuis e suavemente melancólicos com que esta a seguia admirada.

Cecília conservou-se ainda alguns momentos silenciosa e indecisa; mas por fim, corando mais e possuída de sobressalto, que não conseguiu disfarçar sob sorrisos:

— Jenny — disse, com a voz trémula de comoção — eu sei que a menina é minha amiga e julgo que o melhor é contar-lhe tudo.

— Seja o que for que tem para me dizer, se o que a faz hesitar é a dúvida da minha amizade, posso assegurar-lhe, Cecília, que.

— Não, não é, não podia ser — acudiu Cecília, e, por um movimento rápido, impensado, irresistível, levou aos lábios

as mãos delgadas de Jenny, que não lhe pôde fugir a tempo.

— Que está a fazer?! — disse Jenny, rindo.

— Deixe-me; sabe como eu lhe quero, sabe a confiança que tenho em si, Jenny, pois não sabe? Mas é que. há certas coisas que sempre custam a dizer.

Jenny sorriu com expressão particular; previa uma confidência amorosa no embaraço de Cecília.

Cecília compreendeu a significação daquele sorriso, porque se apressou a dizer:

— Não, não é o que julga, Jenny. Não teria a menor hesitação em lho dizer, se fosse isso. Pode crê-lo.

Apesar da segurança com que Cecília o afirmava, duvido de que, tão sem custo, se resolvesse a fazer uma confidência que, sendo a primeira desse género, faz titubear os mais arrojados. Mas acreditemo-la sob palavra, que não temos outro remédio.

— Seja o que for — respondeu Jenny, procurando inspirar-lhe confiança — não deve ter escrúpulos em mo

revelar. Escrúpulos porquê? Não somos raparigas ambas? Da mesma idade quase?

— Mas a Jenny é tão diferente de todas nós! Tem tanto juízo, que não pode deixar de estranhar certas coisas, que nós, as que temos a cabeça leve, fazemos sem pensar, e de que mais tarde nos arrependemos.

— Está a ser injusta ao mesmo tempo comigo e consigo, Cecília. Nem essa cabeça é leve, nem eu da sisudez que me faz.

— Pois bem — continuou a filha de Manuel Quintino — estou resolvida a contar-lhe tudo, mas há de prometer-me dizer no fim, com a maior franqueza, o que pensa do que eu lhe contar, sim? Olhe que ficamos de mal, se me não disser a verdade, ainda que me seja desfavorável.

— Não há de ser.

— Adivinho que será.

— Ó meu Deus! Cecília, está a assustar-me — disse Jenny, jovialmente. — Há no seu rosto e nas suas palavras tal expressão de terror, que me mete medo! Praticaria de facto algum crime?.

Estas palavras de Jenny, e ainda mais o tom em que foram ditas, fizeram rir Cecília e atenuaram muito a timidez com que lutara até ali.

— O que eu quero então — disse ela — é que me deixe continuar, enquanto falo, a cercadura deste cabeção, que ficou em meio. Não sei de que é, mas acho-me mais à vontade tendo os olhos entretidos.

— Como quiser; mas, nesse caso, deixe-me ocupar também os meus, examinando o fundo da saca.

— Não trago mais nada, a não ser.

— Está bom, está bom; eu verei o que é. Principie.

Aplicadas assim cada uma à ocupação que escolheram, Cecília principiou:

— Não sei se já lhe tenho falado nas filhas do major Matos, minhas vizinhas há bastantes anos e antigas companheiras de mestra.

— Muitas vezes. Bem sei.

— Estas meninas são muito boas, muito minhas amigas, mas.

Jenny ergueu os olhos para Cecília, sentindo-a hesitar.

Cecília prosseguiu:

— Mas sobretudo o que são. — digo-lhe isto a si, Jenny — são ainda mais amigas de se divertir. O génio do pai, tão alegre como o de qualquer rapaz de vinte anos, não desmereceu nas filhas, que todos os dias inventam novos divertimentos.

— É uma felicidade ter um génio assim, pois não é? — disse Jenny, examinando um pequeno bordado.

— Isso não vale nada — acudiu Cecília, reparando também — não sei como o trouxe aí.

Jenny arredou-o com a mão e fez-lhe sinal que continuasse.

— Mas enquanto às minhas amigas — prosseguiu Cecília — trabalhadeiras são elas; isso lá são, coitadas; mas, não faz ideia, numa hora de descanso. às trindades, por exemplo, já não pensam senão em como hão de passar o domingo seguinte, e aí vão lembrar ao pai um passeio pelo rio acima, um jantar na Pedra Salgada ou em Fonte da Vinha, um almoço a Leça ou à Foz, uma noite ao teatro, e é raro que o pai, que é perdido por elas, não as satisfaça em

alguns destes projetos, que demais a mais lhe agradam a ele também, é preciso que se diga. Muitas vezes convidam-me e, devo-o confessar, têm-me valido muitas horas de verdadeira distração, isso têm. É uma família muito boa, e o meu pai não põe a menor dúvida em deixar-me ir com ela para toda a parte.

— Estava à espera de uma confidência que me fizesse estremecer, espantar, e saem-me coisas tão naturais e tão boas que, confesso-lhe, menina, chego a estar desgostosa — disse Jenny, fechando o saco de marroquim, onde acabara de guardar todos os bordados, e dando às feições um fingido ar de mortificação.

Cecília sorriu a esta reflexão, mas acrescentou:

— Ainda é cedo. Não se apresse a julgar, que pode ter de contradizer-se depois. Havia muito tempo já. ora eu sei?. desde o ano passado, que estas meninas tinham entre si combinado um projeto, mais difícil porém de executar do que nenhum dos outros. Queriam por força que eu tomasse parte nele. Ao princípio disse-lhes que não; mas tanto me pediram, tanto me convenceram de que não havia nada a recear, que eu acabei por prometer que sim. Repare, Jenny,

repare. Olhe que principia aqui o mau da minha história. O projeto era.

— Espere; deixe ver se sei — incendiar a cidade?

— Ora!

— Fazer uma revolução no país?

— Está a brincar?

— Partirem todas para a Crimeia?

— Jenny!

— Às cautelas e hesitações com que está.

— O projeto era irmos todas mascaradas ao teatro.

— Ah! — disse Jenny, não podendo reprimir um gesto e um movimento de estranheza.

Cecília, que elevara os olhos para ela, percebeu-lhos.

— Eu não disse? Veja como principia já a.

— Não é por isso, mas. Continue — replicou Jenny, com mais curiosidade, e não desviando já os olhos de Cecília.

— Este projeto — prosseguiu a filha de Manuel Quintino — tinha, como lhe disse, grandes dificuldades. O major, tão amigo de fazer a vontade às filhas, não quis ouvir falar em tal. Elas porém é que já não podiam tirar aquilo da ideia.

— E foram? — perguntou Jenny.

— Havia muito que andavam à espera de ocasião. E o Carnaval a fugir-lhes! Há de haver porém três dias que o major foi, por negócios militares, obrigado a sair da cidade.

— Então?.

— As filhas ficaram sós em casa com uma tia delas, muito boa senhora, mas que não sabe recusar-lhes nada. Que mais queriam?

— Foram?

— Foram; ontem mesmo. Se parece que tudo se lhes preparou como elas desejavam!

— E a menina? — interrogou Jenny, cada vez mais preocupada com o que ouvia.

— Tinham-me convidado para ir de tarde a casa delas. Depois de lá estar, mandaram, sem que eu soubesse,

recado ao meu pai de que eu voltaria tarde, pois tinha de ir com elas a uma reunião em casa de umas senhoras suas amigas.

— Visto isso.

— Era noite, quando me apresentaram um dominó e me comunicaram o seu projeto. Eu ainda lhes pus algumas dúvidas, mas.

— Foi?

— Fui. Ah! Como está já tão séria! Não o dizia eu?

Efetivamente Jenny não teve poder de disfarçar a impressão que lhe estava fazendo a confidência de Cecília, já pela natureza dela, já pela semelhança com a que do irmão ouvira poucas horas antes.

— Prometi dizer-lhe a verdade, Cecília — principiou Jenny, tomando com afeto as mãos da sua amiga, que interrompera o trabalho já — e seria faltar à minha promessa ocultar-lhe que me parece ter sido algum tanto aventurada essa resolução. Umas poucas de senhoras, sós, num lugar como aquele, onde dizem que concorre tanta e tão diversa qualidade de gente!. Enfim, eu não sei bem, e

pelos resultados é que melhor se pode julgar destes meus receios, que talvez sejam exagerados. e são decerto.

— Não são, não, Jenny. Olhe; eu, ao princípio, para lhe falar verdade, ia com certa curiosidade. Só me custava que tivesse sido necessário enganar o meu pai, mas, como não fazia a menor ideia do que fosse um baile de máscaras, estava com desejos de ver; e, demais a mais, a irmã do major ia connosco.

— E depois?

— Entrámos no teatro, seriam dez horas, íamos todas mascaradas. Por sinal que me ri muito com a máscara que levava a irmã do major. É notável! Foi a primeira que apareceu e tinha alguma semelhança com a cara dela. Assim como as caricaturas, que logo à primeira vista se conhece de quem são.

E Cecília quase se distraía com a incidente reflexão acerca da máscara; Jenny chamou-a, porém, ao assunto.

— Mas vamos ao que lhe sucedeu.

— Ah! É verdade. Andámos primeiro por alguns camarotes em que estavam senhoras do conhecimento das

minhas companheiras e a quem elas falaram, sem serem conhecidas. Diverti-me com isto. Que graça achei a uma senhora idosa, a quem se meteu na cabeça que nós éramos umas suas parentes de Braga, terminando em chamar-me a sua Joaninha! Coitada! Ficou tão desconsolada, quando, espreitando-me os cabelos, conheceu que se havia enganado, que deveras fazia pena! — «E não é! veem, que tristeza a minha?!» — dizia ela tanto do coração, que eu não tive mão em mim que a não abraçasse e beijasse; arrisquei-me assim a ser vista e a dar a conhecer as outras, que depois muito me ralharam por causa disto. Mas se eu não pude!

— Vamos — disse Jenny, sorrindo à sensibilidade da amiga. — E o resto da noite?

— Ai, Jenny, o resto da noite. — respondeu Cecília, suspirando, como se lhe fosse custosa a confissão, e continuou: — Entrámos na sala. Nunca foi a um baile desses? Pouco perdeu. Que calor! Que confusão! Um quarto de hora depois de ali entrar, já suspirava por sair; mas elas nem pensavam nisso. Era meia-noite talvez, vim sentar-me, cansada, enfastiada de todo aquele tumulto.

Neste ponto Cecília parou, como se o que tinha para dizer lhe causasse maior perturbação.

Jenny não pôde deixar de sorrir pela semelhança que esta parte da confidência tinha com a do irmão.

— Pouco tempo depois — prosseguiu Cecília — veio sentar-se junto de mim. uma pessoa.

Um alfinete fez sentir, não sei como, a necessidade de que as atenções se aplicassem todas para ele, e Cecília não recusava atender, em tais casos, às reclamações dos seus alfinetes.

Ocupada portanto a pregá-lo, ou não sei se a despregá-lo, continuou:

— Uma pessoa que eu conhecia; olhou para mim e… conquanto não supusesse quem eu era, falou-me; respondi-lhe, e por muito tempo ficámos a conversar.

— Em quê? — perguntou Jenny, com modo natural.

A esta pergunta, Cecília hesitou.

Passados porém alguns instantes, respondeu:

— Eu sei? Em muitas coisas; e é certo que bem agradavelmente; mas cedo depois vieram outros, menos delicados do que este...

— Do que este?! Ai, visto isso, era um homem? Não tinha entendido bem — notou Jenny, com ligeiro ar de malícia.

— Era; pois que tinha eu dito? Ah! sim. uma pessoa. Era um homem, era. Os que vieram fizeram-me ver mais claro a imprudência do passo que tínhamos dado.

Jenny não perdia agora uma só palavra, uma só inflexão, uma só cambiante de cor que observava em Cecília. Esta não o percebia, porque os alfinetes estavam de uma impertinência, que nem lhe deixavam atender a mais nada.

No entretanto dizia:

— O mesmo sucedeu às minhas amigas; preparámo-nos logo para deixar o baile. Vendo, porém, que nos seguiam, socorri-me ao cavalheirismo do que primeiro me falou, e isso nos valeu.

— Ah!

— Serviu-nos de guia e protetor através das ruas ainda cheias de máscaras; mas insistia depois em nos conduzir a casa. Tremi ainda mais com esta insistência do que com a dos outros. Este conhecia o meu pai e se soubesse. Oh, meu Deus!. Por mais que lhe rogássemos, não queria deixar-nos; eu, perdida de susto, pedi a Deus uma inspiração. A inspiração veio e foi poderosa. Ele deixou-nos afinal, e nós entrámos em casa... mas eram quatro horas da manhã.

O que faltara à confidência podia Jenny bem supri-lo de per si; desviando porém os olhos disfarçadamente, ponderou como se pretendesse desenganar-se:

— Falta-lhe agora dizer, Cecília, para ser completa a confidência, quem era esse homem e qual foi a inspiração que Deus mandou à menina.

Desta vez também os alfinetes de Jenny parecia exigirem certos cuidados, que ela lhes concedeu.

Cecília balbuciava com manifesto enleio:

— Ah! Quem era?. não sei; isto é. quero dizer. era.

Jenny pegou-lhe na mão.

— Seja franca até ao fim — disse-lhe em tom de insinuante amizade. — Esse homem era meu irmão.

Cecília estremeceu e olhou espantada para Jenny.

— Como o sabe?

Sei tudo — replicou Jenny, apertando-lhe a mão com afeto. — E sei também a inspiração que teve e agradeço-lha.

— Sabe? Mas então.

— Carlos tem o costume de me contar tudo, e ainda esta manhã. há pouco. me tinha dito.

— Tudo? — perguntou Cecília de uma maneira particular e corando.

— Tudo — respondeu Jenny, dando a esta palavra uma inflexão e animando-a de um sorriso, que aumentaram a intensidade deste rubor.

Como o leitor viu, tinha havido importante omissão na confidência de Cecília, omissão que aquele «tudo» de Jenny lhe mostrava agora ter sido inútil.

— E que opinião fazia ele. que opinião fazia o Sr. Carlos de mim? — perguntou Cecília com verdadeira inquietação.

Jenny revestiu-se de seriedade e refletiu algum tempo, antes de responder.

Não se imagina como se faziam extraordinariamente belas as feições de Jenny sob a influência deste ar de reflexão, que tão frequente lhe fixava o olhar e lhe desenhava uma ligeira ruga na cara.

Cecília consultava com aparente sobressalto aquela fisionomia expressiva.

— Olhe, Cecília — disse Jenny por fim — como a menina ainda agora o reconheceu, não foi por certo prudente o passo que deram. A necessidade de o ocultar do seu pai era bastante prova disso, quando nada tivesse acontecido que melhor o provasse ainda. Carlos procedeu bem e mal; bem em as proteger; mal, depois. Ele devia ter sempre na ideia, como eu lhe disse, que alguma pessoa bem-educada, e que de facto tinha desejos de ocultar-se, podia ser essa máscara que ele, depois de proteger, perseguia. Disse-lho há pouco ainda, mas. sabe o que ele me respondeu?

— Que foi?

— Se eu lho digo, Cecília, é para que a menina faça sempre o que lhe aconselharem os pressentimentos do seu bom coração, e creia que são excelentes as inspirações que lhe vierem daí. Quando eu dizia a Carlos que imaginasse que era eu mesma a que estava debaixo daquele dominó, e a que me via perseguida, respondeu-me que não havia probabilidades disso, porque. pessoas que.

— Oh! Não diga mais, Jenny, não diga mais — atalhou Cecília, quase fechando-lhe os lábios com a mão; e os olhos inundaram-se-lhe de lágrimas que, umas após outras, lhe rolaram pelas faces.

Era uma das irresistíveis expansões daquela impetuosa natureza.

— Bem vê, Cecília — prosseguiu Jenny com afeto —, bem vê que não tinha razão Carlos no que supunha. A culpa toda era dele. E agora não se aflija, menina. Afligir, porquê? Foi uma brincadeira de raparigas e sem consequências, além daquelas — acrescentou sorrindo — de que nem a inspiração, que Deus lhe mandou, a pôde livrar. E se isto a faz chorar assim, o que há de deixar para os infortúnios reais?

— Jenny, prometa-me nunca dizer a. a ninguém que era eu.

— Sossegue. Dentro em pouco nem eu mesma o sei já.

— Oh! meu Deus, só o supor!.

Jenny conseguiu serenar a rápida tempestade que turbara o espírito de Cecília, e distrair-lhe a atenção para outros objetos.

Antes de sair de casa de Mr. Richard, já ela tinha rido, e, quando entrou na sua, trazia o espírito tranquilo, e respirava com o desafogo dos dezoito anos e daquela índole sem preocupações.

Feliz idade e feliz coração!

CAPÍTULO XIII

VIDA PORTUENSE

Manuel Quintino habitava num a rua próxima do extremo ocidental da cidade, afastada assim do maior bulício dela — bulício que, desde as três horas da tarde até às seis da manhã, era para o guarda-livros insuportável.

Os gostos de Manuel Quintino tinham de facto variações diurnas tão regulares como as de um instrumento meteorológico.

Nas horas de vida comercial impacientava-o o sossego do bairro em que vivia; ao romper do sol por detrás dos outeiros, que ele avistava ao longe das janelas do seu quarto, tomava-o a febre do trabalho; o cantar matutino das aves por entre os arbustos do quintal, a não ser aos domingos e dias santos, não o tentava a ficar a ouvi-las; parecia que mais belezas de harmonia achava nos gritos dos vendilhões que enchem as ruas da cidade baixa. Pelo

contrário, ao declinar da tarde, entrava-lhe no coração a nostalgia doméstica; começava a odiar o escritório, a Rua dos Ingleses, o burburinho das praças, e a suspirar, como o expatriado, pela alegria do regresso; extasiava-se em ver de casa descer o astro do dia, e sumir-se no oceano; espetáculo magnífico, ao qual da varanda da sala de jantar assistia com o prazer do espectador que de um camarote de frente presenceia fascinado a vista final de glória de um drama sacro.

O arranjo interior da pequena casa de Manuel Quintino exprimia certo bem-estar, certo conforto, que principiava a querer transpor os limites que o separavam do luxo.

Permitiam-no os ordenados que Manuel Quintino, como primeiro-guarda-livros, recebia das mãos de Mr. Richard, mãos nunca tão apertadas que não deixassem sair algumas mealhas mais do que o ajustado.

Preciso é porém confessar que o espírito económico e a inteligente administração de Cecília concorriam em grande parte para este resultado. Pelas suas mãos, de bem pequenas afeitas ao trato doméstico, tão escrupulosamente regulados andavam os capitais, que não só satisfaziam ao

necessário, mas derivavam-se ainda para o que se pode já dizer supérfluo.

Escusado é quase acrescentar que Cecília era o ídolo de Manuel Quintino. Nela se concentravam todas as afeições do velho. Tinha apenas seis anos a filha, quando lha deixara confiada a esposa, que ele chorava ainda; enquanto cercava a inocente de constante vigilância e de cuidados assíduos que, por inspiração do coração, soubera amenizar de carinhos e de meiguices verdadeiramente maternais, robusteceu-se-lhe aquele amor a ponto de referir daí por diante a ele todos os outros sentimentos que o moviam.

Nunca lhe pareceu demasiada qualquer despesa feita com Cecília.

Empenhou-se em dar-lhe uma educação esmerada e conseguiu-o.

Exultava de prazer, vendo crescer, em vida, em inteligência, em bondade, aquela bonita criança, junto de cujo berço velara noites e noites, pensando no futuro dela.

Pouco a pouco, deixara-se possuir de um respeito, de uma veneração pela filha, que tinha seus vislumbres de

idolatria.

A primeira madeixa loira cortada aos cabelos de Cecília, ainda menina, trazia-a o velho sempre consigo, como talismã milagroso; o menor bilhete, dos que ela lhe escrevia para o escritório, a respeito de qualquer negócio doméstico, arquivava-o, como relíquia, que seria profanação deixar perder.

Tinha puerilidades Manuel Quintino! — puerilidades que só farão rir aos poucos que as não tenham tido iguais. Movia-o, quase até às lágrimas, qualquer frase afetuosa daquelas insignificantes correspondências.

Como ele era feliz lendo, no alto do bilhete, por exemplo: «Meu bom pai» ou «Meu querido pai», e no fim dele — «sua extremosa filha» ou «sua filha obediente».

Por irresistível impulso aproximava dos lábios aquelas palavras e beijava-as com fervor.

Quando, no meio do trabalho quotidiano, que ele, como vimos, executava com uma fleuma e regularidade que deviam fazer supô-lo homem pouco sujeito a expansões, a

ideia de Cecília lhe passava pelo espírito, tinha movimentos de criança.

Pousava a pena, interrompia a conta, correspondência, ou o que quer que fosse em que estivesse ocupado, para esfregar as mãos de contente, como o rapaz de escola ao acudir-lhe de súbito a lembrança de um feriado próximo.

Às vezes não resistia a dar dois passeios no escritório, trauteando, e a vir à janela, com a pena na orelha, a espreitar, por entre os vidros, a altura do Sol.

Ao voltar a casa, Manuel Quintino não se distraía pelas ruas; procurava as travessas e atalhos mais solitários, para evitar importunos; tardava-lhe a conversa da filha.

Quando na presença dele se falava em alguma epidemia que principiasse a ameaçar a cidade, já o bom homem não podia dominar um terror intenso; revelava-se-lhe no rosto em caracteres bem evidentes e havia-lhe conquistado a reputação de pusilânime, entre os seus colegas mais novos; já até se divertiam, mal suspeitavam com que crueldade, a despertar frequentes vezes estes receios pânicos.

A ideia do risco pessoal não era porém a que o fazia empalidecer; um só receio, uma só lembrança o torturava então, era a do perigo que podia correr a vida de Cecília.

Não se concebe em que espécie de loucura o lançou uma doença da filha. O serviço do escritório foi pela primeira vez perturbado na sua marcha regular, e a correspondência, em cuja nitidez caprichava Manuel Quintino, não raro lhe saía das mãos toda manchada de lágrimas. No dia em que o médico lhe deu, sorrindo, a certeza de que Cecília estava salva, Manuel Quintino não teve mão em si, que se não atirasse, a rir e a chorar, aos braços dele, chamando-lhe seu benfeitor e beijando-o com paixão.

Esta crise exacerbou aquele já extremoso amor de pai.

Não havia sábado em que Manuel Quintino, parco em excesso talvez consigo, e que por isso granjeara entre os amigos a imerecida reputação de avarento, entrasse em casa com as mãos vazias, sem um mimo, uma lembrança para Cecília, arrostando com as meigas exprobrações desta e com os seus mal simulados arrufos.

Quantas vezes ele fazia, como costuma dizer-se, vista grossa para o azulado ameaçador dos cotovelos e das costuras do casaco, para as quebras lastimosas do seu chapéu de seda, só com o fim de poupar algumas libras e comprar um xaile, uma marquesa, um vestido novo a Cecília!

Só depois de repetidas insinuações, pedidos, e até afetuosas ameaças da parte da filha, só depois de ela haver esgotado os mil recursos da sua eloquência, é que Manuel Quintino se decidia, enfim, a olhar por si e a atender às necessidades próprias.

O meio mais poderoso a que, para isso, Cecília recorria era pedir-lhe que a acompanhasse a um lugar público qualquer. Então o guarda-livros, que não aprendera a recusar-lhe nada, prometia, pensava, coçava a orelha, examinava o fato, torcia o nariz, resmungava e, no dia ajustado, ele aí se apresentava de uniforme novo, para servir de cavalheiro à filha.

A ideia de a fazer passar por uma vexação realizara o milagre e vencera a sua modesta repugnância.

Cecília sabia-se objeto deste culto, e retribuía-lho com atenções e carinhos, que deixavam compreender ao pai o que devia ser a felicidade suprema.

O leitor, costumado a passar a noite no teatro, nos bailes ou nas assembleias, mal pode fazer ideia do prazer íntimo com que Manuel Quintino via escurecer a tarde e cintilarem, ainda pálidas, as primeiras estrelas no céu.

Preparava-se-lhe um desses gozos plácidos, que são mal concebidos por quem deles anda arredado em hábitos de vida mais turbulenta; mas aos quais não há talvez carácter ou temperamento humano, que não corra o perigo de habituar-se, se por algum tempo lhes experimentar as doçuras.

É mais fácil, e mais vezes se realiza, a transição da vida errante, tumultuosa e agitada para estes monótonos prazeres do viver doméstico, do que a inversa; como se o pendor natural da índole do homem o chamasse mais para ali.

Os serões de Manuel Quintino, aqueles seus tão apreciados serões, passavam-se todos com uniformidade tal, que, por

um, se ficava, com raras exceções, a conhecê-los todos.

O fim da tarde e a noite daquele dia em que se passou a parte das cenas que havemos descrito até aqui podem oferecer-nos uma perfeita amostra deles.

Manuel Quintino, depois de jantar, viera assistir, da varanda do ocidente, ao espetáculo do crepúsculo e regalar a vista por sobre as quintas, jardins, casas e alamedas do vasto panorama que o mar cingia de zona prateada.

A tarde estava de chuva, mas o vento de sudoeste conseguira romper o extenso manto que cobria o firmamento e, mostrando um pouco do azul da abóbada celeste, deixava que o Sol, no ocaso, dourasse as últimas nuvens, que daquele lado limitavam o horizonte.

As ocupações domésticas de Cecília só de vez em quando lhe permitiam assomar também à varanda, e, recostando então o braço ao espaldar da cadeira do pai, fazia notar a este as particularidades de beleza daquele vasto quadro, que o espírito pouco analítico do velho somente apreciava em globo.

— Repare naquela nuvem cor-de-rosa. Não parece mesmo uma ave com as asas abertas? — perguntava Cecília, designando uma das tais nuvens que o Sol tingia de reflexos afogueados.

— Uma ave! — dizia Manuel Quintino, fitando o objeto designado. — Então como te parece uma ave aquilo, menina?

— Pois não acha? Olhe; vê ali a cabeça, depois uma asa, depois a outra? Olhe, agora ainda parece mais; até a cauda se conhece bem.

— Eu. se queres que te fale verdade. — continuava Manuel Quintino, sem perceber ainda a semelhança.

— Olhem que pai este! Pois deveras não vê? Para onde é que está a olhar?

E Cecília vinha colocar a sua bonita cabeça na posição da de Manuel Quintino, e tão perto, que o pai não perdia a oportunidade de lha beijar na cara.

— Ora diga, pois não lhe parece uma ave aquilo? — insistia Cecília.

— Eu. Ah! agora sim! — exclamou o velho, tendo afinal percebido a semelhança. — Agora, sim, senhora! Lá está, e que grande bico que ela tem! Eh! eh! eh!. ora o diacho!

— A menina faz favor de chegar aqui.

Era a criada Antónia que reclamava o conselho de Cecília em alguma dificuldade de administração doméstica.

Antónia era um tão genuíno tipo de criada de servir, que dispensa descrição.

Cecília retirou-se da varanda. Manuel Quintino permaneceu com os olhos fitos no sítio, para onde lhos dirigira a filha, até que a nuvem cor-de-rosa de todo se descoloriu e desformou.

Então baixou-os para a terra e pensava... na sua felicidade.

Passados instantes, Cecília aproximou-se pé ante pé, e, sem ser pressentida, veio por detrás dele e tapou-lhe os olhos com as mãos, perguntando:

— Adivinha quem eu sou?

— Ora tem muito que adivinhar! — respondeu Manuel Quintino, gracejando. — Pelas mãos se conhece logo. É a

aguadeira.

— Ora vamos! — exclamou Cecília, rindo. — Mas para onde é que estava a olhar assim entretido, que nem me viu?

— Estava a ver umas obras que além se andam a fazer. Aquilo, se não me engano, é na casa do conselheiro Arantes.

— Ora se há de olhar para acolá, para aquelas árvores, põe-se a reparar nessas casarias! Não lhe apetecia estar ali, debaixo daqueles carvalhos?

— Não é nenhum impossível; se quiseres.

— Então promete levar-me lá?

— Prometo tudo o que tu quiseres.

— Veja o que diz! Depois, se lhe pedir alguma coisa difícil!

— Eu já estou costumado às tuas exigências.

— Sim? Pois eu tenho uma coisa a pedir-lhe.

— Há de ser grande.

— E é, promete fazê-la?

— Diz lá.

— Mas promete?

— Mas diz primeiro.

— Não, senhor, prometa antes.

— Bem sabes que te não digo que não.

— Mas então que dúvida tem em prometer?

— Está bom, prometo.

— Dá-me a sua palavra?

— Dou a minha palavra — disse Manuel Quintino, rindo.

— Pois o que eu queria pedir-lhe — disse Cecília, passando os dedos por entre os cabelos brancos do pai — era que comprasse outro guarda-chuva, que, a falar verdade, aquele sempre está!.

— Ora! Pensei que era outra coisa!

— Não importa; mas prometeu.

— Pois sim; mas escuta.

— Agora escuto, que tenho mais que fazer.

E retirava-se apressada para não ouvir, dizendo:

— Não quero saber, prometeu!

Daí a pouco era o pai que a chamava.

— Cecília, ó Cecília! Anda depressa ver um vapor no mar.

Cecília correu à varanda.

— Vês?

— Agora estou como o pai há pouco com a nuvem.

— Pois não vês?! Olha; aqui mesmo ao direito daquela chaminé; entre aquela entreaberta de pinheiros.

— Bem vejo. Entra ou sai?

— Quer entrar; mas com o rio assim! Aquilo é vapor inglês. Ora traz-me o óculo.

— Agora é quase noite e não pode distinguir nada. E demais está frio, não será mau fechar a janela e vir cá para baixo. Eu tenho também de trabalhar e preciso de acender a luz mais cedo.

— Pois então vamos.

Principiava então ainda mais agradável passatempo para o honesto guarda-livros.

Desciam para a sala contígua ao quarto de Manuel Quintino; sala modestamente mobilada, mas em cada particularidade da qual se revelava o bom gosto de Cecília. Se ali dentro se não encontrava nenhum móvel de alto preço, nenhum objeto de elegância luxuosa, não havia também as ridículas demonstrações de um gosto grosseiro, amontoadas sem ordem, adquiridas sem escolha.

Descobria-se em todo aquele recinto um asseio e conchego que fazia bem contemplar.

Manuel Quintino sentava-se junto da mesa do trabalho, num a cadeira de braços, verdadeiramente patriarcal; Cecília trazia luz, fechava as janelas, pousava a cesta da costura e vinha sentar-se ao lado do pai.

Manuel Quintino contava alguma coisa do ocorrido no escritório; Cecília correspondia-lhe, referindo o que, na ausência de Manuel Quintino, sucedera em casa.

Naquela noite o pai falou muito de Carlos, das suas travessuras, do seu estouvamento, dos enganos que

naquela manhã lhe fizera ter na escrita, do episódio da aguardente, dos sentimentos de Mr. Richard para com o filho e, sobretudo, do bom coração do rapaz.

Cecília escutava-o com atenção, sem nunca o interromper com perguntas, mas também sem nunca levantar os olhos da costura, para os fitar no pai.

Nisto retiniu a campainha do portal.

— Aí está o homem — disse Manuel Quintino.

— Antónia, vá iluminar — bradou Cecília.

Ouviu-se Antónia descer pesadamente as escadas, depois algumas palavras trocadas no portal, os passos de duas pessoas subindo, e o homem, que Manuel Quintino parecia esperar, entrava para a sala, tirando o chapéu e cumprimentando os circunstantes com a invariável fórmula:

— Muito boas-noites, Sr. Manuel Quintino; muito boas-noites, menina.

Este homem era um vizinho e amigo de Manuel Quintino, que, havia muito tempo, ganhara o hábito de vir todas as noites ali ouvir ler os jornais, tomar chá e sustentar com o

guarda-livros o mais soporífero e descosido diálogo que se pode conceber, retirando-se enfim, ao bater das nove horas, depois de agasalhar o pescoço com uma manta de lã, a qual levava sempre de prevenção para toda a parte. Chamava-se José Fortunato; fora em tempo negociante de cereais; nesta época era proprietário de prédios velhos, possuidor de papéis de crédito, homem de hábitos pacíficos e ideias conservadoras, modesto no vestir, discreto no falar, fazendo ao jantar o seu forte no cozido, e, entre as maiores extravagâncias da sua vida atual, contando a de comprar, de vez em quando, uma lagosta para comer de salada.

Era destes sujeitos fiéis observadores das leis comerciais e rigorosos nas suas contas, a ponto de poderem parodiar uma das petições do Padre-Nosso, dizendo: — Fazei que nos paguem, Senhor, as nossas dívidas, assim como nós pagamos aos nossos credores.

Esta quotidiana visita a Manuel Quintino tornara-se já para o Sr. Fortunato uma necessidade, e de igual forma a presença e o conversar do ex-negociante de cereais, conquanto pouco férteis em distrações, não eram menos precisas ao pai de Cecília, que estava naquela idade em que

os hábitos imperam com mais força e menos se amoldam os génios às exigências de hábitos novos.

Passados os cumprimentos de tarifa, José Fortunato tomava assento ao lado de Manuel Quintino, e principiava entre eles um diálogo, que, com as variantes que o leitor prevê, era deste teor e forma:

— Muito frio, Sr. Fortunato — dizia um.

— E muita chuva — respondia o outro, ajeitando-se. — Esteve hoje lá em baixo?

Pergunta ociosa.

— Estive.

— Então que se diz de novo?

— Nada.

— O rio vai muito cheio?

— Parece que começa a baixar um pouco.

— Sempre está um tempo, santo nome de Deus!

— E que desgraças tem já causado!

— Que eu dou-me melhor com o frio — acrescentava daí a instantes Manuel Quintino.

— Eu digo-lhe, eu também, para que digamos, não passo mal no Inverno; tenho mais apetite; mas esta catarral.

Tossia, para exemplo.

Todos os dias diziam isto um ao outro.

— Para as terras é que isto vai mal.

— Já tudo está por a manta de Judas.

Frase da linguagem popular, que quer dizer, não sei porquê, que tudo está caro.

— Pois a carne?!

— Se deixaram ir todo o gado para o estrangeiro! Devia fazer-se uma lei que proibisse esse desaforo.

Alvitre económico que ainda não perdeu de moda.

— Isto está o diacho!

Este apotegma fechava quase sempre, e com chave de ouro, o diálogo. Calavam-se os dois.

Cecília, que esperava por este silêncio e já por hábito sabia o que significava, ia então buscar as folhas do dia e preparava-se para ler; os dois velhos dispunham-se a escutar.

Qualquer deles experimentava um prazer indefinível em ouvir ler Cecília.

Lia com tanta inteligência e graça, que o Sr. José Fortunato confessava que muitas vezes, ouvindo-a, entendia coisas em que debalde tentara penetrar, a grandes esforços de leitura própria.

Era uma cena curiosa aquela.

A compaixão paternal só perdoava a Cecília a secção dos anúncios; o mais tudo lhes lia a condescendente rapariga; o artigo de fundo, com resignação; com intrepidez, as notícias estrangeiras; com curiosidade, as locais; o folhetim, com mais vontade, e tudo sem o menor constrangimento que pudesse aguar aquele prazer dos seus ouvintes.

O génio de Cecília nem sempre lhe permitia proceder, sem comentários, àquela leitura toda. A apologia exaltada do

governo interrompia-a ela às vezes com um aparte capaz de produzir crise ministerial, se fosse escutado nas Câmaras; uma catilinária, acerbamente oposicionista, desafiava-lhe reflexões que neutralizavam o contágio antigovernamental que principiava a fazer das suas nas profundas convicções de ordem do Sr. José Fortunato.

O leitor deve estar certo de que, por aquele tempo, monopolizavam a curiosidade pública as variadas peripécias da Guerra da Crimeia.

Cecília era obrigada a ler aquelas descrições de carnificina que todos os dias enchiam as colunas dos periódicos; isto o fazia ela sempre com a cara contraída de desgosto.

Manuel Quintino era pelos aliados, José Fortunato esposava a causa dos russos — um e outro sem saberem bem porquê. Cecília era só pelos mortos e feridos.

Um dia, parou no meio da descrição de um dos mais sanguinolentos encontros dos dois exércitos, para interpelar o pai sobre a causa desta guerra implacável.

A pergunta embaraçou consideravelmente Manuel Quintino, que olhou para o Sr. José Fortunato, como a ver

se lhe vinha auxílio dali; o Sr. Fortunato o mais que pôde dizer foi: — «Que a guerra era lá por causa de umas coisas.»

Cecília também não exigiu saber mais.

— «Os russos. — leu ela naquele serão — fazem fogo durante a noite sobre o campo dos aliados; estes abstêm-se de responder.»

— Têm medo — comentou logo o Sr. José Fortunato, com um sorriso.

— Isso é plano! — acudiu Manuel Quintino, com ares de quem entrava no mistério.

— «Os atiradores aliados respondem, porém, de dia com proveito» — continuava Cecília.

— Então? Era ou não era plano? Eu logo vi — exclamou Manuel Quintino, exultando.

— Balas perdidas — replicava o outro, encolhendo os ombros com desdém.

— «Os soldados — prosseguiu Cecília — pedem com entusiasmo ao general em chefe que dê a batalha» — e,

acabando de ler isto, fez um gesto de aversão.

— Pois vão para lá! — respondia o Sr. José Fortunato, como homem que conhecia a preceito os recursos de defesa da praça.

— «Em Sebastopol há 2000 bocas-de-fogo» — lia ainda Cecília.

José Fortunato olhou para o seu amigo, com gesto provocador e triunfante; parecia que o convidara a atacar, propondo-se ele a defender com aqueles auxiliares.

Em seguida Cecília leu que Vassif-Pachá acabava de tomar o comando do exército da Ásia.

Foi a vez de Manuel Quintino pagar o gesto do outro, como se depositasse grande confiança no Vassif e nas operações campais do exército da Ásia. Mas o gesto de triunfo foi maior ainda quando ouviu que, a 30 de Janeiro, partira para a Crimeia Ulrich, que ele não sabia quem era, com a guarda imperial francesa; José Fortunato só teve, a compensar-lhe o receio desta acometida, a notícia de que estavam 6000 russos em Pruth.

As notícias locais eram o terreno neutro onde caminhavam a par, e sem conflito, as curiosidades do auditório.

Uma coisa não podia Cecília perdoar aos localistas, era que tratassem levianamente certos assuntos tristes: a prisão de um pobre, uma desordem doméstica, uma tentativa de suicídio, por exemplo. Impacientava-se com isto, e formulava um voto de censura, que Manuel Quintino e José Fortunato apoiavam.

O noticiário vinha então abundante de descrições de desastres, causados pela cheia do Douro.

Era com consternação que Cecília lia a narração de tantas misérias. Comoveu-a sobretudo um facto verdadeiramente trágico, do qual ainda haverá talvez no Porto quem conserve memória. O irmão de um piloto de um dos navios que a corrente arrebatara, depois de tentar em vão salvar o irmão em perigo, perdeu a razão, vendo-o sucumbir; e esta dupla catástrofe feriu de morte o velho pai de ambos. Manuel Quintino, que tinha razões para saber o que era o amor de pai, limpou uma lágrima a ocultas. José Fortunato, com ser boa criatura, tinha, em circunstâncias assim,

certas observações secas, de fazerem perder a paciência a um santo.

Ouvindo ler aquilo, disse:

— Ora! Isso é história! Os gazetilheiros às vezes.

— História! Ó Sr. Fortunato, por quem é! — exclamou Cecília impaciente. — Lembre-se de que é um irmão a querer salvar um irmão, e a vê-lo morrer; de que é um pai que perde dois filhos; não acha ainda razão de mais para a morte ou para a loucura?

— Pois então o outro que não fosse meter-se ao perigo; devia lembrar-se.

— Ora devia lembrar-se!. Quem se lembra de nada naqueles momentos? O Sr. Fortunato tem coisas!

Fortunato já estava arrependido do que dissera.

— Com menos motivos — acudiu Manuel Quintino — se arriscou há tempos na Foz o Carlitos, lá o filho do meu patrão. Virou-se no meio do rio um pequeno barco valboeiro, que ia governado por duas crianças, uma das quais nem sabia nadar; e ele, que andava às gaivotas com

outros ingleses — que é o seu gosto — não esperou mais nada e zás. mergulhou como um peixe e salvou a criança. Depois continuou a caçar, com a roupa molhada no corpo, ainda por muito tempo, em termos de ganhar qualquer doença.

Cecília estava tão entretida a examinar não sei o quê, que vinha no periódico, tão perto tinha os olhos das letras, que julgo nem dava atenção ao episódio narrado por Manuel Quintino.

É verdade que, assim que o Sr. José Fortunato, depois de ouvi-lo, disse, com os seus modos secos: — «Estroinices», Cecília levantou a cabeça com ímpeto e fitou-o corando e com uma expressão pouco lisonjeira para o velho.

Eu não sei bem explicar este movimento num a pessoa distraída, como ela estava, movimento que aliás não teve consequências, pois, voltando à posição anterior, passou a ler o folhetim.

Esta parte ouvia-a Manuel Quintino dormitando. Não lhe levem isto a mal os folhetinistas. José Fortunato, pelo contrário, ouvia-a com ardor; a maneira de ler de Cecília

inoculara-lhe o gosto dos romances. Tomava agora pelas peripécias um calor exagerado. Para ele era ponto de fé que tudo aquilo acontecera, e que tinham vivido, ou viviam ainda, os personagens entre quem se travava a ação. Censurava por isso com a mesma violência e louvava com a mesma satisfação esses heróis fantasiados, como se fossem membros reais da sociedade.

Lido o folhetim, Cecília passava o jornal ao Sr. Fortunato, e ia tratar do chá. Fortunato lia para si os anúncios.

Manuel Quintino passava então pelo sono.

Depois travava-se entre os dois um diálogo, todo cortado de bocejos contagiosos; — os assuntos eram para estes efeitos. Eis o programa desta noite:

Primeira parte: — Fortunato principia por dizer — «Pois é verdade». — Replica-lhe Manuel Quintino — que a vida estava para ele.

— «Queixe-se, que tem de quê» — diz o outro. — «E não tenho pouco» — responde Manuel Quintino. Dois bocejos de ambos os lados, e pausa.

Segunda parte: — Manuel Quintino queixa-se de umas dores de cabeça. Fortunato atribui-as ao tempo e esfrega os olhos. Manuel Quintino inclina-se a que seja antes do estômago. O outro aconselha-lhe que não use de café ao almoço. Bocejos recíprocos.

Terceira parte: — O Sr. Fortunato, olhando para o teto, nota que a sala tem diminuto pé-direito. Manuel Quintino responde que, para a largura, é o bastante. O outro diz algumas palavras sobre as vantagens dos estuques. Manuel Quintino concorda e procura uma transição para falar contra os senhorios; Fortunato responde-lhe com uma diatribe contra os caseiros. Reproduz-se um bocejo em Manuel Quintino, que se transmite ao outro.

Quarta parte: — Fortunato diz que está a expirar o Carnaval. — Manuel Quintino replica que lhe não deixa saudades. — Fortunato faz igual declaração. — Manuel Quintino vê com maus olhos a chegada da Quaresma, por causa das confissões. Discute-se quais os confessores mais passa-culpas. Manuel Quintino lembra-se de perguntar quem inventaria isto de confissões. Fortunato fá-las

remontar ao tempo dos Romanos, supremo grau de vetustez dele conhecido.

Desta vez os bocejos ficaram em meio, graças à entrada de Cecília e de Antónia com o tabuleiro do chá.

Era notável a transformação operada em Fortunato. Alegrava-o o aspeto das tostas e do leite. Então que querem? Não era que o homem precisasse daquilo; mas, enfim, todo aquele aparato bulia-lhe com a sensibilidade gustativa e, por os misteriosos laços do físico e do moral, lá se lhe ia entender com a alma por fim.

Esta satisfação interior desentranhava-se em amabilidades para com a Hebe doméstica daquela ambrósia — a Sra. Antónia.

— Ai, Sra. Antónia — dizia ele — assim é que é; cada vez mais nova.

— Não me diga isso, Sr. Fortunato; logo eu, que estou acabada.

— Acabada! Ainda mal principiou.

Eu não sei se era intenção do Sr. Fortunato terminar aqui a oração, cujo sentido fica um tanto obscuro. E não o sei, porque neste ponto Cecília interrompeu-o, dizendo-lhe:

— Faz favor de ver se está bom do açúcar, Sr. Fortunato.

— Excelente, menina; mas faz-me favor de mais uma colherinha. Assim, muito bem; mais uma agora e mais nada. assim. agora mais não. Está bem.

Depois de cada um tomar a sua posição respetiva, o Sr. Fortunato principiou a falar, misturando na boca as palavras com chá, com leite, e com tostas e bolos.

— Pois, menina, eu estou morto agora por ver se o tal meliante escapa da prisão.

— Pois quem foi preso? — perguntou Manuel Quintino, que, tendo estado a dormir, não sabia que o seu amigo se referia ao romance que vinha na folha.

— Então não ouviu? — disse o Sr. Fortunato, engolindo um bolo.

— Ela foi bem pilhada, isso lá foi. Porque o homem, pelos modos, não sabia que o desconhecido era o pai da

rapariga, e tanto que ele ficou espantado quando o outro lhe apareceu, vestido de preto, e lhe disse. — Aqui o Sr. Fortunato engrossou a voz. — «Eu sou a última das tuas vítimas!» — E o filho então é que veio a saber disto; sim, porque até ali não sabia nada. Veio então a saber que a irmã do amigo do comendador é que tinha dado o dinheiro que eles entregaram à tal viúva do cunhado do escrivão.

Manuel Quintino mexia maquinalmente o chá, olhando boquiaberto para o amigo, sem que percebesse uma só palavra, apesar de o Sr. Fortunato gesticular, voltado para ele.

— Que diacho de embrulhada é essa? Eu se o entendo!

— Então não leu? — teimava o outro. — Eles tinham combinado que, logo que partisse o navio, o rapaz fosse acusado do roubo feito ao comendador; e para isso mandaram dizer aos tios do defunto que as joias foram encontradas na caixa do escudeiro do desconhecido, mas.

— Mas quem demónio é essa gente toda? Que mexerofada de coisas! — exclamou Manuel Quintino, deveras impaciente.

— Então não ouviu? — insistiu o Sr. Fortunato, cuja natural dificuldade de expressão se exacerbava ao expor as enredadas aventuras de um romance francês.

Cecília, que ao princípio não atentara no diálogo cómico que se estava trocando entre os velhos, não pôde deixar de rir com vontade, ao dar por ele.

— Mas onde aconteceu isto tudo, homem? — perguntava Manuel Quintino.

— Em Paris. Pois não.

— O pai não vê que o Sr. Fortunato está a falar do romance?

— Ah! Isso sim.

— Pois que pensava?

— Eu sei lá o que pensava. Eu cá de romances não entendo. E agora por isso lembra-me que aquele endiabrado rapaz, o Carlitos, teimava que me havia de emprestar lá uns romances. Eh! eh! Tem diabo o rapaz.

— Também está um estroina! — disse o Sr. Fortunato, que era dos que tinham Carlos na conta de homem

perigoso.

— Mas deixe lá, que é uma boa alma! — respondeu Manuel Quintino. — Ninguém lhe pode querer mal. É capaz de tirar a camisa do corpo para socorrer um pobre. Aí está que uma vez viram-no, era ainda dia claro, entrar na cidade, trazendo o cavalo à arreata e na sela vinha uma pobre velha, que ele encontrou na estrada com um pé desmanchado; outro que fosse. Ó Cecília, então? onde tens tu o sentido, que nem reparas que ali o Sr. Fortunato tem há tanto tempo a xícara vazia?

— Ai, perdão — disse Cecília, corando pela distração em que caíra.

Não sei bem porque isso a fez corar assim; mas o facto deu-se.

O Sr. Fortunato, que havia muito tossia e suspirava com o fim de chamar para si, e para a xícara, as atenções, disse por delicadeza:

— Não tinha pressa.

Manuel Quintino continuou tecendo louvores a Carlos.

— Mas enquanto à tal história da mulher — dizia Fortunato, recebendo de Cecília a outra chávena — isso também foi parlapatice no rapaz, pois.

— Então; faz favor de ver se quer mais açúcar — disse Cecília, com um certo modo desabrido, que eu também não sei explicar, e que contrastava com a doçura que lhe era habitual.

O Sr. Fortunato notou-o.

— Está muito bem, menina — disse ele. — Faz-me o favor de mais uma colherinha. Está muito bem.

— Menos isso, Sr. Fortunato — continuou Manuel Quintino. — Bem se vê que não conhece o Carlitos. De imposturas é que ele nunca foi. Já em criança.

— Meu pai, sirva-se antes destes bolos — disse Cecília de modo tão afetuoso, que alvoroçou a sensibilidade do velho.

— Deixa estar, filha, que eu cá me vou servindo.

— Pois sim — insistiu o Sr. Fortunato — mas que ele não é lá de muito bons costumes, isso é que é verdade.

— Antónia, sirva aqui o Sr. Fortunato — disse Cecília secamente, ordem que, por excecional, surpreendeu a todos.

Também não sei bem explicar a razão desta ordem.

— Tudo isso não passa de rapaziada — prosseguiu Manuel Quintino. — Mas o que se chama fundo, boa alma, isso tem.

— Olhe, Sr. Manuel Quintino, homem que não toma rumo de vida.

— Também há muitas más almas à testa de grandes estabelecimentos, Sr. Fortunato. Se um modo de vida fosse garantia de probidade! — disse Cecília com ironia.

— Pois bem sei que não, menina, mas.

— Mas, mas, meu caro — disse Manuel Quintino —, o que ninguém pode negar é que está ali um homem de bem. é verdade isso. Muitos fazem pior com menos a desculpá-los.

O diálogo prosseguiu, discutindo-se muito Carlos. Cecília porém absteve-se de tomar parte nele.

Terminou o chá. O ardor da conversa baixou. Manuel Quintino pressentia o sono. José Fortunato sentia-se a digerir. Cecília trabalhava e às vezes ficava parada com os olhos fitos na luz, como se ela lhe oferecesse qualidades novas a examinar. Davam enfim nove horas.

— Ora vamos até casa — disse José Fortunato, erguendo-se.

— Olhe se se agasalha — recomendou Manuel Quintino.

— Antónia, venha iluminar — disse Cecília.

E o Sr. Fortunato, feitos os seus cumprimentos, descia as escadas, conversando com Antónia até à porta da rua a respeito de frieiras, e metia-se em casa, onde a imaginação teimava em recordar-lhe a doce figura de Cecília e tudo quanto lhe dissera.

— Estranhei hoje os modos da rapariga — dizia ele ao deitar-se.

Uma pérfida paixão começara, havia muito, a minar o coração do pobre homem.

Manuel Quintino, como tinha de se levantar cedo, ia-se deitar pouco tempo depois de Fortunato sair.

O diálogo entre o pai e a filha desta vez consistiu nisto:

— Este Sr. Fortunato às vezes!.

— É caturra, é.

— E tem umas ideias! Boa-noite, meu pai.

— Muito boa-noite, minha filha. Deus te abençoe.

Cecília retirou-se.

Apesar de na véspera se ter deitado tarde, como o leitor sabe, Cecília não sentia sono. Parecia-lhe estar ainda experimentando o atordoamento do baile. Lembrava-lhe tudo quanto Carlos lhe dissera, e o mais que de Jenny tinha sabido, e afligia-se então. Depois vinham as reflexões de Fortunato, depois as palavras do pai e os episódios que de Carlos Whitestone referira. Afinal cedeu ao sono. Pouco lucrou na transição. Há certo dormir que fatiga mais que a vigília. Trava-se uma luta de sonhos que nos deixa extenuados.

Cecília imaginou que ia num barco, levado pela corrente impetuosa do rio, em direção da barra. O perigo era certo, e contudo o barco ia cheio de máscaras que dançavam. Cecília gritava, mas ela própria não escutava a sua voz. O barqueiro era o Sr. Fortunato, e, coisa singular, ao mesmo tempo que remava, ia tomando chá. Depois vinha Carlos, com um cavalo pela rédea; mas o que mais a surpreendia era que vinha pelo mar. Carlos queria salvá-la, tirando-a do barco, mas as outras máscaras e o Sr. Fortunato não deixavam. Porém o Sr. Fortunato já não era o Sr. Fortunato, mas, sim, um dos personagens do romance que tanto o impressionara; e o mar também já não era bem mar, porque tinha camarotes em volta. E contudo o perigo persistia, sem saber bem como ou em quê, e agora era ela a que fugia de Carlos.

Finalmente, o sonho era um enredo complicado, tendo por elementos os diversos acontecimentos e assuntos que mais tinham preocupado Cecília naquele dia, mas tudo em desordem completa.

Em consequência deste sonho, acordou de manhã, pálida e abatida — o que não pouco inquietou Manuel Quintino.

CAPÍTULO XIV

IMINÊNCIAS DE CRISE

Enquanto Cecília passava assim pacificamente o serão daquela noite, andava Carlos procurando com ansiedade, por todos os salões de máscaras, a sua desconhecida da véspera.

Jenny notara a impaciência com que o irmão tinha aguardado a noite e, ao vê-lo sair, disse-lhe com modo particular:

— Adeus, Charles; quer-me parecer que te não recolherás desta vez pelas quatro horas da manhã.

— Quem sabe, Jenny?

— Adivinho-o.

Efetivamente não eram ainda duas horas, quando Carlos Whitestone, cansado de procurar em vão, em cada dominó

e sob cada máscara de seda, a incógnita do último baile, voltou a casa em pouco agradável disposição de espírito.

Jenny, que o sentiu chegar, sorriu de novo e disse consigo mesma:

— Inda bem que terminou o Carnaval. Charles, dentro de dois dias, já pensará em outra coisa.

Acabara de facto o Carnaval. Expirara essa época votada à folia e à loucura sem rebuços e abria-se agora a da penitência e dos sermões.

Em qual das duas há mais verdades, mascaradas sob falsas aparências, deixo aos moralistas decidir. Ia começar o reinado dos véus, durante o qual a piedade e a moda levam às sextas-feiras a multidão para a igreja de S. João Novo, e ao domingo despejam meia cidade nos arrabaldes próximos, para assistir à procissão dos Passos e ao respetivo sermão do encontro.

Quase toda a manhã de Quarta-Feira de Cinzas passou-a Carlos em casa.

Contra o que era de esperar do carácter dele, dominava-o ainda a lembrança da misteriosa máscara; o despeito de a

ter deixado escapar, sem que lhe ficassem vestígios pelos quais concorria para o não deixar tranquilo agora. Estava dando tratos à imaginação, para se lembrar de qualquer meio conducente à solução daquele problema de carnaval. Mas nenhum alvitre lhe oferecia a imaginação atormentada.

Saiu, enfim, sem saber para quê, nem para onde; em vez de procurar os centros de reunião mais concorridos, e onde, de ordinário, se fazia ver e ouvir, mudou de rumo, deixou-se ir ao acaso e, passado tempo, caminhava por entre os pinhais que orlam a parte ainda não edificada da Rua da Boavista.

Nos seus hábitos de vida, essencialmente urbana, eram tão raras as ocasiões de se ver assim entre árvores e fora do povoado, principalmente àquelas horas do dia, que o facto estava-lhe causando uma impressão singular.

Parecia-lhe um mundo novo; e ali, a dois passos de casa!

Internou-se por pinhais e campos, até perder de vista a estrada. Parou enfim. Num estado moral, como o de Carlos naquela manhã, não são necessários os grandes

espetáculos da natureza para incitarem o pensamento a uma dessas divagações a que anda tão sujeito o dos poetas.

A vastidão do mar, o horizonte amplíssimo que se descobre do alto das montanhas, o fragor da catarata que se despenha no vale subjugam e obrigam a meditar até os menos propensos a contemplações abstratas.

Haja porém um fermento de poesia no espírito de qualquer homem, ou tenha-se apoderado dele a melancolia, que é uma poesia também, e menores causas bastarão para se produzirem efeitos ainda maiores.

O caminhar do inseto ou o rastejar do verme por entre as folhas secas do chão, a lande, desprendida do ramo e arrebatada na corrente, o raio do sol, que vai colorir a maravilhosa teia que a aranha teceu nas tojeiras, nas praias o movimento de expansão das actínias ou rosas-do-mar, esses verdadeiros forçados das fragas, e outros iguais fenómenos, sem importância para quem os vê com ânimo distraído, são já alimento bastante para fantasias mais apuradas.

Carlos tinha a imaginação predisposta para estas impressões subtis e, como raras vezes se sujeitava a elas, recebia-as agora com duplicada intensidade.

Era pelas três horas da tarde de um dos mais formosos dias que nos pode conceder Fevereiro. Havia no campo aquela frescura, aquele renascer de vida que, após longos dias de chuva, traz um dia de sol claro. O céu não tinha uma nuvem, nem lhe empanava o azul o véu transparente das nebrinas. Os pinhais estavam silenciosos, como se, julgando-se já na Primavera, se tivessem calado para escutar as aves; o vento, de débil que era, mal podia agitar as folhas movediças das árvores que o Inverno respeita. Era tal a serenidade da tarde, que o fumo das casas rústicas subia ao ar lentamente, em colunas direitas, sem que uma viração as quebrasse, e só muito alto se dissipava na atmosfera.

Do lugar onde parara, Carlos ouvia distintamente a voz das raparigas do campo, chamando o gado, rindo ou cantando.

Era de longe que partiam aquelas vozes, mas a amenidade da hora e o silêncio deixavam-nas chegar até ali sonoras e percetíveis.

Carlos sentiu-se enlevado por tudo aquilo.

— É uma singular loucura — pensou ele — julgar que se aproveitam os dias da juventude da maneira porque eu vou passando os meus. Do homem que teve a minha vida, enquanto novo, costuma dizer-se que soube gozar dela em tempo. E como é que eu dela gozei? Na atmosfera asfixiante de um café; na plateia de um teatro, onde se fala e pensa em tudo menos na beleza da arte; nas assembleias sensabores; nas esquinas das praças, ou em lojas à moda. Na verdade, que delicioso viver! E o espírito, que parece sentir-se palpitar, agitar-se em nós, quando assoma a mocidade, acaba por embotar-se, por adormecer; torna-se incapaz de nos proporcionar certa ordem de gozos, para os quais temos faculdades criadas. E diz-se então que soube gozar da vida o que voluntariamente se privou das mais gratas impressões que podem sentir-se nela!

Isto dizia, ou antes, pensava Carlos, ao entranhar-se cada vez mais no pinheiral e respirando a pleno peito a atmosfera balsâmica do lugar.

— Nem eu sei — prosseguiu ele — como ainda experimento prazer, ao achar-me aqui só. Nos hábitos de

vida que fiz meus, perde-se até a faculdade de saber sentir assim, a sós; quando é talvez desta maneira que a imaginação mais subtil se mostra.

Vejam os leitores até onde iam já arrastando Carlos os atrativos daquela solidão suburbana!

Operou-se porém uma transformação nas suas ideias, que parecia vogarem, e à vela cheia, seduzidas pelas doçuras da vida de anacoreta. Um pensamento, menos misantropo, mais social, fê-las mudar de rumo.

— Mas não — reconsiderou ele — não basta sentir; é necessário transmitir as expressões dos nossos sentimentos, e os troncos das árvores, afinal de contas, não são os confidentes mais próprios. Tudo precisa de refletir-se, para se não perder na imensidade; a luz, num espaço vasto, dissipa-se; o som esmorece; o sentimento parece também enfraquecer, se outro coração, refletindo-o, o não reforça. É por isso que a presença de um amigo. Mas que amigos tenho eu?

Tremo deveras pelos chamados amigos de Carlos, ao vê-lo disposto a responder a esta pergunta que fez a si próprio.

— F. — continuou ele — cuja amizade não resistirá à primeira falta de senso que lhe notar num folhetim; C. que romperá comigo, se eu tiver a franqueza de lhe apontar o menor defeito de equitação; L. que abandonaria o amigo, logo que o visse seguir um terreno, onde ele corresse o perigo de enlamear as botas de polimento., e todos os mais da mesma força. Vão lá escolher um desses homens para companheiro nestas viagens sentimentais.

Aqui interrompeu-se para observar um pequeno e ágil lacerto, que fugiu espavorido ao senti-lo aproximar, e do buraco, onde se ocultara, continuava espiando-lhe os movimentos com os olhos vivos e como cintilantes. Carlos achava curiosíssimo este espetáculo vulgar. Depois seguiu caminho, distraído ainda, e pensava:

— Aí está; se eu dissesse a qualquer que me entreteve esse pequeno réptil, correndo por entre os fetos e por sobre as pedras musgosas daquele muro, zombariam da minha candura; chamar-lhe-iam pieguice. Há certas vibrações de sensibilidade que não se podem comunicar. a não ser. a não ser a um coração de mulher. Elas sim, têm certas puerilidades sublimes, que. Ora adeus! Temos outra

como a dos amigos. Se me recordar de algumas mulheres que tenho amado, que vejo eu? A S. mulher nervosa, que teria um delíquio só ao ver aquela sardonisca — sensibilidade de toucador; a C., essa então, mulher forte, que só um terramoto, como o de Lisboa, seria capaz de comover; a E… beleza de salão, que se levanta ao meio-dia, admira a natureza. nos jardins e lamenta que a solidão não tenha gente que veja como ela a sabe apreciar.; e as outras regulam por isto. Verdade é que eu também com isto me satisfazia; quem sabe se procurando de outra maneira.

Neste ponto tomaram as suas meditações outro carácter. Alguns passos mais adiante, já ele meditava:

— À força de me rir, em sociedade, do amor sincero, desinteressado, dos casamentos de paixão, da vida de família, quase me deixei persuadir de que me ria convencido. E contudo, se me sondar deveras. se aproveitar estes momentos raros, em que sou franco e expansivo comigo mesmo.

O leitor sabe decerto até onde podem chegar as excursões do pensamento, quando no terreno que o de Carlos ia seguindo agora; muito mais se, como ele, se está em pleno

bosque e longe do rumor da cidade; se o sabe, não estranhará que, momentos depois, já assim estivesse pensando Carlos:

— Um amor bem verdadeiro, uma vida bem íntima com uma mulher, a quem se queira como amante, que se estime como irmã, que se venere como mãe, que se proteja como filha., é evidentemente o destino mais natural ao homem; o complemento da sua missão na terra.

Quando Carlos Whitestone chegara a formular, no pensamento, esta profissão de fé, que, uma ou outra vez, concebeu toda a cabeça de vinte anos, ainda das mais azadas para desvairamentos, atingia a borda do pinheiral oposta àquela por onde havia entrado.

Dali por diante o terreno, mais desimpedido de árvores, era ocupado por campos em cultura, vinhedos, quintas e por as casas respetivas; umas juntas, outras dispersas, e mais ou menos graciosas todas.

Carlos sentou-se no pequeno muro de demarcação do pinheiral. O horizonte que tinha diante de si era vasto, e o olhar foi, quase ao extremo dele, fixar-se num a das mais

distantes daquelas casas, ainda que o espírito não tomasse a menor parte naquela aparente contemplação.

Tinha esta casa dois andares; era a face posterior a que se avistava dali. A varanda do primeiro andar estava toda entretecida de trepadeiras, que subiam do quintal. No intervalo das duas janelas florescia, num a espécie de alegrete, um arbusto, ao que parecia, de camélias. Na varanda do andar de cima via-se, pendurada de uma corda, que se estendia em todo o comprimento dela, alguma roupa branca, sobre a qual o sol batia em cheio, fazendo-lhe realçar a alvura.

Como disse, demoraram-se naquele ponto da perspetiva os olhos de Carlos, sem que os seguisse, desde logo, o pensamento, absorto como estava ainda na sequência de meditações sobre os destinos do homem nesta vida.

Mas, instantes depois, alguma coisa se passou, que foi como que o laço de união entre o objeto das contemplações dos olhos e o das do espírito, que, desde então, se associou àqueles, no exame da modesta vivenda, em cujas vidraças o sol simulava a aparência de um vasto incêndio.

O fenómeno nada tinha de extraordinário contudo. Na varanda de cima aparecia uma mulher; nada mais. Mas esta mulher, ainda que a distância mal permitisse distingui-la, mostrava, pela elegância de estatura e pela vivacidade de movimentos, ser ainda jovem. Não era para estranhar que a imaginação de um rapaz de vinte anos a supusesse também formosa.

Viera examinar a roupa, que estava a corar ao sol; tirava uma e substituía-a por a que trazia de dentro; mais adiante, mudava a face exposta de outra; de vez em quando interrompia o trabalho e olhava para fora, pondo a mão por cima dos olhos, como a abrigá-los da intensidade da luz; outras vezes, voltava-se para a sala e parecia falar a alguém de dentro. Depois desaparecia; voltava de novo, e sempre, com manifesta solicitude, aplicada ao trabalho.

Carlos seguia com prazer o ir e voltar daquela mulher, que a custo distinguia, mas que nem por momentos imaginou que pudesse ser uma criada.

Ele, que estivera sonhando com os encantos do viver íntimo, aprazia-se de imaginar agora, naquela casa, um desses mundozinhos modestos, que lhe estava a apetecer.

— Uma esposa, nova por certo, canseirosa com os negócios domésticos. — pensava ele.

— Deve ser um prazer indefinível sentir-se a gente viver sob os cuidados de um destes entes, votados assim inteiramente à nossa felicidade.

Era natural, desde que pensou isto, que se lembrasse de Jenny. Lembrou-se, é verdade; mas a imaginação sorriu afetuosamente àquela doce imagem, e deixou-a. Ao estado do seu coração não satisfazia só o sorriso fraternal e meigo que animava de bondade as feições da irmã. ao seu pesar, surpreendia-se a aspirar a mais.

A tarde adiantava-se e Carlos não se desviava dali; prendia-lhe as atenções aquela casa e a simpática visão da varanda.

Afinal fecharam-se as janelas. Pouco faltava para o Sol se esconder de todo no mar. Carlos reparou então que era tempo de voltar a casa.

Olhou mais outra vez ainda, e com saudade quase, para a varanda. Os seus poucos e imperfeitos conhecimentos da topografia daquela parte da cidade não lhe permitiram

conjeturar sequer qual fosse a rua a que pertencia a habitação.

A nossa costumada discrição impede-nos de compensar este defeito.

Seguindo outra vez o caminho, por onde viera, Carlos voltou a casa, mas a passos mais apressados.

Já próximo da porta, sentiu uma mão que se lhe pousava no ombro. Voltou-se; reconheceu um dos seus amigos.

— Que fazes tu, homem?

— Recolho-me.

— De onde vens?

— Do campo.

— Ah! cultivas a bucólica? a poesia pastoril?

— Às vezes.

— Dou-te os pêsames. Gessner envelheceu; Florian dorme o sono dos inofensivos. A propósito, já te mostrei o meu folhetim de crítica, a respeito do volume do Serrão?

— Ainda não.

— Aparece então no Guichard esta noite. O livro é um pretexto; o que eu procuro é caracterizar a literatura moderna, extremando os campos, hoje um pouco confusos, de românticos e de clássicos. Sabes que é o meu sistema investigar nas pequenas aparências as grandes revelações? É o que faço desta vez ainda. Assim, neste estudo, serviram-me de ponto de partida duas palavras apenas; uma colhida de Racine, na Berenice; outra de Vítor Hugo, no Ruy Blas. São as palavras finais de uma e de outra tragédia. Antiochus vê partir Berenice e exclama: Hélas! Ruy Blas morre nos braços da rainha e murmura: Merci! Basta-me isto. — Hélas! — é o grito de dor, é o desespero, é a falta de coragem no infortúnio; é a última palavra de uma literatura que não tem confiança no futuro, de uma literatura que vive só do passado. Merci! — é, pelo contrário, a resignação, a esperança, o apuramento do padecer até à essência inebriante do sofrimento próprio, que chega a confundir-se com o prazer. é pois a frase digna de uma literatura viva, inspirada no futuro.

A preleção continuou; e Carlos reconheceu, pela impaciência com que a estava escutando, a nenhuma

disposição que tinha para apreciar naquela noite a sociedade dos seus amigos.

Separou-se deste o mais depressa que pôde.

— Não serei eu que vá ao Guichard esta noite.

Desta vez farei a vontade a Jenny. Ficarei em casa — disse ele, logo que conseguiu despedir-se.

E entrou justamente quando já a campainha chamava para o jantar.

Jenny, vendo-o chegar, e notando o ar grave que trazia, murmurou consigo:

— Ainda é cedo para o restabelecimento. Esperemos.

CAPÍTULO XV

VIDA INGLESA

O jantar correu, ao princípio, silencioso, como de costume.

Mr. Richard, apesar de tudo quanto prometia aquele seu ar de satisfação, fazia as honras da mesa, usando de monossílabos, e não se dava ao trabalho de formular uma oração inteira, sempre que com qualquer palavra solta lhe era possível exprimir o pensamento.

— Roast-beef?. Salame?. Fiambre?. Ostras? — Era a maneira pela qual ele perguntava a Carlos ou a Jenny quais os pratos de que preferiam servir-se.

— Mostarda. Queijo. Aquilo. Isto. Traz. Tira. Leva. — Eram as ordens que recebiam os criados, os quais manobravam com uma prontidão, seriedade e silêncio essencialmente britânicos.

Carlos não se mostrava mais expansivo. Além da pouca disposição para falar, que em regra sentia diante do pai,

estava naquela tarde muito fora das habituais condições de espírito, e em outra qualquer companhia decerto lhe estranhariam igualmente a taciturnidade.

Jenny dava algumas ordens, em voz baixa, aos criados, que se inclinavam diligentes para escutá-la; fazia, no mesmo tom, uma ou outra observação a Carlos, e aventurava até algumas perguntas ao pai, sem que lhe fosse possível contudo generalizar conversa.

Tudo isto, a regularidade e perfeito método de serviço, a gravidade e asseio dos criados, e a meia claridade da sala, dava não sei que aspeto solene ao acto, como se fosse uma cerimónia fúnebre.

À medida, porém, que se repetiam as libações e que o efeito dos variados vinhos se combinava na cabeça de Mr. Richard, o velho inglês principiou a despir-se desta soturna gravidade e a língua a desencadear-se-lhe, rompendo aquela espécie de mutismo que lhe impunham as regras da etiqueta britânica.

Verificava-se nisto uma opinião de Fielding, escritor que disputava a Sterne as predileções literárias de Mr. Richard;

diz efetivamente o autor do Tom Jones que o vinho tem a propriedade de trazer à luz o verdadeiro carácter dos homens, carácter que, nos períodos de sobriedade, o artifício consegue dissimular muitas vezes. Ora, como dissemos, Mr. Richard Whitestone era sorumbático, por convenção; mas, no fundo, permanecia a jovialidade, que vinha à superfície, à medida que se adiantava o jantar.

Ainda na presença de Jenny, já ele começara a ensaiar alguns gracejos, a contar passagens da sua vida de Londres, travessuras da meninice, e algumas extravagâncias do tempo de rapaz.

Carlos procurava então maliciosamente o olhar da irmã, a qual, pelo contrário, evitava com discrição o dele; porque estas histórias ambos as sabiam já de cor, tão infalíveis elas ocorriam em determinadas circunstâncias.

Sempre que, em tais alturas do jantar, Carlos via servir um peru recheado, esperava já a narração de como, na sua infância, Mr. Richard, então chamado ainda o pequeno Dick, com mais outros companheiros do colégio, tinham conseguido roubar uma destas aves do pátio do reverendo

Jackson, seu mestre, e do detestável assado que depois, às ocultas, fizeram com ela.

O lombo de vaca inevitavelmente lembrava a anedota apócrifa daquele rei de Inglaterra que, num acesso de bom humor, armou cavaleiro este saboroso artigo comestível, ao qual, desde então, se concederam as honras de baronet, como parece indicar o nome de Sirloin ou Sir loin, com que os ingleses o designam.

Um prato de avelãs trazia quase sempre consigo a história de uma célebre aveleira que havia em certo parque das proximidades de Londres, pelo tronco da qual tantas vezes Mr. Richard, ainda criança, trepara com feliz êxito, até um dia em que, escorregando, ficou suspenso de um galho por espaço de alguns minutos.

O pudding era pretexto para falar no monstruoso pudding que se cozinhava na Inglaterra, em não sei que solenidade popular, e daí a enumeração de muitos outros usos e costumes nacionais e de várias festas notáveis. Entre essas, a mais detidamente descrita era a do Lorde Mayor; nesse dia, guardado por toda a City como dia santo, o personagem eleito para aquele alto cargo é

processionalmente levado à presença do Lorde Chanceler, com o fim de ser por ele confirmada a sua eleição. Mr. Richard sabia e descrevia todas as particularidades do cerimonial, bem como todas as atribuições dos multiplicados cargos de que se compõe a excecional corporação de Londres, desde o alto Lorde Mayor até o mais modesto bedel de paróquia.

Como na procissão fluvial pelo Tamisa, celebrada naquele dia, Mr. Richard estivera de uma vez em risco de se afogar, a referência minuciosa deste caso pedia a de um outro análogo que lhe sucedera por ocasião dos tumultos populares ocorridos durante o processo de divórcio de Jorge IV, e atrás disto vinha a história desse escandaloso processo, e várias particularidades, pouco edificantes, a respeito da rainha Carolina e do seu favorito Bergamy.

Carlos ouvia tudo isto calado, com ar de resignação e deferência filial; Jenny com uma fisionomia mais atenta, ainda que nem sempre a atenção do rosto lhe estivesse no espírito também.

Jenny era a primeira a retirar-se da mesa, segundo o discreto costume, hoje mais seguido, mas originariamente

britânico.

Então tomavam maior incremento ainda as libações de Mr. Richard Whitestone.

Acendia um charuto e dava-se uns ares de familiaridade, que em nenhuma outra ocasião se repetiam.

Carlos, de ordinário, perdia também então um pouco do habitual retraimento para com o pai, e, fumando em frente dele, entrava com mais desafogo neste diálogo.

Naquela tarde, porém, conservou-se ainda pouco expansivo, e quase distraído, perante a crescente comunicabilidade de Mr. Richard.

Neste diálogo inter pocula eram infalíveis as referências do negociante ao seu livro favorito — O Tristram Shandy, de Sterne.

Mr. Richard apreciava tudo naquele livro extravagante. Sabia-o quase de cor e, apesar disso, lia-o ainda e de todas as vezes ria com a mesma vontade, não obstante não encontrar no decurso da leitura já coisa alguma imprevista.

Carlos, ainda quando não tivesse lido a obra, tinha já razão para a conhecer a fundo, graças às quotidianas citações do pai; era, porém, obrigado a escutá-lo, como se tudo fosse novo para ele.

As dissertações filosóficas do pai de Tristram, as ingenuidades e venetas guerreiras do tio Tobias, as argúcias e façanhas do Corporal Trim, as intermináveis e extravagantes divagações de Tristram — o suposto autobiógrafo, tudo Mr. Richard citava com entusiasmo e com vivacidade.

Não lhe passavam por alto os episódios e as dissertações, que respiram certas liberdades, verdadeiramente rabelesianas, capazes de alvoroçar os ouvidos menos pechosos. O episódio dos amores do tio Tobias e os do seu fiel camarada, de índole menos quixotesca, eram até das passagens favoritas e das que com mais cordiais risadas comentava.

Vinham luzes e prosseguia o diálogo, nem sempre demasiado ingénuo.

Ao levantar da mesa, tomavam-se posições ao fogão; a conversa continuava, mas o ponto culminante da loquacidade e da viveza de Mr. Richard Whitestone tinha passado já.

Neste primeiro período de declinação sobrevinham as citações do Tom Jones.

Mr. Richard não se cansava também de exaltar aqueles soberbos perfis da pena de Fielding e as judiciosas reflexões que o autor mistura à narrativa.

Depois, a proximidade do calor do fogão, as exalações do carvão inglês, a preponderância dos vapores do tabaco e, mais tarde, o punch deprimiam ainda mais os espíritos do comerciante.

Passava a falar de política, citava o Times; nesta noite disse a Carlos que Lorde Palmerston estava resolvido a dissolver o parlamento, no caso de não encontrar apoio na Câmara dos Comuns.

Isto já foi dito em tom soturno. — Carlos era de todo indiferente aos destinos do parlamento inglês.

Depois falou nos principais movimentos e feitos de armas do exército aliado na Crimeia e no provável êxito da campanha; e daqui entrou em considerações sobre o estado do comércio em Londres. Carlos lutava heroicamente para reprimir bocejos de fastio.

Era noite cerrada; a voz de Mr. Richard tinha já umas entoações surdas que, combinadas às pancadas do relógio da sala, produziam em Carlos um efeito soporífero irresistível.

Jenny, quando, pelo silêncio que reinava, sentia que tinham chegado as coisas a este período crítico, voltava outra vez à sala. Era então que o irmão aproveitava a ocasião para sair.

Nesta noite ficou.

Jenny olhou-o admirada.

Carlos respondeu-lhe, encolhendo os ombros, como a exprimir a resolução de ser condescendente aquela vez, ficando.

A irmã agradeceu-lhe com um gesto; mas pensava consigo:

— Bem sei. Ainda não te passou o desgosto pelo mau resultado da tua aventura. Paciência!

Carlos voltara a casa, como dissemos, reconciliado com a vida doméstica e convencido de que estava bem-disposto para saborear os prazeres de um serão inglês.

Resolveu por isso ficar. Mas a suspeita de Jenny era também fundada.

Desalentado pela falta de indicações em relação ao mistério da máscara, na qual ao seu pesar pensava ainda, minguava-lhe ânimo para sair, sem esperança de o elucidar.

Mas a vida doméstica, tal como se passava ao fogão, junto do qual Mr. Richard quase dormitava, não era a que o podia satisfazer.

O viver íntimo, cujos encantos Carlos julgara ter concebido aquela tarde, era apenas o acessório de alguma coisa mais essencial ao coração, de alguma coisa cuja necessidade começava a sentir enfim. Sorria-lhe o conchego doméstico, mas aquecido, mas iluminado por outras chamas, que não eram as que lambiam o fender do fogão; animado por mais ardentes sentimentos do que os de um afeto fraterno, ainda

que dos mais estreitos, e do que os do respeito filial, ainda que dos mais arreigados e extremosos.

Estava por isso experimentando agora o desengano, e a comparar a monotonia daquela noite inglesa, com o prazer que imaginara poder saborear-se, sem abandonar os lares domésticos.

Isto fazia-o ainda mais silencioso e sombrio do que estivera em outras noites que passara como aquela em casa.

Depois que veio Jenny sucedeu o que quase sempre sucedia também. Mr. Richard manifestou desejos de a ouvir tocar.

Em virtude disto, passaram a uma das salas próximas; Mr. Richard sentou-se ao lado do fogão, também aceso ali; Carlos, próximo dele; Jenny ao piano.

Jenny, conhecendo por experiência as predileções paternas, abriu a coleção dos Cantos Populares de Russell e procurou uma poesia de Morris, a qual tanto o pai como o irmão ouviam sempre com piedoso recolhimento.

O motivo desta atenção estava sobretudo na letra, que parecia feita de propósito para avivar, em toda a família, saudades da vida passada. Foi a meia voz, mas com

verdadeiro sentimento, que Jenny cantou essa poesia, intitulada a Bíblia da minha mãe, cuja tradução é a seguinte:

«Este livro é tudo quanto me resta dela! Ao vê-lo, sinto rebentarem-me irreprimíveis as lágrimas dos olhos; com os lábios trémulos, com a cara turvada, aperto-o ao coração. É esta a árvore de família, à sombra da qual já muitas gerações se têm abrigado. — As mãos da minha mãe folhearam esta Bíblia; foi ela mesma que ma legou ao expirar.

Ai, como me estão lembrando aqueles, cujos nomes me vêm de envolta com estas memórias! Tantos que, em torno do lar, costumavam reunir-se após a oração da tarde, a conversar no que dizia este livro, num tom que me calava no íntimo do seio; há muito que eles estão com os mortos silenciosos; mas sinto-os viver ainda aqui.

Meu pai lia este livro sagrado aos filhos, às filhas, à família toda! Como era sereno o olhar da minha mãe, ao curvar a cabeça para escutar a palavra de Deus! Aquela figura angélica! Ainda a estou a ver! — Que memórias me ocorrem em tropel neste momento!

— De novo parece reviver, dentro das paredes deste quarto, aquele pequeno grupo.

Tu, ó Bíblia! és o mais seguro amigo do homem! Eu tenho já experimentado a tua constância! Quando todos me traíam, achei-te fiel; vi em ti um conselheiro, um guia! As minas da terra não possuem tesouro que me compre este livro. Ensinando-me a maneira de viver, ele também me ensina como se deve morrer.»

O assunto da canção inglesa, depois que Jenny a terminou, fez cair naturalmente a conversa sobre diversas passagens da Bíblia; Mr. Richard citou um versículo, outro e outro, até que uma dúvida lhe impediu de prosseguir; daí o pedido feito por ele à filha, para verificar a exata redação do texto.

Jenny abriu pois o livro, que em todas as salas se encontrava sempre à mão, e leu.

Carlos gostava de ouvir ler a irmã aquelas singelas e sublimes páginas da Bíblia.

Diz-se muito mal da língua inglesa, e, de facto, ouvindo falar certos filhos da Grã-Bretanha, lembra logo os conhecidos versos:

O mundo a porfiar que os bretões grunhem

E os bretões, etc., etc., etc.

porém uma voz, como a de Jenny, meiga, melodiosa e modulada com inteligência e graça, parece transformar essa língua ingrata em não sei que cantar de aves, que tem atrativos, até para os que a não compreendem.

O recolhimento religioso com que Jenny lia os mais belos episódios do Velho ou do Novo Testamento aumentava o efeito agradável da sua voz.

Infelizmente, porém, a leitura descarnada e despida de comentos daquelas páginas não bastava ao fervoroso anglicanismo de Mr. Richard Whitestone; por isso, a cada passo, a interrompia para citar as interpretações de alguns dos reverendos doutores da sua episcopal igreja, ou os recentes desenvolvimentos que ouvira ao eclesiástico inglês na missa protestante do Campo Pequeno.

Jenny olhava para o irmão e fazia-lhe sinal para que se reprimisse e, pelo menos, simulasse atenção às divagações do pai. Serviu-se às dez horas chá preto, e Mr. Richard readquiriu um pouco de animação para, a propósito do chá,

falar na importância da Companhia das Índias Orientais, nos serviços feitos por ela ao comércio, na sua história, nas dificuldades com que lutou e nos meios de que dispunha. Em seguida expôs um projeto de lavra própria sobre o engrandecimento das colónias inglesas, formulou acerbas censuras ao sistema colonial português e, em seguida, uma expressa condenação da política francesa em geral.

Mr. Richard odiava cordialmente a França. Ou ele não fosse inglês.

Enfim, às onze horas cessou Mr. Richard de falar; as pálpebras começaram a pesar-lhe; a chama do fogão a amortecer, sem que as tenazes fizessem o seu ofício, avivando-a.

Meia hora depois, separava-se a família, não tendo Carlos, em toda a noite, dito uma dúzia de palavras.

Jenny acompanhou ainda algum tempo o irmão através dos corredores que conduziam ao quarto de cada um.

— Então que tens tu a dizer da minha conversão? Desta comovente e miraculosa regeneração do filho pródigo? —

perguntou Carlos a Jenny, quando chegavam à porta da sala da livraria, onde deviam separar-se.

— Que não sei se será muito duradoura — respondeu a irmã.

— E como queres que o seja, Jenny? Não viste que narcóticas delícias as deste conversar ao fogão? Dormir é um prazer; mas na minha idade!

— Então, Charles! — disse Jenny, olhando para ele, com ar de repreensão.

— Olha, minha boa Jenny, acredita o que te digo; eu fui hoje sincero deveras nas minhas tentativas de reconciliação com a fada do lar doméstico, com aquele génio bom que protegia a «gata borralhenta» na história que nos contavam em criança. Vim para casa, sonhando umas delícias de viver íntimo, as quais, infelizmente, tive o desgosto de achar que eram ilusórias. Tanto azul e dourado que via transformou-se num a cor. pardacenta.

— Talvez tu sejas muito exigente.

— Ai, não o era, não. Mas que queres? Posso ter coragem para ouvir amanhã e depois e sempre a história do

peru do reverendo Jackson? a das festas do Lorde Mayor? a das assuadas à rainha Carolina? ou deve-se-me estranhar que deserte diante das subtilezas teológicas dos doutores da nossa igreja, ou.?

— Tens razão; é preciso começar por educar o coração, antes de tentar regenerar-te.

— O coração?! Que queres dizer?

— Tu vens para casa, como vais para o teatro; procuras distrair-te. Ora é claro que este viver de família não entretém uma imaginação como a tua, se é só para satisfazeres a imaginação que ficas; e concebo que tudo isto te deve ser insuportável, se o coração se fechou já de todo aos únicos gozos que nós podemos prometer-te.

— Não me faças tão endurecido que não saiba já apreciar os tocantes prazeres dessa convivência íntima, Jenny. Julgas que não sei o que vale a tua afeição e até a do pai? Mas ouve, filha, e não sejas muito severa comigo. Enquanto o pai há pouco falava, muito à sua vontade, na portentosa Companhia das Índias Orientais, eu estava a pensar.

— Em quê?

— Estava a pensar em que eram inteiramente falsas certas ideias, muito bonitas, que, esta tarde, durante um passeio, que dei pelo campo.

— Pelo campo!. Tu?!

— É verdade, pelo campo, eu. mas. certas ideias, dizia, que me tinham ocorrido por lá. Agora vejo melhor; e penso que se não deve até viver tão ligado, como era costume na antiga vida patriarcal. É justa, ou desculpável pelo menos, esta tendência moderna para afrouxar um pouco mais os laços de família, sem amortecer de todo os sentimentos que a animam e unem, mas tornando mais independentes os hábitos de viver de cada um. E é assim. Que se lucra em reunir num feixe apertado dois ou três homens de índoles e de gostos diversos, só porque são parentes, a ponto de impedir-lhes os movimentos e a liberdade de ação? O mais que sucede é nenhum deles poder dispor de toda a energia das suas faculdades; incomodam-se reciprocamente, de apertados que estão, e… ódio não direi. mas. às vezes. certa má vontade. pequenas dissensões, e…. quando menos

se espera, mais azedas discórdias ainda, são as inevitáveis consequências disso.

Jenny abanava a cabeça, fitando o irmão, enquanto ele falava.

— Que doutrinas! — disse ela por fim — que triste filosofia a tua. de hoje. Cada vez te compreendo menos, Charles.

Carlos pôs-se a rir.

— Então porquê, Jenny? Que achas tu em mim de tão incompreensível?

— Há dias. na manhã que se seguiu a uma das muitas noites que passas fora de casa, e quando era mais natural que estivesses nestas ideias de agora, falaste-me com eloquência e convencimento nas doçuras da vida de família; persuadirias daquela vez o mais extraviado. Foi, ainda me lembro, a propósito de uns versos, escritos por um amigo no teu álbum. Hoje então.

— Tudo se explica; é pela razão que eu disse. Tentei apertar-me nos tais ambicionados laços, seduzido pelas promessas dos romancistas moralizadores; afinal, vi que me

magoavam como laços que eram. Mas que versos foram esses que me despertaram tão salutares ideias? Não me recordo.

— Se queres que tos leia?. — perguntou Jenny, pousando a mão na chave da porta da biblioteca, como preparando-se para abri-la.

— Se quero? Peço-to.

Os dois irmãos entraram na sala quadrada, onde, até a meia altura da parede, corria uma estante de palissandro, abastecida de magníficas brochuras e encadernações inglesas. Havia no meio da sala uma sólida mesa retangular, em estilo antigo, com embutidos de metal nos fechos, lavores de primorosa talha nas faces, e apoiada em grossos pés, torcidos em espiral — um perfeito modelo dessa bela mobília ultimamente ressuscitada, graças sobretudo às predileções dos ingleses, que a têm tornado já rara, de muito que a procuram. — Cobriam esta mesa várias publicações recentes, periódicos estrangeiros e do país, e gravuras; e em volta dela, cómodas poltronas e escabelos com assentos estofados parecia convidarem à leitura.

Jenny pousou a luz e, pegando num álbum que estava entre os outros livros e periódicos, principiou folheando-o, enquanto o irmão se sentava ao lado dela.

— Se me não engana a memória — dizia Jenny — é a tradução de uma lenda popular da Bretanha, que se intitula. — Tendo encontrado justamente a página que procurava, concluiu: — Amel e Pennor.

— Não tenho já a menor ideia do que seja.

— Ora ouve então.

E Jenny principiou a ler, com suavidade e graça inexprimível, a seguinte lenda, verdadeira ou falsamente atribuída por um moderno escritor francês à musa popular da Bretanha:

— *Longe, longe daqui, nas costas da Bretanha,*

Poético país, que um mar sinistro banha,

Vivia, há muito tempo, um pobre pescador,

Que se chamava Amel, com a mulher Pennor.

Tinham eles um filho, uma criança loura,

Um anjo, que o porvir dos pais inflora e doura;

Ao voltarem a casa, alegres todos três,

Na praia os surpreende a noite de uma vez.

Crescia o mar veloz, medonho, ingente, forte!

Nesse tempo as marés eram vivas.

A morte Sobre as ondas boiava, indómita, cruel!

Olhando para a esposa, assim lhe diz Amel:

— «Pennor, vamos morrer! A vaga se aproxima!

Viverás mais do que eu! Ânimo! Sobe acima

Dos ombros meus, mulher. Pousa-te bem. Assim.

E, ao veres-me sumir. ai, lembra-te de mim!»

Pennor obedeceu. Firmando-se na areia,

Desaparece Amel na vaga, que o rodeia.

— «Amel! bradava a esposa; ai, pobre amigo meu!

Qual de nós sofre mais? — tu, que morres, ou eu,

Que te vejo morrer?» — E as águas, que subiam,

O corpo da infeliz no vórtice envolviam.

Olhando para o filho, assim lhe diz a mãe:

— «Filho, vamos morrer!

Olha a maré que vem!

Viverás mais do que eu!

Vá! filho, vá! Coragem!

Sobe aos meus ombros, sobe!

E ao tragar-me a voragem,

Ai, lembra-te de mim e do teu pobre pai!»

E o mar a submergiu.

Chora a criança e vai

Pouco a pouco a afundar-se.

À flor d'água revolta,

Apenas já flutua a trança loura e solta.

.Uma fada passou sobre o afrontoso mar;

Viu o cabelo louro, em baixo, a flutuar;

Estende a mão piedosa e, segurando a trança,

Com ela atrai a si a pálida criança.

E, sorrindo, dizia: — «Ai, que pesada que és!»

Mas viu cedo a razão; ainda segura aos pés

Do filho estremecido, a pobre mãe começa

A erguer também da onda a húmida cabeça.

Sorriu a boa fada, ao ver assim os dois,

E repetiu ainda: — «Ai, que pesados sois!»

É que, após a mulher, seguiu-se o marido

Estreitamente aos pés da terna esposa unido.

Ao vê-lo, ainda outra vez a meiga fada riu,

E, leve, para a praia o voo dirigiu.

Com este cacho vivo, esta humana cadeia

Cujos elos o amor piedosamente enleia.

Pousando o livro, Jenny continuou:

— Seguem-se mais quatro versos, consagrados à moralidade do conto, os quais talvez me julgues dispensada de ler, por inúteis.

— Decerto. A alegoria é transparente, até sem comentários. Mas, diz-me tu uma coisa, Jenny: que faria ou que diria a boa fada se, pairando sobre a praia, um dia, em que as marés não fossem vivas, nem o mar ameaçasse devorar a piedosa família. que faria ou diria ela, se encontrasse os três formando o cacho vivo da imagem, tão ridículo nesse caso, como tocante nas condições em que o considera a lenda? A fada por certo que sorria também, mas acrescentando dessa vez: «Ai, que varridos sois!» Diz-me agora se queres que eu junte alguma coisa também, correspondente aos tais quatro versos de moralidade que suprimiste? — terminou Carlos, tocando levemente as faces de Jenny, e com um sorriso triunfante, ao qual ela correspondeu com outro, mas replicando:

— Não, não é preciso. Mas repara, Charles, que as tempestades no mar formam-se às vezes num momento. E ninguém pode prever a época em que é para recear o

perigo. Não viste como os pescadores voltavam a casa, «alegres todos três», portanto confiados no mar? Se, tendo esta confiança, se houvessem separado e não caminhassem com as mãos unidas? Ao vir a maré, nem Amel procuraria que a esposa lhe sobrevivesse, nem Pennor tentaria salvar o filho, nem o cabelo louro da criança, vindo à tona da água, atrairia as vistas da fada benfazeja, dando-lhe ocasião de salvar aquele. cacho vivo. Entendes?

— E tão longe ando eu já, que vos não posso oferecer os ombros, se a maré vier um dia ameaçar-nos?

— Não, Charles; nem é a ti, tal como és, que eu ralho e quero mal; mas a um Charles que às vezes gostas de fingir. É singular! Há certas almas generosas que têm o vício oposto ao da hipocrisia: esforçam-se por parecerem más! Para que hás de estar a fazer mentir a tua boca, dizendo o que não sentes?

— Não nego que houvesse algum mau humor nas minhas palavras de há pouco, mas.

Jenny colocou-lhe a mão diante dos lábios.

— Que esse «mas» fique para amanhã. Por enquanto ainda não confio muito nele.

— Então negas-me a justificação?

— Não vês que, melhor do que tu, te está a justificar a minha confiança? É por isso que não quero ouvir-te. É tarde. Boa-noite, Charles.

— Boa-noite, Jenny.

E os dois irmãos separaram-se, apertando cordialmente as mãos.

Carlos ia mais reconciliado outra vez com as doçuras da vida doméstica. Ficara-lhe muito agradável impressão deste diálogo com Jenny, para que pudesse deixar de ser essa a sua opinião final.

CAPÍTULO XVI

NO TEATRO

Dias depois, afixavam-se cartazes nas esquinas, anunciando a Lucia de Lammermoor.

Mr. Richard Whitestone não era assíduo frequentador do teatro lírico.

Havia porém uma circunstância que, infalivelmente, o levava lá, uma vez pelo menos.

Tendo já desesperado de ouvir no teatro do Porto música de compositores ingleses, como Haendel, Gray, Arnold, Bishop e outros, cujos nomes a cada momento citava com entusiasmo, resignara-se a afagar somente o seu acrisolado patriotismo com o ir ao teatro, quando se cantavam aquelas óperas, cujos libretos eram extraídos de algumas das obras-primas da literatura inglesa.

O Othelo, o Macbeth, os Capulletos, as Prisões de Edimburgo, os Foscaris, o Marino Faliero, e outras neste

mesmo caso, lutavam vantajosamente com o seu muito amor pelo fogão e traziam ao público aquela fisionomia, radiante de contentamento e expressiva de saúde, que o leitor já conhece.

Preparava-se de antemão, nessa tarde, relendo a obra que servia de assunto à ópera, e ia depois com vontade para o teatro.

Não era porém Rossini, Verdi, Bellini, Ricci e Donizetti os que o atraíam e enlevavam; era Shakespeare, era Byron, era Walter Scott, cujos grandiosos vultos lhe parecia estar vendo no palco evocados, pela sua vez, pelos mesmos personagens que o génio deles tinha evocado outrora. — A música era o acessório. Os aplausos do público roubava-os Mr. Richard, por patriotismo, aos maestros, para os conferir àqueles seus famosos conterrâneos.

No número das tais óperas contava-se Lucia de Lammermoor. Assunto escocês, tratado por pena escocesa, e das mais admiráveis em desenhar tipos simpáticos e imorais, não era para Mr. Richard resistir-lhe. Havia de ir por força.

Foi; mandou tomar um camarote para aquela noite. A plateia nunca lhe agradou. Estava mais consigo e com os seus no camarote; e isto de estar consigo e com os seus tinha para ele força de necessidade.

Era costume invariável de Mr. Richard convidar Manuel Quintino, nestas ocasiões.

Grande mortificação causava a este tal convite, mas não se atrevia a recusar. Aceitava e agradecia até; porém, a ocultas, suspirava por ter de privar-se uma noite dos suaves prazeres dos seus serões domésticos, das atenções e cuidados filiais de Cecília e até das monótonas reflexões do amigo José Fortunato; este não sentia menos pesar em modificar hábitos já inveterados nele e prescindir do chá e dos bocejos do vizinho.

Mas não havia remédio. Manuel Quintino ia.

Depois de resolvido a isso, entendia então que tinha restrito dever de chegar a tempo. Era o guarda-livros a pontualidade em pessoa; em tudo observava o preceito de antes esperar do que ser esperado; e, conquanto não fosse provável que esperassem por ele para começar o

espetáculo, é certo que, pouco depois de anoitecer, viam-no já a passear no átrio do teatro, aguardando que lhe abrissem as portas dos corredores.

Assim fez esta noite.

Logo que as viu patentes, comprou o libreto da ópera; porque nunca pôde também resignar-se a ouvir cantar, sem entender o que se cantava; subiu para o camarote e, à escassa luz que havia ainda na sala, pôs-se a ler.

Depois assistiu ao acender das serpentinas, à afinação dos instrumentos da orquestra, ao encher gradual da plateia, dos camarotes e das varandas, o que para ele constituía uma parte da diversão e não das menos curiosas. Aguava porém este inofensivo prazer o cuidado que lhe estava dando a demora da família Whitestone; temia já que ela não chegasse ao princípio da ópera. Isto não o deixava sossegar.

Enfim ouviu abrir-se, atrás de si, a porta do camarote; voltou-se.

Era Mr. Richard e Jenny que chegavam.

Mr. Richard saudou, com familiaridade, o guarda-livros; Jenny apertou-lhe a mão com afeto.

— Não o esperava agora aqui! — disse Jenny, tirando a capa e reparando as leves desordens da sua toilette.

— O Sr. Whitestone fez-me o favor de me dizer que viesse.

— E Cecília?

— Cecília! — disse Manuel Quintino, encolhendo os ombros — eu já lhe não digo nada. Para quê? Como assim, não se resolve nunca a vir.

Mr. Richard, enquanto a filha se preparava, viera à frente do camarote passar um exame rápido à sala.

— E o Carlinhos? — perguntou Manuel Quintino a Jenny, enquanto se encarregava, com sofrível galanteria, de acomodar a capa, que ela acabava de tirar.

— É provável que esteja cá — respondeu Jenny.

— Aonde? Na plateia?

— Decerto.

— Tendo camarote! É vontade de gastar dinheiro! — pensou para si o económico Manuel Quintino.

Depois de tomarem todos as respetivas posições, Manuel Quintino, ficando junto da cadeira de Jenny, entendeu que não devia estar calado.

— Sempre me lembra — disse ele, portanto — quando venho ao teatro, de ver representar a célebre Josefa Teresa Soares! Aquilo é que era mulherzinha! Que também a Grata Nicolini. não sei se lhe diga. Se quer que lhe fale verdade, menina, agradavam-me mais as peças que se representavam dantes, do que as de hoje. Só os vestuários e as vistas! Agora são salas e casacas, casacas e salas e acabou-se. É o pai que quer que a filha case com um velho rico; é a filha que quer casar com um rapaz pobre, que é poeta; e o rapaz a descompor o velho; a rapariga a morrer. e passe por lá muito bem. Não lhe acho graça nenhuma. Eu queria que vissem: D. José II, visitando os cárceres — Camila ou os subterrâneos — O Barba-Roxa — Há dezasseis anos ou os incendiários — Os sete infantes de Lara — A Inês de Castro...

E Manuel Quintino dispunha-se a continuar esta revista teatral, quando Jenny o interrompeu, perdendo assim a melhor ocasião de se informar, entre outras coisas, dos merecimentos da célebre Josefa Teresa, de quem ainda agora ouvimos falar com saudades os frequentadores reformados, cujos legítimos sucessores são os dilettanti de hoje.

— Carlos tem ido ao escritório? — perguntou Jenny, a meia voz.

— Esteve lá. no outro dia, na terça-feira, por infelicidade minha — respondeu o guarda-livros, lembrando-se dos enganos a que dera ocasião tal visita.

— Porque diz por infelicidade?

Manuel Quintino ia a contar a Jenny a espécie de auxílio que lhe prestara Carlos no escritório; mas, parecendo-lhe ver em Mr. Richard, ainda que aparentemente distraído, certos indícios de estar prestando atenção ao que ele dizia, julgou conveniente mudar de rumo e respondeu:

— É que eu, apesar dos meus cinquenta e cinco anos, não tenho mão em mim que não me distraia, vendo-o; e,

com a minha palestra, nem trabalho eu. nem.

Aqui hesitou alguns instantes, porque lhe parecia demasiado lisonjeiro o que ia dizer, mas afinal sempre concluiu:

— Nem. nem. nem o deixo trabalhar a ele.

O próprio Mr. Richard mordeu os lábios, para encobrir um sorriso.

Jenny, a mesma Jenny, não pôde conservar-se inteiramente séria; mas, sorrindo, agradeceu com gesto de bondade as generosas intenções do guarda-livros.

Pareceu-lhe, porém, conveniente desviar a direção da conversa e por isso lembrou a Manuel Quintino:

— Mas ainda não me disse porque Cecília não veio.

— Eu sei lá? Não vem, porque não quer. Já dantes era uma santa história para a resolver a aproveitar-se de qualquer convite que a menina tinha a bondade de lhe fazer. É lá de um génio particular aquela pequena; e desde criança que assim a conheço! Que se lhe há de fazer? Mas

agora sobretudo. A rapariga tem o que quer que é a afligi-la. Isso é que tem. Ela bem faz por disfarçar; mas.

Manuel Quintino tomou neste ponto ares de mistério e prosseguiu em tom mais baixo:

— Eu não sei, mas. acho-a outra, há dias para cá. Não lhe tenho querido dizer nada, porque. porque sei como ela é, e tenho medo de mortificá-la ainda mais, porém.

— Mas então — perguntou Jenny, sinceramente atenta ao que Manuel Quintino lhe dizia — o que é que lhe faz julgar?.

— Acho triste a rapariga. Olhos de pai não se enganam com essa pressa. Os outros nada veem, mas os meus. A Cecília não era assim; quem a viu dantes! Ela ri e graceja ainda, é verdade; mas há ali certo modo, que eu lhe estranho. A menina, que bem a conhece, há de ter visto.

— Não; não tenho notado mudança nela.

— Não que também… eu digo-lhe. Ora deixe-me ver. Ela não voltou a sua casa desde... desde terça-feira, não? É isso mesmo. De então para cá é que eu mais tenho notado.

Jenny escutava com crescente curiosidade o que Manuel Quintino dizia.

— Aí está que hoje. — continuou ele — depois de eu chegar a casa. mas peço-lhe, por amor de Deus, que lhe não vá dizer estas coisas; ela põe-se por lá depois a pensar.

— Fique descansado — disse Jenny, procurando não perder uma só das palavras que ouvia.

— Pois esta tarde. Eu já notara que ela ao jantar não tinha comido quase nada. e eu, a falar verdade, não gosto de ver aquilo. Naquelas idades é que é o comer, e as coisas não correm bem, quando não há apetite. Pois não lhe parece?

Jenny fez um movimento de afirmação, conquanto eu não dê por assentado que ela tivesse sobre o apetite absolutamente as mesmas ideias que Manuel Quintino.

— E depois? — perguntou ela.

— De tarde — continuou o velho — a pequena, contra o seu costume, meteu-se no quarto, a ponto de me assustar; não tive mão em mim, que a não chamasse. Não me respondeu logo. Lembrou-me se lhe teria dado alguma

coisa, e, já sobressaltado, ia a descer as escadas, para ver o que era, quando ela me apareceu, mas. ó menina, ou me engano muito, ou a rapariga tinha chorado; ela vinha a rir, vinha, mas eu.

— Foi decerto ilusão sua; porque havia Cecília de chorar?

— Pois aí está o que me aflige. É o não saber! Às vezes lembra-me. serei eu a causa? Ora é preciso que lhe diga que eu antes queria trabalhar como um negro toda a minha vida, e não ter um triste bocado de pão para comer, do que dar motivo a uma só lágrima dela.

E havia um tremor na voz de Manuel Quintino, ao dizer isto, que comoveu Jenny.

— Sossegue — disse-lhe ela, animando-o. — Decerto não é a causa dessa tristeza que lhe parece notar em Cecília. Que mais pode fazer por ela do que o que faz?

— E tudo merece, menina, e mais! Assim eu pudesse. É um anjo! Não imagina.

— Não imagino, sei; pois não é ela a minha mais querida amiga?

Manuel Quintino não pôde ter-se que não tomasse as mãos de Jenny e as apertasse comovido.

Nisto rompeu a orquestra a sinfonia da ópera; fez-se silêncio na sala.

As ideias de Manuel Quintino seguiram novo curso; esqueceu as confidências, que tinham deixado Jenny pensativa e, prestando ouvidos à música, fixou os olhos no pano, que esperava ver subir imediatamente.

— Pois a história desta peça — dizia ele, enquanto o pano não subia — é bem bonita, mas muito triste. Pelos modos, era um fidalgo. não me lembro agora de onde.

E, depois de pensar um momento, acrescentou:

— De Espanha, acho eu. Era, era de Espanha.

Mr. Whitestone estava distraído; mas não há distração possível que impeça um inglês de corrigir qualquer inexatidão que, embora leve, toque pela sua nacionalidade; por isso interrompeu imediatamente a narrativa de Manuel Quintino, emendando-a.

— Ho! Não, não. De Espanha! Ho! Da Escócia, da Escócia. In the Lothian county. The bride of Lammermoor, de Sir Walter Scott. É bem conhecido isso.

— Ai, é verdade, é da Escócia, é. Já me não lembrava. Pois este fidalgo, ao que parece, tinha lá umas birras com outro seu vizinho, também muito nobre, é verdade, mas sem nada de seu. Eram rixas velhas e até me parece que uma demanda dos meus pecados! Vai logo o. o S. Pedro e faz com que este tal se enamore da irmã do outro. Que isto acontece muitas vezes.

Nesse ponto foi o pano acima.

Manuel Quintino, depois de exame passado à cena, prosseguiu:

— Estes homens de saias, que aí estão, são os criados do tal fidalgo. Andam à cata do amante, que vinha falar com a rapariga ao jardim.

O argumento exposto por Manuel Quintino prosseguiu por este teor e estilo, sem que Mr. Richard nem Jenny lhe dessem atenção.

Depois da chegada do barítono e durante o recitativo deste, ia Manuel Quintino vertendo em vernáculo as frases italianas que percebia, por conseguinte aquelas que menos precisavam de ser vertidas.

«Mortal nemico» — recitava no palco o barítono. — «Mortal inimigo» — traduzia o velho, do camarote. — «Di mia prosapia» — dizia um. — «Ele mesmo confessa que tem prosápia» — interpretava, e desta vez desastradamente, o outro. — «Io fremo!» — acrescentava daí a pouco tempo o cantor. — «Diz que treme», traduzia Manuel Quintino.

E assim por diante, até que Mr. Richard, ao começar no palco a ária:

Cruda... funesta smania

pôs termo com ligeiro psiu aos luminosíssimos esclarecimentos do guarda-livros.

Manuel Quintino calou-se logo, prometendo a continuação para o primeiro intervalo.

Antes do fim do acto, deu-se na plateia um incidente vulgar no nosso teatro, e cuja frequente repetição, em certos anos, mantém em perpétua tribulação o espírito dos empresários.

À entrada da prima-dona, e antes dela soltar a primeira nota, romperam de um dos lados da sala alguns sinais de desagrado.

A maioria do público, alheia às altas questões de bastidor, elementos destas súbitas tempestades, estranhou ver assim reprovar quem, dias antes, se aplaudia com frenesi, porventura exagerado.

Manifestou-se portanto reação, extremaram-se os campos, desenvolvendo-se, de parte a parte, um ardor que, durante alguns minutos, interrompeu o espetáculo.

Na plateia tudo era movimento e confusão; nos camarotes, os homens penduravam-se, para observarem, au vol doiseau, a borrasca humana que se lhes desencadeava aos pés, e alguns, menos pacientes, formulavam, lá de cima, acerbas censuras, que se perdiam no espaço; as senhoras quase desmaiavam de assustadas; outras, mais animosas, examinavam a binóculo as peripécias da contenda; a orquestra, deixando de tocar, e erguida em massa, passara a ser espectadora; os cantores cruzavam os braços e imitavam-na; os habitantes das varandas, — porventura os únicos espectadores de boa fé e de amor de arte sem

mescla, — urravam de indignados; a autoridade punha-se em pé no camarote e pedia para ser ouvida.

No meio deste tumulto, Mr. Richard dava evidentes sinais de desagrado, traduzidos por muitos hos!, por muitos estalidos de língua, por muito sacudir de cabeça e por pancadas de impaciência com os nós dos dedos no encosto do camarote.

Manuel Quintino, igualmente escandalizado, era mais verboso na expressão da sua indignação.

Este fartou-se de falar, de ralhar, de gesticular, de censurar as autoridades, de formular projetos absurdos de polícia teatral, e isto tudo quase debruçado no camarote e fitando a massa escura da plateia, cujo alvoroto ia crescendo.

Jenny olhava também na mesma direção, mas o motivo era outro.

No camarote próximo ouvira falar com severidade dos amotinadores da sala e, entre os nomes mencionados, escutara o do irmão.

Jenny estremeceu, e daí vinha o cuidado com que examinava a plateia.

No entretanto, Manuel Quintino bradava:

— Eu, se fosse à autoridade, mandava todos para o Carmo. Isto é um desaforo. Vem uma pessoa para se divertir, e vai. e vai. e vai.

A hesitação no terminar a frase era devida a ter alguma coisa atraído a atenção do velho para um ponto da sala.

— Oh! oh! — disse ele por fim. — Ora, se ele não havia de estar! Pudera! A festa não se fazia sem ele. Estava de ver!

— Quem? — perguntou Jenny, receando compreendê-lo.

— Lá está também o Carlinhos; pois não vê?

— Onde? Onde? — perguntou logo, com vivacidade, Mr. Richard.

Manuel Quintino sentiu ao mesmo tempo a mão de Jenny a apertar-lhe o braço, como para recomendar-lhe discrição. Antes porém de a sentir, já ele tinha percebido a necessidade de ser prudente.

— Acolá! — e apontou em direção exatamente oposta ao lugar em que estava Carlos.

— Aonde, homem?. Não o vejo.

— Pois não será ele? Ali, ao pé daquele sujeito de chapéu branco. O Sr. Richard ainda não vê. Admira! Olhe, ele lá vai embora. Olhe agora. Adeus, lá foi.

— Não era ele.

— Era, era. Até me parece que ele me fez sinal de lá, como quem. sim. como quem. estava zangado com este desaforo.

Principiava Manuel Quintino a prejudicar a causa que defendia, levando longe de mais a defesa. Era sestro seu.

Carlos achara-se efetivamente envolvido na maior força do tumulto, ainda que com fim louvável, qual era o de pacificar dois amigos, prestes a entrar em combate por causa desta questão teatral. Levantando porém ocasionalmente os olhos para o camarote, percebeu um sinal de súplica e inquietação em Jenny, e por isso, enquanto os olhos de Mr. Richard, guiados traiçoeiramente por Manuel Quintino, o procuravam em outro ponto, cedeu ele o lugar a novos apaziguadores e saiu da plateia.

Manuel Quintino, que lhe seguia os movimentos, respirou então, dizendo:

— Ele aí vem; verá V. S.a que não tarda. E tem razão em vir; não se pode estar lá em baixo com semelhante gente.

Efetivamente Carlos não tardou a entrar. O primeiro olhar foi para a irmã, que soube tranquilizá-lo com outro, e habilitá-lo a compreender o papel que lhe convinha representar diante do pai.

Carlos, entendendo-a, foi severo para com os desordeiros, o que evidentemente agradou a Mr. Richard.

No entretanto, havia-se restabelecido a serenidade na sala; o primeiro acto terminou sem outra novidade mais do que a de ser no fim a prima-dona aplaudida com entusiasmo pelos mesmos que a tinham pateado à entrada.

Mistérios de teatro, os quais nunca pude penetrar.

Mr. Whitestone saiu no intervalo; Carlos ficou.

Manuel Quintino tomou então a palavra para pregar um sermão a Carlos, sobre os perigos das más companhias. Carlos escutou-o, rindo e comentando-lhe as sentenciosas

palavras com ditos jocosos, que não permitiam ao velho a manutenção daquela seriedade que reclamava tão substancioso assunto.

Passado tempo, principiou Carlos a analisar diferentes toilettes e tipos femininos, que adornavam os camarotes, crítica em que nem sempre era em demasia benévolo. De uma das ocasiões em que, para prosseguir neste exame, procurava limpar os vidros do binóculo, tirou do bolso um pequeno lenço de mulher, com cercadura de renda, para o qual se pôs a olhar admirado.

Depois, segurando-o por uma das pontas, e mostrando-o à irmã, disse, sorrindo:

— Ainda me tinha esquecido isto, Jenny.

— O quê?

— Outra apreensão que fiz, com esperança de por ela obter esclarecimentos, e… que cabeça a minha!. nem já sabia que o tinha no meu poder.

— Mas a que te referes?

— Então esqueceste-te já da minha confidência, no dia do Carnaval?

— Ah! — disse Jenny, olhando imediatamente para Manuel Quintino.

As vistas deste tinham-se fixado também no lenço, e parecia examiná-lo cada vez com mais curiosidade.

— Dá-mo — disse Jenny, estendendo a mão, para recebê-lo.

— Não posso — respondeu Carlos, retirando a sua, a rir.

— Dá-me licença? — disse Manuel Quintino, estendendo também a mão para ele.

— Para o entregar a Jenny depois?

— Não, não é; queria ver.

— Que tem você a ver com este lenço? — perguntou Carlos, dando-lho.

Jenny mostrava-se cada vez mais inquieta.

Manuel Quintino examinava o lenço com atenção.

— É célebre! — dizia ele. — É exatamente um dos lenços que eu dei a minha filha, no dia dos anos dela.

— Como? — perguntou Carlos, olhando para a irmã.

A inquietação de Jenny redobrava.

— Não que é exatamente!. as rendas!. o bordado dos cantos. Só falta. Ah!. mas a marca também!. um C!. Este lenço é de Cecília! Como é possível?!.

Jenny julgou que era tempo de intervir.

— Ora aí temos o Sr. Manuel Quintino embaraçado com uma coisa bem simples — disse ela, rindo. — Esse lenço é de Cecília, é; que dúvida? Deixou-o ela, por esquecimento, há dias. na terça-feira... na minha casa. Este buliçoso tem o costume de levar tudo do meu quarto, sem me consultar e, julgando que era meu.

— Ah! bem me parecia que era o lenço que eu tinha dado a Cecília. Estava admirado!

Carlos olhava para Jenny e para Manuel Quintino, como sem saber ainda bem o que pensar daquilo.

— Espero que mo restituirás — disse Jenny. — A mim é que compete entregá-lo a Cecília.

Carlos ia a responder, talvez imprudentemente, quando um gesto da irmã lhe impôs silêncio e acabou de explicar tudo.

Enfim, já não era mistério para ele o nome da desconhecida do baile!

Tirando o lenço das mãos de Manuel Quintino e entregando-o à irmã, disse, com entoação de inteligência, para esta:

— Tens razão, Jenny. És tu a quem compete entregá-lo. Acredita que foi por esquecimento que eu não te falei neste. roubo. O que reputo uma felicidade.

— Porquê? — perguntou Jenny, fazendo-se séria.

— Por. por causa da surpresa que veio agora causar ao nosso amigo Manuel Quintino.

— Não, eu só estranhei.

Jenny mudou o assunto da conversa.

Carlos ficou pensativo. Voltou à plateia, ao começar o segundo acto. Todos lhe estranharam a distração e a

indiferença com que assistia à discussão, que ainda durava, sobre o facto da pateada.

Nem mais atenções lhe mereceram os cantores e a ópera.

Jenny observava-o do camarote, e não deixou de reconhecer essa indiferença na posição invariável em que ele se conservou durante dois actos e um intervalo inteiro, como alheio a tudo o que em volta de si se passava.

— Que resultará agora de todo aquele meditar? — pensava a irmã.

Ao começar o último acto, Carlos voltou ao camarote.

Manuel Quintino, não podendo lutar mais tempo contra a força do hábito, adormecera. Mr. Richard estava absorvido num diálogo, com um seu compatriota, de cabelos e suíças cor de neve, gravata da cor das suíças e tez cor-de-rosa de Alexandria; falavam nos triunfos líricos da célebre Malibran, que ambos tinham, quando rapazes, escutado em Londres; no estilo de canto da fénix dos tenores — o famoso Rubini, o qual tinham admirado em 1831, no Queens Theatre; no D. Giovanni, de Mozart, música de que nunca se saciam os tímpanos britânicos; e na Beggars Opera, de

Gray — protesto do gosto nacional contra a escola italiana, que se riu do protesto.

Carlos, sentando-se junto da irmã, podia pois julgar-se a sós com ela.

— Então a minha bela incógnita do dominó de seda. — principiou ele.

Jenny olhou receosa para Manuel Quintino.

— Não tenhas medo — disse Carlos. — Dorme e ameaça ressonar.

— Estás agora convencido, Charles — disse Jenny ainda a meia voz — da verdade do que eu te dizia aquela manhã?

— A respeito?

— A respeito da tua aventura da noite de Carnaval. Cecília é uma menina bem-educada e de grande delicadeza de sentimentos. Deu imprudentemente aquele passo, que Deus sabe quantos desgostos lhe poderia vir a causar, se a tua generosidade não prevalecesse afinal sobre as tuas. loucuras; como há de continuar a prevalecer ainda, assim o espero. Não estiveste tu mesmo para a perder no conceito

dos que a não respeitam, porque a não conhecem? Não terias agora remorsos?

— Mas Cecília.

— No mesmo dia, em que tu me falaste nisso, me veio ela contar tudo. Também tenho a sua confiança. E se soubesses com que receio o fez! Se visses com que lágrimas não fingidas me interrompeu, quando eu lhe ia a confessar o que pensava das mulheres que se encontram sós e mascaradas naqueles lugares!

— Pois tu disseste-lhe. Ó Jenny!.

— O bastante para a acautelar de passos como aquele; visto que nem sempre aparecem protetores que, no meio das suas veleidades, conservem ainda uns restos de sentimentos generosos.

— Valha-te Deus, Jenny! Mas. na verdade que me custa ainda a acreditar! Pois era Cecília! Confesso-te, Jenny, que nunca supus que aquela rapariga tivesse tanta graça, tanta inteligência, tanto.

— Não é dessa injustiça que eu desejo ver-te arrependido, Charles, mas antes da do conceito que fizeste

de Cecília, do modo como a trataste, só por a veres onde nem quiseste supor que pudesse estar tua irmã.

— E repito! — acudiu Carlos, com vivacidade.

— Pois bem, Charles — respondeu Jenny placidamente, mas em tom repreensivo. — Digo-te eu então que as qualidades, que a vida inteira de Cecília dão-lhe direito a exigir de ti tanta consideração e estima, como a que dizes ter-me. É ainda hoje a minha melhor amiga.

Carlos olhou para a irmã, admirado, tal era a gravidade que lhe descobriu no olhar e na voz.

Devemos confessar que ele nunca viu em Cecília outra coisa mais do que uma rapariga bonita, a qual muitas vezes lhe merecera olhares complacentes, mas de quem tão depressa se esquecia, como dela se afastava.

Recordo-me de haver dito que esta qualidade, de não desafiar imediatamente impressões profundas, caracterizava a espécie de beleza que Cecília possuía.

Nos seus dotes morais nunca pensara Carlos; e para que havia ele de pensar nisso? Por estes motivos a seriedade,

de que se revestira subitamente o rosto de Jenny, impressionou-o.

— Bem, Jenny — respondeu ele, fazendo-se sério também —, as tuas palavras reabilitariam até aqueles que precisassem de ser reabilitados. E Cecília, creio-o firmemente, não está nesse caso. Censuras, em tudo isto, só as mereço eu. Hei de provar-te que assim o penso.

Jenny estendeu-lhe a mão.

— Agora reconheço-te pelo que és. Agradecida.

E depois, apontando para Manuel Quintino:

— Escuso lembrar-te que ele ignora tudo.

— E ficará ignorando.

Manuel Quintino sonhava-se agora no escritório, a fazer uma baralhada conta de somar.

Passados momentos, rodava pelas ruas da cidade a carruagem que transportava a casa a família Whitestone.

Das três pessoas que ela conduzia, nenhuma falou durante todo o caminho.

CAPÍTULO XVII

CONTAS DE CARLOS COM A CONSCIÊNCIA

Impressionado pelas ocorrências daquela noite, que lhe afugentavam o sono, Carlos ao voltar a casa encostou-se pensativo à mesa e abriu maquinalmente um livro.

Quis o acaso que fosse um volume das obras de Byron e nas Horas de Ócio. Carlos leu.

Woman! experience might have told me...

A atenção já o não acompanhou ao segundo verso. Fora fatal a primeira palavra: — Woman! — mulher! — Apoiada neste mágico substantivo, a imaginação ganhou esforço e, deixando os sentidos seguirem os versos restantes, divagou, à sua vontade, mais rápida e por mais longe do que eles.

O caminho, que estes continuaram seguindo, provavelmente poderá o leitor encontrá-lo, se quiser, na sua

biblioteca; deixaremos por isso Byron em paz e iremos, como pudermos, atrás da imaginação de Carlos.

Principiou por se recordar da revelação que a um acaso devera momentos antes. Recordar, disse eu? Para com rigor me poder servir do termo, era necessário que tal descoberta lhe tivesse já, por instantes sequer, deixado livre o campo do pensamento; e teria? É lícito duvidar.

Entrou depois Carlos em tarefa mais ativa, qual foi a de tentar avivar a imagem de Cecília, que apenas lhe aparecia como vaga reminiscência, e velada por uma nuvem, que ele em vão procurava dissipar.

Se o leitor já alguma vez pôs ombros a empresa destas, deve saber que desesperadoras dificuldades elas trazem quase sempre consigo. Quanto mais ardente é o desejo de recordar uma fisionomia, que ainda não temos bem gravada na memória, tanto mais parece comprazer-se um maligno espírito de impacientar-nos, alterando-lhe completamente o tipo, combinando os elementos fisionómicos mais disparatados, debuxando a capricho o perfil, colorindo mentirosamente os cabelos e a tez, assombrando com a mais grosseira infidelidade as inflexões e os relevos.

Em uma palavra, Carlos, que tinha visto frequentes vezes Cecília, ainda que nunca muito atentamente, não pôde, por mais que o tentasse, tirar da memória uma imagem distinta dessa rapariga.

Em compensação, recordava-se do metal de voz sonoro, com que ela lhe falara no baile, da graciosa maneira de rir, de tudo quanto lhe dissera, de todas as pequenas circunstâncias daquela aventura do Carnaval, de todas, e tão profundamente se deixou embeber nestes pensamentos que, apoiada a cabeça entre as mãos, os cotovelos sobre a mesa, e os olhos meio fechados, nem se lembrava de Byron, que sinceramente julgava continuar a ler, nem sequer tinha consciência do lugar onde estava.

A luz amortecida difundia no aposento soturna claridade, e o silêncio era tal, que Carlos ouvia-se respirar.

De repente, como que tentando sair daquele estado, afastou de si o livro com vivacidade.

Vergou a cabeça para trás, sobre as costas da cadeira, e passou a mão pelos olhos, à maneira de quem desperta de

um sonho. Mas, depois de avivar a luz, caiu de novo na mesma abstração de que saíra.

Foi, porém, só a mão esquerda que se encostou à cabeça desta vez, enquanto que a direita pegou num a pena e pôs-se a desenhar e a escrever à toa sobre uma folha de papel branco que lhe estava ao alcance.

Escusado é dizer que a alma não tomava parte nisto.

Segundo a teoria de Xavier de Maistre, la bête ou o outro, que, em nós, devemos distinguir do eu, cansara-se de ler e escrevia agora. A alma, essa, continuava na tarefa anterior, meditava ainda.

Observo, porém, que são perigosas muitas vezes as ocupações a que o tal outro se entrega, quando sacode por momentos o jugo do companheiro. O mesmo Xavier de Maistre aponta-nos exemplos disso.

Uma das distrações mais arriscadas é esta de escrever. A mão é indiscreta; e a razão, se se descuida, está sendo atraiçoada, quando menos o pensa, por estes automáticos movimentos, que parecem sem significação.

Olhai por cima do ombro do homem absorvido em graves pensamentos, cuja mão move ao acaso a pena sobre uma folha de papel; entre muita coisa insignificante, é raro que uma ou outra palavra, ou outro sinal não simbolize, não denuncie a ideia dominante que o possui.

Esse outro motor ou princípio, que nos domina as ações, quando a consciência as não regula e dirige, parece ter, como a alma, uma memória também. Exerce-a sobre as particularidades insignificantes que acompanham qualquer acontecimento de importância para o nosso destino. Impressionou-nos uma revelação? Quando o pensamento se estiver ocupando dela, a memória do outro reproduzirá a maneira de trajar da pessoa de quem a ouvi-mos, a cor das paredes do aposento onde a escutámos, uma frase dita simultaneamente por um homem que passava. Ora, muitas vezes, estes acessórios têm ainda bastante analogia com o facto principal, para que um espírito investigador, sabendo-os, possa ir por eles, de dedução em dedução, até ao fundo dos nossos pensamentos.

Daí vem o perigo de confiar, em tais momentos, a pena da mão, que se move sob a vontade deste guia, o qual não tem

a discrição necessária para não deixar no papel vestígios das suas curiosas memórias.

Era o que estava sucedendo a Carlos.

Começou por desenhar, distraidamente, um elmo; isto parece nada ter que ver com as prováveis preocupações do seu espírito, naquele momento. Cumpre-me, porém, declarar que na ocasião em que no teatro, pela primeira vez, Carlos reparou em Cecília, passava por diante dele um indivíduo, embrulhado num manto romano e com um elmo exatamente semelhante ao do desenho.

Depois do elmo, delineou a pena uma meia máscara; aqui já a analogia é mais evidente e dispensa comentários; uma mão, depois; pensava talvez em Cecília, cuja beleza notara ao apertar-lha, à despedida. Adiante. — agora parece maior o desacerto — um lampião de praça! É verdade que havia um a iluminar a misteriosa incógnita, no momento em que, na aflição, invocara o nome de Jenny, e conseguira, graças a esse nome invocado, evitar a ulterior perseguição de Carlos. E é provável que fosse esta a razão de semelhante desenho, visto que, em seguida, a mão escreveu por muitas vezes, e em diversas formas de letra: — irmã, pela sua

irmã, por Jenny! Depois chegou a vez de um órgão de igreja; — esboço que só julgará incoerente quem se não recordar da santa do calendário, da qual esse é o emblema. De facto, a ideia do sacro instrumento veio de Santa Cecília, e a ideia da santa não era das que acudiriam à mente de um protestante, se, cá na terra, alguma homónima, por canonizar, a não chamasse lá. Após isto, escreveu uma palavra absurda, singular, inqualificável; foi esta: — Ailicec; mas inverta-a o leitor e cessará a estranheza que ela lhe possa causar; seguiram-se-lhe outras, não menos esquisitas, e formadas de diversas combinações das mesmas sete letras que, enfim, apareceram dispostas por ordem natural na palavra: Cecília. Mais abaixo — singular transição! — escreveu Carlos, em caracteres bem legíveis: — Papa; — depois: — Calvino; e, acto contínuo, um nome de um compatriota e amigo seu que, meses antes, tinha casado com uma senhora católica. — Veja o leitor se poderá interpretar estes sinais, e ao mesmo tempo diga se não estava sendo de grande indiscrição para a alma o outro, companheiro inseparável dela.

Afinal a mão traçou, muito devagar, as duas seguintes palavras reunidas: — Cecília Whitestone.

A razão pareceu então despertar e, espantada com o que viu feito na sua ausência, tentou pôr termo a semelhantes imprudências; e a mão subitamente passou um traço por as duas últimas palavras, logo depois de escritas.

Carlos levantou-se para passear no quarto.

Principiou então a convencer-se de que tinha de facto sido injusto em formar tão levianamente um conceito pouco favorável da máscara, e menos cavalheiro do que devia, no seu procedimento para com ela. Jenny havia-o repreendido por isso tudo — e Carlos julgou ouvir a própria consciência aplaudindo Jenny.

Chegou a persuadir-se de que tinha remorsos, e pareceu-lhe necessário imaginar alguma maneira de remediar tão grandes culpas.

Ouviu duas horas, ainda a pensar nisto.

Deitou-se vestido sobre o leito; e cada vez a parecer-lhe mais necessária e urgente uma resolução naquele sentido!

Eram três horas, quando julgou ter sono. Deitou-se por baixo da roupa e apagou a luz.

O sossego que o rodeava, um desses sossegos noturnos, tão completos que até o roer da larva invisível, oculta no seio da madeira, se ouve distintamente, impacientava-o, longe de convidá-lo ao repouso. Quando o espírito está agitado, quando uma ideia qualquer nos inquieta, o silêncio, a tranquilidade exterior parecem-nos um escárnio e irritam-nos.

Em menos de um quarto de hora já a cama estava em desordem e a travesseira no chão. Carlos acendeu de novo a vela, trouxe um livro para a cama e esteve meia hora com ele aberto nas mesmas páginas.

Sentou-se, impaciente, no leito e imaginou que tinha febre.

E assim se conservou até às cinco horas da manhã, que foi somente quando adormeceu, ou antes, se deixou cair exausto por o cansaço que produz a insónia.

E que resultou de tanto pensar? Vê-lo-emos brevemente.

Vamos agora a casa de Manuel Quintino, onde nos encontraremos com antigos conhecimentos.

Ao voltar do teatro, contara Manuel Quintino à filha, não só o enredo da Lucia, que não pudera concluir no camarote, mas todos os principais sucessos da noite; esqueceu-lhe porém o episódio do lenço, ao qual não dera importância.

Cecília escutou-o calada. — Dir-se-ia que já a impacientava ouvir tantas vezes falar em Carlos; porque, de facto, parecia propósito formado em Manuel Quintino o ter sempre que contar do rapaz, desse estouvado, a quem, apesar de todos os estouvamentos, o bom homem queria deveras.

A julgar pela aparência de ligeira mortificação que tomava nesses instantes o rosto de Cecília, devia supor-se que existia nela uma forte antipatia para com o predileto do pai. — Mas será prudente não confiar demasiado no rigor lógico destas deduções fisionómicas, e muito mais em mulheres.

No dia seguinte, pela manhã, ao partir para o escritório, Manuel Quintino não deixou a filha menos melancólica do que nos anteriores; até lhe pareceu mais falta de cor. Falta de cor! Deus sabe os íntimos e dolorosos estremecimentos que estas palavras desafiam no coração de um pai! São para ele as faces rosadas de uma filha, como o firmamento

para estas organizações impressíveis em excesso, onde, ao toldar-se de nuvens o céu, se projetam as sombras da tristeza; onde, quando ele ostenta um azul sem mácula, se reflete a luz das alegrias.

Imagine-se o cuidado com que devia partir o bom homem.

Que tratos não dava à memória! Que conceções mais ou menos extravagantes! Que minuciosas investigações sobre todos os seus próprios actos e palavras não vinha fazendo pelo caminho, só para descobrir a causa daquela mal disfarçada melancolia! E tudo em vão!

No escritório não o deixou este cuidado; mais de uma vez, se surpreendeu com a pena, a incansável companheira, parada no meio de uma palavra, com os olhos fitos no papel, e sem verem coisa alguma; em completa abstração, ele, tão pouco propenso a isso!

Depois da morte da mulher — havia quinze anos — e da doença de Cecília — havia seis — nunca tal lhe acontecera; estranhava-se.

Alguma razão tinha Manuel Quintino para estes cuidados.

Não que se pudesse dizer Cecília verdadeiramente triste; a imaginação do pai, excitada pelo seu muito amor, exagerava o mal, à força de o temer; mas perdera a despreocupação, quase infantil, que era natural nela; desgostara-se de repente de alguns passatempos que, no meio das canseiras domésticas, ainda conservava de criança; tomara-se inesperadamente do gosto de passear só pelos corredores e pelas ruas do quintal, que não era próprio do seu carácter pouco meditativo, até então pelo menos. Manuel Quintino estranhava, por exemplo, não a ver fazendo saltar o ágil e engraçado gato maltês, que não andava pouco sentido com a mudança; não a ouvir já cantar a meia voz, quando trabalhava à janela do quintal; ou formular observações, inocentemente satíricas, a respeito de alguns vizinhos, e as impertinentes perguntas com que, muito de propósito, costumava impacientar a criada; nem o mais ligeiro indício denunciava agora nela uma índole propensa ao jovial.

Na manhã em que Manuel Quintino lutava com as apreensões que estas mudanças em Cecília lhe despertavam, trabalhava ela no quarto com as janelas

fechadas, contra o seu costume, e tão distraída, que não era raro parar-lhe a agulha a meio caminho da costura.

Por mais de uma vez, Antónia, vindo consultá-la sobre negócios domésticos, foi constrangida a repetir a pergunta, porque Cecília não a tinha compreendido — o que, seja dito em abono da Sra. Antónia da Natividade, não procedia de falta de clareza na redação da frase.

De uma destas fundas abstrações, tão repetidas naquela manhã em Cecília, veio arrancá-la o toque impetuoso da campainha do portal.

A este som Cecília estremeceu e dirigiu os olhos para o relógio da sala, com um gesto de surpresa. Pouco passava de uma hora; não podia ainda ser o pai que voltasse, e raras vezes outra mão que não a dele fazia assim soar a campainha — muito menos àquelas horas do dia.

A estranheza aumentou e quase degenerou em inquietação e susto com a entrada da criada, cuja fisionomia não era de facto, naquele momento, para tranquilizar ninguém.

A venerável matrona trazia estampado no rosto, vigoroso de expressão, o mais completo espanto.

Cecília, vendo-a, ergueu-se de súbito e fez-se pálida, como se já aguardasse uma má notícia.

— Menina!. menina!. — dizia, a custo, a criada, fora de respiração.

— Jesus! que é, Antónia? que é? — perguntou Cecília, batendo-lhe o coração com tal violência, que parecia despedaçar-lhe o peito.

— Ai que ainda não estou em mim! — continuava a outra.

— Diga, mulher! Diga o que é.

— Ora o que há de ser! Ai!. Não se assuste. Safa!. Eu sempre fiquei!.

— E não diz!

— Digo, digo, menina. Pois porque não havia de dizer? Para isso vim.

— Pois não parece. Não vê o susto em que estou?

— Susto?! Não é caso disso, sossegue. É que. ai, deixe-me, por amor de Deus, respirar.

Cecília juntou as mãos com impaciência.

— É um senhor — disse por fim Antónia — um senhor todo asseado e bonito, que quer. Ai! Sempre se me pregaram umas dores de cabeça!

— Que quer o quê, Antónia?

— Que quer falar à menina.

— A mim! Você que diz, mulher? Isso pode lá ser?

— Tanto pode, que ele lá está.

— Lá! Aonde?

— Na sala das visitas.

— Pois mandou-o entrar?! Valha-me Deus!

— Então que havia eu de fazer? Se ele procurava a menina. Não, a delicadeza não fica mal a ninguém, sobretudo com pessoas delicadas também. Havia de ver que modos aqueles tão bonitos! Obséquio vai, obséquio vem, senhora para aqui, senhora para ali; não é lá como estes cabouqueiros que às vezes vêm por aí, que julgam que todos foram criados a boroa e caldo verde, como eles. Não, senhora, bem se vê que este é pessoa fina.

— Mas. é impossível. Há engano; não pode ser a mim que ele procura. Você ouviu bem?

— Ouvi, menina, ouvi. Ora que dilema! Graças a Deus não estou tonta de todo. Ia agora deixar entrar assim, sem mais nem menos, um homem pela casa dentro, sem ouvir, sem perguntar. Credo, menina! Melhor conceito faça de mim. Olhem agora! Ora essa não está má! Não, se eu não entendia aquilo, estava bem servida com a minha vida! Por as palavras se entende a gente, e o nosso Senhor nos dê sempre ouvidos para ouvir, olhos para ver e juízo para entender. Amém.

— Está bom, está bom. Já agora não há remédio senão ir ver quem é. E o pai não estar em casa!.

— Ora não temos nenhum ataque de ladrões. Nem que fosse alguma coisa do outro mundo. Se a menina estivesse só, não digo. mas na companhia de uma pessoa de... de representação.

Cecília parecia ainda irresoluta.

Antónia insistiu:

— Então, menina! Olhe que isso até parece mal também. Fazer esperar assim aquele senhor! Afinal não sei de que tem receio. Então se a gente vai a.

— Ora cale-se, mulher, cale-se. Se eu sei o que você tem estado para aí a pregar. — interrompeu-a Cecília, já impaciente. — Que hei de ir, sei eu. Já que o mal está feito.

— O mal! Ó menina, não me diga isso, por quem é. Então queria que eu.

Cecília, depois de rapidamente se ajeitar ao espelho, voltou as costas à senhora Antónia, e dirigiu-se para a sala onde a criada introduzira a estranha visita, que tanto a estava inquietando.

Antónia seguiu-a, resmoneando o resto das suas reflexões.

Ao entrar, não vira ninguém. A pessoa que ali esperava, saíra para a varanda de pedra, que deitava sobre o quintal. Voltou, porém, logo que percebeu que as duas tinham entrado na sala, mas, como ficasse com as costas voltadas à luz, não foi logo possível a Cecília reconhecer quem fosse.

Cecília deu alguns passos, com hesitação, dizendo:

— Ao que parece, V. S.a deve ter vindo enganado.

— Não, minha senhora, não vim. É V. Exa. mesma quem eu procuro.

Cecília parou estupefacta. A voz, que assim lhe respondia, era conhecida; a pessoa não o era menos.

Ela reconheceu Carlos Whitestone.

O sobressalto e a confusão que se apoderaram da filha de Manuel Quintino, nesse momento, são indescritíveis, mas fáceis de conceber por quem tenha escutado, com Jenny, a dupla confidência, de que atrás fizemos menção.

Cecília teve de apoiar-se ao encosto da cadeira próxima, para disfarçar a sua turbação, as faces coraram intensamente e a custo pôde dizer, em voz trémula e sumida:

— Ó Sr. Carlos!. V. S.a aqui!.

— Venho cumprir um dever, minha senhora.

— Queira sentar-se — disse Cecília, quase constrangida ela própria a fazê-lo para não cair.

— Tem dúvida, minha senhora, em me escutar a sós? — perguntou Carlos, designando Antónia, com o olhar.

Cecília, ainda mal senhora sua, fez sinal à criada, que, colocada no limiar da porta, mostrava poucas disposições de abandonar o posto, e por isso fingiu não perceber a ordem, apesar de ter entendido bem as palavras de Carlos.

O génio de Cecília precisava de reagir contra o enleio que a tomara; encontrou auxiliar na impaciência com que repetiu a ordem, acrescentando com certo desabrimento:

— Saia.

Antónia não resistiu. Subiu as escadas, de mau humor, resmungando:

— Olhem agora o peralvilho! Ora já viram! Louvado seja Deus! Sempre há gente neste mundo! Que não vá eu descobrir o grande segredo! Melhores barbas do que as dele têm confiado na filha do meu pai. O Sr. Doutor Raposo, um letrado de mão cheia… pois não punha nenhuma aquela em falar diante de mim dos seus autos e demandas. Servi três anos o Doutor Dionísio, e, depois de jantar, contava-me tudo o que via e ouvia por casa das famílias onde tratava de

médico. E, graças a Deus! nunca tiveram de se arrepender disso. Está para nascer o primeiro que tenha razão de queixa da minha língua. Olha agora. O lerma, o magricelas, o dois de paus.

E procurando parodiar burlescamente os modos de Carlos:

— «Tem dúvida, minha senhora, em me escutar a sós?!.» Tem dúvida, tem sim, senhor; e então que acha?. Ou, se não tem, devia ter. Então escuta-se assim um criancelho, um homem que nem põe a navalha na cara, sem estar presente uma pessoa de juízo? Hem? — E ela então: «Saia!». Gosto disto! «Saia»; não que ele não há mais «Saia». Não sai, não, senhora, não sai assim com essa pressa. Ora ai está. Ou se sai é porque. é porque. é por a gente querer viver bem com todos; é o que é. não é por mais nada!

A palinódia prolongou-se nesta afinação; e a reputação de Carlos ficou de rastos no conceito da senhora Antónia.

Logo depois de se perder nas escadas o som dos passos de Antónia, Cecília, trémula e confusa, continuou:

— Não posso ainda imaginar a que devo a honra.

Carlos não a deixou prosseguir.

— Perdão, minha senhora, V. Exa. deve supor qual o fim que me levou a solicitar este favor.

— Eu?! — perguntou Cecília, a tremer.

— Sim, minha senhora — continuou Carlos. — se V. Exa. me conhecesse, se tivesse aprendido a fazer-me justiça, devia prever, ao ver-me entrar hoje aqui, na sua casa, que só um motivo me podia trazer.

— E era? — murmurou Cecília, quase receando-se da resposta.

— Pedir-lhe perdão, minha senhora.

— Perdão!.

Cecília sentiu o atordoamento precursor da vertigem, ao ouvir aquelas palavras.

— Sei tudo, minha senhora — prosseguiu Carlos — e acredite que tenho sinceros remorsos de não haver adivinhado logo; nunca senti assim o efeito das minhas leviandades.

— Mas. sabe. o quê, senhor? — balbuciou Cecília, como se tentasse ainda duvidar do que era já certeza para ela.

— Não me quer poupar ao desgosto de recordar uma cena, em que eu fui culpado?

— Pois Jenny disse-lhe? — exclamou, quase involuntariamente, Cecília, como falando consigo mesma.

E os olhos brilharam-lhe de lágrimas, prestes a desprenderem-se pelas faces.

Carlos atalhou-a:

— Não, minha senhora; Jenny não foi indiscreta. O acaso revelou-me tudo o que eu, desde aquela noite, tanto desejava saber. A minha irmã apenas me fez compreender bem toda a pouca delicadeza do meu procedimento e a necessidade de uma justificação; é essa que venho aqui oferecer-lhe. V. Exa. tem direito a ela, como o teria Jenny e como eu o exigiria de quem tratasse minha irmã. tão grosseiramente, como eu tratei V. Exa..

— Mas, Sr. Carlos, toda a culpa tive-a eu.

— Não diga isso! Insistir em não me reconhecer culpado é apenas uma maneira delicada de recusar-me o perdão que, de propósito, vim aqui implorar-lhe.

Cecília não respondeu; Carlos prosseguiu:

— V. Exa. é a melhor amiga de Jenny; ela mesma, ontem, mo disse. Peço-lhe que me não julgue indigno da sua amizade também, minha senhora. Eu suponho-me igualmente o melhor amigo da minha irmã. Duas pessoas que têm assim a estima de um anjo, como aquele, devem estimar-se uma à outra; não lhe parece?

— Mas eu, Sr. Carlos, nunca tive motivos para. não tenho direito para deixar de… estimá-lo.

— Perdoa-me portanto?

Cecília guardou por algum tempo silêncio; depois, fazendo esforço sobre si mesma, disse com vivacidade:

— Sr. Carlos, não falemos mais nisto, peço-lhe. Esqueçamos tudo, como se tivesse sido um sonho. mau.

E terminando assim o pensamento, baixou os olhos, como desfalecida pela violência da luta que sustentara.

Carlos não replicou imediatamente. Houve um silêncio de alguns segundos, incómodo para ambos; enfim, olhando para Cecília:

— Esquecer! — disse Carlos, de uma maneira que parecia mostrar não lhe ser demasiado grata a proposta, e depois acrescentou:

— Pois sim. Esqueçamos, visto que assim o quer. Mas eu tenho a esquecer, arrependendo-me; já o fiz; V. Exa., perdoando; porque recusa fazê-lo? Perdoa?

Cecília ia de novo negar-se a admitir-lhe a culpa, mas, erguendo os olhos, viu Carlos que lhe estendia a mão e, sem bem entender o que fazia, estendeu também a sua, murmurando:

— Perdoo.

Quando, refletindo, a quis retirar, e juntamente a palavra, já não era tempo.

Logo que ouviu de Cecília o perdão, que viera de propósito solicitar ali, Carlos levantou-se.

— Obrigado, minha senhora — disse ele. — Cumpri o meu dever; agora parto satisfeito.

A pobre rapariga não podia responder mais nada; se ainda lhe estava parecendo um sonho tudo aquilo!

— Mais duas palavras só — disse ainda Carlos, pegando no chapéu. — Quando V. Exa. chegou, não estava eu aqui dentro; reparou? Nesse momento, minha senhora, acabava de fazer uma singular descoberta.

— Uma descoberta?!

— Muito singular. Há poucos dias — continuou Carlos, aproximando-se da janela, junto da qual estava já Cecília — passeava eu naqueles pinheirais. acolá. Meditava. nem posso bem dizer em quê. Não sei de que maneira me atraiu a vista, e depois me ocupou a imaginação, uma casa, que avistei dali. Tinha a varanda revestida de trepadeiras, uma roseira no intervalo das duas janelas e, no andar de cima, aparecia frequentemente uma senhora, toda ocupada em trabalhos domésticos, nesse lidar modesto que rodeia, aos meus olhos, de suave perfume de poesia as mais belas figuras de mulher.

Cecília baixou os olhos, corando, e pareceu entretida a examinar a andarela do castiçal de vidro, que lhe ficava à mão.

— Imagine agora a minha surpresa, quando, há pouco, chegando aqui, reconheci esta varanda, esta janela, esta roseira, por as mesmas que de tão longe me tinham chamado a atenção. Daí — acrescentou, sorrindo — fácil me foi concluir quem era a senhora. Não haverá mistério nisto? Não parece que esta roseira queria aconselhar-me de longe o passo que hoje dei? Eu, por mim, estou tentado a crê-lo, e tanto que, por gratidão, peço-lhe licença, minha senhora, para levar comigo uma memória dela. Permite-me que corte uma daquelas flores?

Cecília só pôde sorrir em resposta, baixando a cabeça.

Carlos aproximou-se da roseira e cortou um botão ainda mal desabrochado; voltando à sala, curvou-se respeitosamente diante de Cecília e, depois de mais outra frase de cumprimento, saiu.

Ela viu-o sair, sem que fizesse o menor movimento, e por muito tempo permaneceu no mesmo lugar e na mesma posição em que havia ficado.

Dominava-lhe o espírito um turbilhão de ideias, que ora o mortificavam, ora, não sei de que maneira, o embalavam

agradavelmente.

Foi ainda Antónia quem fez cessar mais esta abstração.

— Então quem era afinal este senhor de tantos recatos e cautelas? — perguntou a criada, a quem a curiosidade mordia com verdadeira sofreguidão.

— Pois não conheceu? Era o filho do Sr. Ricardo, do patrão do pai.

— Ai sim?! Como está um homem! A última vez que o vi, era ele uma criança. Pois olhe que. a respeito de educação. pode com a que tem. Sempre é herege!

— Porque diz isso?

— Então não viu o descoco com que lhe pediu, e na minha cara, para me mandar embora? E a menina então. foi logo! E que queria por fim este chincharavelho?

— Nada. E sabe?. Escusa de falar ao meu pai… nesta visita.

E reparando que Antónia arregalava os olhos a tal recomendação, Cecília acrescentou:

— É porque... Jenny. e o irmão querem causar uma surpresa ao meu pai. para o dia dos anos dele e... avisam-me... por isso.

Decididamente Cecília não tinha jeito para mentir; hesitava, corava, a dizer isto, que não era possível iludir-se ninguém.

A criada que, segundo ela mesma dizia, tinha olhos para ver, notou este rubor e confusão, e comentou-os ao seu modo:

— Aqui anda coisa. Ora queira Deus, queira!. Nem sei se diga ao Sr. Manuel Quintino. Mas nada, nada; ela lá sabe voltar o pai para onde quer e afinal quem fica mal sou eu. Lá se arranjem. Hum! Uma surpresa para o dia dos anos. Pois não foste! Para mim é que eles vêm com isto!

Cecília procurou encerrar-se no quarto; pegou de novo na costura; mas posso afiançar que não adiantou o trabalho.

Manuel Quintino tinha razão; alguma coisa afligia a filha.

CAPÍTULO XVIII

CONTAS DE JENNY COM A CONSCIÊNCIA DE CARLOS

Saindo de casa de Manuel Quintino, Carlos não ia menos agitado do que deixara a filha do guarda-livros.

Aquela visita de Carlos, visita que, aos seus próprios olhos, ele procurava fazer passar como a mais natural reparação de uma das suas muitas leviandades, talvez perante a análise imparcial tenha de receber outra qualificação, que não a de um cumprimento de dever.

Se se tratasse de outra mulher, que não fosse Cecília, de outra com menos graças atrativas, embora com mais direitos ainda à reparação, talvez Carlos não chegasse a convencer-se tão profundamente e tão depressa, como parecia ter-se convencido, da instante e imperiosa necessidade daquele passo que dera; talvez o pensamento de tal visita o não tivesse possuído toda a noite e, pelo menos, não se resolveria por certo a realizá-lo, sem haver

consultado Jenny, a sua boa conselheira em todos os actos da vida; mas, longe de a consultar, antes lhe andou ocultando com cuidado o projeto, enquanto o meditava, como com receio de ser dissuadido dele.

Há certos homens, escrupulosos respeitadores da letra das leis, que praticarão desafogados qualquer ação, averiguadamente ilícita, sempre que possam sofismar os artigos do Código de maneira que se ressalvem da pronúncia judicial, dando-se-lhes pouco que o espírito que os ditara ao legislador fique muito maltratado pelo sofisma.

Isto que se pratica com as leis civis, poucos são os que, todos os dias e a cada momento, o não fazem também em relação ao código íntimo da consciência. Raros ousam, se alguns, arrostar contra as prescrições deste juiz inflexível e perscrutador, e confessar o delito desassombrados; quase todos as discutem, as torcem, as comentam, alteram e sofismam, até as porem em acordo aparente com os actos que praticaram.

O orgulho leva muitas vezes o criminoso a recusar defender-se nos tribunais humanos; nem o desprezo geral, nem as severidades da lei são bastantes para o obrigarem a

vergar a cabeça; tem coragem para adotar o crime, deixando-lhe o nome de crime; mas esse mesmo, a sós, no tribunal da consciência, procurará com ardor pleitear a causa que abandonou perante juízes, de cujas mãos pode sair a sentença de morte.

Longe de nós querer estabelecer analogias, muito íntimas, entre estes perpetradores de grandes maldades e Carlos, que, para com a consciência, só tinha a justificar-se de um desses pecaditos que, mais ou menos, há de forçosamente cometer quem não tenha nas veias um sangue de vinte anos.

Mas é um tal júri o da consciência, que, sempre que tais pleitos são necessários no seu tribunal, a causa é já por isso má. Para as justas dispensa advogados.

Não procuremos iludir-nos nós, como Carlos; sem querer duvidar dos bons sentimentos dele, pode-se ir buscar outras razões para a visita, cujos pormenores no último capítulo relatámos.

O que é fora de dúvida é que, depois daquela vigília em que o leitor o viu, não teve Carlos pensamento e imaginação,

senão para descobrir um meio de tornar a encontrar-se com Cecília e de falar-lhe.

O resultado foi o que sabemos.

Se havia sido tão profunda a impressão produzida por a casual revelação do teatro naquele espírito afetado já de vagos prelúdios do mal, mais a fundo se gravou ainda depois da visita feita a Cecília.

Parecia que nas poucas palavras que nessa entrevista Cecília pronunciara, Carlos tinha decifrado sentidos ocultos; pensava nelas!

Depois a consciência de ter sido quase evocado por aquela mal distinta figura de mulher, quando dias antes fitara de longe distraidamente os olhos num a janela, avultava-lhe agora como uma coisa acima do simples acaso; por pouco estava a acreditar que a secreto influxo lhe tinham nesse dia obedecido os olhos.

Vejam se não é sério o estado do coração de Carlos, que assim está quase a torná-lo supersticioso.

Eram duas horas da tarde quando Carlos chegou a casa. Tomando por uma rua do jardim, para onde se abriam as

janelas do quarto da irmã, parou por baixo delas, e bateu nos vidros uma leve pancada.

Pouco depois agitaram-se, afastando-se, as cortinas, e o vulto de Jenny acudiu àquele sinal.

— És tu, Charles?! A estas horas!

— Podes falar-me, Jenny?

— Entra.

Carlos tornou outra vez por a rua, por onde viera; entrou no portal; atravessou alguns corredores e dentro em pouco achava-se no quarto de Jenny.

Jenny estava ocupada na feitura do enxoval de uma criança recém-nascida, cuja pobre família era socorrida por a bondosa menina.

Carlos sentou-se ao lado da irmã.

Jenny continuou a trabalhar.

— Então que milagre é este? As magnólias do jardim tinham de fazer um espanto ao verem-te entre si a estas horas do dia!

— Sabes de onde venho? — perguntou Carlos, em vez de responder e brincando maquinalmente com um colar de corais, que tirara de cima do toucador.

— Eu, não — disse Jenny, sem olhar para o irmão.

— Venho de casa de Manuel Quintino.

— De casa de Manuel Quintino? E a que foste lá?

— Pedir perdão a Cecília.

Houve um intervalo de silêncio.

Jenny voltara-se subitamente para Carlos, fixando nele o olhar sério e penetrante; Carlos, com a cabeça baixa, parecia todo absorvido na tarefa de contar o número de corais de que se compunha a enfiadura.

— Dizes a verdade, Charles? — perguntou Jenny, ainda imóvel, e continuando a fitá-lo.

— Então porque não há de ser isto verdade? — replicou Carlos, também na mesma posição.

— E falaste-lhe?

— Falei.

— Que lhe disseste?

— Confessei-me culpado de quanto tivera lugar naquela noite do baile e… pedi-lhe perdão.

— E ela?.

— E ela. — prosseguiu Carlos, pousando enfim o colar — depois de algumas modestas hesitações… perdoou-me.

— Ah! Charles, Charles! Essa tua cabeça!. — disse Jenny a meia voz e com inflexão benignamente repreensiva.

— Então — disse-lhe Carlos, com modos de ligeiro enfado. — Não fiz bem? Não era esse o meu dever? Eu esperava até que me aplaudisses a ação e tu.

A estas palavras Jenny não pôde reprimir um movimento de impaciência; arredou a costura em que trabalhava, tomou as mãos de Carlos e, fitando nos dele os olhos límpidos e serenos, como céu de Primavera, perguntou-lhe com um meio sorriso:

— Fala-me a verdade, Charles. A verdade só, entendes? Para que procuraste tu Cecília?

— Que pergunta! Pois não te disse já? Não era do meu dever?.

— Não, não era. Melhor seria fingires sempre que ignoravas tudo, do que dares àquela pobre menina motivo para corar na tua presença. Esse acto, que dizes eu devia aplaudir, não partiu do teu coração, que é muito bom e muito generoso, partiu mas foi desta cabeça — e pousava-lhe a mão na cara; — desta cabeça, que é uma estouvada.

— És injusta desta vez, Jenny.

— Não sou. Quero acreditar que te iludisses a ti próprio; mas, se pensares melhor, verás que tenho razão. Ontem, ao saíres do teatro, estavas triste. Bem o senti. E porque estavas triste? Eram remorsos pela má opinião que tinhas formado de quem te merecia somente respeitos, que não tiveste?

— Eram.

— Não eram, Charles, não eram. Para que procuras tu enganar-me? Não eram. Tu somente lamentas o fim de uma aventura, à qual tinhas imaginado mais longa duração. O carácter da pessoa, de que se tratava, mostrava-te, depois

que a conheceste, que eram sem fundamento as tuas esperanças, e tu então.

— Jenny!

— Para que o queres negar? Olha que eu tenho a vaidade, e o orgulho também, de saber ler nos teus pensamentos. Há muito o aprendi e tu mesmo me auxiliaste.

Carlos baixou os olhos e principiou a torcer maquinalmente a corrente do relógio.

Desde este momento a vitória era de Jenny. Ela compreendeu e prosseguiu:

— Depois a imaginação, essa travessa imaginação que nós ambos conhecemos, pôs-se a trabalhar. Ela não podia resignar-se a ver terminar tão depressa o romance, que fantasiara tão longo, e lidou, e lidou, e apesar de te recolheres ontem mais cedo, não durou a tua vigília menos do que a daquela célebre noite do Carnaval; não é verdade? Confessa. E o coração a dizer-te, muito baixo, que devias… que era mais generoso deixar acabar tudo ali, e a imaginação a criar dificuldades, a inventar deveres, a

entreter-te de não sei que pontos de honra muito exigentes; e então o coração, o pobre coração, que cada vez ia perdendo mais terreno, a lembrar-te que pelo menos consultasses tua irmã, Charles, e a outra, a má, nem isso te concedeu; provou-te a vantagem de me ocultares tudo! Tinha medo que eu pudesse dissuadir-te! E tu a obedeceres à imaginação, e a levantares-te, a partires, a procurares Cecília, e a pedir-lhe um perdão de criança, que em outras circunstâncias te faria rir, e a pobre menina a conceder-to, sem bem saber o que fazia. Confessa, Charles, confessa, a verdade disto.

Carlos não pôde disfarçar um sorriso e, levando aos lábios a mão que a irmã pousara na sua, murmurou:

— Feiticeira!

Jenny sorriu também.

— Na verdade! — prosseguiu ela, daí a pouco — é uma forte imaginação essa tua, que tanta coisa consegue de ti! E contudo. — acrescentou, cobrindo-se de repente de mais seriedade — e contudo eu prefiro ainda dirigir-me ao teu coração, que também é forte, porque é muito sensível e

muito generoso e que há de poder vencer; não é verdade? É a ele que vou falar, Charles, e espero que serei escutada.

— Fala, Jenny, fala. Aconselha-me. Bem sabes que há muito te tenho pelo meu anjo bom. Fala — disse Carlos, afetuosamente.

— Ora diz-me, Charles — continuou Jenny, cada vez mais comovida: — Não imaginas o que pode resultar dessa tua fantasia, a deixares-te assim arrastar por ela? Cecília até hoje tem sido feliz. No passado não tinha nada que a envergonhasse ou que lhe desse pena; no futuro não antevia nuvem que de longe a ameaçasse. Era uma vida aquela tranquila e serena, como não imaginas. Mas Cecília tem dezoito anos, Charles, e um coração cheio de confiança e uma imaginação. um pouco à semelhança da tua. Conheço-a a ela também. Se alguma vez se apoderar daquele bom espírito qualquer ideia, se passar uma hora a acalentar qualquer ilusão, acredita que já não será sem esforço, e sem dor, que a arrancará de si. E diz-me, Charles: a tua consciência, que é justa, não havia de querer mal, e muito, à tua fantasia, que é uma enganadora, se ela fizesse, com os seus conselhos, nascer essa ilusão,

obrigando-te a sacrificar ao capricho de uma manhã o futuro inteiro de uma existência?

— Mas de que maneira imaginas tu esse sacrifício? — interrogou Carlos, levantando os olhos para a irmã.

— De que maneira? Pois diz-me: se Cecília, que podia esquecer aquela cena do baile e todas as suas consequências, principiasse, depois da tua visita, a pensar mais nela? Se, sabendo-te senhor de um segredo seu, principiasse a. a pensar mais em ti? Se, corando na tua presença, de acanhamento ao princípio, pouco a pouco… quem sabe lá?... viesse a corar… de comoção… de… de amor?.

E, ao pronunciar esta palavra, as faces de Jenny tingiram-se de demasiado carmim.

Carlos, sorriu, vendo-o.

— Tu ris, Charles? É porque estranhas em mim estas palavras, ou por supores infundados os meus receios? Em qualquer dos casos não tens razão. O que não conheço por mim, há muito aprendi a conhecer por os outros, e por ti, Charles, principalmente por ti. Eu sei como essas coisas se

passam; como o capricho se transforma em ideia fixa, como a ideia arrasta após de si a paixão. Eu sei, Charles; que o tenho visto em ti e sei que Cecília tem imaginação, como a tua, que a pode conduzir a esses extremos; com a diferença de que em ti a paixão transforma-se ainda em esquecimento, e nela. Se te viesse a amar.

— Que grande mal! Amá-la-ia eu também, Jenny.

Jenny desviou a cabeça, procurando exprimir enfado, e disse-lhe:

— Eu a falar-te ao coração, Charles, e tu a responderes-me com a fantasia! Criança de vinte anos! Quando se te poderá falar a sério? Pois bem; às crianças permite-se-lhes brincar, menos com objetos com que não sabem lidar ainda. Tu ainda não aprendeste a lidar com os afetos e com o coração dos outros, sem perigo para eles. Por isso eu te peço que não continues. Não imaginas o que poderia resultar daí, em que lutas te verias envolvido, se um dia.

— Eu tenho coragem para lutar — disse Carlos, um pouco estouvadamente.

— Guarda-a para quando a luta for inevitável; mas não provoques tu mesmo a experiência, que é sempre dolorosa.

— Não te compreendo.

— Eu só te peço, Charles, que deixes de uma vez esse capricho, que te senhoreia ainda, bem o vejo. Pára, Charles, pára, se queres evitar no futuro o arrependimento tardio; pára, se te queres poupar a remorsos. É a tua irmã que te pede isto, e tu. dizias estimar-me.

— Não faltava senão que o duvidasses agora, Jenny — disse Carlos meio agastado.

— Não duvido, Charles, e tanto que tenho fé em que hás de saber vencer esse capricho.

Carlos baixou a cabeça e ficou silencioso por algum tempo.

— Não sei, Jenny — disse daí a pouco, levantando-se e passeando no quarto —, não sei até se é só capricho isto.

— Então já é paixão? — disse Jenny, com olhar malicioso, e pegando outra vez na costura em que trabalhava. — Uma paixão de dois dias! Como cresceu depressa! Vamos, Charles; não sejas criança. Contento-me com que

interrogues desapaixonado a tua consciência, e o que ela te disser.

— Ai, não te fies muito na minha consciência, Jenny. Não vês como ela me aconselha?

Jenny fez um gesto de incredulidade, olhando para o irmão.

— Ela? Então foi deveras a consciência que te aconselhou a visita a Cecília? Fala com franqueza.

Carlos não pôde insistir.

Continuou passeando com os olhos fitos no chão.

Afinal parou, e, olhando para a imagem da irmã, que do espelho o fitava, disse, com modo sacudido:

— Vou tentar obedecer-te, Jenny; mas receio.

— Não me fales em receios. Sem fé nada se alcança, incrédulo. Coragem! Ainda há pouco te gabavas de a possuir para as lutas.

— Adeus, Jenny. O que te posso dizer é que se puder desvanecer em mim esta impressão que me causou Cecília. — bem vês que estou falando agora com franqueza — não recearei nunca mais pelo meu coração.

— Recordo-me de já teres dito uma coisa assim. de outra vez.

Carlos ia a responder, mas, como se procurasse fugir a uma conversa que o mortificava, saiu com precipitação do quarto.

Jenny viu-o sair e ficou pensativa.

Momentos depois, entrou Elisa com uma carta.

— De quem vem isso? — perguntou Jenny.

— De casa do Sr. Manuel Quintino.

Jenny conheceu a letra de Cecília. Abriu a carta e leu:

«Minha boa Jenny.

«Contra o que lhe tinha prometido, não me é possível hoje visitá-la. Não me sinto boa e receio ter de me conservar em casa por alguns dias. O meu pai mostra-se inquieto pela minha saúde e, ainda que não seja senão para o tranquilizar, preciso de privar-me do prazer de a ver. Jenny, lembre-se de mim e peça a Deus que me conceda a bondade de coração e a serenidade de espírito da menina,

pois, com este meu génio e cabeça, duvido da felicidade da vida. Adeus.

Sua amiga, Cecília.»

— Ah! Também ela! — murmurou Jenny, ao terminar a leitura; e ficou mais pensativa do que antes, e uma pequena ruga desenhou-se na cara.

O desalento que parecia descobrir-se através das expressões daquela pequena carta, que em vão Cecília tentara tornar jovial, justificava a ligeira nuvem que viera assombrar a cara, habitualmente serena, da bondosa Jenny; habituada como estava às alegrias sem motivo, à despreocupação da sua amiga, tantas vezes reveladas em cartas e em conversas anteriores, estranhava com razão estes indícios de tristeza.

Além disso, o que na véspera ouvira a Manuel Quintino sobre as mudanças súbitas da filha, não lhe tinha ainda esquecido.

Era no que pensava, quando Carlos a procurou no quarto; e foi essa a causa principal da apreensão, exagerada talvez,

com que soube da visita feita pelo irmão a Cecília, e da antecipação com que previra o futuro desta, tão estreitamente ligado ao procedimento de Carlos.

O estado de Carlos também não satisfazia. A segurança que, diante dele, afetara, ela própria a não sentia. Inquietava-a o acontecido, sem saber bem porquê. ao seu pesar, já nenhum outro pensamento a distraía daquele.

Para tranquilizar-se, tratava de convencer-se de que eram infundados os receios. Recordava todas as passageiras inclinações que conhecera no irmão e que tão depressa, e sem consequências más para ninguém, vira desvanecer; esforçava-se em explicar de mil maneiras a inquietação de Cecília, com exclusão daquela que, não obstante, uma voz interior teimava em repetir-lhe.

De pensamento em pensamento, foi levada àquelas disposições de espírito, nas quais se aprazia em contemplar as feições amadas da mãe, a sua conselheira de além-túmulo.

E assim, a piedosa filha, com a cara pendida sobre aquele retrato, caiu num meditar profundo, que por muito tempo

se prolongou.

Afinal ergueu os olhos ao céu e pareceu dirigir-lhe uma oração mental. O olhar do Senhor baixaria sobre este anjo, que o implorava, para serenar-lhe o espírito? É certo que, passados alguns instantes, difundia-se-lhe no rosto a costumada placidez.

CAPÍTULO XIX

AGRAVAM-SE OS SINTOMAS

Com toda a sua natural bondade e superior penetração de espírito, cometera Jenny uma imprudência.

Não hesitando em confessar ao irmão as apreensões que sentia, ao pensar nos resultados da visita feita por ele a Cecília, deixando-lhe entrever a possibilidade de que se originasse daí, para a pobre rapariga, um desses sentimentos a que imprudentemente se abrem os corações juvenis e que tão depressa adquirem às vezes a força de paixão, Jenny, a previdente Jenny, apressara o mal que julgara conjurar assim.

Escutando-a, Carlos, longe de refletir nas sérias consequências que podia arrastar consigo tal paixão, se porventura nascesse, estava sentindo um agradável prazer em a ouvir falar na possibilidade dela; sorria-lhe já sedutoramente esse amor, nas mal delineadas formas sob

que lhe aparecia, como coisa de futuro e contingente ainda que era.

Toda a cautela é pouca com estas imaginações, sempre prontas a voar para a região dos sonhos dourados.

É preciso usar para com elas da prudência que se deve ter com as crianças surpreendidas à borda de um abismo; o brado, que se soltava instintivamente com o fim de as salvar, é que muitas vezes as precipita; mais vale encomendá-las à Providência e não lhes mostrar o perigo, senão depois dele passado. Há situações na vida em que também o coração se aproxima, brincando, de um despenhadeiro; todo o conselho neste caso é igualmente arriscado; o sobressalto que produz pode efetuar a queda.

Aconteceu isto com Carlos Whitestone.

É notável a importância que, nestas coisas de coração, damos à opinião alheia! Andamos muito tempo a hesitar sobre o nome de certos sentimentos que nos inspira uma mulher e, apesar de contínuo refletir, não ousamos chamar-lhe amor; um dia, porém, encontramos o primeiro estouvado, que se lembra impensadamente de o classificar

como tal, e logo a nossa opinião a curvar-se perante tão ponderosa autoridade. Há exemplos até de alguém quase se chegar a convencer de que ama uma mulher, só à força de lho repetirem.

Mais desculpa tinha, contudo, Carlos; porque não era Jenny sujeita a formar juízos levianos, nem a exprimir suspeitas e receios que não tivessem fundamento.

Por isso tudo, saiu ele do quarto da irmã muito pior do que viera. — E perdoem-me as leitoras, se chamo piorar ao progredir no caminho do amor; não lhe chamaria por certo assim, se não fosse o cortejo de contrariedades que de ordinário acompanha esta paixão.

O resto do dia passou-o Carlos no quarto, em completa ociosidade.

Ociosidade! E poderá dar-se tal nome a esses longos intervalos de repouso aparente, em que descansam os músculos, mas em que o cérebro executa porventura os seus mais violentos e fadigosos exercícios? — Se o leitor tem a infelicidade de não possuir um destes espíritos frios que, sem cessar, absorvidos pelo cumprimento dos deveres

da vida positiva, não sentem a necessidade de sacudir, de vez em quando, o jugo, para correrem por domínios mais propriamente seus, dirá se era ociosidade aquilo.

Desde esse dia, a vida de Carlos ia entrar num a daquelas fases, que ao romancista, não resolvido a iluminar os seus quadros de outra luz, que não seja a da realidade, levantam sérios embaraços.

Quando uma paixão sincera domina o coração do homem, exalta-se, sublima-se nele o que é a vida subjetiva; mas a vida exterior, a aparente, a que só avulta para quem não possui olhos que vejam e coração que entenda o coração deste homem, essa baixa ao nível das puerilidades.

Quando a dignidade varonil, o empertigamento masculino se conservam irrepreensíveis e intactos no auge de uma paixão, é de recear sempre pela sinceridade dela.

Tudo quanto é convencional esquece então.

Ora, no homem mais grave e sisudo, há sempre escondida a crença de outros tempos. O elemento pueril não morre nunca de todo em ninguém. A arte social aplica-se com afã a ocultar das vistas alheias esse legado da infância; os mais

sisudos são os que melhor o conseguem; mas basta um descuido de momento, uma distração, e ele aí vem à superfície.

Assim se explicam as proverbiais canduras dos matemáticos e dos amantes.

Os jogos foram também inventados por esse motivo. Fingiu-se acreditar que era uma coisa grave o wist, o voltarete, o boston, etc., etc., para qualquer pessoa poder, em público, entregar-se a eles, sem ofensa da sisudez convencional; porque, se se não fizessem estas concessões à criança humana, que às vezes tem impertinências, corria-se o risco de mais escandalosas rebeliões da parte dela.

Mas, como dissemos, uma paixão verdadeira, uma dessas cada vez mais raras paixões, nas quais o prazer de amar luta, em intensidade, com o de ser amado, absorve muito o espírito, para que ele possa exercer a vigilância precisa sobre a travessa criança de que falámos.

E, a não haver indulgência da parte de quem espia estas quebras de seriedade, a vítima da paixão corre o perigo de ser menos bem olhada.

Por isso temo fazer crónica do que se passou em Carlos, nos dias sucessivos à conferência que teve com a irmã; porque, em tudo, pouco se nos deparará digno de um herói de romance.

Apelo, porém, para as reminiscências dos leitores, para depois, sendo necessário, parodiar a defesa de Cristo à pecadora.

Um dos primeiros fenómenos manifestados em Carlos foi uma súbita timidez, nele verdadeiramente excecional; uma perfeita timidez de criança; completo contraste com os seus passados arrojos, que ainda o tinham acompanhado na primeira visita feita a Cecília.

Agora pela primeira vez se sentia acanhado.

Impelia-o o coração a tornar a ver Cecília; saiu no meio da tarde, com esse intento, dirigiu-se para a rua onde ela morava; de longe, ao dobrar a esquina, pareceu-lhe descobri-la à janela. Que fortuna! Não é verdade? Assim parece que deveria reputar o facto. Pois não teve coragem de lhe passar pela porta e, sem ser visto, seguiu caminho diferente. Mas com que má vontade ia contra si próprio!

Daí a pouco assomava de novo à mesma esquina; não estava ninguém à janela; pareceu animar-se com esta observação e caminhou para diante desta vez.

Ia ao mesmo tempo contente e mortificado, por não ver ninguém. Não sei se admitem que uma só causa tenha assim efeitos opostos; fica-lhes livre darem ao facto a interpretação que quiserem; eu limito-me a registá-lo.

Quando ia já próximo da casa, apareceu subitamente alguém à janela. Era Cecília; adivinhou Carlos que era ela, antes de a reconhecer. Com a aparição ficou mortificado e contente; outra vez o mesmo fenómeno paradoxal.

Apressou logo os passos e tomou uns ares de homem atarefado, como se quisesse dar a entender que a sua passagem por ali era puramente casual ou motivada por negócio urgente.

«Incoerência!», dirá um galanteador de profissão. Incoerência, é verdade; e pobre da paixão que não dá para incoerências. Se o rigor silogístico resiste a uma destas comoções do coração, não vale a pena tomá-la a sério.

Ao passar pela janela, Carlos cumprimentou Cecília, timidamente, quase canhestramente, sem lhe sobrar coragem para a fitar e não ousando voltar de novo a cabeça, em todo o resto da rua, que seguiu até o fim.

Interiormente redobrava a impaciência e má vontade contra si próprio. Ele, que sempre se reconheceu arrojado, agora com acanhamento de namorado noviço!

Parou na alameda que ficava ao fim da rua. Não lhe saiu aquilo da ideia. — Que quer isto dizer? — pensava ele. — Então não estou eu transformado em estudante de quinze anos, que nem frieza de ânimo tem para cumprimentar a prima, por quem julga morrer de amores? Acho-lhe graça!

E, enchendo-se de brios, preparou-se, passados momentos, com mais denodo, para voltar.

Mas, apesar de todas as prevenções, a coragem ia-lhe faltando, à medida que se aproximava do lugar do perigo.

Justamente na ocasião em que o atingia, chegava Manuel Quintino à porta de casa.

Era uma destas coincidências felizes de que, em outra ocasião, Carlos saberia tirar partido.

Desta vez quase sentiu que ela se desse.

Foi obrigado a parar, depois de ter, sem a menor aparência de audácia, cumprimentado de novo Cecília, que estava à janela.

— Então por estes sítios! — disse-lhe Manuel Quintino admirado.

— O que o trouxe por aqui hoje?

Carlos balbuciou algumas palavras, que não formularam resposta alguma.

Manuel Quintino sorriu maliciosamente.

— Ora ande lá, ande lá com Deus.

Carlos corou. — Corou!

— Acredite que vim. por acaso — insistiu ele.

— Sim, sim; pois eu bem sei — continuava Manuel Quintino no mesmo tom.

Carlos estava sobre brasas.

— Sério.

— Sério, sim, sério. pois é lá homem que fale de outra forma?. Ora vá com a nossa Senhora, vá. eh! eh! eh!.

Carlos não teve arte de demorar a conversa, durante a qual não aventurou um só olhar para Cecília e nem ânimo lhe assistiu para aceitar o oferecimento que lhe fez Manuel Quintino de subir e descansar algum tempo.

Partiu, cada vez mais desgostoso consigo, parecendo ter sido o seu principal empenho ocultar, e não revelar, a Cecília o que principiava a sentir por ela.

E agora uma pergunta: não compreenderia Cecília? Parece racional dizer que não; mas quem pode lá adivinhar como o coração da mulher adquire certa ordem de conhecimentos, sobretudo se…

Mas ponhamos de parte os menos discretos; que os sentimentos de Cecília não são para se devassarem assim de passagem.

O resto do dia Carlos passou-o, no quarto, a ler.

Há alguma coisa também de particular na maneira de ler, quando se está em tais disposições de espírito.

Preferem-se os romances; mas não é pelo lado literário, que mais se apreciam; porém exatamente como os apreciam as crianças e a maioria das mulheres — pelas peripécias do enredo; — e permita-se-me dizer que imagino ser esta a classe dos leitores que mais deve lisonjear o romancista.

Seguem-se então com ardor as fases sucessivas de uma paixão descrita ali; deixa-se tomar o coração de amor pela heroína; assume-se o carácter do herói; e não se perdoa ao autor quando termina por alguma catástrofe a história que escreve.

Isto aconteceu com Carlos. Sintoma terrível! Leu num a espécie de embriaguez um romance inteiro de Walter Scott, e muito tempo depois ficou a pensar no que lera; não tanto nas belezas que, em todos os géneros, abundam nas ainda menos afamadas obras do grande romancista, como na felicidade dos noivos; porque, nos últimos capítulos dos seus romances, raras vezes Walter Scott deixa de os unir sacramentalmente.

À noite voltou Carlos a passar por casa de Cecília. Havia luz na sala da frente, luz que só se percebia por uma

entreaberta das portas interiores. Eram as horas do serão e do chá de José Fortunato.

Carlos saboreou um prazer indefinível em observar aquela luz. Vão vendo os leitores experientes se não é de inspirar receios o estado de Carlos.

Em casa evitava Jenny; receava dela; Jenny, pela sua parte, julgava prudente não provocar novas conferências sobre o assunto.

Se ela soubesse que já não era com estes meios brandos que havia de vencer!

No primeiro domingo, depois destas cenas, Carlos que, com toda a diplomacia, soubera de Manuel Quintino ser a Cedofeita que ele e a filha costumavam ir à missa, rompeu com os deveres de protestante e aproximou-se da porta daquele vetusto templo católico, às horas a que sabia dever terminar ali o ofício divino.

Passeava na alameda lateral com toda a resolução de se fazer desta vez notado.

Mas, ao sair a primeira gente da igreja, apoderou-se dele a costumada timidez e, já com receio de ser percebido, foi

encostar-se ao portão de ferro do cemitério contíguo, por não ter tempo de ir mais longe.

Serviu-o mal a inspiração; — mal e bem ao mesmo tempo; porque, ainda naquele momento, havia no espírito de Carlos o mesmo antagonismo de aspirações, que era, havia dias, o seu estado habitual.

Coincidia com o receio de ser visto a vontade de ser descoberto. Não pode haver lógica na expressão, quando falta o objeto que se exprime.

É certo, porém, que Manuel Quintino, saindo da igreja com a filha, encaminhou-se para o cemitério.

Naquele cemitério repousava a mãe de Cecília, e raro era o domingo em que Manuel Quintino, depois da missa, não ia orar ali, junto da sepultura da esposa.

Quando Carlos percebeu a direção que eles seguiam, era tarde para retirar-se. Manuel Quintino já o tinha visto; Cecília também.

O pai sorriu-lhe com familiaridade; Cecília corou, ao corresponder ao acanhado cumprimento de Carlos.

— Então veio orar pelos mortos? — disse Manuel Quintino, com malícia.

Carlos encetou vagas explicações da sua presença ali.

— Pois se veio orar pelos mortos, achou companhia — continuou o velho —; que eu, infelizmente, tenho aqui por quem o faça. Ora deixe-me ver se encontro o coveiro, para que nos abra a porta do cemitério.

E, com este intento, dirigiu-se para a sacristia, deixando sem cerimónia Carlos na presença de Cecília.

Precisarei de dizer que este inesperado e involuntário encontro enleou sobremaneira os dois? Fala-se muito dos embaraços de uma primeira entrevista. Não serei eu que os negue; quer-me, porém, parecer que a segunda é ainda mais difícil de sustentar, quando a primeira não foi de todo insignificante.

O que é verdade é que a imaginação de Carlos não lhe sugeriu uma só palavra que dissesse.

Nem sequer falou no tempo! Cecília não foi mais eloquente, fixou os olhos na porta da igreja, por onde desaparecera o pai, e emudeceu.

Nisto uma velha mendiga, destas que nunca faltam à porta das igrejas ao findar a missa, aproximou-se deles, coxeando e gemendo.

— Meu rico senhor — disse ela dolentemente a Carlos — tenha compaixão desta velhinha, que já não o pode ganhar.

Carlos não lhe dava atenção.

A velha insistiu:

— Ora dê, dê, meu fidalgo; e que o nosso Senhor o veja dar.

— Não pode ser — disse distraidamente Carlos.

A velha recorreu a Cecília.

— Minha linda menina, peça-lhe que me dê uma esmolinha, peça; e que o nosso Senhor os faça a ambos felizes, já que tão bem os talhou um para o outro.

Cecília tentou sorrir, mas a confusão obrigou-a a baixar os olhos; Carlos, não menos confuso também com o equívoco da mendiga, tirou do bolso uma moeda de prata e deu-lha, dizendo:

— Aí tem; e vá com Deus, mulher.

Mas a mendiga entendeu que não devia suprimir assim as competentes e difusas fórmulas da sua gratidão.

— Ora Nosso Senhor os faça muito felizes e os deixe viver muito tempo na companhia um do outro, já que tão bem os juntou! Coitadinhos! Eu hei de rezar muito ao Senhor para que os abençoe e os tenha a ambos na Sua divina guarda. Adeus, meu senhor, adeus; adeus, minha senhora. O nosso Senhor Jesus Cristo os há de sempre ver do céu e dar-lhes a felicidade que desejam. Ora coitadinhos!. Padre Nosso, que estais no Céu.

Carlos e Cecília viram-na afastar-se e sorriam, sem olhar um para o outro, e sem saberem bem o que dissessem. Voltou Manuel Quintino e nenhum lhe referiu o caso, que com certeza o faria rir.

Este silêncio é, no meu entender, de máxima significação.

Carlos acompanhou Manuel Quintino e Cecília até à modesta campa, sobre a qual um nome, uma data e muitas flores marcavam o lugar onde jazia a que os dois ainda então choravam com saudade. Ao chegarem ali, Cecília ajoelhou e recolheu-se por algum tempo em oração

piedosa; Manuel Quintino, de pé, encostado à grade, orava também.

O contágio daquela comoção apoderava-se da alma de Carlos. Não sabia ele igualmente o que era ser órfão de mãe?

Duas almas, que receberam, ainda em plena infância, a precoce provação desta dolorosa experiência, devem entrar mais rápidas em inteligência de afetos. Há um laço invisível a prendê-las já.

Quando no templo, ou junto de uma campa, uma se enleva na oração, a piedade filial da outra adivinha todas as palavras daquela prece, ressente todas as angústias daquela dor.

Calado, triste, fitou Carlos os olhos na simpática figura de mulher que orava assim, e quase se sentiu impelido a ajoelhar-se-lhe ao lado e a orar também.

Ao erguer-se, encontrou Cecília os olhos de Carlos, ainda fitos nela. Havia tanta sincera compaixão impressa naquele olhar, tanta dessa simpatia que desvanece hesitações e inspira confiança que, pela primeira vez, Cecília ousou

olhá-lo de face, dizendo-lhe com gesto de gratidão e comovida:

— Trouxemo-lo a um triste lugar, Sr. Carlos. Perdoe-me se lhe não poupei o espetáculo, pouco de alegrar, das orações de uma filha junto do túmulo da sua mãe.

— Há muitas espécies de alegria, minha senhora — respondeu Carlos. — Às vezes os sentimentos melancólicos trazem consigo algum prazer também, um prazer suave, íntimo, consolador. Agradeço-lhe ter-me proporcionado um desses prazeres.

E calaram-se.

Manuel Quintino, findas as suas orações, deu-se pressa em sair daquele lugar, ao qual não era afeiçoado.

A dupla qualidade, doce e amarga, da saudade faz com que uns, para quem a primeira predomina, gostem de renová-la; e que outros, que pelo contrário lhe sentem mais o travor do que a doçura, se apressem a fugir-lhe. Manuel Quintino era dos últimos.

Carlos saiu com eles do cemitério. Cecília caminhava adiante. Carlos, com os olhos nela, entretinha com Manuel

Quintino aturada conversa sobre os mais diversos assuntos. O velho guarda-livros falava da agricultura, de empresas de comércio, de política pátria, de melhoramentos municipais, parando muitas vezes, no meio da rua, para dar mais força às suas reflexões. Carlos escutava-o com paciência e docilidade, até então sem exemplo, e pelas quais o próprio Manuel Quintino estava maravilhado.

Às vezes, ao chegarem a uma travessa que podia conduzir Carlos mais diretamente a casa, o guarda-livros dizia-lhe:

— Agora então vai por aqui?

— Não, eu acompanho-o mais algum tempo — respondia Carlos.

— Não, mas veja lá.

— Não tem dúvida, sigamos.

Só muito próximo já da casa de Manuel Quintino é que este insistiu de tal maneira com Carlos para que não fosse mais adiante, «a não querer fazer-me companhia ao jantar» — acrescentava ele — que, ao seu pesar, Carlos condescendeu.

Despediu-se afetuosamente de Manuel Quintino e de Cecília, com olhar um pouco menos tímido já do que os antecedentes, mas do qual ainda se envergonharia qualquer galanteador dos menos arrojados. Ao dobrar a esquina que lhe devia roubar à vista o pai e a filha, ousou voltar-se, para olhar ainda.

Manuel Quintino desaparecia já no portal; Cecília, que ficara um pouco atrás, voltara-se. ocasionalmente — julgo eu que ocasionalmente — de maneira que os seus olhares trocaram-se com os de Carlos.

Este facto, bem simples, foi durante todo o dia alimento para a imaginação do rapaz.

Não há imaginações que de menos se sustentem do que a dos namorados. Dê-se-lhe um facto insignificante, um sorriso, uma palavra, um olhar, e ela saberá extrair de tão pouco infinitas riquezas de alimentação. espiritual. Daí em diante, o acaso. — não sei que fosse outra coisa — fazia com que, todas as tardes, Cecília estivesse à janela, quando Carlos passava a cavalo, em direção aos arrabaldes; e de noite, quando o senhor Fortunato principiava a notar que ia já tardando o chá, havia sempre um momento em que

Cecília resolvia ir ver como estava o tempo, ficando alguns minutos por dentro dos vidros a contemplar o céu.

Ora queria ainda o acaso. — continuando a supor que era ele o motor de tudo isso — que fosse exatamente nessa ocasião que voltasse Carlos dos arrabaldes, para onde de tarde passara. Não lhe era possível desconhecer o perfil de Cecília, assim aparente no fundo iluminado da janela; por isso naturalmente a cortejava, e, como a luz de um lampião se refletia naquele momento sobre o cavaleiro, também Cecília não podia deixar de reconhecê-lo, e por isso naturalmente lhe correspondia ao cumprimento.

Sucessos desta importância preencheram muitos dias mais. Não terminaria este capítulo, se fosse a registá-los todos. Amplie-o a memória dos leitores. Pode fazê-lo, porque este capítulo é comum aos romances de toda a gente.

No entretanto, estranhava Jenny cada vez mais o irmão, e Manuel Quintino, do seu lado, cada vez mais se preocupava com as mudanças no génio de Cecília.

Carlos rompera completamente com os antigos hábitos de vida. Notava-se-lhe a falta nos cafés, no teatro, nas

assembleias, nos grupos dos amigos.

Passava horas e horas no quarto; às vezes, com a cabeça pousada nas mãos, sem ler, sem escrever, sem fazer coisa alguma; outras, ouviam-no os criados passear por muito tempo, fumando charuto após charuto, e enchendo de fumo a atmosfera em que respirava.

Saía, ora a pé, ora a cavalo, mas quase sempre os passeios eram para fora da cidade. Afeiçoara-se subitamente à companhia de um velho inglês, o tipo mais maçador desta colónia portuense, a ponto de ir às vezes esperá-lo ao escritório e acompanhá-lo com paciência admirável até casa — a qual ficava na direção da de Manuel Quintino.

Se alguma vez sucedia ficar ao pé de Jenny, esta admirava-se da mudança de ideias que se operara nele; se procurava mostrar-se jovial, percebia-se-lhe o esforço para consegui-lo. Tudo isto dava muito que pensar à irmã.

Um dia, Jenny viu-o arremessar de si, com manifesto enfado, um livro que estava lendo.

Olhou e reconheceu um volume das obras de Byron.

— Que é isso?! — perguntou Jenny, sorrindo.

— Que má vontade é essa hoje contra um autor que tanto aprecias?

— Impacienta-me às vezes este poeta lorde, para te falar sinceramente. Há tanta amargura e tanto sarcasmo em algumas destas páginas que, pouco a pouco, nos fazemos maus, depois de uma aturada leitura desses admiráveis poemas. É sublime, mas é desconsolador. Leio-o com a cabeça atordoada, mas com o coração confrangido.

Os instintos da águia são mais altos e heroicos do que os das pombas; mas nós todos queremos as pombas mais perto de casa e não nos consolaria tanto a vizinhança da águia, embora nos excite mais a curiosidade quando, uma ou outra vez, a fitamos.

Jenny, em vez de sorrir a estas reflexões do irmão, tão alheias ao seu modo ordinário de pensar, fitou-o com maior seriedade e, depois de um instante de silêncio, disse-lhe:

— Olha para mim, Charles. — Carlos levantou os olhos para ela.

— Dizes isso do coração?

— Digo; porque mo perguntas?

— Por desejar sabê-lo.

E calou-se, abaixando de novo a cabeça para a costura em que trabalhava.

De outra vez, aproximando-se da irmã, que também estava trabalhando, Carlos tirou-lhe da caixa da costura a Bíblia e, abrindo-a ao acaso, leu algum tempo em silêncio. Depois, pousando-a sobre a mesa, disse em tom de gracejo:

— Sempre que recordo estes singelos costumes patriarcais, descritos no Génesis, não posso deixar de pensar nos muitos esforços que o homem parece ter feito para embaraçar, cada vez mais, o caminho da felicidade. Vê tu, Jenny, a simplicidade com que se fez todo este casamento de Isaac e de Rebeca, e compara-a às mil impertinentes dificuldades que, sob o nome de conveniências, hoje é preciso vencer, para se realizar um intento semelhante.

Jenny respondeu-lhe no mesmo tom:

— Que estás a dizer, Charles? Querias tu deveras ver renovados esses costumes? Se, imitando Abraão, o pai mandasse um servo, à terra dos seus avós, procurar mulher

para o filho, aceitá-la-ia este rebelde Isaac, embora o servo tivesse, como o da Escritura, pedido e recebido antes de Deus a inspiração que lhe assistiu à escolha?

Carlos pôs-se a rir. Passados momentos, respondeu:

— Mas pelo menos, nesses tempos, os que já se metiam a talhar o futuro dos outros inspiravam-se de boa origem; hoje. a afabilidade da mulher que baixasse o cântaro para matar a sede ao viandante e aos seus camelos não bastaria por certo para mostrar nela a escolha por Deus. O servo de hoje, antes de lhe pendurar os pendentes nas orelhas e de lhe enfiar os braceletes nos pulsos, quereria saber das posses e da posição social da rapariga.

Este diálogo, não menos do que o primeiro, deu que entender a Jenny.

Pela sua parte, Cecília não fornecia menos motivos à estranheza do pai.

Todos aqueles sintomas que Manuel Quintino já antes descobrira nela tinham recrudescido agora.

Exagera-se em Cecília a espécie de exaltação, frequente nas mulheres nervosas, que faz tão prontos nelas os risos

como as lágrimas, sob a influência de motivos igualmente pueris. Um amanhecer chuvoso e sombrio, uma flor desfolhada pelo vento, uma borboleta tolhida pela geada avultam como desgraças grandes; o dispersar das nuvens, os primeiros rebentos de uma planta, a primeira andorinha que se vê passar, a primeira manhã que o cantar das aves saúda desafiam expansões, próprias dos grandes júbilos.

Excita-se a impaciência com uma palavra; vencem-se antigas aversões com um só olhar; um nada basta para destruir longos projetos; novas resoluções vigoram rápidas; acredita-se cegamente nas inspirações do momento; desconfia-se de resoluções meditadas; num a palavra, tudo então é mobilidade no carácter da mulher. Nunca há menos lógica nos sentimentos do que em situações assim. O coração pulsa sem ritmo regular, o rubor e a palidez disputam incessantemente as faces virginais, traindo misteriosas lutas interiores.

Manuel Quintino, pouco versado nestes fenómenos do coração, via-lhes só as manifestações, que eram bastantes para o inquietarem. Ninguém lhe tirava da ideia que a filha estava para cair doente, que a doença da mãe se

transmitiria a ela também. E com esta apreensão o pobre homem era quem adoecia deveras.

CAPÍTULO XX

MANUEL QUINTINO PROCURA DISTRAÇÕES

O dia 1.° de Abril de 1855 caiu ao domingo.

Mencionamos esta circunstância, cuja exatidão o leitor pode, se quiser, verificar, porque não foi ela insignificante para os destinos das diferentes pessoas, entre as quais vai travada a ação da história que escrevemos.

São estas coisas justamente as que tão falíveis tornam as previsões humanas; do facto ligeiro e peco rebentam às vezes tais e tantos sucessos estupendos, que não só revolucionam a sorte de um homem, mas até a dos impérios.

Como a referida circunstância não se realizaria, se não fossem os anos bissextos, segue-se que, por tal facto, a sorte dos que figuram nesta narração ficou ligada a não menos graúdas personagens do que Júlio César e Gregório

XIII, que foram os que, em épocas sucessivas, regularam neste ponto o calendário, tal como hoje está.

Feita esta reflexão de filosofia da história, prossigamos.

Sendo domingo, jantou Manuel Quintino mais cedo, e, como visse de tarde que a tristeza da filha se não dissipava, insistiu com esta para que não ficasse em casa. Lembrou-lhe uma visita a Jenny. Cecília acolheu o alvitre com repugnância visível.

Um sentimento de delicadeza obstava-lhe a que procurasse a sua amiga mais íntima. Na mesma casa em que ela vivia, vivia Carlos também, e eu julgo que o leitor terá percebido, sem que eu lhe tenha dito, que não era já o filho de Mr. Whitestone uma pessoa indiferente para Cecília.

Manuel Quintino instou porém com a filha para que saísse «a tomar ar e distrair» — dizia ele — e pediu isto de maneira que Cecília resolveu fazer-lhe a vontade, indo visitar as filhas do major Matos, que moravam algumas casas acima da sua.

— Vai, vai — disse Manuel Quintino —; sempre te distrairás mais com elas do que ficando toda esta santa

tarde comigo.

— E então o pai há de ficar só?

— Eu. estou bem assim.

— Isso é que não — replicou Cecília. — Irei, se me promete que vai dar um passeio também.

— Pois sim, sim. Tudo se há de arranjar. Lá por isso não seja a dúvida.

— Mas então vista-se.

— Deixa-me descansar.

— Eu não saio, sem o ver sair.

Manuel Quintino foi obrigado a condescender.

Estava intimamente persuadido de que era vantajoso para a filha passar aquela tarde com alguém que a distraísse; porque ele, nas tristes disposições de espírito em que se sentia, não via bem como o fizesse.

Saiu, pois, para obrigar Cecília a sair, e, ao mesmo tempo, ia em busca de distrações também.

Era um excelente homem Manuel Quintino, mas dotado de pouca penetração para investigar o enigma da tristeza de uma rapariga de dezoito anos. O seu excessivo amor de pai não o deixava ver claro nisto. Tudo se lhe figurava presságio de doença, e essa ideia fixa privava-o da necessária frieza para ver claro nestas coisas.

Cada manhã, ao acordar, era um pensamento negro o primeiro que se lhe apossava do espírito — «Irei encontrar Cecília com doença declarada?» — pensava ele.

Todas as tardes, ao voltar a casa, em vez de tremer com o antecipado prazer de encontrar e abraçar a filha, tremia com o susto de a vir achar enferma.

Por mais que fizesse para tirar aquilo da ideia, não o podia conseguir. Dormindo, inquietavam-lhe os sonhos; comendo, vertia-lhe fel na comida; trabalhando, distraía-lhe a atenção do trabalho.

Os amigos do guarda-livros viam-no com olhos inquietos e murmuravam, uns com os outros, na ausência dele:

— Este pobre Manuel Quintino tem coisa que o rala.

— Está acabado, está.

— Se assim continua, bem pode o Sr. Richard ir lançando as vistas sobre outro caixeiro, porque este.

Nesta tarde fez Manuel Quintino um esforço desesperado para sair daquele sobressalto em que andava.

Mas o pensamento humano, quando deveras tomado por uma ideia fixa, em vão se esforça por arrancá-la de si; em vão se desvia em direções diversas; um como pendor natural o faz voltar de novo a ela. Pode-se, de alguma sorte, compará-lo a estes dados falsificados que, qualquer que seja a maneira porque se arrojem à mesa, mostram sempre aos olhos a mesma face, em virtude da desigual distribuição de massa na sua espessura. — Os fenómenos de equilíbrio moral parece obedecerem a leis comparáveis às do equilíbrio físico. — A estabilidade do pensamento está intimamente dependente da proporcional intensidade das ideias que sobre ele atuam. Agitem um pensamento e deixem-no depois entregue a si, sem novas causas a solicitá-lo; a ideia mais grave lhe determinará a posição de equilíbrio; para que esta se possa indiferentemente verificar em qualquer sentido, é necessário que todas as

ideias o solicitem com força igual — fenómeno só próprio dos espíritos fátuos.

Como vimos, Manuel Quintino não pensava por aquele tempo senão na tristeza da filha, tristeza por ele suposta prelúdio de doença, que cedo a viria disputar ao seu amor. Durante toda a tarde não houve corrente de pensamentos, suscitados pelos objetos que via, que afinal de contas não terminasse naquele.

Sempre que Manuel Quintino empreendia um passeio, com o fim de se distrair, não hesitava na escolha do itinerário. Desde tempos imemoriais adotara um e nem lhe passava por o sentido modificá-lo. Deixava-se conduzir por o hábito nisto, como em tudo mais. Atravessava a cidade até à Ribeira; seguia depois, pela margem direita do rio, até Campanhã; chegando ao Esteiro, tomava pela estrada acima, que o levava ao Jardim de S. Lázaro e, enfim, recolhia a casa.

Foi o que fez naquela tarde. A cidade atravessou-a lidando ainda com o pensamento de tristeza com que saíra de casa.

A primeira diversão operou-a só à vista do mercado de peixe, na Ribeira.

As lanchas valboeiras tinham, naquele instante, chegado ao cais. As regateiras, os compradores particulares e os pescadores que vendiam animavam o mercado com movimento e vozearia.

Este espetáculo, cheio de vida comercial, não achou indiferente Manuel Quintino. Agradava-lhe aquele tráfego; examinava com os olhos conhecedores a excelência do peixe, e informava-se curioso dos preços que regulavam o mercado. Ao sair dali, ia pensando:

— Não há nada para o arranjo doméstico como a pescada. É o peixe mais inocente que há. Com razão lhe chamam a galinha do mar. Aí está a sardinha, que é gostosa; mas é mais doentia também. Que a sardinha de Espinho ainda não tanto, mas esta da barra!. De onde virá a diferença?. Pois não será toda ela o mesmo peixe?. Só se é da praia aqui ser mais pedregosa e o peixe sair mais batido. Que esta costa da Foz sempre é muito cheia de pedras!. Só o perigo que correm as embarcações aqui!. Ainda no outro dia, aquela grande desgraça dos oito pescadores que

naufragaram!. Muita pena teve Cecília, quando as folhas contaram de um que deixou uma criancinha órfã! Pobre Cecília!. Tem um coração!. Coitada!. É um anjo. Assim que me lembro daquela tristeza em que anda.

E aí estava a ideia fixa com ele! Parece que ela própria fora a que dispusera esta fileira de ideias associadas, para conduzir a si o pensamento.

A impressão produzida pelo mercado desvanecera-se de todo; Manuel Quintino prosseguiu no passeio, já outra vez melancólico.

Mais adiante, tendo passado a última casa que lhe tolhia a vista do rio e a margem oposta, volveu naturalmente os olhos para o vulto escalvado e sombrio da Serra do Pilar, coroada pelo seu convento em ruínas e a sua igreja circular. Os tristes vestígios das guerras civis estão ainda naquele lugar muito evidentes, para que a lembrança delas não acuda súbita ao espírito de quem quer que o contemple por momentos.

Manuel Quintino, como quase todos os portuenses da sua idade, havia sido mais do que simples espectador das cenas

trágicas dessas memoráveis épocas.

— Há vinte e tantos anos — pensava ele — não havia, a estas horas, tanto sossego, por aqueles sítios, não. Nem também estes passeios por a beira do rio eram tanto de apetecer como agora. Havia mais perigos do que o dos nevoeiros do Douro. A falar a verdade, sempre era um tempo aquele!... O que eu passei!. Parece-me que ainda foi o outro dia, e já lá vão vinte e tantos anos!... Oh!

Mas que alegria também, quando se abriram as linhas!. nesse tempo era ainda a mãe de Cecília uma criança. Só quatro anos depois é que eu principiei a pensar nela... Pobre rapariga!. Parece-me que ainda a estou a ver!. Delgadinha, desmaiada, boa para todos, mas trabalhadeira ao mesmo tempo. É por isso que receio. Valha-me Deus! Assim que me lembro da tristeza da pequena!.

E da Serra do Pilar e do tempo do cerco conseguira aquela ideia dominante achar caminho para se lhe insinuar de novo no pensamento. E, o que mais é, parece que desta vez trazia consigo maior cortejo de sinistros presságios.

Ao chegar à fonte do Carvalhinho, subiu uns degraus de pedra que ali há, e bebeu, mesmo do caneiro, alguns goles de água; coisa que nunca se esquecia de fazer, porque tinha fé particular nas virtudes medicinais daquela excelente água.

— Ah! — dizia ele outra vez distraído. — Consola beber uma água assim! Para águas o Porto! Dizem que em Lisboa são más as águas! Pois é das coisas mais precisas para a saúde. É verdade que eu vejo por aqui também muitas doenças, apesar das águas boas. E sobretudo a gente nova está saindo tão franzina e tão fraca, que é uma coisa por maior! É o medo que eu tenho, quando reparo em Cecília! É tão delicada, tão.

E aí estava outra vez assombrado para grande espaço de tempo.

Chegou à quinta chamada da China — um dos passeios favoritos das classes populares portuenses.

Desciam a rampa, que antecede o portão, alguns bandos de gente do povo, rindo, cantando, em plena festa; iam em direção ao rio. As barqueiras de Avintes aproximavam os

barcos da margem para os receber; outras, ainda a grande distância, chamavam, com toda a força daqueles pulmões robustos, as pessoas que vinham por terra. Cruzavam-se os barcos, movidos pelos vigorosos braços destas engraçadas e joviais remeiras, e carregados com os frequentadores das diversões campestres do Areinho e da pesca do sável. Tudo era riso e cantigas no rio.

Manuel Quintino via tudo isto, e escutava entretido o canto de uma barqueira, que dizia:

As riquezas deste mundo

Para mim não têm valor;

Eu sou rica nos teus braços,

Sou rica do teu amor.

E ele pôs-se a pensar:

— Como esta pobre gente vive satisfeita nesta vida trabalhosa do rio!. Ao vento, à chuva e sabe Deus o que têm em casa para comer! E é um gosto como elas cantam e riem!. Raparigas de quinze e dezasseis anos consola vê-las já mover aqueles remos, que esfalfariam um homem como

eu. Não há como estes ares e esta vida do campo, para fazer as pessoas robustas. Se eu adivinhasse que Cecília aproveitaria com eles!.

E retomava o pensamento a posição de equilíbrio estável, de que por instantes se desviara.

Chegou ao ponto da margem, chamado Rego Lameiro. Aí opera o Douro uma das suas súbitas e surpreendentes transformações. Expiram as colinas carairas de uma e de outra margem, interrompidas por um vale deliciosíssimo, onde a vegetação é mais abundante, mais povoadas as verduras, e onde se incorporam em riachos as águas escoadas dos próximos declives. Apreciam-se tão raros intervalos, em que o Douro, o severo Douro, sorri, como se aprecia um raio de alegria em rosto habitualmente carregado.

Neste sítio, alarga-se o leito das águas, diminui portanto a força da corrente delas, chegando, nas marés baixas, a permitir a formação de pequenos ilhotes de areia, para onde vão brincar as crianças dos pescadores. A tortuosidade das margens, furtando à vista o seguimento do rio, dá a este a completa aparência de um pequeno, mas

pitoresco lago. Os olhos descobrem, de um lado, o extenso areal de Quebrantões, ao qual sucedem prados e lezírias sempre verdes, veigas fertilíssimas, arvoredos espessos e, escondidas por o meio, as risonhas casas de algumas pequenas povoações campestres; adiante, as quintas da Pedra Salgada e, através do véu azulado da distância, a aprazível aldeia de Avintes; do outro lado, o palácio do Freixo com os seus torreões e balaustradas e as quintas e ribeiras de Valbom e Campanhã. E se é ao fim do dia, quando o Sol doura todo o quadro, refletindo-se afogueado nas vidraças voltadas ao ocidente, e a viração da tarde enfuna as velas brancas das pequenas embarcações do lugar, e o céu é azul e as águas límpidas, a paisagem compensa bem os privados de gozar as belezas mais celebradas por viajantes e poetas, as análogas das quais só a nossa cegueira nos não deixa às vezes ver a dois passos da porta.

Era aqui que Manuel Quintino se sentava sempre, durante alguns minutos, sobre uma pedra solta da margem.

— Como isto é bonito! — pensava ele. — É que nem há outro passeio assim, nos arredores do Porto. E a tarde

então está tão serena e sossegada, que até se percebe daqui tudo o que se diz no Areinho. Se eu tivesse dinheiro, era onde comprava uma quinta. Chegando aos sábados, saía do escritório e metia-me num barco. ou a pé mesmo. Afinal era um passeio. É verdade que se viesse Cecília, sempre era longe. Ainda que ela não se cansa. Não se cansa?. Não se cansava. agora.

E a ideia negra, aquela pertinaz ideia negra, a tomar outra vez posse de Manuel Quintino! E, com o ir adiantando-se a tarde, parecia cada vez mais negra, como se as sombras crescessem para ela também!

Daí em diante, não se modificou o processo das preocupações do velho. Uma fábrica de curtumes, umas crianças, a quem deu esmola, uns armazéns, tudo quanto viu, após várias oscilações do pensamento, faziam cair Manuel Quintino na preocupação anterior.

De maneira que o passeio, aquele passeio que o devia distrair, antes lhe exacerbou o mal que o atribulava.

Subia ele já a íngreme costeira, que levava do Esteiro de Campanhã até ao sítio do Padrão. A tarde arrefecera

subitamente. Ou fosse o resultado daquele contínuo pensar em coisas tristes, ou influências de outras causas, é certo que Manuel Quintino principiou a não se sentir bom. Pesava-lhe a cabeça, como ourada; dobravam-se-lhe os joelhos de fraqueza; sentia um geral quebrantamento no corpo, que lhe dificultava já o regresso a casa; e depois a melancolia a condensar-se-lhe no coração, que parecia que lho estava a apertar com mão de ferro.

Quase se arrastava por aquela custosa estrada acima, desalentado e melancólico.

Chegando a uma das vendas, onde, aos domingos de Primavera e Estio, costumam celebrar festivas merendas alguns joviais habitantes da cidade, chegaram-lhe aos ouvidos cantos e risadas que, no atordoamento em que ia, o incomodavam; pareceu-lhe ouvir pronunciar o seu nome, no meio daquela vozearia; mas já não podia dispor da atenção para escutar o que dizia. Continuou caminhando.

De repente, apareceu à porta um dos da companhia a chamá-lo.

Manuel Quintino voltou-se lentamente para ele, sem dizer palavra.

— Então donde vem, Sr. Manuel Quintino?

— Daí de baixo — respondeu, com voz fraca.

— E não encontrou ninguém conhecido pelo caminho?

— Eu, não.

— Pois ainda agora o procuraram aqui.

— A mim?!

— Sim; então não sabe o que há? — disse o sujeito, que lhe falava com certos modos de importância e cuidado.

O coração de Manuel Quintino principiou a bater desordenado.

— Eu não.

— Pois vieram, há poucos minutos, procurá-lo aqui, para que fosse, já, já, a casa, porque.

— Porque?. — interrogou Manuel Quintino, passando-lhe um calafrio por todo o corpo e secando-lhe subitamente a boca, como em acesso de febre.

— Porque... pelos modos. A sua filha... estava bastante doente. Disseram que o tinham antes ido procurar ao escritório... mas...

Manuel Quintino já não escutava; encontrando forças no seu amor, sobressaltado assim, quase deitou a correr por o mesmo caminho, pelo qual com dificuldade se arrastara até ali.

O que lhe dera o aviso pôs-se a rir, ao vê-lo partir com tal pressa.

— Venham ver, venham cá ver! — dizia ele para os companheiros.

Um deles chegou à porta.

— Pobre homem! Chama-o. Olha que isso pode fazer-lhe mal.

— Ó Manuel Quintino! Psiu! Olhe que é hoje o 1.° de Abril, homem! Manuel Quintino!

Mas o pobre velho nem o ouviu; cada vez corria mais.

Estes homens tinham celebrado o 1.° de Abril — este dia que, não sei porquê, o uso popular consagra a recíprocas

mistificações — ferindo no mais doloroso o coração de um pai! E ainda puderam rir!

Louvado seja Deus! Há gente assim graciosa no mundo!

— Vão lá agora segurá-lo — disse o mistificador. — Deixa-o, maior alegria o espera ao chegar a casa.

E voltou a divertir-se.

No entretanto Manuel Quintino prosseguia naquela marcha rápida, desordenada, como se desejasse fazer desaparecer de súbito a distância que ainda o separava da filha, e ia murmurando:

— Cecília. pobre filha!. Ó Nossa Senhora! que desgraça! que desgraça! para que saí eu?. Não pode ser. Mas para me virem assim chamar. Quem sabe se... Grande perigo! grande perigo, por certo! Virgem Santa! E este caminho é tão longo!. E ela morta talvez por me ver chegar. Ó filha, filha.

E as lágrimas caíam-lhe em fio pelas faces.

O atordoamento de cabeça aumentava; a energia muscular, que a nova recebida momentaneamente lhe dera, cedia de

novo lugar ao mesmo desfalecer que, antes, lhe vergava os membros. O pobre velho aterrava-se ao perceber isto.

— Oh! Dai-me forças, Senhor, dai-me forças para chegar depressa! Por misericórdia! — dizia ele, tremendo. — A minha pobre filha!.

E os ouvidos zuniam-lhe cada vez mais; diante dos olhos passavam-lhe, de vez em quando, faíscas, manchas avermelhadas, nuvens de sangue; ouviu o bater das fontes e das carótidas; furtava-se-lhe o chão debaixo dos pés; andava e não se sentia andar; já não tinha poder de regular os movimentos, que se sucediam sem a coordenação regular.

Uns homens, que passaram por ele, pararam a examiná-lo, e Manuel Quintino ouviu-lhes ainda dizer:

— Olha como vai aquela alminha! Há de custar-lhe a dar com a porta da casa.

Estas palavras afligiram ainda mais este pobre pai, já tão aflito. Tinha chegado à capelinha do Padrão.

— Que angústias, meu Deus! Valei-me, Nossa Senhora! — murmurou ele.

Encostou-se algum tempo às grades da porta, porque já não podia andar.

Fez uma oração fervente, destas orações que, se não abrirem de pronto caminho até o trono de Deus, é porque para sempre se fecharam já as portas do Céu a todas as preces da humanidade. Mais sentida, mais do coração do que aquela, é que se não fazem no mundo.

Pareceu ganhar vigor por um pouco. Prosseguiu, mas com andar mais tardo e vacilante. Cedo porém voltaram as ameaças do mal. Um entranhado terror apoderou-se-lhe do coração, uma como misteriosa consciência de próximo perigo.

As luzes da iluminação pública apareciam-lhe coloridas de vermelho. A perturbação de vista aumentou; tudo girava em volta dele; os objetos tornavam-se-lhe indistintos, afigurava-se-lhe que o terreno descia de repente, e num a descida tão rápida, que ele teve de parar para não cair. Encostou-se à ombreira de uma porta.

Ouviu a voz de alguém, que já nem viu, dizer-lhe:

— O senhor não está bom? Entre para descansar.

— Não — disse ele com certo desabrimento, como se aquele conselho lhe desvanecesse cruelmente a ilusão, que fazia por conservar ainda.

E de novo tentou caminhar.

Estava próximo do cemitério público, chamado do Repouso; deu mais alguns passos.

Os mesmos sintomas atacaram-no de novo e com maior violência; a vertigem foi completa; o chão pareceu faltar-lhe.

O bom homem ainda pôde murmurar:

— Senhor!. Senhor!. Por piedade!. Pois hei de morrer aqui, sem ver a minha filha?!.

E caiu sobre uns bancos de pedra da alameda que está em frente do cemitério.

CAPÍTULO XXI

O QUE VALE UMA RESOLUÇÃO

Cecília, pensando que o pai não prolongaria demasiado o passeio, voltou a casa ainda com dia.

Anoiteceu, porém, sem que Manuel Quintino aparecesse.

Tudo era sombras na rua: para o lado do mar coloria-se o céu do rubor inflamado do crepúsculo. e ninguém!

O coração de Cecília principiou a enevoar-se de vagos receios, que ela até fugia de definir.

Mas estas névoas foram-se condensando em cerração, à medida que descia a noite e Manuel Quintino sem aparecer! A imaginação de Cecília começava já a lembrar-lhe mil escuras explicações daquela extraordinária demora.

A boa rapariga não podia sossegar.

Vinha à janela com esperança de avistar o pai no princípio da rua, e retirava-se para dentro outra vez, pesarosa e

assustada porque o não via.

Falava a Antónia, desejando ouvir dela alguma suposição que a tranquilizasse; mas a criada, também assustada com a demora do amo, longe de a animar, aterrava-a com as sugestões da sua fértil imaginativa.

— Olhem agora! — dizia ela. — Não que uma demora assim! Eu nunca vi!. Quem sabe lá? Não lhe fosse por aí acontecer alguma!.

— O que lhe havia de acontecer, mulher? Você também! — disse Cecília, transida de susto com esta vaga insinuação da criada.

— O que lhe havia de acontecer? — prosseguiu esta. — Elas em qualquer parte se armam. Até na cama se quebra uma perna. Veja aquele velho que passava dantes todos os dias por aqui para a alfândega. Então não escorregou um dia no degrauzito da porta, que não tinha mais que isto — e indicava uma mão travessa —; caiu, e de tal maneira, que no fim de oito dias estava enterrado.

Cecília empalidecia só de ouvir estas palavras.

— Mas, se tivesse sucedido alguma coisa, tinham já mandado dizer.

— Conforme, menina. Às vezes acontecem os males em sítios onde ninguém conhece uma pessoa, e, se se não pode falar. Aí está que.

— Havia logo de suceder tudo mal. Nem que o pai fosse para algum sertão de selvagens. Você tem coisas!

— Pois sim, mas o que é certo é que se a demora fosse natural, ele é que já tinha mandado aviso. Pois então não havia de saber a canseira e susto que causava à menina?

Cecília afastou-se, impaciente, desta Cassandra de cozinha, e voltou à janela.

Estavam já acesos os lampiões da rua. As sombras da noite parecia estenderem-se ao coração de Cecília.

— A menina quer que traga luz? — perguntou a criada, entrando na sala.

Esta pergunta, obrigando-a a notar o adiantado da hora, soou funebremente aos ouvidos de Cecília.

— Não — disse ela, com voz alterada. — Luz, tão cedo!

— Cedo?! Onde vão as sete, menina! Está de ver que não vem.

— Que não vem! Que não vem! Você está doida, mulher? Pois não há de vir? — exclamou, com dobrada impaciência e quase com raiva, Cecília, debruçando-se mais na janela.

— A menina não faz nada em o esperar assim. Lá por estar aí não é que ele vem mais depressa — ponderou tolamente a Sra. Antónia.

— Não lhe importe; deixe-me — disse-lhe secamente Cecília.

— Uma coisa assim! — prosseguiu a criada. — Não que quando a gente mal se precata! Sai uma pessoa muito sossegada da sua casa e só Deus sabe para quê! Para onde iria também aquela criaturinha do Senhor? Quem pode lá dizer o que lhe sucedeu? Some-te! Eu lembro-me de que um dia o meu pai...

— Vá buscar luz, vá — ordenou Cecília, para escapar ao caso que Antónia aparelhava, com o piedoso intento de tirar dele talvez uma indução pouco de tranquilizar.

Antónia saiu.

Cecília, de assustada que estava, já não sabia o que fizesse.

Qualquer vulto, que assomava ao princípio da rua, lhe parecia o pai; seguia-o com ansiosa curiosidade, cedo transformava-se em desalento esta curiosidade, porque o via passar indiferente para além da porta da casa.

Andavam já bem perto dos olhos as lágrimas em Cecília, quando Antónia voltou com a luz.

— Então, ainda nada? — perguntou a criada.

Cecília não lhe respondeu.

— Quer que feche as janelas?

— Não.

— Não tem que ver; a coisa não é natural. O pai é amigo de recolher-se cedo e não era homem que não mandasse recado, no caso de, de todo em todo, não poder vir. Ninguém me tira disto. Aquilo foi coisa que lhe sucedeu por lá.

O relógio deu meia hora depois das sete.

— Já sete e meia! Sempre é de mais! Ó menina, eu vou extrair o chá, não acha?

— Não; cale-se para aí. Quero lá saber do chá. Bem me importa a mim o chá. Você perdeu o juízo?

— É que o Sr. José Fortunato não tarda por aí.

— Pois se vier, veio. Não tenho mais em que pensar, senão no Sr. José Fortunato! Deixe-me, deixe-me.

Antónia era destas pessoas a quem as maiores inquietações não fazem perder a ideia das suas obrigações habituais. Enquanto o espírito se perturba e a boca lhe traduz os pensamentos, as mãos, independentes da imaginação, prosseguem na tarefa do costume.

Cecília não; carácter apaixonado, era toda a ideia que a possuía. A irresolução que devia àquele estado de ansiosa dúvida para tudo a inabilitava.

Em nada consentia que lhe falassem naquele momento, nada queria escutar, de nada queria saber.

Ansiava, nervosa, impaciente, febril, passava de uma para outra janela, voltava ao interior da sala, chegava ao patamar, e corria à janela outra vez.

Em uma destas ocasiões ouviu duas mulheres, que passavam na rua, dizerem:

— Uma desgraça assim! Foram todos; uns morreram, outros ficaram aleijados para toda a vida.

O coração de Cecília bateu com violência ao ouvir aquilo. Não pôde reprimir-se, que não perguntasse às mulheres de que desgraça falavam.

E tremia de ouvir a resposta. Disseram-lhe que era de uma saibreira que desabara na véspera sobre uns trabalhadores. Respirou!

De outra vez, era um homem que viera a correr desde o princípio da rua e parara em frente da casa, irresoluto, como quem procurava reconhecer uma de entre aquelas diversas moradas. Cecília queria perguntar-lhe quem ele procurava, mas quase não tinha voz para o fazer, tal era o intenso terror que se apossou dela, ao ver este homem.

Parecia-lhe impossível que não fosse algum mensageiro de desgraças.

Afinal conseguiu falar-lhe. O homem procurava um vizinho.

Cecília guiou-o, ainda mal restabelecida do susto que sentira.

Tendo voltado à sala, ouviu tocar a campainha do portal.

Estremeceu alvoroçada de esperanças e de temores.

— Será ele?

Neste tempo já Antónia vinha no corredor e com fleuma inalterável atalhou:

— É o Sr. José Fortunato; são as horas.

Cecília voltou as costas despeitada e triste. Sentiu no coração uma quase má vontade contra o noturno visitador.

Era de facto o Sr. José Fortunato que chegava.

— Muito boa-noite, menina; passou bem? — disse José Fortunato, ao entrar para a sala.

— Muito aflita, Sr. José Fortunato, muito aflita, não faz ideia! — respondeu Cecília.

— Sim?! — disse o outro, pousando os vários artigos do seu complicado vestuário, guarda-chuva, capote, cachenez,

luvas, chapéu, a caixa do tabaco, e tomando assento no lugar do costume.

— Pois não quer saber? — continuou Cecília — o meu pai saiu esta tarde, a dar um passeio, e são as horas que vê, e não voltou ainda a casa!

— Na verdade, é. é célebre! Suceder-lhe-ia alguma coisa?

Pergunta suficientemente tola.

José Fortunato rivalizava com Antónia, na maneira de intervir na presente crise; as suas palavras, longe de serem tranquilizadoras, tinham por efeito exacerbar a inquietação e o susto.

Cecília sentiu esse efeito, porque chegou logo à janela, com maior ansiedade ainda, dizendo a tremer:

— Que lhe havia de suceder?.

— O Sr. Manuel Quintino — continuava José Fortunato, placidamente sentado à mesa — havia já alguns dias que andava assim não sei como. Eu disse-lhe ainda antes de ontem: — «Homem, é preciso olhar por isso, antes que vá a

mais; consulte alguém.» — Mas ele, não, senhor; tinha lá aquele génio.

A escolha do tempo para o verbo era para fazer redobrar os terrores de Cecília. Tinha! Este bom homem de José Fortunato era destas coisas; dir-se-ia que, para ele, Manuel Quintino já não podia merecer as honras do presente de um verbo! Não contente com isto, principiou:

— Estas mudanças de tempo não são nada boas, sobretudo em certas idades. Tem havido por aí muitas moléstias repentinas. Aí está que aquele Gamboa, que era empregado na Câmara, teve ontem um ataque de apoplexia, e foi-se, enquanto o diabo esfrega um olho.

— Jesus! Sr. Fortunato; por quem é, não fale nessas coisas! — exclamou Cecília angustiada. — Se tivesse sucedido alguma desgraça ao meu pai, não havia já de ter vindo alguém dizê-lo aqui? Aquilo é porque se demorou.

— Pois eu não digo, menina, que. mas às vezes; olhe que a gente para adoecer basta estar vivo e depois um desastre. Aí está que também o pai tinha um outro mau costume, de que eu também o avisei muitas vezes; ia sempre àqueles

vapores ingleses, quando eles entravam, e, apesar de ser homem pesado, porque já não é criança, usava nisso de muito pouca cautela, e às vezes, na atracação. Olhe que é uma coisa perigosa! Para quem não sabe nadar.

As palavras de José Fortunato soavam aos ouvidos de Cecília como um dobre a finados.

— Sr. José Fortunato! — disse ela, quase erguendo as mãos — não vê que com estas palavras me mata? Para além disso, o meu pai não tinha hoje de ir a bordo de vapor algum. Hoje, ao domingo! Estou a dizer-lhe que foi passear.

— Sossegue, menina. Eu espero também que não tenha sucedido nenhuma desgraça. Isto era um modo de falar. Deus é bom e sabe a falta que o Sr. Manuel Quintino cá fazia ainda. Nem quero que me lembre semelhante desgraça! Credo! Santíssima Trindade! Ainda se ele fosse homem que tivesse regulado os seus negócios; mas parece-me que não fez ainda disposições. Eu bem sei que tudo quanto ele tem é da menina, mas, ainda assim, havia aí uns dinheiros malparados. e... e... sempre é bom olhar por essas coisas.

Cecília não pôde reter o choro, que lhe acudiu aos olhos a estas lúgubres considerações do seu interlocutor.

— Então não se aflija — dizia este, no mesmo tom de voz. — Que fazemos nós em nos estarmos a afligir? Não fazemos nada; por isso. E demais, se fosse vontade de Deus que alguma desgraça acontecesse, a menina não ficaria desamparada; tem amigos e protetores. Perdia um bom pai, isso perdia, mas.

— Ó Sr. José Fortunato, pelas almas, não me fale assim! Isso é crueldade.

— Eu não digo isto para a afligir. Sossegue. Mas nestas coisas é bom supor o pior.

E, ainda que nas melhores intenções, continuou o Sr. José Fortunato neste homeopático sistema de conforto.

A agitação de Cecília aumentava.

— Antónia! — bradou ela, vendo passar a criada no corredor. — Tenha paciência; eu não posso sossegar. Esta incerteza mata-me. Vá, vá você ao escritório, vá por aí, vá saber. vá procurar. O Sr. José Fortunato está agora aqui e… Vá, vá.

— Ó menina! Não vê que é noite fechada?! Uma mulher só por essa cidade abaixo, feita uma Maria tola!

— Ó criatura, então que tem?

— Ora essa? Então que tem?!

— Não é bonito, não — concordou José Fortunato, tomando posição mais cómoda.

Cecília não lhe deu resposta, correu de novo à janela.

A rua estava deserta.

— Olhe se lhe faz mal esse ar — dizia José Fortunato. — A menina parece que está já um pouco tomada da garganta. É preciso cautela; estas constipações desprezadas. Seria bom beber alguma bebida quente.

— Ah! Sr. José Fortunato, Sr. José Fortunato! Aí anda já um pouco de egoísmo; a hora do chá vai passando. Ó barro humano!

— Não sei bem o que tem mão em mim, que não vou eu mesma! — exclamou Cecília ao voltar da janela. — E se isto continua assim, não respondo por o que farei. Oh! Não ser eu rapaz!

José Fortunato não compreendeu qual era o seu dever nesta ocasião. Foi defeito de perceção e não de vontade.

A inteligência era-lhe ronceira e as boas lembranças acudiam-lhe, mas tarde; quando já não era tempo de realizá-las. Foi por isso que só teve a dizer:

— Pois olhem o milagre! Se a menina fosse rapaz!. Mas desengane-se, Sra. D. Cecília, se tiver sucedido alguma desgraça ao pai, mais minuto, menos minuto, ela há de saber-se.

— Agradecida, pela consolação! — não pôde deixar de dizer Cecília, com manifesto mau humor.

— De uma vez tinha eu ido a um magusto, aí para os lados da Cruz da Regateira, e ao voltar.

Lá parecia ao Sr. José Fortunato aquela ocasião apropriadíssima para contar um caso.

Antónia dispunha-se para ouvi-lo.

Cecília fez um movimento de impaciência e voltou para a janela.

No momento em que chegou ali, avizinhava-se, vindo da extremidade da rua oposta àquela donde ela esperava o pai, um homem a cavalo.

Era Carlos; voltava do costumado passeio extra-urbano.

Cecília reconheceu-o, e acudiu-lhe uma lembrança.

Enquanto o cavaleiro vencia a distância que o separava ainda de casa, Cecília voltou-se para dentro, dizendo:

— Então não querem ir saber do meu pai, não?

O emprego do verbo no plural foi um empuxão dado à perra inteligência do Sr. José Fortunato, o qual, pela primeira vez, se lembrou de que podiam ser de algum préstimo os seus serviços.

— Ó Menina! mas não vê que é noite fechada? — disse Antónia, como, havia pouco tempo, dissera já.

O Sr. Fortunato estava ainda elaborando mentalmente a descoberta que fizera. Cecília não esperou pelo resultado de tal elaboração.

Carlos Whitestone estava por debaixo das janelas dela, e cortejava-a.

Cecília não hesitou.

— Sr. Carlos — disse com voz trémula de sobressalto.

Carlos, surpreendido por se ouvir chamar assim, aproximou logo o cavalo da janela.

— Minha senhora?

— Perdoe-me, por quem é, isto que faço — continuou Cecília —; mas desde o princípio da tarde que o meu pai saiu e ainda não voltou a casa, nem dele tenho notícias! Imagine o meu susto! Sabe por acaso, se.

— E para onde foi ele, quando saiu?

— Disse-me que ia passear. mas.

— E não voltou! — atalhou Carlos, estranhando também aquela excecional demora.

— Que lhe terá sucedido, meu Deus?! — exclamou Cecília, recebendo a comunicação da surpresa de Carlos e transformando-a logo no mais apreensivo terror.

As resoluções em Carlos eram tão prontas, como morosas em José Fortunato.

— Sossegue, minha senhora. Eu vou já saber disso e conte que, dentro em pouco, lhe trarei aqui o seu pai.

— Oh! Muito agradecida, Sr. Carlos, muito agradecida! — disse Cecília, com a voz repassada de gratidão.

Carlos cortejou-a de novo e partiu a galope.

Ao vê-lo partir, a consolação de uma esperança entrou pela primeira vez no coração de Cecília.

Carlos era para ela um destes homens que, se um dia tentam o impossível, conseguem-no.

Ao voltar-se, achou Cecília, a dois passos de si, Antónia e o Sr. José Fortunato, que olhavam com fisionomias estupidamente pasmadas.

— Que foi fazer, menina?! — disseram eles, quase ao mesmo tempo.

— Aquilo a que me obrigaram. Se pudesse, ia eu. Há muito que não estaria aqui já, cansando inutilmente o espírito a procurar explicações e só a encontrá-las assustadoras; se tivesse mais alguém a quem recorrer, não iria incomodar uma pessoa a quem.

— Mas, nesse caso, porque me não disse? Então não estava eu aqui? — perguntou José Fortunato, com a maior candura deste mundo.

Cecília fitou-o com olhar de raiva e nem lhe pôde responder.

— A falar a verdade — disse Antónia — não sei o que parece! Pois a menina vai assim, sem mais nem menos, falar da janela para baixo, com aquele senhor?.

— Se a vizinhança por aí visse. — acrescentava o outro, espreitando para verificar se a sobredita vizinhança teria de facto visto. — E então quem? Um cabeça no ar. o filho.

— Basta! — exclamou Cecília, não podendo já reprimir-se mais tempo. — Era escusado isto, era, se outras pessoas tivessem tido já a lembrança e a caridade de o fazer. Há uma hora que me veem nesta aflição e só sabem dar-me consolações que fariam rir a quem não tivesse no coração esta agonia que eu tenho.

Agora então vêm com os reparos da vizinhança; a vizinhança não me tira uma só das canseiras com que estou, para que eu me deva importar com ela.

José Fortunato estava deveras condoído por se não ter lembrado a tempo dos seus deveres. Era sestro do homem.

— Ó Sra. Antónia, faz favor de me vir iluminar — dizia ele, procurando já munir-se dos seus numerosos petrechos de campanha.

— Onde vai? Onde é que vai? — perguntou Cecília. — Já agora o que está feito, está feito.

Quando o Sr. Fortunato fosse ao fim da rua, já o Sr. Whitestone teria corrido a cidade toda. É melhor ficar.

José Fortunato ficou.

Também era qualidade sua esta pouca tenacidade com que pugnava pelas resoluções tomadas.

No entretanto Carlos voava por toda a cidade que, em pouco tempo, atravessou de norte a sul.

Por milagre não atropelou ninguém. Muitos dos que escaparam àquela carreira impetuosa, àquela velocidade, comparável à do aerólito, ficavam a murmurar frases, mais ou menos impacientes, contra o imprudente cavaleiro.

Chegou, no fim de alguns minutos, ao escritório da Rua dos Ingleses.

O silêncio daquele lugar, a essas horas, formava perfeito contraste com a animação que ali reinava nas manhãs dos dias de semana.

Carlos fez estremecer a casa com as rijas pancadas que descarregou na porta.

Alguns vizinhos chegaram à janela.

O criado do escritório correu a receber as ordens do seu patrão mais novo.

Carlos, mesmo a cavalo, perguntou-lhe se tinha visto Manuel Quintino naquela tarde.

Disse-lhe o criado que o vira atravessar o mercado do peixe, em direção a Campanhã; que, sendo esse o seu passeio predileto, era provável que.

Carlos não ouviu o resto, partiu a galope outra vez, na direção indicada.

— Some-te! — disse o criado consigo. — Parece que leva o diabo no corpo!

Com igual rapidez seguiu Carlos toda a margem direita do rio, horas antes trilhada por Manuel Quintino. Era preciso ser excelente cavaleiro, para se não esbarrar por um caminho daqueles, a tais horas da noite e com tal impetuosidade de carreira.

Carlos dirigiu-se ao armazém de vinhos que a casa Whitestone possuía em Campanhã. Nas vizinhanças morava o mestre tanoeiro, que acudiu a saber quem era e o que pretendia o noturno cavaleiro, que ameaçava rebentar as dobradiças das grossas portas de castanho do armazém.

Vendo Carlos, ficou espantado. Carlos perguntou-lhe por Manuel Quintino.

O homem respondeu que, ao cerrar da tarde, o vira subir a estrada do Padrão, e que devia ter já voltado a casa havia muito tempo.

Carlos prosseguiu a sua corrida, deixando tão estupefacto este, como deixara o criado do escritório.

Na estrada passou por um grupo de sujeitos, que regressavam, cantando, do «bom retiro» campestre, onde,

à mesa e à sombra da ramada, tinham passado a tarde inteira.

Carlos conheceu-os. Eram alguns dos mais folgazões membros da classe comercial, pela maior parte conhecidos de Manuel Quintino.

Ia a passar-lhes adiante, quando se lembrou de informar-se com eles também a respeito do velho.

Responderam-lhe rindo e contaram-lhe da mistificação que o leitor sabe já, porque eram estes os mesmos que nós já encontrámos. Os homens riam ainda, ao lembrarem-se da pressa com que Manuel Quintino galgara a costeira de Campanhã.

— Que estúpida graça! — disse Carlos, preparando-se para seguir o caminho.

— Ora essa! — respondeu um do bando. — Até será uma alegria para o velho, quando chegar a casa e vir que.

— Se não tiver morrido antes pelo caminho — atalhou Carlos; — e, picando o cavalo, partiu a galope.

— O homem vai doido — disse um.

— Esbarra-se! — acrescentou outro.

— É um inglês a menos. Que o leve o diabo.

E continuaram a cantar e a rir.

Carlos chegou num momento à capela do Padrão.

Daí seguiu, a trote mais moderado, pela estrada, informando-se aqui e além a respeito de Manuel Quintino. Poucos indícios colheu, até que por acaso interrogou a mulher, à ombreira de cuja porta o velho guarda-livros se encostara.

Esta deu-lhe assustadoras informações do estado em que o viu, e agourou mal do destino do homem.

Verdadeiramente inquieto, prosseguiu Carlos nas suas pesquisas, até chegar à alameda do Repouso.

Em um dos bancos de pedra pareceu-lhe distinguir o vulto escuro de um homem.

Aproximou-se.

Com sentimento de verdadeira alegria, reconheceu Manuel Quintino.

Cedo porém sucedeu o susto a esta primeira impressão.

O velho estava imóvel e com as feições transtornadas, como se fora cadáver já.

Carlos segurou-lhe o braço, que sacudiu com violência.

— Manuel Quintino! Manuel Quintino! — bradava ele.

Respondeu-lhe um som rouco e inarticulado.

Carlos chamou-o mais alto, outra vez.

Àquela voz conhecida, Manuel Quintino abriu lentamente os olhos e fixou em Carlos a vista esgazeada.

— Que é isto, Manuel Quintino? Que faz aqui? Que tem? Diga: que lhe sucedeu?

Depois de alguns esforços, o velho conseguiu exprimir uma resposta desordenada.

— Eu… eu vinha… não sei o que senti em mim. Quando me disseram da… doença de Cecília… quis correr. E... e faltou-me a vista. e... Eu já não estava bom. O frio… julgo que foi o frio. Por mais que quis ver se me movia. Agora mesmo.

— Sossegue. A sua filha está boa e só com muito cuidado pela sua demora. Veja se pode erguer-se.

— Mas... ali... em baixo... disseram-me.

— Foi uma estúpida graça de uns senhores que, avaliando a delicadeza dos sentimentos dos outros por a dos seus, julgaram dever solenizar o 1.° de Abril daquela maneira cruel.

— Deus lhes perdoe, se foi assim.

— Foi; disseram-mo eles mesmos. Ande, venha. Não faça maiores inquietações em casa do que as que já vão por lá.

— Pobre filha!... Eu vou... mas não sei se...

Manuel Quintino tentou levantar-se, porém vacilaram-lhe os passos e caiu sentado outra vez.

Carlos estava irresoluto; não sabia o partido que tomasse.

— Então, Manuel Quintino, veja se ganha forças. Experimente se pode montar a cavalo.

Novo esforço do velho, sucedido de igual resultado.

O embaraço de Carlos aumentava.

Pensava já em o levar na garupa, quando passou na estrada uma sege de aluguer, que voltava para a cidade. O boleeiro deixava ir os cavalos a passo e assobiava; uma espécie de jóquei dormia ao lado dele; Carlos conheceu o boleeiro.

— Ó Gonçalo.

— Quem me chama?

— Vai vazio o carro?

O boleeiro reconheceu Carlos.

— Ah! É V. S.a? Vai vazio, vai, sim senhor, meu patrão.

— Então ajuda-me a transportar para lá este sujeito, que está doente, e leva-nos a toda a brida para a rua de…

O boleeiro correu a prestar o auxílio pedido.

— E tu — acrescentou Carlos, para o improvisado jóquei — monta nesse cavalo e leva-mo a casa. Avia-te!

Carlos era obedecido, como um dos fregueses de mais pronto e generoso pagamento que havia na cidade.

— E olha — disse ele ainda para o jóquei — de passagem vai ainda a casa do doutor F. e pede-lhe que venha sem

demora ver o Sr. Manuel Quintino, a sua casa. Diz-lhe que vais do meu mando. Anda.

O rapaz partiu como um foguete.

Carlos e o boleeiro ajudaram Manuel Quintino a entrar na sege; dentro em pouco, faiscavam as pedras das calçadas sob as patas dos cavalos, fustigados com toda a alma por o boleeiro, cujo ardor o estímulo de uma gorjeta excecional instigava.

Carlos tinha cumprido a promessa feita a Cecília.

Foi com um grito de júbilo que Cecília, cujos terrores tinham recrudescido com a demora, viu parar a carruagem à porta de casa e sair dela o pai, amparado cuidadosamente pelo braço de Carlos Whitestone.

Os primeiros momentos absorveram-nos inteiramente as expansões de alegria.

Correu ao portal e aí recebeu nos braços o pai, chorando comovida. Desentranhava-se aquele piedoso sobressalto em frases soltas, sem nexo, em exclamações, em perguntas, em beijos, em lágrimas e em sorrisos.

Manuel Quintino subiu as escadas apoiado de um lado em Cecília, de outro em Carlos. Foi assim que entrou para a sala, onde Antónia e José Fortunato, no meio de felicitações, de perguntas, e até de conselhos, lançavam olhares de desconfiança a Carlos, que nem atenção lhes dera ainda.

Passada a primeira explosão de alegria, incoerente e irrefletida, houve lugar no coração de Cecília para duas ordens de sentimentos opostos.

O primeiro foi de gratidão para Carlos.

Estendeu-lhe amigavelmente a mão, disse-lhe, com um olhar, uma inflexão de voz e um rubor de faces que multiplicavam o pouco valor da palavra:

— Muito obrigada.

Frase insignificante, que nesta ocasião teve mais eloquência do que um discurso.

Depois, inquietou-a outra vez o estado em que via o pai. A decomposição do rosto, a palidez, a tristeza não habitual reproduziram vivos os receios que a chegada dele serenara.

Interrogou-o então sobre os pormenores do sucedido. Carlos deu uma rápida explicação.

Cecília escutava-o com o sobressalto do susto e lágrimas de reconhecimento. Antónia e José Fortunato acharam nos factos pretextos para formularem conselhos de prudência, a que eles só deram atenção.

Cecília redobrou de cuidados para com o pai; que os aceitava com certa frieza mórbida, que a assustava.

Carlos associou-se por vezes à jovem e carinhosa enfermeira, e com tão inteligente solicitude que obteve dela frequentes sorrisos de aprovação e de agradecimento.

Quando o médico chegou, ainda Carlos não deixara a casa.

O facultativo informou que tinha sido aquilo uma das oito formas de congestão cerebral admitidas por o professor Andral, e das mais benignas. Descreveu os sintomas, apreciou as causas, formulou o tratamento, sangrou e saiu.

Manuel Quintino achava-se melhor.

Carlos despediu-se mais tranquilo e prometeu voltar.

À saída, Cecília apertou-lhe a mão com afeto.

Antónia resmungou.

José Fortunato recolheu-se a casa perto da meia-noite e pouco satisfeito com a sua pessoa.

CAPÍTULO XXII

EDUCAÇÃO COMERCIAL

Manuel Quintino foi constrangido, pela força das circunstâncias, a conservar-se de cama, nos dias seguintes a este.

Impusera-lho o facultativo que lhe assistia; pedira-lho Cecília, e exigira-lho Carlos e o próprio Mr. Richard Whitestone, que viera, pela manhã, visitar o guarda-livros.

Esta necessidade de abstenção de exercício era o que mais afligia Manuel Quintino. Figurava-se-lhe que os negócios comerciais caminhariam desordenados sem a sua cooperação; mortificava-o a ideia do caos em que o escritório cairia, se por muito tempo a doença se prolongasse.

— Valha-me Deus! Como há de ser isto agora? — dizia ele, deveras aterrado com a ideia, quando na presença de Cecília e de Carlos, que demorara a sua visita mais do que

Mr. Richard, tomava a custo um caldo adietado, único alimento que lhe permitia a arte médica.

— Que canseira lhe está a dar essa ninharia! — disse Carlos, procurando desvanecer aqueles cuidados. — Sossegue; a sua doença será de pouco tempo; a casa Whitestone não se perde com essa pressa. Lá estarão os outros caixeiros.

— Ora os outros, sim!. Os outros!. É bom de dizer.

— Mas então, meu pai, que se lhe há de fazer? Quando Deus lhe der saúde, trabalhará dobrado. Agora veja mas é se toma esse resto de caldo.

— Nem quero que me lembre! Em que desordem não irei encontrar tudo por lá! E depois, a escrituração atrasada!. Ó filha, bastará de caldo por agora.

— Só duas colheres mais.

— E porque não há de o Paulo fazer a escrituração? — insistiu Carlos.

Manuel Quintino fitou nele um olhar de espanto.

A ciência da escrituração era para o velho guarda-livros de tal dificuldade e transcendência que a pergunta de Carlos soara-lhe aos ouvidos e irritara-lhe os nervos, como uma imperdoável heresia.

— O Paulo?! O senhor tem coisas!. pensa que escrever nos livros comerciais é o mesmo que fazer um rol de roupa suja?!

— Ao princípio não duvido que se lute com alguma dificuldade, mas no fim de três dias.

— Três horas, três horas. é melhor três horas. Valha-o Deus!. Ó Cecília, eu não posso levar ao fim este caldo. Tira para lá, filha.

— Era uma colher só — disse Cecília, fingindo que lhe obedecia, mas com um modo que quebrou a Manuel Quintino a coragem de resistir-lhe.

— Então dá cá. — E, fechando os olhos, esgotou até às fezes aquela espécie de taça de amargura, fez uma careta, e respirou no fim, como se se aliviasse de enorme encargo.

Daí a pouco, a ideia de faltar ao escritório incomodava-o outra vez. Antevia mil complicações sérias nos negócios

pendentes, e tão longe ia, neste caminho, a sua fértil imaginação, que não parava senão em iminente falência.

Homem habituado a não passar um só dia ocioso, exagerava as consequências da sua falta; guarda-livros que adquirira, por trabalhosa experiência, o saber comercial, supunha indispensáveis anos para habilitar qualquer inteligência a adquirir igual saber e a ordenar a escrituração dos livros de comércio.

Por isso ouviu com espanto, acompanhado de zombaria, a proposta que, como extremo e eficaz recurso, Carlos acabou por lhe fazer, depois de em longa discussão sobre o assunto ter, com o auxílio de Cecília, combatido aquelas apreensões.

— Está bom; sossegue — disse Carlos. — Deixe-se ficar na cama o tempo que quiser e que lhe for preciso, porque, enquanto à escrituração, eu encarrego-me dela.

Manuel Quintino conservou por algum tempo os olhos muito abertos, voltados para o filho de Mr. Richard; lá lhe parecia tão extravagante aquela promessa num homem de

cuja experiência comercial sabia o que pensar, que nem com resposta atinou que lhe desse.

À própria Cecília surpreendeu o oferecimento. Ambos julgaram isto um gracejo da parte de Carlos. Contudo, era tão séria a expressão que tomou, naquele momento, a fisionomia dele, que Cecília principiou logo a acreditar que não era zombaria a proposta.

Manuel Quintino não se convenceu tão depressa.

— Então com que. encarrega-se da escrituração? — perguntou o velho, não podendo reter um sorriso, o primeiro que se lhe desenhou nos lábios aquela manhã.

— Encarrego, sim.

— Olhem que fortuna para a casa! Agora é que ela prospera. Eh! eh! eh! Valha-me Santo António!.

— Então faz-me a injustiça de me supor incapaz de aplicar as minhas forças a uma empresa qualquer, quando daí possa provir algum bem para um amigo?

Desde que Carlos fez esta pergunta, Cecília esposou logo mentalmente a causa dele: não só acreditou na sinceridade

do oferecimento, mas até — vejam que confiança! — até na possibilidade, ou mais ainda, na probabilidade da sua realização.

Manuel Quintino não era tão fácil de mover dos seus juízos. Contudo, também o abalaram as palavras de Carlos, ainda que em outro sentido.

— Não, homem — disse o guarda-livros, meio comovido —; eu não duvido da sua boa vontade, nem do seu ânimo decidido para sacrifícios. Bem recentes tenho provas que me não deixam duvidar. Sei que lhe devo talvez a vida. Não pense que sou ingrato. Mas, venha cá, ouça: como quer encarregar-se de um serviço ao qual tem sempre andado estranho? Era como se eu me metesse a ir salvar a nado alguém que estivesse a afogar-se no meio do rio. De que me valeriam os bons desejos, se iria ao fundo, como um prego, antes de lá chegar?

— Mas tão difíceis lhe parecem essas coisas de comércio, que, dentro em dois ou três dias, com alguns conselhos e explicações suas, eu não me habilite a compreendê-las?

Manuel Quintino encolheu os ombros.

— Homem, que conceito faz da minha inteligência?! — insistiu Carlos. — Demais, eu alguma coisa aprendi no colégio que talvez me sirva. Pode ser que não ande de todo já perdida uma ciência que, devo confessar, tenho deixado fora do serviço desde. desde que a adquiri.

— Ora adeus! Onde vão as chuvas do ano passado? Olhem com o que ele vem! O que aprendeu no colégio!.

— Enfim, tentemos. Não se perde nada em tentar. O Manuel Quintino não vai esta semana, nem talvez estes quinze dias ao escritório.

— Longe o agouro!

— Não vai, que não deve ir. Eu estou resolvido a experimentar a minha aptidão comercial. Quem sabe? Pode ser que adquira até gosto pelo negócio.

— Quem dera!

— Pois pode ser. Encarrega-se de me dar lições? Três bastam-me.

— Havia de fazer boas coisas com três lições!

— Apostemos?

— Vá, vá à sua vida. Divirta-se. Isto não é uma brincadeira como.

Carlos revestiu-se de toda a sua gravidade.

— Então, Manuel Quintino! Tão leviano me julga, que não admite que eu fale a sério alguma vez?

— Não, mas.

Cecília tomou, a medo, a defesa de Carlos.

— Uma vez que o Sr. Carlos se oferece para o ajudar, porque não aceita?

— Aí vem a outra! Ora para o que lhe deram hoje! Este rapaz engana-se a si próprio. Eu já disse que não duvido dos seus bons sentimentos, mas.

— Mas — atalhou Carlos — uma palavra só! Quer dar-me algumas lições de escrituração comercial? Bem vê que não perde nada com isso.

— Hão de ser curiosas!

— Sejam ou não sejam. Quer ou não?

— Não seja essa a dúvida.

— Até à noite, meu mestre — disse Carlos, pegando no chapéu para sair.

— Até à noite — respondeu Manuel Quintino, divertido com a resolução de Carlos, em cujo êxito não depunha fé, mas divertido a ponto de se rir com vontade e de quase se lhe desvanecerem as apreensões a respeito do escritório.

Ao sair, Carlos despediu-se de Cecília, dizendo-lhe:

— Estão empenhados os meus brios, minha senhora. Dentro em três dias prometo ser um caixeiro consciencioso e expedito.

Cecília sorriu, estendendo-lhe a mão.

— Agradecida por tanta generosidade, Sr. Carlos.

— E acredita que seja só generosidade?

— Então?

Carlos não replicou. Correspondeu, sorrindo, ao cumprimento de Cecília, e saiu, sentindo um íntimo contentamento, ao dizer a frase trivial:

— Até logo.

Cecília ficou a pensar no que poderia haver, além de generosidade, no procedimento de Carlos.

Em todo aquele dia andou tão satisfeita a filha de Manuel Quintino, que os cuidados, que a saúde dela tinham causado ao pai, diminuíram consideravelmente; o que não foi para ele pequena garantia de melhora na saúde própria.

Carlos dali foi para o escritório.

Não causou pequena surpresa a Mr. Richard ver Carlos estabelecido na banca de Manuel Quintino, examinando, com solícita atenção, os livros comerciais, as correspondências do dia, e algumas atrasadas; os outros caixeiros não estavam menos admirados do insólito fenómeno; e muito mais ficaram, quando Carlos lhes dirigiu algumas perguntas sobre o andamento de certos negócios, e quando inclusivamente o viram atender alguns fregueses, que vinham pedir informações ao guarda-livros, e responder a muitos já com verdadeiro conhecimento de causa.

Em toda a Praça se falou naquilo; foi um verdadeiro acontecimento no mundo comercial. Houve curioso que fantasiou negócios, só para se informar, pelo seus olhos, do que lhe constara.

A pronta inteligência de Carlos, auxiliada pela educação que em criança tivera, permitiu-lhe ver claro nos processos de escrituração, onde espíritos, menos cultos e atilados, só conseguem achar caminho depois de muitos esforços e tentativas.

Os pontos capitais recordou-os ou compreendeu-os à força de reflexão; restavam-lhe pequenas dúvidas, dificuldades de segunda ordem, que a experiência de Manuel Quintino, em poucos momentos, deveria elucidar.

Estas dúvidas e dificuldades, é preciso dizer-se, eram principalmente sobre a utilidade dos complicados processos de escrituração que Manuel Quintino, fiel aos velhos sistemas, escrupulosamente seguia. Carlos previa métodos mais simples e expeditos para executar certos lançamentos e operações e, vendo adotados os mais extensos e tortuosos, sentia-se embaraçado, supondo haver

alguma razão para a preferência e não a podendo descobrir.

Ao sair do escritório levava Carlos muito adiantada a sua instrução comercial. Havia muito tempo que não tivera tão laboriosa manhã!

À noite, quando se preparava para ir a casa do mestre, encontrou Jenny no corredor, a qual, como gracejando, lhe disse:

— Será verdade, Charles, o que acabo agora de saber?

— Então que soubeste tu?

— Que foste hoje um canseiroso guarda-livros e que a todos maravilhaste no escritório com a tua aplicação ao negócio.

— É verdade; tive esta manhã este capricho.

— Capricho? Será somente capricho essa febre súbita de trabalhar que te acometeu?

— Então que mais há de ser?

Jenny esteve algum tempo calada, sem desviar os olhos do irmão.

— Tens razão. Será capricho. É decerto; mas talvez não tão inocente e sem importância como o queres fazer.

— Aí está que também tu és inconsequente, Jenny.

— Porquê?

— Ralhavas-me, há dias, por o meu desapego aos negócios do escritório; agora vejo-te com vontade de me ralhares pela minha aplicação.

— Se não houvesse nela uma intenção, de que eu desconfio!

— Uma intenção?.

Jenny mudou de tom.

— Deixas-me fazer-te uma pergunta?

— Diz.

— Aonde vais tu agora?

Carlos perturbou-se ao responder:

— A casa de Manuel Quintino.

— Ah!.

— Bem vês que o pobre homem está doente.

— Soube agora que passou bem a tarde. Mandámos lá perguntar. Por isso, se te custa a visita.

— Mas. prometi.

— Ah!. Prometeste!.

— Olha, Jenny. Digo-te a verdade. Para tranquilizar o bom homem, que não podia resignar-se a deixar o escritório ao desamparo, prometi-lhe encarregar-me do serviço. Mas bem sabes, ou deves supor, até onde chegam os meus conhecimentos comerciais. Para tornar efetiva a promessa, careço de informações, que só Manuel Quintino me pode dar, por isso.

— E não receias que, doente como está, lhe faça mal a aplicação do espírito a que o vais obrigar?

— São certas dúvidas apenas.

— E se as expusesses antes ao pai?

Na cara de Carlos desenhou-se uma ligeira ruga de impaciência.

Jenny, com ar de tristeza, acrescentou, suspirando:

— Bem vejo, Charles, que esqueceste a palavra que me tinhas dado.

— Não te entendo.

— Entendes, entendes. Diz-me, se eu te pedisse que não fosses hoje a casa de Manuel Quintino?.

— Tinha que ver Jenny com caprichos, exatamente como outra qualquer mulher! Não nasceste para essas fraquezas femininas, minha boa, minha sisuda irmã.

E pegando, a rir, nas mãos de Jenny, levou-as aos lábios e partiu apressado para não a escutar de novo.

Jenny viu-o sair, e uma dolorosa expressão gravou-se-lhe no rosto.

— Já não está na minha mão valer-lhe! — disse ela com amargura. — Como findará isto, meu Deus!

Foi muito desagradavelmente surpreendido nessa noite o Sr. José Fortunato, ao encontrar Carlos Whitestone em casa de Manuel Quintino. Descobriu ele nisto indícios de grandes transtornos nos seus uniformes hábitos de vida.

A primeira notícia do facto recebeu-a de Antónia, que não via também com olhos favoráveis aquela intrusão.

Antónia e José Fortunato eram duas potências aliadas e ciosas das suas prerrogativas e influências para com Manuel Quintino.

— Temos cá o homem! — dissera Antónia a meia voz, ao Sr. Fortunato, quando lhe abriu a porta.

— Quem? — perguntou este, parando nos primeiros degraus da escada.

— O de ontem. O inglês.

— E a que vem ele cá?

— Eu sei. A modo que me não vai agradando isto. Pelos bonitos olhos do pai não é que.

Um negrume toldou o horizonte do coração do Sr. José Fortunato.

Entrou para a sala do serão, o qual se fazia agora no quarto de dormir de Manuel Quintino, visto recomendar-lhe a medicina a prudência de não abandonar o leito.

À habitual saudação do recém-chegado responderam Manuel Quintino e a filha, e, no parecer do homem, alguma coisa mais distraidamente do que do costume.

Não lhe agradou aquela distração. Carlos fez-lhe um ligeiro sinal de cumprimento e voltou à tarefa em que parecia ocupado.

Procedia-se, naquele momento, à primeira lição comercial.

José Fortunato não podia compreender o que via.

Manuel Quintino, sentado no leito, tinha no rosto a gravidade do professorado, temperada por certo sorriso de dúvida nas boas intenções e na eficácia do estudo do discípulo.

De um lado do leito, sentava-se Carlos Whitestone, partilhando a atenção entre as preleções de Manuel Quintino e as festas ao gordo gato maltês, que se lhe viera roçar pelas mãos — prova de confiança que nunca dera a José Fortunato, apesar de mais longa convivência.

Havia ainda outro objeto a atrair as atenções de Carlos e porventura a maior ou mais preciosa porção delas — era Cecília.

Em pé, do outro lado da cama, tendo na mão a costura, de que frequentemente se descuidava, seguia com curiosidade as preleções paternas e as objeções com que as interrompia Carlos, e não podia disfarçar de todo o riso que a singular lição lhe desafiava.

A chegada de José Fortunato não alterou esta disposição de coisas e de pessoas; não era ele homem para constranger ninguém.

— Ora vamos a isto — começou Manuel Quintino —; para lhe falar verdade, não sei bem por onde principie.

— Eu digo-lhe. — ia Carlos a responder, quando Manuel Quintino o interrompeu.

— Então, então! Não principie já a atrapalhar, senão não temos nada feito. Ora espere lá. Deixe-me cá ver.

E, depois de pensar algum tempo, continuou:

— Usam-se no comércio três livros principais.

Este começar ab ovo não agradou ao discípulo, que o atalhou dizendo:

— Já sei.

— Já sabe! Como já sabe?

— Pois nem isso havia de saber?! Creia que esta manhã, no escritório, levei a minha instrução comercial ainda muito mais longe.

— Ora adeus!

— Verá.

— Então, se já sabe, escuso eu de…

— Sei que há três livros principais em comércio, que se chamam: Diário, Razão e Caixa, e que há também os auxiliares.

Manuel Quintino estava deveras admirado de Carlos saber tanta coisa!

— O pai de que se admira? Eu mesma, parece-me que sabia isso também — disse Cecília.

Manuel Quintino olhou para ela e encolheu os ombros.

— Com que gente eu estou metido! Bem — acrescentou pouco depois para Carlos —; então faça favor de me dizer o que é que não sabe, para eu lhe ensinar.

— Olhe: eu o que desejo é obter esclarecimentos, em relação a certos pontos, sobre que tenho dúvidas. O processo da escrita afinal não é coisa tão complicada que não se possa compreender, examinando-a com atenção; muito mais se, conseguindo despertar a memória, alguma coisa ela nos vem também auxiliar. Só me parece que esse processo ainda podia ser mais simples do que o fazem.

— Não podia, não, senhor. Não venha agora para cá com modernices. Tudo é preciso.

— Não é tal. E senão vejamos: A escrituração pode fazer-se por partidas chamadas simples e dobradas; não é verdade?

— É, sim, senhor.

— E diferem elas.

— Eu digo-lhe — atalhou Manuel Quintino. — Suponha o senhor que ali o Sr. Fortunato compra dez pipas de vinho à casa. Percebe?

— Que havia eu de fazer a tanto vinho? — resmoneou o Sr. José Fortunato, para dizer alguma coisa.

— As quais pipas importam — continuou Manuel Quintino — em dois contos de réis. Percebe?. O senhor escreve no Diário, em letras grandes — sempre em letras grandes — percebe? José Fortunato deve, por dez pipas de vinho a 200$000 réis — dois contos de réis. Percebe?

— Sim; isso já eu sei. mas.

— Espere lá. Oh, homem! Já sabe, já sabe! O senhor sabe tudo! Então, se já sabe!. Este é o método de partidas simples.

— Perdão. Entendo que o método de partidas simples não se resume a tão pouco, pois que.

— Se é assim, pouco mais difícil é do que aquele pelo qual faço a escrituração da nossa casa — disse Cecília, rindo, e enquanto ajeitava a dobra do lençol, que Manuel Quintino desordenara.

— E creia, minha senhora — acudiu logo Carlos, no mesmo tom — que, afinal de contas, muitos dos nossos caixeiros deviam tomar por modelo a simplicidade dos métodos de V. Exa., pois valem mais do que as baralhadas e

misteriosas escriturações de certos livros, nos quais a melhor vista não consegue penetrar. Parece-me.

— Pois parece-lhe uma tolice — disse Manuel Quintino, a quem impacientavam estes levianos juízos críticos sobre uma arte, para ele tão transcendente como perfeita.

José Fortunato bocejava.

— Mas vamos cá — prosseguiu Manuel Quintino. — Quer ver agora como fazia aquele lançamento por partidas dobradas? Se o Sr. José Fortunato, comprando o vinho, aceitasse uma letra ou lhe endossasse alguma, pagável à ordem dele; percebe? O senhor escrevia no Diário: Letras a receber a vinho. — Note que os nomes do credor e do devedor se escrevem sempre em letra grande. — Percebe? Depois explicava a transação por baixo destes títulos.

Não pretendendo os leitores provavelmente instruir-se em ciência comercial, dispensar-me-ão de transcrever na íntegra a preleção de Manuel Quintino.

Durante ela, manteve-se sempre em conflito o espírito prático, o respeito às velhas fórmulas, a experiência intransigente do mestre, com o arrojo inovador, as

tendências simplificadoras e a aversão a inúteis complicações do discípulo.

Mais uma vez se verificou a eterna luta entre a teoria e a prática; uma, com os seus instintos de jovem, com os seus hábitos de atividade, com os seus amores pelo futuro e pelo progresso; outra, com a frieza da idade madura, com uma índole, essencialmente prosaica e conservadora, fiel ao passado, que foi seu mestre, desconfiada do futuro que não conhece, severa para com as ideias novas, cujos humores travessos a impacientam. Uma, brincando e esperando no dia de amanhã, como criança; outra, ralhando e suspirando pelo dia de ontem, como avó; uma, apaixonada do ideal e reparadora de tuertos, como D. Quixote; outra, odiando utopias, e contente com a ordem estabelecida de coisas, como Sancho. Em todos os campos da ciência humana se encontram, frente a frente, estas duas filas de contendores. Enquanto o método novo baseia raciocínios e assenta diagnósticos sobre recentes descobertas fisiológicas, o prático velho encolhe os ombros, sorri, formula ou opera; enquanto o jovem letrado desenvolve teorias de ciência social, vistas transcendentes de filosofia de direito; o

jurista, encanecido no foro, examina os artigos do código, esmiúça a letra da lei, aconselha as partes e despacha os autos.

No exemplo que temos à vista, Manuel Quintino era o representante das ideias conservadoras; Carlos, o apóstolo do progresso.

Por vezes o inabalável rochedo da experiência do guarda-livros foi rudemente açoitado pelas objeções que a lúcida inteligência de Carlos contra ele despedia. — Manuel Quintino fazia, porém, como o rochedo; não as repelia, deixava-as passar por si e ficava firme.

Manuel Quintino explicara, por exemplo, a Carlos a maneira de fazer os lançamentos, no caso de uma suposta remessa de lã para Liverpool.

Carlos combateu a longura e complicação dos processos seguidos, expondo a maneira como, no seu entender, se podia e devia simplificar a escrituração; parecia-lhe que muitas indicações feitas nos livros escusavam de ser registadas, e neste caso estavam todas aquelas contas que, pelo processo de Manuel Quintino, eram creditadas e

debitadas simultaneamente; desnecessário julgava fazer menção delas, visto que ficavam logo por esse facto saldadas.

Os métodos indicados por Carlos eram tão simples, tão racionais, tão despidos de minuciosidades defeituosas, despojavam os livros de tantas indicações supérfluas, ronceiramente consagradas pelo hábito, que Manuel Quintino não soube como combatê-los.

Imagine-se a contrariedade que experimentou com isto!

Não era ele, porém, homem que rompesse com hábitos velhos e renegasse, perante as primeiras objeções de um rapaz inexperiente, o clássico sistema, a que fora fiel durante os muitos anos do seu tirocínio comercial; por isso retorquiu com acrimónia:

— Não sei de contos; assim é que se faz.

— Será; mas não se podia fazer também da maneira que eu digo?

— Podia. não podia. isto é. podia. não podia, não, senhor.

— Porquê?

— Porque não.

— Mas é, sem comparação, mais simples.

— E é com o que lhe dá! É mais simples, é mais simples. e acabou-se! Deixá-lo ser!. Não se trata aqui de ser mais simples, nem menos simples. É como é e como deve ser. Estava-se mesmo à espera do senhor para vir fazer descobertas!. Até agora temos andado todos às aranhas. Faltava cá o Sr. Carlos com as suas simplicidades! Ora não está má!. É mais simples!. Pois pior; nós não queremos coisas simples. Será mau processo, mas olhe que se tem feito e guiado muito boas casas com ele. Fie-se lá nas suas escriturações simples, e verá o que vai! Teorias!. Estou de pé atrás com elas! Não provam bem. Negociante de teorias, falência no caso. É mais simples!. Olhem a grande coisa!. Mais simples era não fazer lançamento nenhum, se vamos a isso.

Carlos pôs-se a rir. Compreendeu a repugnância que devia encontrar Manuel Quintino em ceder naquela discussão e respeitou-lha. Recuando generosamente neste campo, avançou noutro; porque Cecília soube ser grata àquela delicadeza de proceder para com o pai.

Manuel Quintino ansiava por uma desforra — encontrou-a.

Durante a passada discussão, tendo-se falado muitas vezes em faturas, o velho voltou-se agora de súbito para Carlos, perguntando-lhe ex abrupto se sabia fazer uma fatura. Carlos não respondeu logo.

O homem prático pressentiu nesse campo completo triunfo. Não admitiu, por cautela, explicações verbais; mandou vir papel, pena e tinta, e disse para o discípulo:

— Risque e encha.

Carlos hesitou. Manuel Quintino saboreou as doçuras de uma vitória.

— Ora aí está! — exclamou ele. — Aí está do que servem as teorias! É isto sempre. Falam que nem um bacharel!. E vai-se a trabalhar e... passe por lá muito bem! Não atam nem desatam!. Então? Veja se se lembra de algum método mais simples de sair do aperto. Qual!. Aqui é que eu os quero ver. No fogo é que se conhecem os soldados. Isto de queimar pólvora em fogos presos não presta para nada. Ora escreva, escreva lá, faça o que eu lhe disser e deixe-se de

teorias. Não tenha vergonha de aprender. Todos aprendem até à morte.

E principiou a indicar-lhe a maneira de riscar o papel, as inscrições que tinha a fazer, as verbas que devia registar, e isto tudo sem lhe deixar passar por alto a mínima particularidade.

Carlos obedecia-lhe com tal docilidade de discípulo, que fazia rir Cecília.

— Vá; escreva aí, no alto da folha — disse Manuel Quintino — : Fatura de... agora um género qualquer que queira carregar.

— De paciência então, que é género de que o Manuel Quintino bem precisa por agora para aturar a moléstia.

— Então! Está a brincar, ou que faz? Paciência preciso, mas é para o aturar a si.

— Paciência confiada ao cuidado do meu pai! — dizia Cecília — Valha-nos Deus! que não é homem que tenha cautela com a mercadoria.

— E adeus! Estão as duas crianças a brincar. E eu que as ature!

Se Manuel Quintino tivesse mais algum conhecimento dos pequenos mistérios do coração, não falaria assim coletivamente de Carlos e Cecília. Isto de os confundir debaixo da denominação genérica de crianças era imprudente, no estado atual dos sentimentos de ambos.

Prosseguiu a indicação da maneira de encher a fatura e com isto terminou a lição.

Em seguida, serviu-se o chá, que naquela noite não soube a José Fortunato como de costume.

Manuel Quintino, apesar das suas impaciências, estava, de si para si, espantado de tanto que sabia Carlos.

— Que esperteza de rapaz! — dizia ele para Cecília, quando esta, depois de todos se haverem retirado, fazia engolir ao pai a última chávena de caldo daquele dia e lhe arranjava os travesseiros para o sono da noite. — Tem diabo! Como entende tão bem estas coisas de comércio, a que andou sempre estranho! Era capaz de enrodilhar outro, que não tivesse a experiência que eu tenho! Uma coisa

assim! Parece até que adivinha! É até um pecado andar fora da vida do negócio. Dêem-lhe alguns anos de prática e verão o que dali sai.

Cecília calava-se.

CAPÍTULO XXIII

DIPLOMACIA DO CORAÇÃO

A educação comercial de Carlos continuou e com os mais rápidos e auspiciosos progressos. À segunda noite espantava ele Manuel Quintino, apresentando-lhe os lançamentos que pela manhã fizera e nos quais o experimentado guarda-livros nada teve que notar.

A custo pôde convencer o fogoso discípulo de que não convinha que ele próprio escrevesse nos livros gerais, onde era contra as praxes aparecer letra de mais do que um indivíduo. Bastava, dizia o velho, e já não era pequeno serviço, que Carlos o auxiliasse no expediente e deixasse tudo preparado para que, ao terminar o seu impedimento, ele, Manuel Quintino, só tivesse a transcrever no Diário e no Razão as transações operadas durante essa época.

No fim de três ou quatro serões, Manuel Quintino já não tinha que ensinar mais ao discípulo.

Ele sabia tudo!

Terminaram pois as lições, mas não terminaram com elas as visitas de Carlos, como seria natural que acontecesse. Mudaram apenas de carácter aqueles serões.

Carlos era agora o que se encarregava da leitura das folhas, com grande mágoa de José Fortunato, que não podia encontrar na diversão metade do prazer que dela recebia, quando a leitura era feita por Cecília.

De mais a mais, Carlos divertia-se muitas vezes à custa do velho. Sabendo de Manuel Quintino que ele era possuidor de vários papéis de crédito, raro era o dia em que, no decurso da leitura, não improvisava notícias e insinuações que faziam entrever uma iminente baixa de fundos e porventura uma bancarrota.

José Fortunato declamava então contra os governos presentes, passados e futuros, com toda a acrimónia que lhe era possível.

Quando os dois velhos travavam às vezes alguma discussão acalorada, Carlos aproveitava a ocasião de entrar com

Cecília num diálogo, cuja índole era cada vez mais perigosa para o coração de ambos. E senão ouçamos.

Cecília trabalhava, certa noite, num a camisa de paninho para o pai.

— Que nome se dá a isso que está a fazer? — perguntou Carlos, curvando-se sobre a costura.

— É uma camisa — respondeu Cecília, sorrindo. — Pois nem conhece!?

— Que é uma camisa sei eu; não perguntava isso; mas. essa costura em que está agora a trabalhar, como se chama?

— Isto? É um posponto!

— Ah! Um posponto!. Um posponto é a mesma coisa que um sobrecosido; pois não é?

Cecília desatou a rir a esta pergunta.

— Não, senhor, não é. Nem tem nada uma coisa com outra.

— Não?! Pois olhe. parece, porque. posponto é. como quem diz: depois do ponto; sobrecosido, sobre ou depois de

cosido, e portanto. depois do ponto também.

— Será; mas. em todo o caso, são coisas diversas.

— Então que diferença fazem?

— Ora que curiosidade! Há de interessar-lhe muito agora conhecer essa diferença.

— E porque não? Não vê que ando com vontade de ampliar os meus conhecimentos? Não tem reparado na minha docilidade a ouvir as lições de escrituração?

— Mas essas podem servir-lhe.

— Mas vamos; um posponto é isso; muito bem. E agora um sobrecosido?

Cecília, rindo, procurou, na obra que estava a fazer, o exemplo já realizado de um sobrecosido e mostrou-o a Carlos, dizendo:

— Aí está um sobrecosido. Agora estude a diferença a ver se a sabe explicar.

Carlos examinou-o com aparente atenção e a mais composta seriedade.

E Cecília interrompia o trabalho, só por causa disto.

— Então? — perguntou ela maliciosamente, quando Carlos deu mostras de haver terminado o exame.

— Reconheço que de facto são coisas diversas, mas não posso bem dizer em que consiste a diferença.

— O que o deve afligir muito.

— Mas diga — insistia Carlos, que parecia deveras empenhado em elucidar este negócio dos pospontos — todas as costuras se fazem a posponto?.

Cecília não podia escutar com seriedade este inquérito inesperado.

— Não, senhor — respondeu a rir —; conforme a qualidade da obra, assim se prefere a qualidade do ponto.

— Ah! Visto isso, o posponto. é um ponto também?

— Pois está claro. É um ponto que se dá assim. Ora repare.

E Cecília, acompanhando a palavra com a ação, principiou a trabalhar com todo o vagar, ao passo que Carlos assistia à demonstração com a atenta seriedade de um discípulo.

Ainda que me parece que menos vezes lhe seguiam os olhos os movimentos da agulha do que se fixavam a admirar a perfeita modelação e delicado colorido da mão que a movia.

— Repare — dizia Cecília — dá-se, suponhamos, o primeiro ponto; maior ou menor, conforme a delicadeza da obra, já se sabe. Assim. Ora agora, a agulha entra aqui mesmo pelo meio deste primeiro ponto. Vê?. E vai sair adiante, de maneira que este segundo ponto tenha o mesmo comprimento do primeiro. Entende? A terceira vez entra por onde saiu a primeira, a quarta por onde saiu a segunda. e assim por diante. Entende agora?

— Muito bem. E o sobrecosido?

— Mas como lhe deu para querer saber destas coisas?

— É uma esquisitice. Concordo. Mas. então que quer? Mau é que eu tenha um desses desejos. Incomodo-me deveras, se os não satisfaço.

— Ah! Não sabia que era caprichoso.

— E não concebe esta maneira de sentir?

— Eu, não.

— Não diga que não. É impossível. A imaginação feminina, sem dúvida mais delicadamente sensível do que a nossa, não pode ignorar estes pequenos caprichos. O capricho é, ao meu ver, uma prova de superioridade moral em quem o tem. Vamos; termine a minha lição.

— Então que quer saber agora?

— Que é um sobrecosido?

Cecília condescendeu ainda em lhe explicar o que era o sobrecosido, como já lhe explicara o que era o posponto. Carlos deu-se no fim por satisfeito.

Agitou-se ainda algum tempo a discussão a respeito de assuntos desta natureza.

Carlos foi durante ela sempre sério; Cecília, a cada momento, a interrompia com o riso, que lhe desafiava a estranha lição, que nunca esperava ter de dar a um discípulo deste género.

Em quase todos os serões passados em casa de Manuel Quintino, os colóquios entre Carlos e Cecília versaram sobre objetos de igual transcendência e sustentaram-se num tom da mesma gravidade que este que registamos.

Aí estão uns colóquios inofensivos e inconsequentes, pensará talvez o leitor. Pois engana-se, se pensa assim. Recorde-se da sentença de quem, nestas coisas de amor, escreveu ex professo:

Parva leves capiunt animos

De facto, nada há de tanta influência para o coração como um colóquio assim, bem fútil, bem insignificante, no estado a que tinham chegado os sentimentos de Carlos e de Cecília.

Quanto mais ligeiro, quanto mais pueril é o assunto de um diálogo destes, tanto mais se empenham os corações dos que o sustentam.

Os diálogos amorosos, que estamos costumados a escutar entre o galã e a primeira dama, no tablado dos teatros, ou a ler nos capítulos dos romances, diálogos cortados de interjeições e cheios de subtis teorias do mais acrisolado sentimento, são exceções na vida real; e, quando se dão, sai-se deles mais livre, mais disposto a esquecer, menos propenso a sonhar; servem como de expansão aos afetos acumulados — expansão em que estes às vezes

completamente se dissipam. Mas os constrangimentos, os silêncios, dos quais a imaginação em vão procura livrar-se e, sobretudo, o conversar aturado sobre mil coisas fúteis e indiferentes, isso sim, que é bem mais para temer; porque, enquanto dura a troca recíproca de fórmulas insignificantes, o coração põe em campo outros emissários secretos e invisíveis, que adiantam consideravelmente as negociações pendentes e conseguem realizar a entrega da praça, sem o mínimo combate manifesto.

Digam-no os numerosos pares, para quem voam as horas e desaparece o mundo, de enlevados que se entregam a esses intermináveis diálogos, motivo de zombarias aparentes e de ocultas invejas dos que os não podem gozar; digam se, quando mais sinceros sentiam em si os afetos, eram metafísicas e transcendentes especulações sobre o amor o que assim lhes absorvia as atenções e os cuidados; digam se, quando, ao terminar um desses felizes dias, tentavam reproduzir as impressões recebidas no decurso dele, recordando as palavras ditas e escutadas naquelas longas entrevistas, outra coisa lhes conseguia avivar a memória que não fossem diálogos pouco dramáticos, banalidades

sobre assuntos indiferentes, mas sob cujo disfarce o coração achara meio de dizer muito e até mais eloquentemente do que ainda poeta algum o pôde exprimir — nem o próprio Petrarca nos seus trezentos e dezoito sonetos.

Isto aconteceu a Carlos Whitestone. Poucas vezes voltara a casa mais possuído desta íntima e indefinida alegria de quem assiste em si ao atear de uma paixão do que na noite em que se verificou o diálogo, que o leitor provavelmente julgou prolongar-se sem consequências.

Prolongou-se este estado de coisas. O médico, a quem fora confiado o tratamento de Manuel Quintino, prudente em demasia, apenas lhe prometia esperanças de o deixar sair passada uma semana mais.

Carlos não pensava com frieza de ânimo no termo daquele prazo. Poderia, sem causar estranheza, continuar, ainda depois dele, as visitas que lhe eram já tão necessárias? Até ali servia-lhe o pretexto de vir dar contas a Manuel Quintino do serviço da manhã; mas depois?

Carlos continuou a ser diligente nos negócios do escritório. Mr. Richard ainda não acabara de conformar o espírito àquela mudança do filho.

Em casa de Manuel Quintino, só este era quem talvez não suspeitava um segundo motivo na assiduidade de Carlos. Antónia e José Fortunato já a comentavam havia muito.

E Cecília? Respondam por mim as leitoras.

Uma noite ia o Sr. José Fortunato a retirar-se, e entre ele e Antónia travou-se, já no portal, o seguinte diálogo:

— Então, Sra. Antónia, que lhe parece este inglês aqui sempre metido?

— Que quer que lhe faça? O que me admira é o Sr. Manuel Quintino não reparar.

— Mas diga-lhe que.

— Eu? Deus me livre! O Sr. José Fortunato é quem.

— Eu?! Nada; nessa me não meto; mas a Sra. Antónia tem quase obrigação de…

— Eu digo-lhe. Eu, como o outro que diz, não quero falar, sem primeiro me encher de razão. Hei de tirar umas

informações a respeito do inglês, e depois.

— Informações de quem?

— Mesmo em frente da casa dele vive uma cunhada do homem da sobrinha de uma comadre minha, de quem eu sou muito conhecida e amiga; amanhã, se tiver tempo, sempre hei de lá chegar. Porque a mim consta-me que este rapaz é um estoira-vergas dos meus pecados.

— Ele lá se vê!

— Ora o que nos havia de aparecer!

E os dois despediram-se; José Fortunato para ir curtir em casa as cruas mágoas do coração; Antónia para assentar, no repouso do travesseiro, sobre a maneira de obter da cunhada do homem da sobrinha da sua comadre as informações de que precisava para se encher de razão.

CAPÍTULO XXIV

EM QUE A SENHORA ANTÓNIA PROCURA ENCHER-SE DE RAZÃO

A cunhada do homem da sobrinha da comadre da Sra. Antónia habitava, como da boca da dita senhora soubemos, em frente de Mr. Richard Whitestone. Era a morada uma pequena casa térrea, a cuja meia porta passava a inquilina metade do tempo, observando ou transmitindo aos outros o resultado das suas observações.

Se o amor de saber define etimologicamente o filósofo, difícil será encontrar algures individualidade tão bem acondicionada para se lhe encabeçar o disputado título como a Sra. Josefinha da Água-Benta; que por este nome era a sua graça conhecida em todo o bairro.

Era mais que amor de saber o que a possuía; era ânsia, era febre, era delírio!

Às nove horas da manhã do dia seguinte àquele em que entre José Fortunato e Antónia se tramara, in limine, aquela conspiração, de que lavrámos ata, achava-se a diligente criada de Manuel Quintino, inflamada no santo ardor doméstico, à porta da sua conhecida e amiga, no louvável intuito de colher informações a respeito de Carlos Whitestone.

— Sra. Josefinha! — chamou a Sra. Antónia para dentro de casa, elevando, em desentoado falsete, a voz inclassificável.

— Hui! — respondeu de dentro outra voz, digna de emparelhar com esta.

— Passou bem?

— Mas quem é?

E uma figura de mulher de meia-idade, perfeito tipo de mulher de soalheiro, foi, pouco a pouco, tomando vulto e relevo no vão escuro da porta, e assomou enfim à cancela.

— Ai, pois é vossemecê, Sra. Antónia? Entre.

— Ai, nada, não entro, que não me posso demorar.

— Então que pressas são essas hoje?

— Bem vê que são nove horas, e preciso de olhar pelo jantar.

— Isso tem muito tempo — disse a Sra. Josefinha da Água-Benta, encostando-se à cancela; e prosseguiu: — Então quem a trouxe por estes sítios?

— Fui ali adiante a um recado do patrão, e sempre quis bater para saber de si.

— Muito obrigada. Então ainda se dá bem na casa?

— Vamos andando. Da maneira porque hoje as coisas estão, ainda não é das piores.

— Diz bem. A soldada, a falar a verdade. acho que não é lá das de tentar, mas.

— Está feito, está feito; há-as melhores e há-as piores — disse a Sra. Antónia, que não gostava de entrar em particularidades da sua vida, nem para isso vinha.

— Ele também. — insistia a outra — não pode alargar-se muito. Um caixeiro.

— Deixe lá. Há por aí patrões que vivem em maiores apertos.

— Diga-mo a mim, Sra. Antoninha. Olhe a minha Luísa. Conhece? A filha do nosso António. Pois esteve ali abaixo a servir seis meses em casa do comendador Colaço e saiu de lá porque aquilo chegava a pouca vergonha. Os criados passavam fome de rato. Olhe que chegavam a dar-lhes pão de uma semana e a comprar sardinha da caravela para a ceia deles. Pois quem via aquilo na rua, parecia que tinham as rendas do bispo.

— Pschi! E quando ao menos são prontos na soldada!

— Prontos?! Isso sim! A uma criada, que lá esteve três anos, ainda hoje estão a dever um ano inteiro. Ora isso é mesmo uma dor de consciência, não acha?

— Mas então que quer? O luxo é muito.

— É assim, é. Diz bem. É uma coisa por maior! Vossemecê há de conhecer aquele Maltês, que é não sei o quê na administração, um homem bem afigurado, que anda sempre com um cão preto.

— Ai, bem sei. O cunhado daquele militar de quem dizem as más línguas.

— Tal e qual. Pois não sei se tem reparado no luxo com que se apresentam as filhas e a mulher. Ó Santo Deus! Enfim, uma coisa é ver, outra é dizer. Aqui há dias passaram aí todas e eu benzi-me e tornei-me a benzer! Não que nem a rainha pode luxar assim. Qual! Ora, veja a Sra. Antoninha, o pai dizem que não ganha mais de trezentos mil réis por ano. Milagres não se fazem. O dinheiro não nasce no quintal.

— Deus sabe donde ele vem.

— Eu também sei alguma coisa, vamos lá. Sei a quem magoam muitas daquelas grandezas. Olhe que a senhora dele tem chegado a pedir emprestado a uma rapariga, filha de uma amiga minha, que esteve lá a servir muitos anos. A rapariga, coitadita, que se mata a trabalhar. porque ela hoje é engomadeira, teve vergonha de dizer que não, e, adeus minha vida.

— Tola foi; cá para mim é que eles vinham bem guiados.

— Por isso eu digo: a Sra. Antoninha não é das que têm razão de queixa.

— Ai, não sou, não, senhora; isso não sou; graças a Deus.

— O passadio é bom?

— É bom é, sim, senhora; lá nisso não há que dizer.

— O pior que ali tem é a prisão; pelos modos sai poucas vezes. Tirante lá, aos domingos, o ir visitar o Senhor ao Carmo.

— Bem vê que o patrão quase nunca está em casa. e é uma menina só.

— E a pequena não tem por aí já a sua inclinação? Há de ter.

— Não. Que eu saiba.

— Há de ter, há de ter. Hoje em dia! Olhe a Sra. Antoninha aquela rapariga do Cosme Vilas-Boas, uma criança se pode dizer. pois o que aí vai já com ela por causa do filho do escrivão!

— Sim! Então?.

— Ora! Nem quero que me lembre! É um desaforo! O pai dela, no outro dia, pescou-o a falar com a pequena, e correu para o rapaz com uma navalha. O rapaz fugiu, e a mãe dele veio então à janela e pôs-se a berrar com o velho. Sempre disseram coisas uma à outra aquelas duas criaturas! Um passo assim!

— Não que há gente neste mundo!

— O pai pelos modos queria-a casar com o brasileiro que anda a fazer aquelas casas em Santa Catarina.

— Isso era uma mina para a rapariga!

— Mas então que quer? Virou-se lá para o filho do escrivão.

— Forte tola!

— E ele então que é uma figura! Não conhece?

— Eu não.

— É mesmo cinco réis de gente. Um desconjuntado, um lorpinha.

— São gostos.

— É assim; diz bem. Mas então a sua ama.

— Essa. por enquanto. É aqui como a sua vizinha.

— Qual?

— A do inglês, a filha do patrão do meu amo.

— Ah! Essa então! É aquilo que ali está. É uma boa menina, isso é; muito amiga da pobreza. Esquisita como todas as inglesas, mas no mais. Olhe que, desde que somos vizinhas, ainda não teve uma palavra que me dissesse! À janela ninguém a vê, e, quando passa por aqui, faz-me uma cortesia muito séria e nada mais.

— Ela é muito da menina lá de casa.

— É. Eu tenho visto a sua ama vir aí muitas vezes.

— É uma boa família esta.

— É, isso é. Não há que se lhe diga.

— O velho julgo que é pessoa capaz.

— É, é assim meio maníaco, mas afinal não é mau sujeito, não. Tem as suas venetas, como quase todos os ingleses. mas.

— E o rapaz mesmo.

— O Sr. Carlos? Ai, por amor de Deus, não me fale nisso.

A Sra. Antónia chegara enfim ao tópico desejado.

— Então?

— Isso é uma peça de fazenda!

— Que me diz!

— Faz lá ideia do que ali está! Um estroina assim não há! Recolhe-se a casa lá porque altas horas da noite. Dorme até ao meio-dia. Ora veja a Sra. Antoninha que vida pode ser a dele.

— Então joga?

— Ele joga, ele fuma, ele passa a vida nos botequins e nos teatros, ele bebe, ele anda sempre com más companhias.

— Que tal! Hem!

— Isso não faz ideia! Em casa anda tudo a ferver por causa daquele menino. Não fala com o pai, a irmã passa um martírio com ele. Disse-me a Susana, que é ainda minha

prima, e que esteve lá a servir oito dias, que aquilo é uma pouca vergonha. Às vezes está a mortificar aquela pobre irmã, e ralha, e ralha, e torna a ralhar, e ela então, coitadinha, chora que é uma dor do coração. Há dias em que não faz outra coisa.

— Arrenego eu o Judas Iscariotes!

— E então, Sra. Antoninha, é um menino a quem tudo faz conta. Não sei se me entende? Seda e chita é tudo pano para ele fazer obra. Dizia o Luís, que foi muito tempo criado dele, que eram tantas as cartas que recebia de diferentes, que era uma coisa por maior!

— Tratante! O que ele precisava.

— Diz que aí com uma comediante do teatro gastou ele contos de réis ao pai. Até o velho quis mandá-lo para Inglaterra.

— Fosse e nunca voltasse! Arrenego-o eu!

— É da pele do mafarrico. Depois então diz que bebe!

— Faltava mais essa!

— Pois se ele é inglês! Às vezes, quando vem para casa, já de dia claro, chega a ser preciso deitá-lo na cama, porque não dá acordo de si.

— Olhem que vergonha! Uma pessoa fina, e…

A gente sempre vê coisas!.

— Aqui há tempos. Vá vendo a Sra. Antoninha; ia eu já a abrir a porta da rua, pela madrugada, e entrava aquela criaturinha para casa. Vinha amarelo, esgadelhado; bem se conhecia o estado daquela cabeça.

— Não, também com uma vida assim não pode ir muito longe.

— Pois não, não. E é até uma felicidade para ele, se morrer.

— Aposto que a estas horas ainda dorme?

— Abriu agora mesmo as janelas. Hoje madrugou.

— Então é ali o quarto dele?

— É, é ali mesmo à entrada. O pai e a irmã saíram logo pela manhã cedo. Pelos modos diz que chegou da Inglaterra um inglês muito rico com uma filha, a quem eles foram

visitar. Disse-me a Doroteia, que é a despenseira, que o velho quer ver se casa o filho com a tal inglesa.

— E o rapaz?

— O rapaz?. Bem pensa ele nisso!. Olhe lá se ele os foi visitar.

Tinham chegado as duas mulheres a este ponto do diálogo, quando entrou na rua uma sege da praça, puxada com toda a força por dois vigorosos cavalos, e veio parar à porta da casa de Mr. Richard Whitestone.

O boleeiro saltou imediatamente da tábua para receber as ordens da pessoa que vinha dentro e que as gelosias corridas das portinholas furtavam à curiosidade das duas mulheres.

Em seguida tocou à campainha; apareceu-lhe, passado algum tempo, o criado particular de Carlos; trocadas poucas palavras entre ambos, este retirou-se, voltando cedo depois com a resposta.

Tendo-a ouvido, o boleeiro veio abrir a porta da carruagem, da qual saiu então uma senhora de elegante aparência, toda vestida de preto e cujas feições se ocultavam num

longo véu, impenetrável aos olhos ávidos de Antónia e da sua amiga.

Esta senhora desapareceu pelo portão do jardim em companhia do criado de Carlos.

A Sra. Antónia e a Sra. Josefinha trocavam entre si olhares eloquentes.

— Mas. — murmurou Antónia.

— Que é?. Diga.

— Não me tinha dito que o pai e a filha tinham saído?

— Há mais de uma hora.

— Então.

— Então o quê?

Os olhos prosseguiram algum tempo o diálogo.

— Ora sempre é desaforo! — disse a Sra. Antónia, após o diálogo dos olhos.

— É isto que vê.

— Conheceu-a?

— Eu não.

— Mas com este descaro?!

— É para que veja.

— Não, pois eu não saio daqui, sem descobrir quem ela é ou pelo menos.

— Ora diga a Sra. Antoninha se isto não é fazer pouco caso da vizinhança.

E as duas continuaram nestes santos comentários. A Sra. Josefinha chegou a adiantar algumas perguntas ao boleeiro, que lhe viera pedir lume para acender o cigarro. Este, porém, só lhe pôde dizer que era uma senhora ainda nova e bonita, que morava em Santa Catarina.

Antónia tomou conta na rua.

As conjeturas continuaram até que de novo apareceu no portal a pessoa que era objeto delas. Agora acompanhava-a Carlos que, com toda a galanteria, a ajudou a entrar no carro, entrando também atrás dela, depois de haver dado algumas ordens ao boleeiro.

E o carro partiu outra vez, com toda a velocidade, pelo caminho por onde viera.

Estavam estupefactas as duas espectadoras da cena.

— Reparou? — disse a Sra. Josefinha.

— É que já me não escapa mais.

— Pareceu-me nova.

— E bonita.

— Então que me diz a isto?

— Que estou atordoada!

— Já viu um descaramento assim?

— Eu não.

A Sra. Antónia retirou-se dali, deveras indignada e decidida a intervir em casa do amo, para desmascarar o libertino, que se introduzira sorrateiramente nela a pretexto de serviços desinteressados e de falsa amizade.

Antónia conseguira o seu intento, enchera-se tanto de razão que já ameaçava trasbordar por ela fora.

CAPÍTULO XXV

TEMPESTADE DOMÉSTICA

Às quatro horas da tarde, deste mesmo dia, voltava Mr. Richard Whitestone a casa, com aquele ar de satisfação inglesa que já lhe conhecemos, e em passo vagaroso, como de homem que terminou as tarefas sérias e principiou a gozar as doçuras do não fazer nada. Parte da manhã passara-a com um compatriota, pai de uma nevada e loura lady, a quem de facto Mr. Richard estimaria ver matrimonialmente ligado o filho.

Como nestas intenções do discreto inglês conseguira entrar a despenseira, não sabemos nós; mas é certo que, ou por força de lógica, ou por oculta inspiração, havia ela acertado ao informar a Sra. Josefinha da Água-Benta. Conquanto o não ter sido acompanhado pelo filho naquela visita matinal houvesse algum tanto desagradado ao inglês, consolava-se esperando que ele condescenderia em o acompanhar à noite na segunda visita que tencionava fazer.

Ia pensando nisto o velho comerciante, precedido da ligeira Butterfly, impaciente com a morosidade do dono, que tão amiúde a obrigava a retroceder.

Trauteando por entre dentes o predileto: cheer, boys, cheer, caminhava vagarosamente Mr. Richard pela Rua das Flores acima, e pascia a vista nas bem providas exposições de ouro que adornam um dos lados da rua, quando, de repente, parou em frente de uma tabuleta, como se impressionado por algum objeto que vira nela.

Por muito tempo durou este exame.

Havia ali o que quer que fosse que o inglês tomava a peito investigar. E não o conseguindo de fora do mostrador, entrou na loja.

— Faz favor de deixar-me ver um relógio que está aí exposto? — disse ele para o ourives.

O ourives, com sorriso amável e maneiras delicadas, satisfez-lhe prontamente ao pedido.

Mr. Richard examinou o relógio com minuciosa atenção.

— É um belo relógio! — dizia o ourives. — Valioso por todos os respeitos.

Mr. Richard fez um sinal afirmativo com a cabeça, e prosseguiu calado no exame.

— É inglês, não é verdade? — perguntou daí a instantes.

— É, sim, senhor. De fabricantes muito acreditados.

— E então. mandou-o vir diretamente da Inglaterra?

— Não, senhor.

O ourives principiou a olhar para Mr. Richard com mais cuidado. O que estava pensando, ao olhá-lo assim, não sei; mas uma sombra de desconfiança parecia anuviar-lhe o rosto. Passados alguns instantes continuou:

— Para falar com franqueza a V. S.a, ainda não há muitas horas que o comprei.

— Ah! E… pode saber-se a quem?.

— Comprei-o a um rapaz, que eu conheço de vista, mas cujo nome ignoro. Suponho que é também inglês. Vinha num carro com uma senhora.

Mr. Richard abriu muito os olhos, fitando o ourives, e repetiu:

— Com uma senhora?.

— Sim, uma senhora ainda nova, vestida de preto, que ficou à espera dele. O rapaz entrou aqui, disse que estava para ir para fora da terra, e propôs-me a compra do relógio e da corrente. Entrámos em ajuste.

— Bem, bem; pouco me importa isso — disse Mr. Richard, com ligeiras e convulsivas contrações de lábios, que eram nele indício de cólera reprimida. — Vamos a saber: por quanto mo vende agora?

O ourives fez valer os seus direitos a algum módico lucro, direitos que Mr. Richard não lhe contestou, vindo afinal a comprar, pela segunda vez, o relógio e a corrente com que havia já presenteado o filho.

Porque não havia para ele dúvida, e escusa de a haver para o leitor, de que eram exatamente aqueles mesmos os objetos que tinha agora presentes.

Ao sair da loja, Mr. Richard ia com a fisionomia outra vez serena, mas lá por dentro, quem o pudesse perscrutar,

encontraria um grau de irritação a que raras vezes lhe subia o génio fleumático.

O criado, que estava à porta quando Mr. Richard chegou a casa, era o mesmo que recebera pela manhã a visita que tanto indignara a Sra. Antónia.

— A que horas saiu hoje o Sr. Carlos? — perguntou Mr. Richard, em tom de voz seco e áspero.

— Às. às dez horas — respondeu, já sobressaltado, o criado.

— Só?

O rapaz teve vontade de dizer que sim, mas Mr. Richard fitava-o com um olhar que lhe desvaneceu toda a impassibilidade precisa para isso.

— Só? — repetiu o inglês, com mais força.

— Não. não senhor. — respondeu o criado.

— Então?

— Com. com.

— Com quem? — respondeu Mr. Richard, cada vez mais imperioso.

— Com uma senhora, que. que veio procurá-lo. mas. era já de idade — acrescentou o homem, como corretivo.

Porém Mr. Richard já lhe havia voltado as costas, entrando para casa. Jenny estranhou-o. Hábil na leitura daquela fisionomia, nem uma só ruga, que acidentalmente a carregasse, podia passar-lhe despercebida e sem lhe excitar desejos de decifrá-la.

Mr. Richard respondeu benignamente, mas em poucas palavras, às perguntas de Jenny, e quis saber se Carlos já tinha vindo para casa.

Recebendo resposta afirmativa, acrescentou que, antes de jantar, desejava ir ao quarto dele.

Era esta resolução tão extraordinária, que Jenny, ao ouvi-la, olhou fixamente para o pai.

Conheceu que alguma coisa tinha ocorrido, capaz de trazer após si uma dessas cenas violentas que ela tanto fazia por afastar.

Pretendeu conjurá-la.

— Pois vamos — disse a sorrir, e dispondo-se a acompanhar o pai.

— Não, não — respondeu Mr. Richard, afastando-a com doce violência. — Eu pretendo. preciso de falar-lhe a sós.

Jenny soltou-lhe o braço, a que já se apoiara, desanimada com a frieza, mal oculta, daquelas palavras.

Mr. Richard tentou abrandar a impressão do primeiro movimento, dizendo:

— É de negócios que se trata. Até já!. No entretanto, podes mandar servir o jantar.

Jenny viu-o partir sobressaltada e procurando em vão adivinhar a razão daquela entrevista.

Mr. Richard neste tempo apareceu no quarto do filho.

Muito longe de esperar aquela visita, Carlos, recostado no canapé, pensava. em Cecília provavelmente.

Ao ver o pai, que tão raro o procurava no quarto, levantou-se com alvoroço e mal oculto espanto.

Mr. Richard caminhou para ele, e tirando do bolso o relógio e a corrente disse, quase gaguejando, como sempre lhe acontecia quando sob o domínio de violenta comoção:

— Aí tem. Quando vender as. as dádivas das. das. pessoas que. que o estimam. seja para. fins que. que o não envergonhem, nem. deponham tristemente contra. o seu carácter.

À vista do relógio foi tal a comoção que se apoderou de Carlos que nada pôde responder; baixou os olhos, confuso, corou intensamente, como se a consciência lhe estivesse dizendo que a severidade das arguições do pai era merecida.

Esses sinais foram por Mr. Richard interpretados como tácita confirmação das suas suspeitas.

Cresceu nele com isto a irritação.

— Seja extravagante muito embora. mas. mas. nunca seja. nunca seja vil.

Carlos estremeceu ao ouvir aquela palavra, e levantou com vivacidade a cabeça.

— Senhor! — exclamou, mal conseguindo o respeito filial sufocar-lhe a indignação que sentira.

— Vil, sim — repetiu Mr. Richard com mais força, como se excitado por aquela aparência de reação. — Quero que não faça desta casa teatro das suas. aventuras. escandalosas.

— Mas.

— Lembre-se de que é aqui — prosseguiu, sem o atender, o pai — aqui, debaixo destes tetos, que não tem a delicadeza de respeitar, que é aqui que embranqueceram os cabelos do seu pai... que foi aqui que a sua mãe morreu... que é aqui que vive sua irmã.

— Creio que ainda não dei motivos para.

— Quem o procurou esta manhã? Com quem saiu de carruagem? Com que fim vendeu esse relógio?

Carlos calou-se. Parecia resolvido a guardar silêncio, em relação àquelas perguntas; nem era de ânimo tão dócil, que ouvisse, sem se irritar também, estas severas recriminações, feitas antes de julgamento minucioso.

O seu orgulho revoltou-se.

— Não posso explicar nada disso, mas dou-lhe a minha palavra que.

Mr. Richard atalhou-o:

— Nem eu quero também averiguar dos actos da sua vida. Têm-me chegado aos ouvidos rumores de muita extravagância sua, de que não tenho feito caso. Mas quero, mas exijo. E ainda tenho força bastante para o conseguir, pode crê-lo. Quero e exijo que se respeite o meu nome e... e a minha casa. Fique entendendo.

— Mas eu já lhe dei a minha palavra de honra de que todos os meus actos desta manhã não podiam desonrar nem o seu nome, que é o meu também, nem esta casa, que eu respeito como.

— A sua palavra de honra! Não basta. Bem vê que tenho motivos para duvidar dela. e por isso.

— Nesse caso, como não tenho outra garantia a oferecer, calo-me. Depois de uma resposta como essa, quando é de um pai que a recebemos, não nos resta outro partido, além do silêncio — disse Carlos, com decidida

resolução de não continuar este diálogo, receando com razão que a impetuosidade do génio o levasse a esquecer a qualidade da pessoa que altercava com ele.

Mr. Richard calou-se também e deu em passear no quarto. Depois disse, ainda com severidade, mas em tom menos elevado:

— Parece-me que concordará comigo em que me assiste o direito de pugnar pelo decoro da minha casa?

Carlos não respondeu.

— É um dever imperioso de todo o chefe de família. A excessiva benevolência é também imoralidade — disse ainda o pai.

O mesmo silêncio da parte de Carlos.

— Espero que não tenha deixado adormecer em si tão profundamente os sentimentos de homem, que não compreenda já este dever da minha parte.

Nenhuma resposta ainda.

Mr. Richard, que conhecia o filho, percebeu que em vão esperaria dele defesa ou desculpa.

Saiu portanto do quarto.

Quando fechou atrás de si a porta, Carlos atirou ao chão, com um movimento de raiva, que havia muito a custo reprimia, uma preciosa jarra da China, que se fez em pedaços; em seguida pôs-se a percorrer o quarto a passos largos, e ai do objeto que encontrava na passagem!

A campainha soou, enfim, chamando para o jantar.

Carlos tentou dar à fisionomia um aspeto de serenidade, no que foi mal sucedido. Lá estava o olhar de Jenny a espiá-lo, e não era ela a que se iludiria com estes fingimentos pueris.

Imagine-se como correu o jantar, principiado sob tais auspícios.

O tinir dos talheres e dos cristais era o único ruído que interrompia o solene silêncio da sala. Até os criados andavam em bicos de pés, dominados por aquela como atmosfera pesada que se respirava ali dentro.

Jenny ainda tentava sorrir às vezes, mas, coitada, gelava-se-lhe o sorriso nos lábios, à vista das caras ligeiramente contraídas do pai e do irmão. E sem poder descobrir o motivo daquela animadversão entre eles!

Como tão de repente se condensara esta tempestade, que ela nem tempo tivera para tentar desvanecer?

O jantar terminou como começara, silencioso e triste. Carlos foi o primeiro a levantar-se da mesa. Mr. Richard não teria desta vez companhia para o seu apreciado pospasto.

O inglês começava a sentir mentalmente os efeitos de uma mudança de pensar. Estava-lhe já parecendo que havia sido muito severo para com o delito do filho.

Podia muito bem ser que tivesse pecado por inexata a interpretação que dera ao facto e, ainda quando o não fosse, era afinal uma leviandade de rapaz que talvez não merecesse tão ásperas censuras.

O tolerante inglês só esperava pela primeira oportunidade para naturalmente, airosamente, realizar a reconciliação com o filho. Onde ia já o seu ressentimento?

Ficou pois deveras mortificado assim que viu Carlos levantar-se para sair, levando consigo as esperanças da almejada oportunidade. Olhou para Jenny, a ver se dela partiria alguma tentativa para reter o irmão.

Jenny, absorvida a estudar a fisionomia de Carlos, não deu pelo gesto do pai.

Já Carlos ia no meio da sala, quando Mr. Richard disse, em voz alta, as primeiras palavras que desde que se sentara dissera:

— Chegou ontem à noite. Mr. Smithfield, de Londres.

Carlos parou, ficando por alguns instantes a olhar para o pai, como se esperasse ouvir dele mais alguma coisa; depois continuou a caminhar para a porta.

— Chegou Mr. Smithfield e a filha, Alice Smithfield — disse ainda Mr. Richard.

Carlos tornou a parar e, vendo que o pai não acrescentava mais nada, deu ainda alguns passos.

— É um homem a quem a nossa casa deve muitos favores, tanto comerciais como. pessoais — disse Mr. Richard.

Estas palavras suspenderam outra vez Carlos, que ia já próximo da porta.

E como Mr. Richard se calasse, o filho estendeu a mão para o reposteiro.

— Estivemos lá, esta manhã, eu e Jenny.

Carlos não disse nada; esperou ainda.

Mr. Richard acrescentou:

— E ficámos de voltar esta noite. Eles partem amanhã para o Minho e… Perguntaram por. por ti.

Mr. Richard realizara um grande esforço: pusera de parte o tom cerimoniático com que até aí tratara o filho.

Carlos, que já desviava o reposteiro, vendo que o pai não prosseguia, curvou-se respeitosamente e saiu, como se não tivesse compreendido o sentido daquelas insinuações.

Mr. Richard viu-o sair, e de novo se lhe carregaram as feições, que tinham já desanuviado de todo; ao mesmo tempo estalava-lhe entre os dedos uma avelã, com que estivera brincando, tal foi a força de que a contrariedade lhe animou naquele momento os músculos.

Jenny vira tudo isto, aflita e irresoluta. Para sanar o mal, era necessário conhecer-lhe a causa, e ela ainda a não

sabia. Levantou-se e foi encostar-se ao ombro do pai.

— Que tem? — disse-lhe, com voz afetuosa.

— Faço quanto posso para viver em paz, mas já vejo que não é possível.

— Então porquê?

— Pois não viste?

E levantou-se, dando alguns passos agitados na sala.

— Carlos tem vinte anos — acrescentou, passeando ainda. — Aos vinte anos, há já deveres para todo o homem. E se ele se esquece de que os tem e de que os deve e há de cumprir. eu que sou pai.

A entrada de um criado interrompeu-o.

Mr. Richard sentou-se, pôs-se a ler o Times e recaiu no silêncio, de que nada mais o tirou. Seria o Times que o absorvia assim? O que é certo é que em toda a tarde não desviou os olhos da primeira coluna do jornal.

Muito enigmática devia vir esta primeira coluna, que tanto custava a ler!

Jenny dirigiu-se ao quarto do irmão.

CAPÍTULO XXVI

INEFICAZ MEDIAÇÃO DE JENNY

Jenny foi encontrar o irmão aparentemente entretido a torcer as longas orelhas do terra-nova; mas não era necessário ser muito versado em fisionomia, para perceber que lhe não estavam naquilo as atenções.

— Que foi isto, Charles? — disse Jenny, com a voz ainda turvada de comoção. — Por amor de Deus, isto que é?

Carlos levantou a cabeça e respondeu, fingindo sorrir:

— Não te assustes, Jenny. Eu e o pai representámos hoje uma peça do antigo repertório, do repertório da infância. Ele lembrou-se de me ralhar, como a uma criança; eu fiz como as crianças costumam, amuei. Ora, aos dez e doze anos, cenas destas tinham para mim uma feição de tragédia; aos vinte, predomina nelas o carácter de perfeita comédia.

— Mas. o que se passou entre vós que desse lugar a isto?

— Nada ou quase nada. Interpretaram mal uma ação minha. Eu podia, mas não devia, explicá-la; afiancei porém, sob minha palavra de honra, que não era exata a interpretação que lhe davam; e o meu pai, que acabava de se apregoar respeitador e mantenedor da boa fama do nome Whitestone, foi o primeiro a manchá-lo, duvidando de uma palavra de honra firmada com ele.

— Jesus, Charles!. — Que hás de sempre ter dessas suscetibilidades com uma pessoa de quem não deves suspeitar que possa nunca fazer do teu carácter conceito algum desfavorável!

— Mas se mo assegurou!

— Pobre pai! E imaginas que era friamente que ele te repreendia? Eu não sei ainda o motivo que deu origem a essa cena, que disseste, mas.

— Um motivo insignificante. Esta manhã precisei de dinheiro; era urgente a necessidade e a soma avultada. Não gosto de recorrer a outra pessoa, quando posso recorrer a

mim. Demais, estava só em casa. Comigo só tinha um objeto, que prontamente me podia valer a quantia de que precisava. Era o relógio e a corrente que recebi do pai quando.

— E foste?. Ó Charles! — disse Jenny, olhando com desaprovação para o irmão.

— Tirei da corrente este pequeno sinete de ágata, a parte menos valiosa do presente, para conservar uma memória dele. Sabes que não é pelo preço dos objetos, que me oferecem, que eu os aprecio. Vendi o mais; confesso que vendi. Passadas horas o acaso fez-me o favor de conduzir o meu pai pela mão justamente até à loja do ourives onde relógio e corrente estavam já expostos à venda. Reconheceu-os, comprou-os de novo, e trouxe-mos, dizendo-me por essa ocasião algumas palavras que. que só a ele poderia, e deveria, ter a paciência de ouvir.

— Mas. que má cabeça a tua! Para que foste vender aquele relógio, que ele, coitado, com tanto gosto mandara vir para ti?

— Porque se tratava de alguma coisa mais importante e mais grave do que os arrufos de um pai, por mais respeitáveis que eles possam ser.

Jenny fez involuntariamente um gesto de dúvida.

— Acredita-me, Jenny. Não duvides tu, como ele duvidou. Afirmo-te, tomando os mais sagrados testemunhos, que, se ainda se desse o motivo que se deu, não hesitaria, apesar do que houve, em vender outra vez este mesmo relógio e esta mesma corrente.

— Então que forte motivo foi esse?

— Não posso dizer-to.

— Já me não contas, como dantes, os teus segredos, Charles?

— Este não é meu.

Jenny calou-se.

Carlos olhou por algum tempo para a irmã; depois veio pegar-lhe nas mãos, dizendo:

— Olha bem para mim, Jenny. Tu estás a duvidar também da minha palavra.

— Não. Charles. não duvido.

— Diz: podes acreditar que o teu irmão, com todos os seus estouvamentos, cometa uma vileza?

— Ó Charles! Que pergunta!

— Podes acreditar que ele se esqueça por um momento do muito respeito e amor que te deve, Jenny? E da veneração que sempre teve pela memória da mãe, que mal chegou a conhecer?

— Não, Charles, não. Para que me perguntas isso? Ninguém melhor do que eu te conhece o coração e te avalia os sentimentos; bem o sabes. Ninguém te faz mais justiça — respondeu Jenny, sensibilizada com a manifesta comoção que se conhecia na voz de Carlos, quando lhe falara assim.

— Pois de tudo isto me acusaram há pouco. E foi o meu pai!

— E julgas que o pensava, ainda quando to dizia. se o disse?

— Se o não pensasse, calar-se-ia ao ver o mal que me causavam aquelas acusações e a maneira porque as repeli.

mas insistiu.

— Perdoa-lhe tu também isso. Vamos; conquanto eu não faça a injustiça de te supor capaz de ações tão carregadamente más como essas que dizias, acredito também que não seja de todo um justo este incorrigível irmão que tenho, e creio que precisará um pouco da indulgência, que recusa ter para com os outros. Tudo isso passou já. Olha, meu Charles, tu deves fazer como os lagos e como os prados, que não conservam vestígios das nuvens que os assombram, ao passarem por diante do Sol. Se visses como o pai ficou, assim que te retiraste da mesa! Coitado! Se foi injusto contigo, está pagando bem cara a injustiça! Acredita que o sente mais do que tu. Eu estava a reconhecer nele o desejo de te pedir desculpa por alguma coisa de que se arrependia já. Mas, que queres? Estas passagens não se podem fazer assim depressa, ainda que haja a melhor vontade. E tu não lhe deste tempo. Serias um anjo, Charles, se fosses bom e generoso a ponto de... — E olha que era uma vingança também. — Se fosses bom e generoso a ponto de voltares para a sala e vires fazer companhia ao pai esta tarde.

— Tu, que me conheces, Jenny, como podes lembrar-te dessa proposta? Não sabes como eu sou? Percebeste alguma vez em mim a aptidão para dissimular, de que precisaria, se quisesse fazer o que me indicas? Os meus ressentimentos são curtos, é verdade; mas, enquanto duram, não sei disfarçá-los. Amanhã já nada terei na memória talvez de tudo isto; mas hoje, mas agora, agravaria o mal, se me apresentasse tão cedo diante do pai.

Jenny não insistiu, porque reconheceu a verdade desta reflexão do irmão. Daí a pouco, disse-lhe:

— Dou duas horas de vida ao teu ressentimento, e já é supô-lo muito violento. Ao anoitecer, nem sombras haverá dele. Acompanhar-nos-ás então a casa de Mr. Smithfield, o que será o maior prazer que podes causar ao pai; e o dia de amanhã virá sem nuvens.

— Não, Jenny, não vos posso acompanhar esta noite.

— Não digas que não, Charles. Então és assim reservado?

— Não; mas. tenho destino para esta noite já.

— E tanta urgência que não possas.

— Não posso faltar, não.

— Ó Charles, não ouviste o que o pai disse? — «Mr. Smithfield é um homem que tem feito serviços à casa.»

— Hoje não posso; amanhã visitarei esse senhor.

— Amanhã partem eles para o Minho.

— Tanto pior. Vê-los-ei na volta.

— Vais desafiar uma tempestade, recusando-te a tão pequeno sacrifício.

— Que querem? Digam a esse homem que eu tenho mau carácter, que sou desagradecido, intratável, grosseiro, egoísta; e que por isso não deve estranhar a minha pouca pressa em ir dar-lhe os emboras pela sua feliz viagem.

Carlos disse tudo isto com impaciência, que sobressaltou a irmã.

Foi com ligeiro tremor na voz que ela lhe respondeu:

— Tu bem sabes que não é isso que eu posso dizer de ti, Charles, nem deixar que os outros, na minha presença, digam.

Carlos abrandou imediatamente, ao ouvir estas palavras.

— Pobre Jenny! És a única pessoa que me conhece deveras.

— E tu a que te conheces menos — respondeu a irmã, com doçura, e depois acrescentou: — Vens?

— Não posso.

— Charles!

— Mas se eu prometi!. Olha, Jenny, se és minha amiga, não insistas mais a este respeito; que não seja o dia de hoje tão aziago para mim que esteja destinado a receber durante ele desgostos das pessoas a quem mais estimo.

As lágrimas assomaram desta vez aos olhos de Jenny.

— Era para tos evitar que eu insistia, Charles. Perdoa-me se.

E a comoção não a deixou continuar.

Carlos apoderou-se-lhe das mãos, que cobriu de beijos.

— Minha boa Jenny! Minha generosa irmã! Perdoa-me tu, perdoa a este estouvado que nem sabe o que diz. De

joelhos te devia implorar, filha, eu, que te pago em lágrimas os sorrisos que me dás. Tu a pedir-me perdão! Eu a perdoar-te, Jenny! O quê?. O conforto que me tens dado sempre?. Esta serenidade que me fazes durar na vida, anjo? As carícias e cuidados de mãe que me ensinaste a conhecer? Pobre mãe, só dois anos mais velha do que este mau filho, que não sabe senão afligi-la! É isto que tenho a perdoar-te? Diz. Não repares para as loucuras desta minha cabeça. E agora escuta-me. Eu desejava fazer-te a vontade mas. ontem. o. Manuel Quintino mostrou-me desejos de celebrar na minha companhia o último dia de reclusão a que a doença o tem obrigado. Amanhã já ele sai. É uma pequena e suave festa de família, e na qual somente servem de galas os afetos e as flores. Esta manhã não pude ir visitá-lo, como ele me pediu. Era agora, à noite, que eu tencionava ir. Queres que eu deixe de satisfazer o desejo do pobre homem?

Jenny, depois de fitar por algum tempo o irmão, suspirou, baixando os olhos.

— Responde, Jenny — repetiu Carlos — e se julgares que, no meu lugar, poderias fazê-lo, sem que um pequeno

remorso to estorvasse, eu obedeço-te e… não irei.

Jenny permanecia calada.

— Então? — repetiu Carlos.

— Que queres que te responda, Charles? Seria sem hesitação que eu te diria «vai», se estivesse convencida de que é esse sentimento de generosidade o que te chama lá.

— Então duvidas do que eu disse?

— Não. Mas duvido, e há muito, do conhecimento que tens de ti próprio. Ensinaste-me a ler em ti, Charles, naqueles tempos em que me comunicavas todos os teus pensamentos; habituei-me então, e leio ainda agora que evitas essas longas conferências de outras épocas.

— Que evito! Pois imaginas?.

— Não imagino, sei. Pensas tu, Charles, que tenho perdido de vista o irmão que tão longe dela tem procurado andar? Ai, não tenho, não.

— E que tens visto a essa distância? — perguntou Carlos, gracejando.

— O bastante para me afligir; o bastante para pedir a Deus que me inspire um dia, em que talvez seja mais carregada do que nunca a nuvem que venha ameaçar-nos.

— Visionária!

— Oh! Se o fosse!

— Não me dirás tu, Jenny, como te deu para seres tão apreensiva desta vez! Logo desta, em que não é um capricho o que se apoderou do coração do teu irmão!

— Não é?

— Não, digo-to afoutamente, não é. É um sentimento novo para mim aquele a que ando sujeito. Aí volto eu às velhas confidências de outros tempos; não reparas?

— Desta vez, Charles, há duas pessoas, que ambas me são caras, empenhadas nisto; eis uma causa da minha inquietação. Desta vez, se de um dos lados somente houver sinceridade. — e será do teu lado, a havê-la somente de um? — recairá sobre o outro todo o peso de irremediável infortúnio; outra causa que me faz estremecer. E quando sejam sinceros ambos, não haverá tantas lutas a travar,

tantos obstáculos a vencer? É de tudo isto que vêm as minhas apreensões.

— Sossega, Jenny; eu tenho mais confiança no futuro do que tu.

Neste ponto, entrou um criado com recado de Mr. Richard a Jenny de que eram horas de preparar-se para a visita a Mr. Smithfield.

— Então, Charles. Vens? — disse ela ainda uma vez para o irmão.

— Por quem és, Jenny, não insistas mais. Basta que te diga que não sei de motivo tão forte que me pudesse obrigar hoje a faltar à minha promessa. O mais que fazes é perturbar-me o sossego do espírito para toda a noite, com o remorso de não ter condescendido contigo.

Jenny curvou a cabeça e saiu do quarto.

Carlos correu a retê-la à porta, para dizer-lhe ainda uma vez:

— Perdoa-me, Jenny.

Ela só pôde responder-lhe, comovida:

— Vai.

Passados minutos, vieram da parte de Mr. Richard perguntar a Carlos se ele o acompanharia à visita ao compatriota Smithfield. Carlos respondeu que lhe era impossível fazê-lo aquela noite.

Recebendo esta resposta do filho, Mr. Richard pôs-se a esfolhar com impaciência uma rosa que tinha na mão.

CAPÍTULO XXVII

O MOTIVO MAIS FORTE

Meia hora depois, ouviu Carlos o rodar da carruagem que levava Mr. Richard e Jenny à hospedaria em que estava alojado Mr. Smithfield.

Julgara que respiraria satisfeito, quando tivesse, enfim, conseguido ficar toda aquela noite à sua própria disposição; mas cedo reconheceu que esperava em vão.

Há situações na vida em que, para qualquer lado que a resolução nos encaminhe, gera-se-nos sempre no ânimo um remorso, mais ou menos intenso, por haver abandonado os outros.

Em uma destas dilemáticas contingências se tinha achado o espírito de Carlos.

Na véspera havia de facto prometido, não a Manuel Quintino, como à irmã dissera, mas a Cecília, o que maior força dava ainda à promessa, que não faltaria à festa,

disfarçadamente planeada por ela, para celebrar o restabelecimento do velho.

Era uma espécie de inocente conspiração entre os dois; e é provável que o leitor ou leitora não ignorem o ardor com que, de ordinário, o coração se vota a este género de empresas, com este género de alianças.

Carlos não tinha coragem de faltar, nem que fosse para suspender aquelas lágrimas que vira iminentes nos olhos da irmã. Resistiu pois, como vimos.

Mas a resistência deixou de si vestígios dolorosos; aquele pesar, causado a Jenny, sentia-o ainda o coração de Carlos; ficara-lhe a dor íntima, que até os alvoroços de prazer, excitados pela lembrança da próxima entrevista com Cecília, pareciam exacerbar.

Porque há destas contradições nos sentimentos humanos; é por a mesma razão que, às vezes, a negrura dos presságios mais se condensa entre os maiores fulgores da felicidade, e que se aviventa a luz de vagas esperanças nas mais tenebrosas situações da vida.

As horas, porém, adiantavam-se, e Carlos preparou-se para o serão festivo que o esperava.

Nesta noite empregou na tarefa de se vestir um esmero, para que raras vezes lhe sobrava paciência.

Parecia estar-se aprontando para um baile.

— Que importuna ocasião escolheu este Mr. Smithfield para a sua visita! — pensava Carlos, enquanto ajustava ao espelho o laço da gravata de seda. — Por causa dele é que Jenny me deixou assim pesaroso. Mas donde virá a exagerada apreensão que ela mostra desta vez? — E vestia o colete branco. — Não a devia tranquilizar o conhecimento que tem de Cecília? Não devia até desejar que o meu coração se fixasse aqui, que não fosse mais longe? Só se receia de mim. Verdade é que o meu passado. Oh! Mas desta vez.

No meio de uma turba de agradáveis pensamentos desvaneceu-se a impressão penosa que lhe deixara a despedida da irmã.

Afagando-os a todos, terminou Carlos a sua aturada toilette e dispôs-se a partir, acompanhado por um cortejo de

esperanças, tão vivas e palpitantes, que nem lhe deixavam sentir já o ligeiro remorso que, de mistura com elas, lhe havia entrado no coração.

Ia já a transpor o limiar da porta, quando um súbito rumor de vozes, de passos apressados e gritos agudos, como arrancados por a mais dolorosa tortura, o fizeram parar.

Informou-se, cheio de inquietação, do motivo daquele ruído.

— É a Sra. Catarina, que está com um dos seus ataques — respondeu o criado a quem ele se dirigiu.

Eram tão frequentes estes acessos na velha Kate, que, desde que Carlos soube ser essa a causa do rumor que ouvira, não lhe deu mais importância e caminhou outra vez para a porta.

Redobrou porém a violência dos gritos, e tanta e tão crescente angústia exprimiam, que o génio de Carlos não lhe permitiu mais tempo ouvi-los impassível; obedecendo a generoso impulso, subiu apressado as escadas e entrou naquele mesmo quarto, onde já acompanhámos Jenny.

Iluminava o aposento apenas a froixa claridade de uma lamparina, quando Carlos entrou ali.

Em volta do leito da velha inglesa agrupavam-se todas as criadas da casa.

A pobre louca estrebuchava tão violentamente com os braços, que elas mal conseguiam segurá-los.

Gesticulando com movimentos desordenados, soltando, entre gritos agudos, palavras sem nexo, reunindo sílabas sem significação, descomposta e com os cabelos em desordem, aquela desgraçada inspirava ao mesmo tempo compaixão e terror.

Carlos aproximou-se do leito.

A velha Kate, vendo chegar uma nova figura junto de si, fitou nele um olhar de expressão quase selvagem e, depois de algum tempo, pôs-se a rir e a bater as palmas, com os modos infantis próprios daqueles estados de imbecilidade.

— Olhem!. É ele!. É ele!. — dizia ao mesmo tempo, reparando cada vez mais em Carlos. — Como veio para aqui?. ainda bem que vieste!. Agora sim!. Quero ver agora quem me fará mal?. Vem cá, Dick, vem cá!.

Agora sim!.

E acenava-lhe para que se aproximasse do leito.

Carlos condescendeu.

— Vejam! vejam! — dizia a velha, passando as mãos pelos cabelos de Carlos. — É outra vez o Dick que eu conheci. Este sim!. Já não tem nenhuns cabelos brancos. Este sim. Eu bem dizia que havia de voltar. O outro não era verdadeiro. Agora já não receio esses malditos, que me têm aqui presa há tanto tempo!. Que venham!. Tu não me hás de deixar só com eles outra vez, Dick, não? Olha que me matam!

— Sossega, Kate, sossega — disse Carlos carinhosamente. — Ninguém te quer fazer mal.

— É porque tu não sabes ainda o que eles me têm feito!. Olha; repara. Não vês o cadeado que me puseram aos pés?. Nem os posso mover, nem os sinto!. E agora. meteram-me aqui no peito um ferro. aqui. cá o sinto dentro. Arde, como se estivesse em brasa. E este laço?. não vês este laço que me deitaram ao pescoço?. não vês como está apertado?. sufoca-me!. Ah!. ai!.

E, respirando a custo, apertava com ânsia o braço de Carlos, que a segurava.

— Então, Kate, vê se descansas — dizia ele —; eu vou já mandar tirar-te tudo isso que te aflige assim.

— Então. manda. manda! Por compaixão, Dick, manda; não deixes martirizar assim a velha Kate!. Por amor dos teus filhos, Dick! Eu não tenho forças para sofrer tanto! Estou muito velha, Dick, muito velha!. Tem compaixão de mim!.

E rompia em soluços tão expressivos de dor, que até as criadas não foram superiores à comoção.

Depois encostou a cabeça ao ombro de Carlos, dizendo-lhe ao ouvido, com expressão de susto e de mistério:

— Foram elas que me fizeram todo este mal, não foram?

— Não; sossega.

— Foram! foram, sim! — bradou, elevando a cabeça com violência e inflamando-se-lhe outra vez o olhar, que parecia despedir faíscas, como sempre que era contrariada.

— Pois foram, foram; mas.

— Então não fiquemos aqui. Vamos outra vez para a Inglaterra, Dick. Para que me trouxeste tu para esta casa? Para quê?

— Descansa, que havemos de ir; mas é preciso que estejas sossegada.

— Estou. não vês que estou?. Mas. não me deixes só, não? — acrescentava, com entonação de súplica, quase infantil.

— Então não vês aqui tanta gente?

— Não a quero. Manda-a embora; a todos. manda-os a todos embora!. Eu quero estar só contigo.

— Mas.

— Manda-os embora, por amor de Deus, manda-os embora!

Carlos não teve coração para resistir a este pedido da louca.

À sua ordem saíram as criadas do quarto, deixando Carlos só com ela.

— Fecha, fecha essa porta, para que não entrem outra vez, fecha.

Carlos fechou a porta.

— E agora vem cá; senta-te aqui, ao pé de mim; eu não posso dormir, se tu aqui não estás. E eu queria dormir. Tenho sono.

E tomou entre as suas as mãos de Carlos.

Carlos sentiu que as dela começavam a arrefecer, dessa frialdade de gelo que excita em nós uma repulsa instintiva. Pela primeira vez lhe acudiu a ideia de que podia ser aquela a última noite da pobre mulher.

Este pensamento fê-lo olhar para ela com mais atenção.

A escassa luz da lamparina ainda lhe permitiu conhecer a profunda alteração de feições, que a pobre demente apresentava.

Deram nove e dez horas, e Carlos não saíra de junto da velha criada que, segura às mãos dele, estremecia ao menor movimento que sentisse, como receando ser abandonada outra vez. Era tal o terror que mostrava de

ficar só, que tirou o ânimo a Carlos de tentar sequer deixá-la.

Assim as horas, que ele contava passar na companhia de Cecília, iam-lhe correndo junto desta desgraçada octogenária, que com discursos incoerentes, de mistura com risos e com pontos igualmente expressivos de desvario, o conservou ali.

Pouco a pouco, principiou a tornar-se-lhe mais tardia e ininteligível a pronúncia, mais sumida a voz, mais enevoado o olhar.

— Puseram-me estes ferros. — murmurava ela, interrompendo-lhe a ânsia, a cada instante, as palavras sem nexo que dizia — pensam que eu não sou. Kate?. sou Kate, sou!. Foi à viúva do fogueiro. que eu dei. o vestido verde. O fogueiro morreu. morreu no mar. É porque não são bons cristãos. Não foi o galo que cantou, foi a coruja. Dizia que eram esmeraldas e… assim é que a irmã se perdeu. O cedro chorava. era o pai dela.

Carlos, pousando-lhe a mão no pulso, mal o pôde já perceber. Tentou sair, para chamar alguém que ministrasse

os socorros precisos, mas a contração com que a velha o segurou, o estremecimento que lhe correu pelo corpo, ao sentir a tentativa de Carlos, obrigaram-no a desistir.

— E para quê? — pensava ele — ninguém já agora arrebatará esta presa à morte. Pelo menos que seja tranquilo o passamento. Deixá-la morrer em paz.

E ficou, ficou ele só, único espectador daquela cena lúgubre, daquele espetáculo pouco talhado para a sua juventude, para a sua índole e para os vestidos de gala, com que, para bem outros fins, esmeradamente se preparara.

Era notável o contraste. A velha caiu em silêncio profundo, apenas cortado de surdos gemidos.

Dava meia-noite, quando uma respiração mais ampla, após um profundo repouso, fechou o círculo daquela longa existência.

Carlos conheceu que tinha diante de si um cadáver.

Depois de por algum tempo a encarar melancolicamente, desceu-lhe, com piedoso respeito, as pálpebras sobre os olhos amortecidos.

Foi neste piedoso mister que o vieram encontrar Jenny e Mr. Richard. Voltando da visita a Mr. Smithfield e a sua filha, souberam no portal que Carlos não havia saído, em consequência do violento acesso que acometera Kate.

Aí mesmo se desvaneceu toda a irritação de ânimo em Mr. Richard.

— Então não saiu?

— Não, senhor — disse o criado —, havia-se vestido para sair, mas até agora tem estado só no quarto da Sra. Catarina.

O velho inglês, que tinha ainda pela que fora sua ama uma verdadeira afeição, sentiu-se comovido ao ouvir isto.

Ele e Jenny correram então ao aposento de Kate.

— Expirou agora — disse Carlos, ao vê-los entrar.

O pai e a filha acercaram-se apiedados do leito.

Jenny não recusou lágrimas de saudade àquela velha mulher, que ela, tão longe quanto lhe ia pelo passado a memória, se recordava de ver sempre junto de si.

Mr. Richard curvou também a cabeça perante aquele tão solene espetáculo.

Carlos ficava-lhe em frente e ao lado a irmã.

Jenny, enxugando os olhos, voltou-se para ele.

E, como se obedecesse a irresistível impulso do coração, apertou-o nos braços, dizendo:

— É nisto que te reconheço, Charles. Quem poderá duvidar ainda da generosidade da tua alma?

Carlos correspondeu ao abraço da irmã, beijando-a afetuosamente na cara.

E ao descingir-se-lhe dos braços, encontrou a mão de Mr. Richard, que se estendia francamente para a sua.

— O seu proceder foi o de um homem de bem e… de coração, Charles. Honra-o — disse, com voz trémula, o inglês.

Carlos apoderou-se daquela mão, que se lhe estendia, e curvou-se para beijá-la.

Perante aquele leito mortuário desvaneceu-se de todo a tempestade doméstica.

Foi assim que Carlos faltou à promessa que tinha feito a Cecília, falta que horas antes pensava e dizia não haver motivo tão forte que o levasse a cometer.

Resistiu de facto aos ressentimentos do pai, resistiu — e mais custoso lhe foi — às lágrimas da irmã; mas não teve ânimo para resistir à compaixão por uma pobre mulher, velha, demente e moribunda.

Ficou, para lhe fechar os olhos.

Era assim o carácter de Carlos.

CAPÍTULO XXVIII

FORMA-SE A TEMPESTADE EM OUTRO PONTO

A Sra. Antónia não perdera o seu precioso tempo, nem desaproveitara a ciência adquirida por meio das observações da manhã.

Ao voltar a casa, encontrara na rua o Sr. José Fortunato, e a ele, como fiel aliada, comunicara logo ali o pecúlio de descobertas com que enriquecera o tesouro dos seus já numerosos conhecimentos.

José Fortunato horrorizou-se com a série de estupendas notícias que ouviu de tão autorizada boca.

— Não há que fiar nos homens de hoje! — foi a sentença que ele lavrou, depois de ponderar os famosos artigos daquele libelo difamatório.

— A mim não me enganou o melro — fez-lhe notar a Sra. Antónia.

— Pois olhe que a mim.

— Agora o que é preciso é abrir os olhos fechados que há lá por casa.

— Abrir?!. Melhor seria fechar alguns que já se abriram de mais para ele. Não sei se me entende?

— Entendo, entendo. Não há de ter dúvida. Sossegue.

E a Sra. Antónia, serenando assim as apreensões do seu protegido, entrou para casa. José Fortunato ia pensando:

— Se eu avisasse o pai, mas de maneira que não soubesse que era eu.

Cecília andava contente aquela manhã.

O seu bom coração deixara-se repassar todo de alegrias, dessas alegrias travessas, agitadoras, de quem não quer refletir no que as faz nascer; alegrias que, vindo à luz, gozam da luz como as crianças, as quais a festejam com risos e cantares, ainda sem saudades do passado, nem incertos temores do futuro a amargurarem-lhes tão ingénuo prazer.

Pobre rapariga! Mal sabia ela que bem de perto a seguia a nuvem que havia de assombrar-lhe o fulgor daquele contentamento!

Antónia maquinava em silêncio contra ela. À semelhança da aranha, em traiçoeira emboscada, aguardava paciente que aquela buliçosa borboleta, que voava em volta de si, viesse prender as asas na sua enredada teia.

Cecília demorava-se porém pouco tempo junto dela, e pouco tempo em toda a parte. Lembrava uma avezita prisioneira, quando, ao amanhecer de um dia de sol desanuviado, após longos de nuvens e de chuva, bate as asas, salta de poleiro em poleiro, esvoaça de encontro às grades da gaiola, e ensaia de novo o canto, havia muito interrompido.

Ocupada com os preparativos do que ela chamava a festa do pai, Cecília não parava um momento. Descia ao quintal, para colher flores; escondia-se no quarto, para formar ramos, e com eles enfeitar as jarras; passava à sala de Manuel Quintino, para que a ausência não fosse estranhada, e com o fim de dizer ao pai algumas palavras de afeto; depois, voltava ao quintal e sempre com ligeireza

e agilidade, próprias daquele corpo flexível e elegante e daquela nervosa compleição.

De vez em quando, chegava também à janela, esperançada em que um feliz acaso lhe satisfizesse não sei bem que secretas aspirações, as quais talvez a leitora adivinhe.

Foi num a destas ocasiões que Antónia, encontrando-se com ela no corredor, lhe disse à queima-roupa:

— Já esta manhã vi o Sr. Carlos.

Cecília perturbou-se; mas inquiriu, afetando indiferença:

— Aonde?

— Ia a sair de casa. Entrou com uma senhora nova para uma carruagem.

— Havia de ser a Jenny, a irmã.

— Ai, não; não era, não, senhora. Essa tinha saído com o pai, logo pela manhã, que mo disse a Sra. Josefinha. Esta tal, que eu digo, chegou de fora. Pelos modos. é das tais comediantes do teatro. que ele conhece.

— Comediantes?! — disse Cecília, não procurando já disfarçar a inquietação.

Após este prelúdio, a Sra. Antónia entrou de alma e coração na matéria, que esgotou completamente. Disse quanto ouviu, quanto viu e, mais ainda, quanto pensou e concluiu de tudo o que ouvira e vira, graças àquele vigor de dedução lógica, que era dos mais característicos dotes desta senhora.

Cecília, conquanto lhe parecessem exageradas as opiniões da criada, sentia que se lhe ia enlutando o coração ao ouvi-la; e que toda aquela disposição para rir e cantar, com que lhe principiara o dia, se lhe estava transformando em irresistível desejo de chorar.

No estio dos nossos climas amanhece às vezes o dia puro e formosíssimo; o céu é azul; resplendentes os raios do Sol; tépida e perfumada a viração, que agita as folhas dos arvoredos; pouco a pouco, parece que o Sol desmaia; que desbota o azul do céu; que nos abafa a atmosfera inflamada; acumulam-se no horizonte, e espalham-se depois por todo o firmamento, nuvens de um azulado de chumbo —; forma-se a trovoada.

Esta manhã de Cecília foi bem semelhante a um destes dias de Verão.

Quando Antónia acabou de expor as conceituosas reflexões a respeito do carácter e vida de Carlos, e de provar à saciedade ser ele possuidor das piores qualidades deste mundo, Cecília separou-se subitamente dela e correu a fechar-se no quarto.

Foi com as faces pálidas e com os olhos vermelhos que ela apareceu diante do pai ao jantar. Contrastava tanto com estes vestígios de tristeza o sorriso a que pretendia obrigar os lábios, que o efeito era mais triste ainda.

Todo se alvoroçou o coração de Manuel Quintino, ao vê-la; tão contente pela manhã, e agora assim! Olhava para a filha, mas não se atrevia a interrogá-la.

Cecília bem fez por se mostrar jovial; falou sempre durante o jantar, mas havia tanto de fictício naquela vivacidade, que ninguém se podia iludir, quanto mais o pai!

Reinou, durante todo o dia, entre Manuel Quintino e a filha aquela espécie de mútua desconfiança, que se dá sempre com duas pessoas, quando há entre elas um segredo, guardado por uma e suspeitado por outra, e no qual ambas evitam falar.

Aproximou-se a noite.

José Fortunato foi pontual.

Cecília estava cada vez mais agitada; o coração era-lhe disputado por esperanças, misturadas de receios, de ver chegar Carlos à hora prometida, e por o pressentimento, que lhe segredava que ele não viria aquela noite.

A impaciência que daqui lhe nascia no espírito revelava-se nas mais pequenas coisas. Quanto mais se fechava a noite, tanto mais era para notar em Cecília aquela espécie de excitação nervosa em que as ocorrências do dia a tinham lançado.

Chegou a ser cruel para com José Fortunato.

Às vezes, até as respostas que dava ao pai saíam-lhe com certo azedume, de que imediatamente se arrependia, empregando depois tanto ardor nas desculpas, que ainda mais afligiam e inquietavam o velho.

Segundo o costume, era ainda à doença, e só à doença, que ele atribuía aquilo tudo, e por vezes, chamando a filha a si, insistiu, depois de a beijar, em lhe tomar o pulso.

Manuel Quintino, que não entendia coisa alguma de organizações nervosas, julgava ver na frequência das pulsações em Cecília um sintoma evidente de febre e, pela sua vontade, já teria rodeado a filha de todo esse aparato médico, com que, sob pretexto de combater uma doença, tantas vezes se agravam incómodos ligeiros.

Deram sete, oito, nove horas, e Carlos não aparecia.

A Sra. Antónia andava com ares triunfantes. José Fortunato trocava olhares de inteligência com ela.

— Estou muito admirado da demora de Carlos! — dizia Manuel Quintino. — Está decidido que não vem.

— Será melhor trazer o chá — lembrou Antónia.

— Será melhor esperar que lho mandem trazer — acudiu Cecília com frieza.

Manuel Quintino, ao ouvir o tom da resposta, fixou tristemente os olhos na filha.

Estranhava-a.

— O Sr. Carlos teve pelos modos hoje outras distrações — observou José Fortunato.

— E eu que o diga — acrescentou Antónia.

— Que diabo estão vocês a rosnar? — perguntou Manuel Quintino.

— É que. — ia Antónia a explicar-se, quando Cecília a interrompeu.

— Ande, Antónia, ande; traga então o chá, ande; avie-se.

E disse isto com a impaciência de quem não admitia demoras.

Antónia obedeceu. Cecília deixou também por um pouco a sala. O Sr. José Fortunato aproveitou a oportunidade para fazer o seu amigo ciente do que havia, em relação a Carlos.

Muito contra o que esperava, em vez de o ver indignado e horrorizado quase, achou-o com umas disposições para levar o caso a rir, que o maravilharam.

— Aquela cabeça não toma rumo! — dizia Manuel Quintino. — Nem eu sei como por tanto tempo aturou o serviço do escritório! E olhe que foi bom e real serviço o que ele fez! ainda estou para saber como aquele diabo de rapaz pôde em tão pouco tempo fazer o que a muitos leva

anos! Mas então com que. esta manhã. Hem?. Fugiu o pássaro da gaiola? E de carruagem! Fugirá a sobredita senhora com o rapaz para o deserto? Eh! eh! eh!. Bem; então. nesse caso. vamos nós tomando o nosso chá, Sr. Fortunato, vamos. Já o podiam ter dito; escusávamos de ter alterado as horas.

Quando Cecília voltou à sala, ainda Manuel Quintino ria, a bom rir.

— Cecília — disse-lhe ele — vamos ao nosso chá; voltamos hoje aos nossos antigos hábitos, filha. Isto de pássaros novos fogem, pilhando a gaiola aberta. Os que ficam são estes, como o Sr. José Fortunato, que já estão trôpegos de todo. Eh! eh! eh!.

O Sr. José Fortunato não gostou demasiadamente da imagem. Manuel Quintino prosseguiu:

— Aqui o amigo contou-me agora a história de uma certa carruagem e de um certo rapaz, que Antónia lhe disse. é muito engraçada. Eh! eh! eh!

— Eh! eh! eh! — fez o Sr. José Fortunato também — mas ficou-lhe bastante caro o entrar no dueto, visto que Cecília

o castigou, dizendo:

— Engraçada? Então é por exceção. Não é essa a principal qualidade das histórias do Sr. Fortunato.

José Fortunato pôs-se logo muito sério; Manuel Quintino olhou espantado para a filha.

Episódios destes reproduziram-se durante todo o serão daquela noite. Que triste não era a alegria que Cecília afetava, ao trazer para o quarto do pai as flores, que preparara de manhã, cheia de contentamento! Lidar com flores, assim, com tanta melancolia, só quando se enfeita com elas um túmulo. Marejava-lhe nos olhos o pesar do coração; de pouco lhe valia o sorriso nos lábios. O serão acabou cedo. Cecília precisava de estar só; queria-se livre de todo o constrangimento, queria poder chorar, sem receio de vistas curiosas, de perguntas indiscretas, de reflexões impertinentes.

Será necessário dizer que velou toda a noite?

Levantou-se na madrugada seguinte com resolução formada.

— Eu é que era louca — pensava ela —, iludi-me sem fundamento. acreditei. e porque acreditei eu?. De que me queixo?. Nem direito tenho de ressentir-me. Paciência! — dizia a meia voz, suspirando. — Hei de ter força bastante para tirar esta loucura daqui — e levava a mão à cabeça e, depois de refletir, murmurava, mais baixo ainda, descendo-a para o lugar do coração: — E daqui nada terei que arrancar?

Manuel Quintino foi nessa manhã para o escritório. A convalescença era completa, mas para o ser também a sua alegria seria preciso que, ao despedir-se da filha, não tivesse notado no rosto dela outra vez a antiga expressão dolorosa.

Horas depois dele sair, passava Carlos, segundo o costume, por baixo das janelas, donde ordinariamente Cecília o esperava.

Desta vez, achou-as fechadas e corridas as cortinas.

Carlos estranhou aquilo, e por muito tempo não desviou os olhos delas.

Através dessas desapiedadas cortinas alguém o observava porém. Era Cecília.

Vejam como ela tentava arrancar da cabeça, ou antes do coração, o que chamara «loucura»!

E desejaria deveras arrancá-la?

Sem ser vista, seguia todos os movimentos de Carlos; viu-o passar; olhar com atenção para as janelas; caminhar mais devagar à medida que se afastava; parar e, parecendo tomar uma súbita resolução, retroceder, atravessar a rua e entrar para o portal da casa.

Cecília recuou, como se pudesse temer ser vista de fora.

Cedo ouviu tocar a campainha da cancela.

Cecília estremeceu e dirigiu-se ao corredor.

Já aí encontrou Antónia, que descia, para ver quem tocava.

— Antónia — disse-lhe rapidamente Cecília — se for alguém a procurar-me. diga-lhe que. não posso falar, que. estou doente. seja quem for. Entende?

— Entendo, sim, menina — respondeu Antónia, com um sorriso de quem entendia de mais.

Foi com modos desabridos que recebeu Carlos.

Este perguntou-lhe se Manuel Quintino tinha ido de facto para o escritório, porque, vendo todas as janelas fechadas, lembrara-se de que tivesse talvez recaído.

Antónia respondeu:

— Pois fique descansado. Foi para o escritório, foi, sim, senhor. Ele agora está bom de todo. E a menina manda dizer que não pode falar a ninguém, porque está doente.

— Doente?! — perguntou Carlos, com uma inflexão de voz que fez quase arrepender Cecília, que o escutava, da ordem que dera à criada.

— Não é coisa de cuidado, graças a Deus — prosseguiu esta —; mas, em todo o caso, não a deixará tão cedo receber visitas. de cerimónia. E há de dar-me licença, que tenho a minha vida.

E, acto contínuo, ouviu-se bater a cancela, que se fechava.

— Antónia — disse Cecília à criada, assim que esta chegou ao patamar, trazendo nos lábios um sorriso de vitória — a falar verdade, você foi de uma grosseria!

— Ora deixe lá, menina. Tudo é preciso com certa gente.

Carlos, ao sair do portal, pensava:

— Despeitos! Será por eu não ter vindo ontem? Deus o queira; tudo se explicará no meu abono e depois o direito a uma compensação será ótimo advogado na minha causa. A indiferença era pior.

Dali foi Carlos para o escritório, onde deu a Manuel Quintino os parabéns, pelo seu restabelecimento.

— Sinto — acrescentou — não ter podido ontem festejar, como tencionava, o seu último dia de doença, mas o que houve lá em casa.

Já sabe?

— Já sei — respondeu Manuel Quintino, que se mostrava algum tanto embaraçado.

— Esta manhã ia com tenção de saber de si — continuou Carlos.

— Vendo todas as janelas fechadas, receei que se tivesse sentido pior. Soube, porém, que era a sua filha que se achava incomodada.

— Cecília?! — exclamou Manuel Quintino, já assustado.

— Sossegue — respondeu Carlos, sorrindo, porque o espanto de Manuel Quintino acabava de confirmar as suspeitas que tivera. — Pela maneira porque me falou a criada, imagino que não é de gravidade o incómodo. Nem tempo tive de averiguar disso, tal foi a pressa com que ela me fechou a porta. A boa mulher parecia ter medo de mim. Falou-me com um arreganho!

Manuel Quintino fez que sorria; mas era evidente que alguma coisa lhe pesava no coração.

Depois de curta hesitação, aproximou-se de Carlos, e ainda com modo constrangido, disse-lhe, chamando-o de parte:

— Senhor Carlos, eu tenho-o por um homem de bem; por isso prefiro falar-lhe com franqueza a andar com jogo encoberto, que nem é para o meu génio, nem para o seu.

Carlos ficou surpreendido com aquelas palavras, tão inesperadas como misteriosas.

— Então que temos, Manuel Quintino? Fale. Parecem comunicações graves as que tem para me fazer — dizia ele, olhando-o interrogadoramente.

— Escute. Eu sei os favores que lhe devo e sei a fé que se pode depositar no seu carácter, que será tudo quanto quiserem menos capaz de uma infâmia.

Carlos escutava-o cada vez mais admirado.

Manuel Quintino prosseguiu, aumentando-se-lhe o embaraço com que principiou:

— Mas. no mundo em que vivemos, há a verdade e há as aparências e… não basta somente atender à primeira, é preciso também salvar as outras.

— Mas a que vem tudo isso? — perguntou Carlos.

— A propósito de uma. de uma loucura, mas que, apesar de saber que o é, eu tenho obrigação de atender. Esta manhã veio ter ao escritório, pela posta interna, uma carta anónima. Queira lê-la e depois dirá o que devo fazer.

A carta, cuja letra era visivelmente disfarçada, dizia:

«Alguém, que toma a peito a reputação dos seus amigos, avisa-o de que as visitas do Sr. Carlos a sua casa estão já dando que falar à vizinhança. Lembre-se de que, pela sua

reputação, esse rapaz é uma visita pouco própria em qualquer casa onde existe uma menina de dezoito anos.»

Assinado: «Um amigo desinteressado.»

Carlos, acabando de ler esta carta, passou-a para Manuel Quintino, dizendo-lhe com profundo desprezo:

— Estas são ferroadas de insetos que se esmagam com o pé.

— Não julgue que me deixo levar por esses protestos de amizade desinteressada — disse Manuel Quintino —; mas, tanto pior se, como suspeito, há antes malevolência nisto. A boca, donde saíram estes conselhos, espalhará a calúnia; e, se tenho coragem para me rir dela, quando se refira a mim só, estalar-me-ia o coração, se da minha filha se dissesse uma só palavra que a afligisse, que lhe causasse uma lágrima.

— Tem razão — respondeu Carlos, curvando a cabeça, pensativo.

— Agora diga; que me aconselha que faça? Confio no seu cavalheirismo, e por isso é a si e a mais ninguém que peço conselho.

— Obrigado, Manuel Quintino — respondeu Carlos, apertando-lhe a mão. — É preciso que se me fechem as portas da sua casa.

— Carlos! O senhor bem vê que eu não lhe mereço essa ironia.

— Não é ironia. É efetivamente preciso que eu deixe de visitá-lo. Eu saberei compreender a sua posição; acredite-me. É justo que pague a leviandade com que me afiz a hábitos que, reconheço-o hoje, não eram talvez os que a minha índole me pedia. Paciência.

Manuel Quintino abraçou-o comovido.

À noite, Mr. Richard e Carlos e muitos dos seus amigos assistiram na capela inglesa do Campo Pequeno às cerimónias fúnebres da velha Kate, em cuja sepultura o próprio Mr. Richard lançou, segundo o costume inglês, os primeiros punhados de terra.

No fim do enterro, Carlos despediu-se de Manuel Quintino, que viera assistir ao acto.

O bom homem, já habituado à companhia de Carlos nos serões, não teve mão em si que lhe não dissesse:

— Venha comigo, Carlos; ao menos hoje ainda. Riremos um bocado; isto de ir para casa com as ideias de um enterro na cabeça, não é grande coisa. Venha. É dar muita importância ao mundo, privarmo-nos, por causa dele, da.

— Não, Manuel Quintino; convém por agora interromper as minhas visitas. Talvez um dia o procure, mas. Adeus, adeus.

E voltou a casa.

Jenny viu-o tão melancólico, que lhe disse:

— Charles, quando dantes tinhas alguma coisa que te afligisse, confiavas-ma. Porque já não o fazes agora?

— Jenny, concede-me algum tempo. Talvez, dentro em pouco, eu tenha muito que te dizer e muitos conselhos a pedir-te.

Foi a resposta que obteve.

Carlos não faltou à palavra que dera a Manuel Quintino.

Dois dias se seguiram a este sem que a vizinhança do guarda-livros tivesse que reparar nas assíduas passagens

de Carlos por aquela rua, nem a Sra. Antónia sofrer a contrariedade das suas visitas.

Mas, se na sobredita vizinhança houvesse quem depois da meia-noite estivesse acordado, poderia às vezes ver passar um homem por diante das janelas fechadas daquela casa, e olhá-las como se esperando que elas afinal se cansassem da sua desesperadora discrição.

Tais eram já as proporções que havia tomado em Carlos o que Jenny chamara uma fantasia!

Porque esse homem era ele.

Chegara-se a Maio. Era uma destas noites de luar, serenas, tépidas, perfumadas, em que um instinto irresistível nos leva a procurar as árvores, a escutar de perto o murmúrio das fontes. Abafa-se nas salas.

Demorara-se Carlos desta vez diante das janelas de Cecília num a daquelas contemplações, de que só os espíritos frios podem ter ânimo de zombar, quando certo rumor na pequena janela de grades, que se abria no muro do quintal de Manuel Quintino, lhe chamou a atenção.

Carlos retirou-se para a parte assombrada da rua e esperou. A janela abriu-se, e o luar, batendo em cheio do lado dela, iluminou a suave figura de Cecília.

Carlos permaneceu imóvel.

Cecília estava só; e quem, senão ela, tinha naquela casa imaginação bastante para se seduzir com os encantos de uma noite assim?

Recostando-se à janela, a filha de Manuel Quintino conservava-se também imóvel. Havia tanta languidez no reclinar da cabeça sobre a mão, tanta beleza e poesia naquela figura pálida, que a fantástica luz do luar mais pálida fazia, que, ainda sem ter a imaginação de Carlos, era possível quase acreditar por momentos ser aquilo uma aparição de noite de Estio, como, nas suas lendas, as concebe a fantasia popular.

Que lisonjeira voz segredou ao ouvido de Carlos que era nele que aquela mulher pensava? Vaidades de coração, e tantas vezes mentirosas ilusões dos desejos, quem há aí que possa gabar-se de nunca vos ter experimentado?

Cecília foi subitamente despertada daquele quase sonho, em que parecia arrebatá-la a claridade do luar, por a voz de alguém que lhe pronunciava o nome por baixo da janela.

Cecília reconheceu, estremecendo, aquela voz.

Era a de Carlos.

— Ó Sr. Carlos! — exclamou ela, sobressaltada e fazendo um movimento instintivo para retirar-se.

— Escute — disse Carlos — escute-me. São poucas palavras só as que tenho a dizer-lhe. Vim aqui sem esperança de lhe falar. Contento-me há muitos dias com menos. Ver as janelas da casa em que mora tem-me bastado. Mas, uma vez que o acaso a trouxe aí, deixe-me não perder a única ocasião que tenho agora para lhe dizer o que desejava.

— Mas bem vê que.

— Ouça-me. Dei a minha palavra ao seu pai de que não voltaria a esta casa. Houve alguém interessado em interromper as minhas visitas, e conseguiu-o, porque eu mesmo julguei necessário interrompê-las. Acreditará que o fiz sem custo, Cecília?

Cecília não respondeu, porque não podia.

— De hoje em diante só um motivo me pode trazer de novo aqui, a sua casa, à luz do dia, e aos olhos de todos; mas antes, preciso interrogar o seu coração, Cecília. Ele só me pode autorizar a adotá-lo, esse motivo que digo.

Cecília ganhou coragem e conseguiu enfim responder:

— Sr. Carlos, a doença do meu pai acabou. O generoso procedimento que teve para com ele, durante os dias dessa doença, creia que fez nascer em mim sentimentos de… gratidão, que nunca mais esquecerei. Recordo-me de que fui a primeira a implorar o seu auxílio, e sei de que importância foi o que me concedeu. Por nós quis o Sr. Carlos abandonar, e por muito tempo, hábitos de vida própria da… sua idade, e… da sua posição. O último dia da enfermidade do meu pai, pelo menos, devia para si, Sr. Carlos, ser o primeiro dia de liberdade e… e foi… se o meu pai entendeu que devia exigir... ou pedir-lhe que terminasse o... sacrifício, não me compete a mim ir de encontro às resoluções do meu pai. Não vejo a necessidade de adotar qualquer motivo para renovar umas visitas, que hoje não têm razão para serem renovadas. por isso.

— Mas, Cecília, e se essa razão, e forte, e irresistível, e urgente, estiver em mim, no meu coração?

— Sr. Carlos, espero que me faça a justiça de acreditar que. — e a voz de Cecília tremia ao dizer isto — que eu sou ainda superior a esses galanteios. Se as circunstâncias, que acompanharam o nosso primeiro encontro, lhe puderem deixar impressões que o levem a tratar-me assim, peço-lhe que se recorde de que Jenny, de que a sua irmã, ainda me trata como amiga, depois de saber tudo quanto naquela noite se passou.

— Cecília!

— Adeus, Sr. Carlos. Sei que há muita nobreza de sentimentos na sua alma e por isso espero dela que compreenda a necessidade de acabar com isto. Adeus.

E retirou-se apressadamente da janela.

Carlos ficou por muito tempo imóvel no lugar em que Cecília o havia deixado, e sem saber como explicar tão rigorosa severidade.

Não tinham decorrido muitos minutos, assomou à mesma janela um vulto que, curvando-se para a rua, disse em tom

de zombaria, para Carlos:

— Muito boa noite. Com licença.

E fechou as portas da janela.

Era a Sra. Antónia, que tinha espiado de longe Cecília, sem que conseguisse ouvir o diálogo dela com Carlos. Logo que a sua jovem ama se retirou, correu a observar quem estava na rua, viu e reconheceu Carlos ainda junto ao muro.

Carlos, achando-se surpreendido, estremeceu e partiu dali inquieto.

— Saberia ela que a ouviam e por isso falaria assim? Ou espiá-la-ão sem que o desconfie? Alguma coisa deve ter-se passado, desfavorável para mim, para ser assim tratado. A minha falta só não explica.

E chegou a casa, pensando nisto tudo.

CAPÍTULO XXIX

OS AMIGOS DE CARLOS

A cena que descrevemos no precedente capítulo agravou o estado moral de Carlos.

Cada vez mais concentrado, passava horas inteiras no quarto, ou entranhava-se pelas ruas de verdura do jardim; cada vez mais triste, nem Jenny podia já inspirar-lhe aquelas prontas alegrias de outros tempos e tanto do carácter dele.

Jenny convenceu-se de que era mais do que um mero capricho o que assim se assenhoreara do coração do irmão.

E em Cecília que seria?

A filha de Manuel Quintino havia desde muito evitado a presença da sua amiga. Disto mesmo desconfiava Jenny.

— É preciso sondar aquele coração também, e se o encontrar assim. então. então.

Esta reflexão terminou-a ela sentando-se à secretária e escrevendo:

«Cecília.

É amanhã o dia dos meus anos. Não me reservará para então a surpresa de me assegurar que ainda vive? Repare que há dois longos meses que a não vejo. Fico esperando-a, desde o romper do dia de amanhã.

Sua amiga, Jenny.»

O dia seguinte era de facto o do aniversário de Jenny.

Cecília recebeu a carta e hesitou sobre o que lhe convinha fazer. Tinha receio de ir, temia encontrar-se com Carlos; tinha remorsos de recusar, havia tanto que evitava a companhia daquela que sempre lhe dera provas de tanta estima! Além de que terminara com a doença do pai o pretexto com que ela justificava a ausência. Era demais um dia santo o dos anos de Jenny e, como tal, mais livre para

Cecília. Em toda a noite não resolveu contudo o que fizesse, nem falou a alguém do convite recebido.

Começou o dia seguinte.

Carlos acordara com a resolução formada de abraçar algum partido decisivo. Era-lhe insofrível a incerteza em que estava vivendo.

Com a cabeça apoiada entre as mãos, todo recolhido ao mundo interior e cortadas as relações com o externo, procurou assim descobrir o melhor caminho por onde saísse daquela situação, insuportável para o génio dele.

Não sei se deva aconselhar o meio como eficaz. Talvez seja mais prudente pensar com os olhos abertos para o mundo que nos rodeia, não o incluirmos como elemento nos nossos cálculos, corremos o risco de adotar resoluções que mais tarde nos valham choques incessantes e dolorosos conflitos.

O pensar com os olhos fechados é só bom quando se trata de coisas puramente metafísicas; mas procurar assim regras de procedimento na vida é imprudente.

O resultado que produziu em Carlos este sistema de pensar foi a seguinte carta, que ele escreveu com vivacidade quase

febril:

«Cecília.

Há dias recusou ouvir-me, quando o acaso me aproximou de si; não leve o rigor ou a desconfiança a ponto de desviar os olhos desta carta que escrevo, subjugado por uma necessidade irresistível, por uma violência do coração. Quando lhe falei com toda a sinceridade que inspira uma paixão veemente, Cecília tomou as minhas palavras por um simples galanteio e recusou escutá-las; e não haveria na minha voz alguma coisa a assegurar-lhe que eu não mentia? Como poderei esperar agora que seja mais eficaz esta carta, à qual não posso transmitir aquilo que se não traduz em palavras: o sentimento? Como a poderei convencer, Cecília? Se imagina sequer o respeito, a veneração que tenho pelo nome da minha irmã, não acreditará que possa mentir, invocando-o, ao afirmar-lhe que a amo, Cecília; se crê que a memória da minha mãe é para mim de tanta adoração e saudades, como as que se apoderavam do coração de Cecília e lhe transluziam no rosto, quando a vi ajoelhada no túmulo da sua, pela

memória da minha mãe lho juro também. Que mais quer? Que mais exige? Não me julgue pelo passado; entre ele e a minha vida de hoje elevou-se uma barreira, no dia em que principiei a trazer a sua imagem no pensamento e o seu nome, etc., etc.»

Eu pouparei ao leitor a transcrição na íntegra desta carta, que prosseguia assim por mais algumas páginas e em estilo que, provavelmente, lhe deve ser familiar.

Carlos terminava por pedir a Cecília que lhe revelasse também o estado dos seus sentimentos. «Qualquer que seja a resposta, obrigar-me-á a um passo decisivo para o meu futuro», terminava ele.

Acabava de assinar, fechar e sobrescritar esta carta, e pensava na maneira de a enviar ao seu destino, quando ouviu um som de passos e de vozes, que cada vez parecia mais próximo, até que muitas, repetidas e violentas pancadas fizeram oscilar a porta do quarto, como se ameaçassem um arrombamento.

Carlos levantou-se em sobressalto, sem que lhe ocorresse logo a explicação de todo aquele ruído.

— Olá, santo ermitão — dizia uma voz pelo buraco da fechadura —, abri a porta a uns pobres romeiros, que de longe vêm, atraídos pela fama da vossa piedosa vida.

— Monsieur Charles — continuava a outra voz — las des soins d'ici bas, se retira loin du tracas, à maneira do rato da fábula que se penitenciava num queijo; queira Deus que este também.

— Por causa de uma mulher recolheu-se Aquiles à tenda, abandonando os companheiros. Os invulneráveis têm estas fraquezas.

— Alto lá, a insinuação é grave ou, pelo menos, antecipada. Nada de condenar antes de ouvir.

— Abre, abre, Carlos; por ordem superior!

Carlos teve alguns momentos de hesitação.

A vozearia redobrava; repetiam-se, com mais violência, as pancadas na porta.

Resolveu-se, enfim, a abri-la.

Entraram. Eram os principais companheiros dos seus passados divertimentos, muitos dos quais já encontrámos naquele jantar da Águia de Ouro. Fartos de o aguardarem todas as noites, sem que em nenhuma de tantas o vissem aparecer, tinham resolvido procurar esse trânsfuga dos seus arraiais.

Operou-se completa mudança de cena, digna, pela celeridade, de um tablado inglês. — Em poucos momentos, um bando de rapazes invadiu o quarto; e cedo, cadeiras, mesas, sofás e leito foram ocupados por eles, como por um enxame de abelhas. — Tudo era desordem minutos depois.

— Então que é isto? Que é isto? Que quer dizer esta misteriosa reclusão? — perguntava um, estendendo-se no sofá, em postura digna do sultão.

— Como se há de explicar este eclipse total de um dos mais luminosos astros da nossa brilhante plêiade? A Vénus do proscénio do S. João chora por ti; o génio que preside à feitura das costeletas da Águia esmorece; no Guichard a deusa do paradoxo lamenta um dos seus mais fervorosos servos; é uma série de calamidades por aí além. Como as

explicas tu? — Isto dizia outro, vazando meio vidro de curious essence sobre o fino lenço de bretanha.

— Expliquem-nas como quiserem — respondeu Carlos, sentando-se com enfado, que não procurava encobrir.

— Ora que tem isso que explicar? — disse o do sofá. — Não falaram aí em eclipses? As minhas recordações de liceu dizem-me que o eclipse é em geral o resultado da interposição de um astro entre nós e o eclipsado. Procurem aquele que no-lo tem oculto.

— Imaginem que estive doente — acudiu Carlos, tentando desviar a conversa da direção que este seu amigo lhe dera.

— Rejeitada a explicação por maioria — bradou um rapaz louro e de modos feminis, tipo de Apolo, de cake, cartaz vivo de cabeleireiros e alfaiates, ajeitando ao espelho as complicadas madeixas de um cabelo monumental.

— Por unanimidade — bradaram mais dois.

— Adoto-a eu — contraditou um, ocupado a despejar quantas gavetas encontrava à procura de lume para

acender o charuto. — Carlos está doente, mas. do coração. Pois que é o amor?

— *Ah che d'amore*

fiamma io sento

trauteou o do toucador, cantando a ária de Rosina.

— A tua alma está doente, Carlos — sentenciou um estudante de medicina, que era tido na conta de espirituoso. — E essa patologia é a minha especialidade.

— Que fale a ciência então; que fale a ciência — exclamaram alguns.

O estudante sentou-se ao lado de Carlos, revestiu-se de um ar de gravidade doutoral e, tomando-lhe o pulso, principiou:

— A alma padece de muito variadas formas. Temos os pruridos da dúvida, doença crónica nos filósofos que procuram a certeza; hipertrofias de crenças, mal frequente aos vinte anos; aneurismas de aspirações, muito vulgares em bacharéis formados; icterícias de desespero, nos chefes de família numerosa; fraturas de carácter, nos homens

políticos; luxações de senso comum, nos poetas; paralisias de ociosidade, nos empregados públicos; dispepsias de indignação, nos contribuintes; noli me tangere de suscetibilidades, nos deputados flutuantes; convulsões de entusiasmo, em afilhados de ministros; marasmos de desalento, em pretendentes sem proteção; cancros de exigências, em diplomatas indispensáveis; epilepsias de ciúmes, nos maridos; e as cataratas do amor, em.

— É a doença de Carlos, é a doença de Carlos.

Carlos moveu-se com impaciência.

— Pois é terrível a doença! — continuou o orador. — Vejamos. Causas: — É hoje inquestionável que esta espécie de cegueira procede de ordinário da exposição do doente ao fogo e esplendor de uns olhos e ao hálito embalsamado de uns lábios de mulher. Para evitar o contágio construíram-se em tempo vários estabelecimentos higiénicos a que chamaram conventos. A doença, porém, zombou deles, como costumam fazer as verdadeiras epidemias dos lazaretos e cordões sanitários, e até no famoso hospício de Tebaida se manifestaram casos dela. A mocidade é condição favorável para se contrair o mal;

porém na velhice é ele mais para temer, por demais tristes consequências. De resto, traz de ordinário consigo esta moléstia sérias complicações.

Carlos mordia os lábios de impaciência; o amigo continuou, entre as gargalhadas dos outros:

— Os sintomas são variados. Em geral, o doente tem fisionomia de parvo característica; no intervalo dos acessos cai num a espécie de beatífica idiotia, da qual nem os cáusticos o arrancam. Nos paroxismos chega a arrepelar os cabelos, a amarrotar os colarinhos, a soltar gritos, que bolem com a vaidade dos tigres, e arrulhar de maneira que causa o desespero dos pombos. Nos casos mais fortes, a doença toma um carácter de malignidade e o doente faz-se poeta. Neste estado o médico perde as esperanças e reclama os sacramentos. do matrimónio.

— E o tratamento? E o tratamento? — perguntaram alguns, rindo.

— A higiene é tudo, meus amigos; mal vai, se a profilaxia não atalhou a moléstia. Nas Confissões de João Jacques alude-se, como preservativo, às matemáticas. Não aprovo.

Para mim é averiguado que as matemáticas têm só por efeito o imprimir à doença a feição perniciosa. O matemático amoroso é a mais rebelde espécie de doente de que há notícia. Entra nos incuráveis. Os meus preceitos são outros. Recomendo a gastronomia, porque as funções do estômago e do coração são antagonistas. Aconselho a leitura do Feliz Independente, e de todas as obras de bom senso — antídoto do amor.

— Mas, se a moléstia, apesar de tudo, progride, então o específico mais heroico para radicalmente a curar.

— Qual é? — perguntaram muitos simultaneamente.

— O casamento.

De todos os circunstantes foi Carlos o único que não aplaudiu a dissertação do amigo. Passeava a passos largos com impaciência crescente.

— Peço-lhes, por especial favor, que me deixem em paz — disse ele, acalmada a trovoada de gargalhadas.

— Deves-nos uma confidência — disse-lhe o do sofá, tomando uma posição ainda mais orientalmente cómoda.

— E uma satisfação — acrescentou outro, empunhando um florete, e pondo-se em posição de esgrima.

Carlos nunca se sentira de tão má vontade para com os seus amigos.

— A coisa é fácil de explicar — disse ele secamente. — Sabem que sou, sempre fui, homem de caprichos. A agradável convivência dos meus amigos principiara a enfastiar-me de morte. Resolvi pois furtar-me ao prazer — invejável — de os ver. Aí têm. Passando-me isto, encontrar-me-ão de novo talvez, e talvez que não.

— Nada, nada. A Câmara, ouvidas as explicações do ministro, não se dá por satisfeita, nem passa à ordem do dia — replicou o do florete. — Há ainda coisas a esclarecer. Você deve-nos um relatório. Aquela célebre máscara, aquele misterioso dominó, que prometeu seguir até o fim do mundo, nas vésperas da sua sequestração? Nunca mais se falou em tal, e há quem insista em ver aí o princípio de tão súbita conversão.

Carlos recebeu uma desagradável impressão com a importuna lembrança e sentiu vontade de tomar a sério a

posição bélica que o interpelante conservava, e fazê-lo arrepender de possuir tão boa memória.

Limitou-se porém a responder:

— Não me perguntem coisa alguma a esse respeito, porque nada lhes posso dizer.

— Ah! Mistérios!. Ai, amor! amor! — exclamou o do espelho, e continuou, cantando:

Dove non ride amore

Giorno non v'ha sereno...

— Deixem Carlos; um juramento, feito a horas mortas, tendo por testemunhas as estrelas, e uns olhos, mais brilhantes ainda, é sagrado.

— Nada posso dizer, porque nada sei — acudiu Carlos, despeitado pela interpretação que deram às suas primeiras palavras.

— E nada sabes, porque nada viste? Meu caro, a tua discrição vai sendo de mau gosto — disse o do sofá, executando um movimento, em virtude do qual lhe subiram

as pernas cinquenta centímetros e lhe desceu outro tanto a cabeça.

— Eureka! Eureka! — bradou um que se aproximara da mesa — uma prova irrecusável do crime!. O instrumento do delito! Uma carta!.

A estas palavras Carlos estremeceu. O da descoberta empunhava com gesto triunfante a carta escrita momentos antes a Cecília.

— Uma carta! E de que espécie? — perguntava o coro.

— Ora! papier rose et odeur enivrant — respondeu o outro, aproximando-a do nariz, com gesto expressivo.

Carlos teve vontade de atirar pela janela fora aquele seu amigo, que prosseguiu:

— E o sobrescrito diz.

— O quê?. o quê?. — perguntaram todos, acercando-se dele com ardente curiosidade.

— É indiscrição de mais! — exclamou Carlos, levantando-se para lhe arrancar a carta das mãos.

Os outros detiveram-no.

— Que é isto? Donde te surgiram, à última hora, esses escrúpulos de donzela ingénua?

— Proíbo-lhes que. — dizia Carlos, esforçando-se por se lhes livrar dos braços.

— Ora deixa-te de pieguices — respondiam eles, rindo e continuando a segurá-lo. — Lê daí tu depressa, antes que o leão se solte. Olha que está furioso! Não imaginas.

— «Excelentíssima senhora» — lia vagarosamente o da carta, como para prolongar mais a cena que o divertia.

— Ah. Ex. ce. len. tís. si. ma! — repetiam os outros, acentuando cada sílaba.

— Cecília de… — continuava o que lia.

— Ce. cí. lia! Ó nome musical!

— Filarmónica invocação!

— Santa patrona da harmonia!

— Inspiradora da harpa!

Por um movimento mais enérgico e imprevisto, Carlos conseguiu afastar o grupo que lhe estorvava a passagem e,

correndo à mesa, tirou finalmente a carta das mãos do que a havia descoberto.

— Há certas familiaridades, para que não autorizo ninguém — disse ele, pálido e agitado de indignação e de raiva.

Depois tocou a campainha com violência.

Acudiu ao chamamento o seu criado particular.

Carlos entregou-lhe a carta, dizendo:

— Leva ao seu destino.

Ia o criado a retirar-se, quando ele o reteve para lhe dizer ainda a meia voz:

— Se te perguntarem... diz que é do mando de... miss Jenny.

O criado, mostrando ter compreendido, saiu.

Todos tinham guardado silêncio até então, seguindo com pasmo os movimentos de Carlos.

Depois de o criado se retirar, ainda este silêncio se manteve por algum tempo; afinal uma voz disse:

— Bonito final de acto! O criado sai, Carlos senta-se sorumbático, e os outros atores contemplam-no atónitos e… aparvalhados — Tableau.

A estas palavras, todos se entreolharam e, como se se achassem uns aos outros ridículos, soltaram uníssona gargalhada.

Carlos julgou melhor sorrir também, ainda que interiormente se lhe estivesse redobrando a impaciência.

— Palavra de honra! — continuou um — que nunca vi Carlos assim. Está romântico.

— Ultra!

— Furioso!

— Como um leão!

— Como um touro!

— Como um turco! — disse o de tendências orientalistas.

— Vá, vá Carlos; observa os bons princípios. O amor fez-te selvagem. Civiliza-te.

— Conta-nos a história dessa Cecília.

— É alta, ou baixa?

— Morena, ou loura?

— Tipo grego, ou oriental?

— Aposto que é a do dominó.

— Com certeza.

— Vá, homem; conta-nos como isso principiou.

— Olha que uma paixão concentrada é um ninho de aneurismas; cautela! — disse o médico das doenças de alma.

— Cecília! É eufónico na verdade!

— Peço-lhes que não continuem a falar assim de um nome que eu. respeito.

Uma risada geral acolheu o pedido.

— Ah! ah! ah! Estás muito bom!

— Estás delicioso!

— Nunca o vi apurado a este ponto!

— Ó Carlos!

— Povero amico!

O rubor de despeito e de cólera tingiu as faces de Carlos.

— Repito. Que eu respeito. Julgo que me darão licença para falar sério alguma vez.

— Ah! Decerto. Mas, sempre que isso acontecer, eu não me hei de poder ter com riso.

— Tu a falares sério!

— Então de facto estás apaixonado? Pois conta-nos isso. Bem sabes que os amigos são para as ocasiões.

— Amicus certus...

— Canta a tua ária de confidência, que o coro te secundará.

— Quando não, procuraremos, descobriremos, e depois então seremos implacáveis, cruéis! Vê lá!

— Fatal dominó!

— Pois acreditas?

— É ele com certeza.

— Ó Carlos, acautela-te. Colheste a flor em mau terreno; apanhaste a pérola em água bem envolta, um baile de máscaras!

Carlos tentou obrigá-los ao silêncio pelo silêncio.

— Estou resolvido a não lhes dar explicações. Por isso quando quiserem deixar de ser inutilmente importunos.

Ainda por muito tempo não adotaram eles essa resolução. A assembleia manteve-se em ruidosa e desordenada discussão por mais de meia hora. Carlos fingia ler.

Enfim, viu-os sair e respirou como se livre de um peso que lhe comprimisse o peito.

— Adeus, Carlos, muchas venturas! — dizia um.

— Faço votos pela tua felicidade — secundava outro.

— Adeus, adeus.

Um cantava:

Ai quem me dera em Sevilha,

Onde a travessa espanhola

Sob a elegante mantilha

As negras tranças enrola.

E a alegre companhia abandonou tumultuariamente o quarto.

CAPÍTULO XXX

PESO QUE PODE TER UMA LEVIANDADE

Com a saída dos amigos, não se dissipou imediatamente em Carlos a má impressão que lhe deixara aquela visita.

Não sei que haja alguém tão indiferente e sobranceiro à opinião alheia que possa ouvir, sem se comover e revoltar, o nome só que seja de qualquer pessoa estimada, pronunciado menos reverentemente por lábios estranhos e de mistura com as frases e palavras de uma conversa leviana.

Um delicado pudor de coração sobressalta-se, quando assim exposto a olhares profanos o ídolo do seu mais puro e secreto culto.

Desgostoso com os outros, não estava Carlos mais satisfeito consigo. Soltara inconsideradamente da mão a carta escrita a Cecília, e só agora refletia na pouca delicadeza com que o fizera, e na inconveniente escolha de emissário. Um outro

motivo de inquietação o perturbava ainda. No momento de expedir o criado com a mensagem, esquecera-lhe que, sendo dia santo, Manuel Quintino estaria provavelmente em casa; e como poderia Cecília ocultar-lhe o conteúdo da carta, ainda quando lhe dissesse que era de Jenny?

Todas estas considerações foram, a pouco e pouco, levando Carlos a um desses estados de impaciência e de agitação de espírito, inconciliáveis com o repouso do corpo, o qual provocam a ação, ao movimento.

As indefinidas aspirações que, em tais estados, sentimos, sendo superiores aos meios de que dispomos para satisfazê-las, acumulam em nós excessos de energia, que se revelam por uma atividade sem plano, sem fim, à qual cedemos como a necessidade orgânica, não tentando, nem conseguindo regulá-la ou conduzi-la.

Por isso, como se no limitado espaço do quarto abafasse, Carlos levantou-se para sair.

Transpunha já a porta que abria do quarto para o jardim, quando o estalar da areia sob o piso leve de alguém que caminhava na rua próxima lhe fez desviar a cabeça.

Por pouco lhe escapava dos lábios uma exclamação de prazer.

Era Cecília.

Esta inesperada aparição vinha tão completamente realizar os secretos e vagos desejos que o estavam agitando; parecia tanto ser o misterioso efeito das evocações do próprio coração, que — ilusões só concebidas por quem já assim as sentiu alguma vez — Carlos quase acreditou ser verdadeiro milagre de amor a presença de Cecília, ali, naquele momento. E tanto se convenceu disso, que nem tentou dissimular o que estava sentindo.

Viu-a e persuadiu-se de que viera ao apelo que ele lhe dirigira, de que a leitura da carta bastara para a determinar, de que, cheia de confiança, vinha para dizer-lhe que aceitava a homenagem do amor que ele lhe oferecia, e o pagava com o seu.

Dominado por este pensamento, do qual rirá somente o leitor que tenha já passado os quarenta anos, Carlos estendeu a mão trémula para a pobre rapariga que, mais trémula ainda, o fitava, e murmurou:

— Oh! Obrigado, Cecília; obrigado por ter vindo!

Cecília olhava-o admirada; não compreendia ou receava compreender demasiado o sentido daquelas palavras.

— Agora ouça-me, ouça-me por piedade, Cecília; quero dizer-lhe tudo o que em mim se tem passado desde que pela primeira vez a encontrei; ouça.

E naturalmente Carlos conservava entre as suas a mão de Cecília, e esta, como surpreendida ainda pela súbita cena que estava bem longe de esperar, parecia haver perdido a consciência do que se passava, e nem tentava retirar-se.

Carlos prosseguiu:

— Cecília, se veio, foi porque acreditou que havia sinceridade nas palavras que eu lhe disse, não é verdade? Não é verdade que não suspeitará nunca mais que seja um simples galanteio indigno de si o que me leva a repetir-lhe uma, e mil vezes, que a amo?

Estas palavras restituíram a Cecília a consciência que perdera quase. O sangue abandonou-lhe subitamente as faces, para cedo afluir com mais violência a elas; saiu-lhe

dos lábios um grito que mal pôde reprimir, e tentou retirar a mão, que Carlos continuava a segurar nas suas.

— Sr. Carlos! — disse ela, com a voz agitada de sobressalto e confusão.

— Não se retire assim, Cecília. Nada receie. Amo-a muito, mas respeito-a tanto, quanto a amo; e mais depressa.

Não pôde continuar; um rumor de passos e de vozes, que se ouviu na rua, e já próximo ao portão do jardim, fê-lo estremecer.

Teve um pressentimento; obedecendo-lhe, atraiu rapidamente Cecília para dentro do quarto, em cujo limiar se passara esta curta cena, e fechou sobre si a porta com precipitação.

Cecília olhava-o assustada.

Ia a bradar, quando Carlos lhe pôs a mão na boca, dizendo:

— Silêncio por piedade!

Foi prudente. O jardim era já de novo invadido por a mesma turba de estouvados que, momentos antes,

abandonara o campo. Chegaram ainda a tempo de verem fechar a porta do quarto e saudaram a descoberta com gargalhadas.

Passados momentos, escutavam-se-lhes as vozes de fora.

— Abre a porta, abre a porta; agora é inútil a dissimulação, Carlos. Seguimo-la, tivemos um pressentimento; vimo-la entrar. Há de ser ela. Não o negues. Abre!

Cecília, ao escutar estas palavras, sentia-se desfalecer.

— Oh! meu Deus! — exclamou, erguendo assustada as mãos para o céu.

Carlos parecia fulminado.

— Então, Carlos, então? Abre, que maneiras novas são essas? Tu não eras assim.

— Isso fica-te mal.

— Só queremos vê-la e retiramo-nos.

— Vê-la e apresentar-lhe os nossos respeitos.

— Então, então?

Carlos teve um momento de desespero. Sem bem atender no que fazia, sem calcular consequências, deu um passo em direção da porta, com o olhar inflamado e os lábios trémulos de cólera.

Impediu-lhe porém a passagem Cecília, que quase lhe caiu de joelhos aos pés.

— Quer-me perder, Sr. Carlos?! — dizia ela, com a voz tomada de aflição. — Quer-me perder?!

Carlos parou, e, tentando erguê-la, disse, não menos comovido:

— Cecília; juro-lhe pelo que há de mais sagrado que.

Neste momento uma das vozes dizia:

— Então, avarento, não nos queres mostrar essa tua Cecília?.

Estas palavras fizeram estremecer a filha de Manuel Quintino.

Ao ouvir assim o seu nome pronunciado, e daquela maneira, por lábios estranhos, ergueu-se com um movimento enérgico, cheio de orgulho e de dignidade

revoltada, e, cobrindo-se-lhe as faces do rubor da indignação, disse, voltando para Carlos o olhar cheio de amargura:

— Em que lhe tinha merecido eu isto, senhor?

— Cecília!. — balbuciou Carlos, empalidecendo.

Foi ela a que desta vez, afastando-o com soberana altivez, caminhou para a porta em passo firme e seguro.

Carlos colocou-se diante dela.

— Que vai fazer? — exclamou com voz suplicante.

— Deixe-me! Menos de recear para mim é, ali fora, a presença dessa gente do que aqui a sua proteção generosa.

Esta última palavra saiu-lhe dos lábios quase expressiva de desprezo.

— Cecília, pois julga?.

— Ali pode haver crueldade, que nem as minhas lágrimas comovam; mas aqui. há pior. há a infâmia. que me feriu no coração.

E o tom comovido, com que disse isto, mostrava começar a dissipar-se já a energia de que se inspirara ao princípio.

À palavra «infâmia» Carlos deixou também o irresoluto embaraço que o enleara até então; tomando as mãos de Cecília e olhando-a em face, disse-lhe, tendo na voz toda a eloquência da sinceridade:

— Cecília, não há tempo agora para me justificar. Mas aceite-me um juramento. Pela memória da minha mãe, pela vida do meu pai, pela felicidade da minha irmã lhe juro que não mereço essas suspeitas.

Um hipócrita poderia pronunciar este mesmo juramento, mas não com o tom de persuasão e de verdade que a voz de Carlos possuía naquele instante.

Não se mente assim.

Cecília acreditou-o; todas as suspeitas que, por momentos, lhe tinham assombrado o espírito se desvaneceram.

Extinta a indignação, com a força fictícia que emprestara àquela natureza feminina, readquiriu o império perdido à brandura própria do sexo, que com razão nela confia, como na mais irresistível arma.

Assomaram-lhe por isso, e abundantes, as lágrimas aos olhos, e, cortada de soluços, só pôde murmurar, apertando convulsivamente a mão de Carlos:

— Salve-me! Salve-me então, Sr. Carlos, que estou perdida!

O ruído que, durante esta rápida cena, mais rápida a passar-se do que a descrever-se, não havia cessado, redobrava agora de veemência.

Carlos só achou um meio para sair daquela situação. Correu à sala da biblioteca, e abriu. Cecília fugiu para ela e quase instintivamente fechou a porta atrás de si.

O expediente era arriscado ainda, porque os criados podiam ver aparecer Cecília daquela parte da casa, o que não menos a comprometeria. Não ocorreu outro porém à lembrança de Carlos.

Depois de procurar por alguns instantes desvanecer todos os vestígios da agitação que a cena descrita lhe causara, foi abrir finalmente a porta aos seus importunos amigos.

— Então tomaram-me hoje para vítima de motejos, meus senhores?

— Deixa-te de ares de tirano de comédia, que te não vão bem. Vamos a saber que é dela?

— Quem?

— Ora, quem! A rapariga!

— Continuam as zombarias?

— Homem, não o negues. Encontrámo-la ali acima, à esquina. Não sei qual foi de nós que teve um diabólico pressentimento. Seguimo-la de longe. Vimo-la hesitar, ao chegar ao portão. Sintoma infalível! Afinal entrou. Corremos. Ainda assistimos ao fechar da porta. e agora esta demora pouco delicada. a tua má vontade. Demais a alguns pareceu ouvir rumor de vozes aqui dentro. Ora vamos; confessa.

— Não te faças piegas; que sentimentalismos são esses?

— Tu que nestas coisas foste sempre dos mais exigentes; que sempre pugnaste por os direitos de boa camaradagem!.

— Eu que o diga. Lembras-te, daquela vez na Carriça?

— E em Leça comigo? Cheguei a desesperar com as exigentes curiosidades deste senhor.

— Vê lá se preferes que a procuremos.

— Querem obrigar-me a ser incivil, mandando-os sair?

— Incivil estás tu sendo já.

— E tu a fazeres drama, Carlos! Desconheço-te.

— Está decidido — disse o louro adamado — o homem reage. O remédio é fácil. Procuremo-la. Ele por certo que a não confiou à família para guardar. Deve estar escondida aqui.

— Batamos a mata. A gazela há de aparecer.

E num instante principiou desordenada pesquisa em todo o aposento. Não houve móvel nem esconderijo que não fosse revistado.

— E na biblioteca? — disse por fim uma voz.

— É verdade! Na biblioteca! — repetiram os outros.

E todos caminharam para lá.

Carlos tremeu por Cecília.

— Proíbo-lhes que abram essa porta! — exclamou, com voz perturbada.

— Bravo! Acertámos! Ouvem-no?

— Ah! diavolo! Está fechada por dentro.

Carlos respirou.

— É a primeira vez que me lembra achá-la assim. Mistério! Deixa ver se pela fechadura.

— Carlos, abre ou manda abrir esta porta.

— Escutem. Há rumor lá dentro.

— Deixa ouvir.

— É ela.

O que espreitava continuou:

— Parece-me que vi agora o vestido de uma mulher.

— Ah!

— Foi ler Paulo e Virgínia. Conselho de Carlos, que está dado a leituras brandas.

— Ah! ah! ah!

— Psiu! Calai-vos.

Carlos levantou-se desesperado.

— É de mais! Exijo-lhes que saiam daqui.

— E eu exijo silêncio. Alguém se aproxima. É ela! Incessu patuit dea... É mais razoável do que tu; veio às boas.

Carlos lembrou-se da anterior tentativa de Cecília e receou que se renovasse.

Agora já ele não podia impedir os passos. Perdeu com esta ideia toda a força moral; sentiu-se desalentado.

A chave girou na fechadura.

— Desbarretem-se, meus senhores. Ei-la enfim! — disse um dos do rancho.

Carlos fechou os olhos, como se na presença de perigo iminente; a mão apertava-se-lhe convulsivamente sobre a caixa de revólveres que tinha perto de si.

Em vez, porém, do tumulto que esperava ouvir, e que Deus sabe a que excesso o arrastaria, seguiu-se tão profundo silêncio, que o obrigou a erguer a cabeça surpreendido.

Todos os rapazes, havia pouco ainda tão turbulentos, recuavam agora calados e descobertos e como procurando ocultar-se uns com os outros.

No limiar da porta que se abrira, aparecia a figura cândida e serena de Jenny, com o braço passado pela cinta de Cecília, a cuja cabeça, suavemente animada por um sorriso de melancolia, sustentado a custo, servia o seu ombro de apoio.

Jenny conservou-se por algum tempo assim, olhando-os com gesto composto e admirado, que parecia subjugá-los.

Havia nesta cena um quadro que impressionava.

As feições angélicas da irmã de Carlos revelavam tanta doçura e tanta nobreza ao mesmo tempo, e as de Cecília tanta melancolia e também tanta confiança na amiga a que se amparava, que os mais levianos do bando curvaram respeitosamente a cabeça diante daquelas duas mulheres.

Só um olhar como o de Carlos, exercitado no estudo do rosto da irmã, podia notar-lhe nos lábios um leve tremor, a denunciar que àquela aparente placidez não correspondia uma completa serenidade de coração.

Era contudo afável e segura a voz com que ela se dirigiu aos amigos de Carlos.

— Peço desculpa de os ter feito esperar. Julgámos que o meu irmão tinha já saído e viemos ambas procurar um livro.

E depois, mostrando-lhes Cecília:

— É minha amiga. ou mais do que amiga. é quase minha irmã. — E acrescentou, sorrindo para ela: — Cedo o será, não é verdade?

Cecília estremeceu e voltou para Jenny o olhar admirado. Ia talvez a falar.

Jenny reprimiu-a, apertando-lhe ocultamente a mão; e prosseguiu, sorrindo:

— Perdoe-me a indiscrição, Cecília; talvez até nem indiscrição fosse já porque. estes senhores são. os amigos do meu irmão Carlos.

E estas palavras soube dizê-las Jenny com delicada flexão de ironia na voz, que aumentou o embaraço dos que a escutavam.

Curvando-se ligeiramente para eles, Jenny saiu da sala com Cecília.

Carlos não ousou erguer os olhos para a irmã.

Vendo-a sair, voltou-se para os seus antigos companheiros, que principiavam a formular desculpas, e disse-lhes com provocadora frieza:

— Espero que estará satisfeita a sua curiosidade. Ordenam mais alguma coisa?

— Desculpa, Carlos; nós julgámos.

— Tu bem vês que não sabíamos.

— Ó menino, acredita que.

— Palavra, que pensei que era a do dominó.

— Também eu.

— Espero que não leves a mal.

— Aquilo era brincadeira.

— Adeus, Carlos; aparece. Faz-te visível.

— Mil perdões e… e parabéns.

E deixaram o quarto.

Na rua diziam:

— E esta!

— Carlos casar-se!

— Requiescat in pace!

— Ámen.

A porta a fechar-se sobre o último, e Carlos a correr à biblioteca para ajoelhar aos pés da irmã.

— Jenny! Jenny! O amor que eu te tinha é pouco para o que te devo. É preciso adorar-te, minha irmã.

Jenny ergueu-o e, olhando-o com expressão triste e meiga, disse:

— Deixa esse excesso de afeição para alguém, que já agora tem mais direito a ela do que eu.

E apontou para Cecília que, chorando, escondia o rosto no seio da amiga.

Carlos dirigiu-se a ela comovido:

— Cecília, Cecília, quererá perdoar-me?

Cecília estendeu-lhe a mão, sem responder, nem levantar o rosto.

Carlos curvou-se para beijá-la.

Uma lágrima assomou aos olhos de Jenny.

Erguendo-os ao céu, murmurou, dirigindo-se talvez à imagem da mãe, presente à sua imaginação:

— Obrigada! Obrigada!

Que lhe agradeceria Jenny? A inspiração que dela lhe viera, decerto.

CAPÍTULO XXXI

O QUE SE PASSAVA EM CASA DE MANUEL QUINTINO

Voltando ao princípio da manhã deste dia, vejamos o que se passara em casa de Manuel Quintino, que assim é indispensável à inteligência dos ulteriores sucessos que temos de narrar.

Ao acordar naquela manhã, Cecília não tinha ainda resolvido aceitar o convite de Jenny. Prolongara-se até então a luta de resoluções, entre as quais vacilava.

Era dia santo, como já dissemos. Manuel Quintino não tivera portanto de sair cedo para o escritório. Depois de proceder a uma toilette mais escrupulosa do que a dos dias de trabalho, envolveu-se no clássico capote de cabeção, traste rico em memórias da vida passada, e desceu ao quintal, a fazer horas para a missa. Aí, passeando por baixo das ramadas, que de todos os lados orlavam, e que já naquela época do ano se revestiam de folhas viçosas,

aproveitava Manuel Quintino os raios de um desanuviado sol de Primavera, cedendo pouca atenção às flores dos alegretes laterais, e ao gorjeio dos pássaros, que por sobre a cabeça lhe andavam festejando a manhã.

O pensamento de Manuel Quintino vagueava longe dali.

Efetivamente todo o sombrio cortejo de ideias tristes, que a melancolia de Cecília, havia pouco tempo, lhe suscitara, voltava a assenhorear-se de novo dele, e com a passada persistência.

— Também esta vida que ela passa é de tão poucas distrações! A falar a verdade! Aos dezoito anos! Sim. É preciso espairecer. Em vez de estar aqui a perder tempo, o que eu devo é ir por aí fora com ela.

Pensando assim, foi caminhando para casa.

— Cecília — disse, ao encontrar a filha —, a manhã está tão bonita! Vamos nós por aí fora?

— Aonde?

— Por aí. Damos uma volta, antes da missa. Nós que fazemos aqui metidos?

Cecília, julgando satisfazer os desejos do pai, condescendeu.

Meia hora depois saíram ambos. Cecília pensava ainda se se resolveria a assistir à festa do aniversário de Jenny.

Poucas palavras se trocaram entre o pai e a filha, durante todo o passeio. Vieram terminá-lo a Cedofeita, aonde assistiram à missa.

À saída do cemitério, que, segundo o costume, foram depois visitar, Cecília pareceu pela primeira vez sair da hesitação em que desde a véspera estava, e disse, parando à entrada da rua, que a devia conduzir pelo mais curto caminho a casa de Mr. Richard Whitestone:

— Não sei o que faça. Jenny pediu-me para ir passar hoje o dia com ela.

— Hoje!

— Sim, escreveu-me para mo pedir.

— Como quiseres, filha. Ainda que hoje é dia santo e eu.

Manuel Quintino ia a exprimir a pena que lhe causava o prescindir naquele dia da companhia da filha, mas calou-se,

receando com isso constrangê-la. Cecília compreendeu-o, porém.

— Eu sei, pai, eu sei que não gosta de se ver só nestes dias que passa em casa — e bem poucos são! Mas olhe, há também certas companhias que mais nos entristecem do que ainda a mesma solidão; e a minha hoje não podia alegrá-lo muito.

— Que dizes, Cecília? Que lembrança!

— Acredite-me.

— E porquê?

— Porque me sinto triste, e não poderia, por mais que fizesse, constranger-me.

Manuel Quintino comoveu-se a ponto de lhe apontarem lágrimas aos olhos.

— Eu já tinha notado essa tristeza, Cecília, já. Não ma descobres tu, que há muito ela me dá preocupações. — Mas, já que me falaste nela, diz-me a razão: o que te aflige, o que é que tens? Não te sentes boa?

— Não me pergunte nada, meu pai; que não lhe posso. que não lhe sei responder.

Manuel Quintino ficou por algum tempo com os olhos na filha, que desviava os seus, e não pôde soltar palavra.

— Pois então vai — disse por fim Manuel Quintino —, vai. A menina Jenny é boa e estou que te saberá consolar melhor do que eu. Vai! Não serei eu que te afaste da companhia daquele anjo.

Cecília beijou a mão do pai que, ao separar-se dela, lhe viu lágrimas nos olhos.

À entrada da rua, por onde Cecília seguiu, permaneceu Manuel Quintino até a perder de vista.

— Aquelas lágrimas! Aquelas lágrimas! — murmurava ele, de mal consigo mesmo por não as saber explicar. — E eu que a não posso ver assim sem me dar vontade de chorar também! É forte coisa!

E continuou, com a cabeça baixa, a caminhar para casa.

Manuel Quintino, de distraído que ia, não cortejou a vizinhança, acto de polidez a que raras vezes faltava; e por

pouco não ia passando além da porta de casa sem a conhecer.

Antónia, ao vê-lo entrar só, perguntou admirada:

— Então a menina?

— A menina não janta em casa.

— Ora essa! E não me disseram nada!

— Ela resolveu agora mesmo.

— Sempre fazem coisas! E aonde foi ela jantar?

— A casa de Jenny.

— De quem?!

— De Jenny, do Sr. Whitestone.

— Que me diz!

— Sim; a casa do Sr. Richard Whitestone.

— Está bom, está! Bem digo eu!

— Então que é que tem?

— Nada; não tem nada. Visto isso, quer que tire o jantar?

— Sim, tire.

Manuel Quintino jantou pouco. Jantar a que não assistisse Cecília, não era jantar que lhe prestasse.

— Então o senhor não come? — dizia-lhe, a cada passo, Antónia.

— Não tenho vontade.

— Boa te vai!

Manuel Quintino levantou-se da mesa e foi sentar-se à janela.

Antónia, depois de sacudir a toalha, tossiu como quem tinha alguma coisa a dizer.

Manuel Quintino não deu por isso.

Antónia resolveu-se a tomar a iniciativa.

— Ora agora que já jantou, sempre lhe quero dizer uma coisa, Sr. Manuel.

— Diga lá.

— Ainda que, a falar a verdade, eu não devia talvez.

— Pois então não diga.

— Mas, por outro lado, é também da minha obrigação.

— Pois então diga.

Antónia percebeu a grande indiferença de ânimo em que estava o patrão, e sentiu vontade de instigá-lo um pouco.

— Ora diga-me, Sr. Manuel Quintino, o senhor é cego?

— Julgo que não.

— Pois olhe que o parece. Então não tem conhecido mudança de génio cá na menina?

A pergunta alterou de facto o tom das respostas do velho guarda-livros; foi já voltado para a criada e com vivacidade, que respondeu:

— Tenho, sim, porquê? Você também?.

— Pois pudera! Aquilo são lá os modos dela?

— Não são, Antónia, isso não são.

— Nem para lá caminham.

— E você não sabe o que aquilo será? Ela não se lhe tem queixado de algum mal, de alguma doença?.

— Doença? Ora adeus! Que eu saiba não. Ele há muitas doenças.

— Isso sei eu.

— Pois sim, mas. algumas, em que não pensa é que. Doença do coração.

— Do coração! — exclamou Manuel Quintino, fazendo-se pálido.

— Pois Cecília queixou-se do coração? Que diz, mulher?

— Adeus, que me não entende! Quero eu dizer. Olhe. afinal as coisas são assim! A menina tem dezoito anos.

— Olhem que novidade! Isso sei eu; mas queixou-se?.

— Então se sabe, se sabe, Sr. Manuel Quintino, e se se não lembra de mais nada, não sei que lhe faça.

Uma ideia surgiu pela primeira vez ao espírito de Manuel Quintino, e força é confessar que não veio muito cedo.

— Pois será?. — Voltando-se para a criada, acrescentou com modo grave: — Antónia, você diga o que sabe. Bem vê que preciso de olhar por isso. Fale, mulher.

— Pois nesse caso., Sr. Manuel Quintino — disse a criada, como se, somente convencida destas razões, se resolvesse a falar —, eu não quero encargos de consciência, e, para seu governo, sempre lhe digo que deve vigiar por este negócio.

— Que negócio? porque negócio hei de eu vigiar? Eu não a entendo.

— Pois não tem visto deveras o que por aí vai?

— Eu não; você bem sabe que eu fecho a casa com as costas e por isso.

— Então aquelas visitas do filho do inglês.

— Adeus, adeus! Pensei que era outra coisa! — redarguiu Manuel Quintino, encolhendo os ombros. — Aí vem você também. Pobre rapaz! Lá por ter suas verduras, já não pode entrar num a casa que não digam logo. Que mundo este!.

— Ai, e julga que não é assim? Então está bom. Pois ande lá, ande.

— Mas na verdade você imaginou? Ó mulher, não viu como foi e porque foi que aquele pobre rapaz veio aqui a primeira vez?

— Eu, não, senhor. Pois olhe que tenho pensado bem nisso.

— Pois não se lembra daquela tarde em que eu tardei e que Cecília.

— Se me faz favor, não foi essa a primeira vez.

— Foi, sim.

— Não foi, não, senhor.

— Ó mulher! Que demónio de cabeça a sua! Pois, na verdade, não se lembra?.

— Eu só me lembro de que, muito tempo antes desse dia, veio aqui uma tarde aquele senhor; perguntou pela menina, disse que lhe queria falar; eu mandei-o para a sala; a menina foi ter com ele; ao vê-lo fez-se vermelha, como uma romã, e mandou-me sair; e eu ouvi-os estar a conversar perto de meia hora.

— Você está doida, mulher?

— Não estou, não, senhor.

— Quando foi isso?

— Logo depois do Entrudo. Lembra-me bem de que foi três ou quatro dias depois daquele em que deixou ir a menina com as do Matos; coisa que eu, no seu lugar, não fazia, mas.

— Mas Cecília não me falou nunca nessa visita!

— Isso sei eu.

— E você?.

— A menina recomendou-me que não lhe dissesse nada, porque era uma surpresa que lhe queriam fazer. Mas, por mais que eu lhe perguntasse o que era, nada de novo.

Manuel Quintino principiava a sentir-se inquieto. Contudo a confiança que depositava em Cecília era tal que, não obstante conhecer o carácter leviano de Carlos, hesitava ainda em supor mal do que, pela primeira vez, ouvia.

— E depois voltou?

— Até o tal dia, em que o senhor adoeceu, não; mas quem o quisesse ver era chegar, aí a certas horas da

manhã, e ao cerrar a noite, à janela.

— Sim; eu lembro-me de que às vezes.

— Ali, a estanqueira é que me fez reparar.

— Mas isso lá.

— Pois não tem nada, bem sei; mas, quase sempre a menina, às mesmas horas, estava à janela.

— Cecília?!

— É verdade. E desse tempo é que vem aquela mudança nela.

Manuel Quintino passou a mão pela testa, como para arredar de si uma ideia aflitiva.

— Depois então — continuou Antónia — veio o pé da sua doença e dos negócios do escritório, e aí o tivemos metido em casa. Então julga o Sr. Manuel Quintino deveras que ele teria paciência para assim aturar tanto tempo, se.

— Cale-se, mulher! — exclamou Manuel Quintino, com voz alterada. — Carlos é generoso. Para servir um amigo, não hesita em sacrifícios.

— Será; mas olhe que não fui eu só que desconfiei.

— Era preciso ser muito infame para abusar assim da confiança de um homem velho, honrado e doente. Não; nem Carlos nem Cecília entrariam nessa indigna combinação!.

— Eu não digo que fosse combinação de ambos; tanto não digo eu; mas, enfim. além de mim, houve quem pensasse.

— Isso sei eu; e cá recebi o golpe. A carta anónima não deixou de me chegar às mãos.

Mostrei-a a Carlos; e saiba então que foi ele, ele próprio, que resolveu não voltar cá mais.

— Ai, sim? Pois essa não sabia eu! Agora é que vejo de que casta ele é. Então quer que lhe diga? Depois que ele deixou de cá vir, uma noite ouvi correr o fecho da porta do quintal. Era noite de luar; ainda estava a pé e espreitei à janela. A menina descia as escadas do pátio.

Manuel Quintino olhava para a criada com gesto desfigurado e a respiração quase suspensa.

— E depois?

— Deu-me uma pancada no coração e fui, pé ante pé, pelas escadas abaixo. Cheguei ao quintal. A menina estava à janela de grades e falava para a rua com alguém. Com medo de ser vista, não pude chegar-me perto e não ouvi o que diziam. Fui dar a volta, pelo lado dos limoeiros, donde podia ouvir melhor, mas, quando cheguei, ia a menina embora. Fui à janela, e lá o vi a ele.

— Mente, mulher! Você tem estado a mentir desalmadamente!

— Ora essa, Sr. Manuel Quintino! Assim Deus salve a minha alma! Isto era lá coisa que eu dissesse, se não fosse verdade?!

Manuel Quintino levantou-se e pôs-se a passear no quarto, com agitação.

— Pois será possível, meu Deus, que assim possa haver maldade no coração de um homem? Carlos! Carlos, a quem eu estimava como filho, a quem eu sempre defendia, quando o acusavam de estouvado! Carlos, que se dizia meu amigo! Que parecia incapaz de uma ação infame!

— Por esse mesmo tempo andava ele de carro com as comediantes.

— Se tudo isto é verdade. então. Oh! Mas Cecília também. Cecília! Ela dissimular, fingir. enganar-me! Ela!.

E o pobre velho quase se sufocava a chorar.

— Custa-me estar a afligi-lo assim, Sr. Manuel Quintino; mas então? que se lhe há de fazer? — continuava Antónia. — Quando há pouco me disse que a menina tinha ido jantar a casa do inglês. veja lá, sabendo eu o que sabia. veja como devia ficar.

— Jenny foi quem a chamou; junto daquela nada receio por Cecília. De todos posso vir a duvidar — quem sabe o que terei ainda de aprender? — mas de Jenny, dessa!.

— E seria de facto a Sra. Jenny quem mandou chamar a menina?

Manuel Quintino fitou a criada com olhar fulgurante de indignação.

— Que danada tenção tem você hoje de me inquietar, mulher? Que maldita suspeita é essa, língua de víbora? Não

vê que pode matar-me com essas palavras envenenadas, não vê, demónio?

— Deus me perdoe, Sr. Manuel Quintino, que não faço isto por mal. Mas sabe o amor que tenho à família, e não queria que alguma desgraça acontecesse.

— Cale-se, mulher, cale-se! Eu sei que são boas as suas intenções; mas Cecília disse-me que Jenny fora quem a convidara.

— Pois eu não digo que não. Eu sei até que a menina ontem recebeu uma carta de mando da Sra. Jenny; ela não me disse o que ela continha, nem eu lho perguntei. Mas, esta manhã, logo depois que saíram, veio aí um criado de lá com outra carta; não era o mesmo, mas sim um que eu vi, no dia do passeio com a comediante, e que, pelos modos, é criado só do rapaz. — De quem vem essa carta? — perguntei-lhe eu. — «Vem — disse o brejeiro, com modos avelhacados e sorrindo — vem de miss Jenny.» Mas, eu não sei. a carta é tão diferente das que.

— E essa carta? — perguntou Manuel Quintino, fora de si.

— Essa carta está lá dentro.

— E Cecília?.

— Esta não a leu ela, porque veio depois que saíram.

— Vá buscar-ma.

— Mas talvez seja da filha, talvez; eu.

— Vá buscar-ma — exclamou Manuel Quintino, elevando mais a voz.

Em poucos momentos foi executada a ordem.

Manuel Quintino passeava, levava as mãos à cabeça, fechava os olhos, aspirava em ânsia, parecia louco.

Antónia trouxe a carta. Manuel Quintino lançou os olhos para o sobrescrito e estremeceu.

Reconhecera o talhe da letra de Carlos!

Deixou-se cair com desalento na cadeira que tinha próxima.

— Ó meu Deus! Estarei destinado a este infortúnio?. — murmurava ele, com a cabeça escondida entre as mãos, através das quais passavam as lágrimas.

Depois, com um movimento de raiva, tentou abrir a carta que conservava ainda nas mãos; mas suspendeu-se por um melindroso sentimento de delicadeza, que não conseguiu vencer.

— Não, não abrirei! Não há infâmia que desculpe uma vileza.

Antónia, que prometera farto alimento à curiosidade, suspirou de despeito.

— Então não lê?

— Não — respondeu secamente Manuel Quintino, que principiou de novo a passear pela sala a passos largos. Depois, tomando uma súbita resolução, parou e disse, erguendo a cabeça: — Antónia, o meu chapéu e o meu casaco.

Antónia abriu para ele os olhos espantados.

— Credo! Que vai fazer, senhor?

— O meu chapéu e o meu casaco!

— Sr. Manuel Quintino! Onde é que quer ir? O senhor não está em si!

— Não ouviu, mulher?! O meu chapéu e o meu casaco!

Havia na voz do pai de Cecília uma entonação especial, que, sendo nova para a Sra. Antónia, não pôde a experiência dela dizer-lhe de que seria presságio, e por isso prudentemente resolveu obedecer, sem mais comentários.

Dentro em pouco, voltou com os objetos pedidos, dizendo apenas, como a medo:

— Mas, aonde vai, senhor?

— Saber a verdade — respondeu Manuel Quintino; e, sem ulterior explicação, desceu apressado as escadas.

Antónia parecia paralisada de espanto.

— Some-te! — dizia ela. — O homem vai varrido! Ora queira Deus! Queira Deus que ele não vá para aí fazer alguma! Nossa Senhora nos livre de tentações do Demónio e dos maus inimigos da alma.

A Sra. Antónia professava um ódio, desenganadamente cordial, contra os tais inimigos que mencionou.

CAPÍTULO XXXII

OS CONVIVAS DE MR. RICHARD

Na mesma manhã em que se realizaram os acontecimentos narrados nos últimos capítulos, Mr. Whitestone, depois de muito lidar no jardim e na estufa, transplantando, mondando, alporcando, semeando, regando as várias plantas da sua coleção, com não pequeno detrimento de muitas, recolhera-se enfim ao gabinete, e por curiosidade abrira o volume da Vida e Opiniões de Tristram Shandy, mina inesgotável de prazer e de instrução para o bem-disposto gentleman. De cada vez que o lia — e raro era o período de vinte e quatro horas que passava sem o fazer — descobria no livro coisas novas, sérias, jocosas, filosóficas, de profundeza especulativa, de utilidade prática, tudo enfim. Mr. Richard mostrava-se intimamente convencido da opinião expressa por o próprio Sterne, a respeito desta obra singular e de difícil classificação: «O verdadeiro Shandeísmo dilata os pulmões e o coração», diz ele algures,

«e, à maneira de todas as afeções que participam desta propriedade, faz com que o sangue e os outros guias vitais do corpo corram livremente nos seus canais e que gire livre e desimpedida a roda da vida.»

Ora efetivamente meia hora de leitura de uma página humorística de Sterne era em Mr. Richard remédio eficaz contra melancolias e contrariedades na vida.

Abrira Mr. Richard o livro ao acaso e lia agora a página em que se diz como o pai de Tristram, ao saber da morte de um dos filhos, encontrara lenitivo em lhe ser este acontecimento pretexto para considerações filosóficas a respeito da morte. — «Um bem que encadeasse a língua do meu pai», diz Tristram, «e um infortúnio que a soltasse, eram quase iguais para ele, e às vezes era o infortúnio o mais apreciado dos dois.»

Estas palavras deram que pensar a Mr. Richard; ele imitava estes apreciadores de vinho que conservam muito tempo no paladar cada gole que sorvem, e olham com indignação para os grosseiros bebedores que despejam de um trago tão preciosa bebida.

— E é assim — refletia ele, pousando o livro e saboreando a consideração que lera —; ou mais ou menos sucede o mesmo com toda a gente. Se fosse possível fazer correr o mundo tanto à vontade dos que dele murmuram constantemente que se lhes tirasse todo o pretexto de murmurar, causar-se-lhes-ia não pequena mortificação.

Estes pensamentos foram interrompidos por um criado, que entrou para anunciar:

— Mr. Morlays.

— Verbi gratia — disse para si Mr. Richard, depois de ter dado ordem de mandar entrar o anunciado.

Efetivamente o inglês, que chegava, era um destes pessimistas, para quem o universo inteiro se apresenta tingido das mais escuras cores; era uma vítima, ao mesmo tempo lastimável e insuportável, do mau humor, que o douto Feuchtersleben chama — prosa vulgar da vida, irmão do tédio e da preguiça e envenenador que lentamente traz consigo a morte.

Mr. Whitestone, homem laborioso e contente do mundo, estava em constante oposição ao seu compatriota e amigo,

que era destes que têm feito adquirir aos nevoeiros de Londres a imerecida fama de fomentadores do spleen — fama contra a qual principiam, com muito critério, a protestar os homens pensadores, descobrindo antes na ociosidade, favorecida por as fabulosas riquezas de alguns lords, a causa daquele mal de suicidas.

O aspeto de Mr. Morlays denunciá-lo-ia à medicina antiga como uma vítima desse misterioso humor negro — que ela chamou atrabilis. Era a variedade do inglês, que pode denominar-se escura; e a escuridade, que lhe estava no rosto, projetava-se-lhe também nas disposições morais.

O gabinete em que se reuniam os dois ingleses era um compêndio do quanto pode tornar o curso da vida fácil e suave; tudo ali respirava conforto; tudo favorecia aquele doce repousar de fadigas, melhor do que por ninguém saboreado pelos Her Majestys subjects residentes nos nossos climas meridionais.

Cadeiras de várias formas e mecanismos, nas quais se esmera o génio inventivo em multiplicar e variar as molas, em distribuir as articulações, em combinar os movimentos, em contornar os ângulos e saliências até acomodá-las, o

mais possível, a todas as posturas, por mais caprichosas e extravagantes que o instinto do repouso as pudesse sugerir; tapetes, onde os pés se profundavam como na relva dos campos; cortinas a temperarem a intensidade da luz, e finalmente o fogo, companheiro inseparável destas organizações do norte, ainda naquele mês quase de Estio, a crepitar e a lamber com a língua inflamada as grades do fogão. Mr. Whitestone pensava como S. Francisco de Sales, a quem atribuem a opinião de que o fogo é bom durante doze meses no ano.

Mr. Morlays encontrou em tudo isto motivos para observações de crítica atrabiliária.

— Maus hábitos, Mr. Richard, maus hábitos! Estes costumes elanguescedores são os que têm operado a visível degeneração da raça humana. As escrófulas.

— Misericórdia, Mr. Morlays! Que feia palavra para antes de jantar! — exclamou Mr. Richard, rindo.

— São os males da civilização. Depois do açúcar, o pior inimigo do nosso organismo é o fogão.

— Então o açúcar também?

— O açúcar! Eu tenho para mim que a mais lastimosa descoberta da indústria do homem foi a desse pó insidioso, que traiçoeiramente nos tem envenenado o corpo todo, misturando-se ao sangue.

— É célebre! Eu tinha ideia de que Mr. Morlays era até apaixonado pelo doce!

— E que prova isso? A nossa natureza é feita assim. Adquirido o hábito do mal, até o mal, até a dor lhe é indispensável.

Mr. Richard ficou algum tempo calado, como a meditar sobre a lei do hábito enunciada pelo seu amigo.

Depois, perguntou:

— Não haverá meia hora na vida durante a qual Mr. Morlays veja este mundo com bons olhos?

— O defeito não está nos meus olhos, creia; mas no que a eles se apresenta de contínuo. Este é o pior dos mundos, acredite.

— Tristram Shandy — disse Mr. Richard, sorrindo — lamenta também não ter nascido na Lua ou em outro

qualquer planeta, exceto Júpiter e Saturno, por causa de serem muito frios; por isso que, diz ele, em outro qualquer não lhe podiam ter corrido as coisas pior do que neste, o qual ele julga ter sido feito com os acréscimos e as aparas dos outros. Eh! eh! eh!. Mr. Morlays não hesitaria em dizer o mesmo; estou vendo.

— E porque havia de hesitar?

O criado, entrando outra vez, anunciou Mr. Brains.

— Oh! oh! — disse Mr. Richard — aí vem o antídoto contra a sua influência pessimista.

Este vê tudo azul-celeste! — notou Mr. Morlays, com sorriso de comiseração.

Ouviu-se no corredor uma voz cantando jovialmente:

God save Victoria!

Long live Victoria!

God save the Queen!

E Mr. Brains, inglês que reagia pertinazmente contra a sisuda etiqueta nacional, entrou com grande exibição de cumprimentos e de mesuras para a direita e para a

esquerda, simulando atravessar por entre filas de personagens, que o saudavam, e ia dizendo:

— Mylords! myladies! gentlemen! sem incómodo! sem incómodo! — e chegando perto de Mr. Richard: — Bons-dias, lord Whitestone, bons-dias; folgo muito de vos ver tão bem-disposto. Oh! nosso leal súbdito, lord Morlays! — como vai o diabo preto que vos acompanha para toda a parte?

— Não tão bem-disposto como o diabo cor-de-rosa de Mr. Brains.

— Nem por isso, nem por isso. Descuidou-se hoje, deixando-me varrer todas as ostras do mercado, sem me reservar nenhuma! Cheguei a acreditar que Mr. Morlays tinha razão; o mundo tem provações! Eh! eh!.

— Ria, ria. Eu confesso que me seria difícil imaginar outro mundo pior.

— Oh! Para isso basta suprimir as ostras da criação! Perde logo cinquenta por cento do valor que tem. Eh! eh! eh! Uma comida leve, que não compromete o estômago! Antes o predispõe a mais substancial refeição.

Não acompanharemos, através das diversas transições, o longo e substancioso diálogo mantido entre os três ingleses.

As questões mais graves que agitavam então as inteligências e pejavam de papéis os gabinetes diplomáticos da Europa, o destino das nações, a futura sorte dos povos, tudo, naquela manhã, foi tratado por eles e decidido em termos categóricos e com tanta consciência de infalibilidade, como só a dá e permite o foro de súbdito inglês, cujos privilégios, debaixo deste ponto de vista, parece não terem limites. Monarcas, generais, ministros, diplomatas, publicistas, todos passaram em comprida procissão aos olhos deste triunvirato, que os julgou e sentenciou com a impavidez e precisão próprias do espírito britânico.

A Guerra da Crimeia historiaram-na eles ao seu modo: com grande exaltação da Inglaterra, e acerba crítica da França, a cujo exército nada mais conheciam senão uma fanfarronice, às vezes feliz.

Escusado será dizer que tudo isto era condimentado com reflexões lúgubres de Mr. Morlays e com ditos joviais de

Mr. Brains. O primeiro, para deprimir a França, inventava exemplos de crueldade, e quase de canibalismo, cometidos pelo soldado francês; o segundo, com o mesmo patriótico fim, contava anedotas cómicas, nas quais se demonstrava o quixotismo dos aliados da velha Inglaterra. Mr. Whitestone aceitava tudo de boa vontade.

A ilação que dos seus arrazoados tirava Mr. Morlays era quase sempre esta:

— Este mundo é um covil de feras!

A de Mr. Brains formulava-se de ordinário assim:

— Este mundo é um grande teatro.

Pouco a pouco, ascendeu a conferência a mais sublimados assuntos. A questão política abriu campo à mais vasta questão social, onde os dois ingleses continuaram a conservar cada um a sua provada individualidade ao serviço da causa da pátria comum.

Mr. Brains, o otimista, abraçava-se com entranhado afeto às utopias. Neste momento, estendendo a vista através dos séculos futuros, estava percebendo ao longe a tão almejada unidade dos povos, realizada por uma só nação, por uma

legislação única, por uma língua comum; a supressão da palavra «guerra» desse vocabulário universal, em consequência de não ter objeto a que se aplicar; e depois a matéria, subjugada pela inteligência, obrigada a trabalhar, e o espírito, livre da atenção às impertinentes exigências da vida positiva, a entrar em especulações de ordem superior, em conceções metafísicas.

— Então é que se realizará o último fim do homem na terra! Que não viva eu, Mr. Whitestone, para saudar esse grande dia! Que não possa dizer, na língua universal de então, o meu «bom-dia» ao sol que romper!

Mr. Richard, sorrindo, com ares de quem não tinha fé muito ardente em tão dourado futuro, perguntou:

— E que língua será essa, Mr. Brains? Alguma das existentes hoje, que se generalizará; ou outra nova, que terá de se formar ainda?

— Quem o pode dizer, Mr. Richard? Isto é segredo do futuro. Mas não há dúvida que existem grandes plausibilidades a favor da inglesa.

— Ah! sim?

— Por certo. Primeiro que tudo, é a Inglaterra a primeira nação colonial. Em todas as cinco partes do mundo é já familiar o inglês. A jovem América, nos seus elementos mais vigorosos, nos que hão de vencer os outros, é de origem inglesa também. E depois, meu caro Mr. Richard, a França tem em si inoculado o princípio destruidor que há de sacrificá-la; a França é papista, o que vem a ser o mesmo que estar condenada à morte. Demais, o carácter filosófico da língua inglesa.

Não o seguiremos agora na dissertação filológica, cujo corolário foi que, com o andar dos séculos, toda a humanidade falaria inglês — lei que, se se realizasse, talvez concorresse a produzir grave desafinação na celebrada harmonia dos orbes, pelo lado da humanidade.

Mr. Morlays tomou a palavra para ir à mão ao compatriota.

Como era de prever, não tinham tanto de lisonjeiras as vistas de Mr. Morlays sobre os destinos sociais. A humanidade, principalmente a que não era inglesa, não devia, pensava ele, bater palmas ao futuro que se lhe antolhava.

Sempre que meditava nestas coisas, Mr. Morlays, em vez de sorrir a utopias, sonhava catástrofes. Foi por isso que ponderou em tom lúgubre:

— Não creio, Mr. Brains, não creio que seja possível realizar-se dessa maneira e por o sucessivo progresso dos povos essa nacionalidade universal. Segundo o que eu tenho lido, o mundo, em que pousamos os pés, é essencialmente sujeito a convulsões; encerra um núcleo inflamado que, a cada momento, lhe está alterando a superfície. Grandes cataclismos tem já presenciado a humanidade, e quem sabe quantos presenciará ainda? Parte dos continentes que habitamos, segundo se lê nos livros dos naturalistas, foram outrora todos cobertos de águas; sendo de crer que nações de outros tempos estejam sepultadas hoje nos abismos do mar. Ora, se no futuro se operarem ainda dessas revoluções, como é plausível acreditar — a parte continental do globo será submergida, e do seio das águas surgirão superfícies não povoadas. O que é possível é que, em virtude das especiais condições geográficas da Inglaterra e da sua natureza insular, ela não participe da sorte dos grandes continentes, dos quais está

desligada; que prevaleça e sobreviva à ruína e submersão deles, vendo até acrescerem ao seu território as novas terras, que o cataclismo arrancar do fundo dos mares. Então talvez, e só assim, se poderá realizar o futuro que Mr. Brains imagina, sendo os ingleses os únicos possuidores do globo.

Depois, como se receasse que esta tão extravagante como patriótica teoria geológica não tivesse sido compreendida, acrescentou:

— Porque. reparem. Vejam este chapéu — e tomou para exemplo o chapéu de pano que servia a Mr. Richard durante as suas operações hortícolas. — Suponhamos esta copa o mundo; sendo as saliências das dobras os continentes, e as cavidades os mares; aquela pequena saliência do meio, que fica isolada das outras, seja a Inglaterra. Carregando eu nas saliências exteriores, até as desfazer, as cavidades elevam-se e vão aumentar a saliência do meio. Veem?

E, como para não perder a feição pessimista ainda nesta conceção, concluiu:

— Talvez fosse uma felicidade que todas as saliências se desfizessem de vez!

Já veem os leitores que, embora por processos diferentes, os dois compatriotas de Peel aguardavam com fé viva o mesmo fenómeno na história do futuro — o soberano predomínio da nação inglesa sobre o mundo inteiro.

Esta é de facto a crença de todo o verdadeiro inglês, diversificando apenas, como os dois grandes exemplares que o leitor tem à vista, na maneira de concebê-la realizada.

Mr. Richard sorriu à teoria histórico-geológica do amigo.

— Será bom que, por cautela, nos vamos passando para a ilha, Mr. Morlays. O fundo dos mares não é grande clima para viver, e o cônsul da sua Majestade não nos isentará de sermos engolidos como simples portugueses.

Mr. Brains aplaudiu cordialmente a observação do amigo Richard.

À medida que se adiantava a manhã e que os odoríferos vapores da cozinha, atravessando as salas, chegavam às pituitárias, britanicamente apuradas, dos convivas, a

conversa principiou a baixar das alturas, por onde pairara, para assuntos mais terrenos e comezinhos.

Às três horas, sentindo o instinto a impeli-los para a mesa do jantar, abandonaram os três ingleses o gabinete de Mr. Richard e passaram para a sala de receção, onde Jenny e Cecília, sentadas uma junto da outra, conversavam intimamente.

CAPÍTULO XXXIII

EM HONRA DE JENNY

Oh! Fez bem em vir, Cecília — disse Mr. Richard, caminhando com a mão estendida para a filha de Manuel Quintino —; fez bem em vir alegrar a festa de Jenny.

— Alegrar! — repetiu Cecília, trocando com a sua amiga um olhar de melancolia e de inteligência.

— Alegrar, sim — respondeu Jenny, apertando-lhe as mãos com afeto. — Então pensa que não é alegria suficiente a que a sua presença nos dá?

Cecília suspirou.

— Está doente, Cecília? — perguntou Mr. Richard, reparando para o ar de abatimento que se lhe lia no rosto.

— Uma ligeira indisposição, de que me prometeu hoje mesmo curar-se, em atenção aos meus anos, não é verdade? — respondeu Jenny por ela e em ar de gracejo.

Mr. Morlays, o lúgubre, aproximou-se neste momento de Jenny.

— Miss Jenny — disse ele — eu costumo saudar com júbilo os aniversários das pessoas que estimo, como mais um passo dado para o livramento da vida.

— Oh! Mr. Morlays — respondeu Jenny, sorrindo —, tão pesado lhe parece o cativeiro, para assim suspirar pelo termo dele?

— Deixe-o falar, miss Jenny — acudiu Mr. Brains —; o mau humor de Mr. Morlays explica-se até pela presença de algumas brancas entre os seus cabelos ruivos e pelas duas sinistras pegadas de pata que já se lhe divisam no canto das órbitas.

Mr. Morlays fez uma careta e encolheu os ombros; mas não respondeu.

— Nós outros — acrescentou Mr. Brains — nós outros, os feios e fortes da humanidade — eh!. eh!. eh!. temos razão para nos lamentar, à aproximação das horas do ocaso; mas as que na vida nos servem de astros. essas são sempre brilhantes; porque, até no ocidente, nos encantam

as estrelas. Veja pois, sem cuidado, correr o tempo, miss Jenny.

Esta galanteria, de um requinte britânico, mereceu a desaprovação de Mr. Morlays.

— É inexata comparação — disse sisudamente — essa dos astros à vida do homem. A queda e o extinguir dos astros são fictícios. Ocultam-se-nos, mas não se apagam. Melhor se compararia a vida a um foguete.

— Oh! A um foguete? Singular comparação! — exclamou Mr. Brains, rindo.

— Vamos lá a ver, vamos lá a ver — disse Mr. Richard Whitestone, sentando-se.

Mr. Morlays, medindo a sala a passos largos, desenvolveu a imagem, assim:

— O homem, como o foguete, principia a animar-se por uma faísca, que se ateia; eleva-se então com chama e estrondo, pára um momento. e depois. estoura, e cai veloz, silencioso, extinto, deixando na terra somente o esqueleto que o fogo já não anima.

Mr. Richard sorriu à original imagem do seu amigo e conviva.

— Mr. Morlays tem razão.

— E quando daremos nós o estouro da metáfora? — perguntou o risonho Mr. Brains, mostrando uma fileira de bem ordenados dentes e, depois, acrescentou: — Concordo com Mr. Morlays; mas peço-lhe que note que se há foguetes que descem como ele diz, silenciosos e extintos, a arte pirotécnica tem inventado também alguns cuja queda é iluminada por lágrimas de cores, que os acompanham até à terra. Eu por mim imitarei ao cair o foguete de lágrimas. Eh! eh! eh!

A conversa continuou neste teor e forma, até à chegada de Carlos.

Cecília, vendo-o entrar, aproximou-se da janela, onde Jenny se lhe foi em breve reunir.

Mr. Brains saudou Carlos, cantando:

I'm afloat! I'm afloat, etc. etc.

que são as primeiras palavras de uma popular canção inglesa.

Carlos correspondeu, sorrindo, ao cumprimento.

Mr. Morlays não foi menos característico do que o companheiro.

— Ainda mais outro ano nos encontramos aqui, Mr. Charles. Quem sabe onde para o ano terá de ir quem nos quiser procurar?

Mr. Brains apressou-se a responder:

— Ao cemitério do Campo Pequeno, decerto que não, Mr. Morlays; porque, quando para ali resolvesse ir, escusado seria procurá-lo lá, porque é de crer que não estivesse de humor para tratar de negócios. Eh! eh! eh!.

A hilaridade não se comunicou a Mr. Morlays que, pelo contrário, ficou mais sombrio.

Mr. Whitestone, desde que o filho entrara, ocupava-se num a singular tarefa. Foi sentar-se ao piano e principiou a correr os dedos pelas teclas com presteza e com uma desarmonia só suportável ao seu ouvido inglês.

Esta espécie de divertimento era daqueles a que, por excentricidade, muito frequentemente se entregava.

Felizmente para os dois convivas, os ouvidos deles não eram mais pechosos em coisas de harmonia do que os de Mr. Richard; porque se não fosse isso, nem eu sei calcular os resultados gravíssimos que podia ter aquela bárbara ocupação.

Cecília, Jenny e Carlos, esses, estavam muito absorvidos por os próprios pensamentos, para que os incomodasse o selvagem prazer de Mr. Whitestone, sob cujos dedos gemia, como um supliciado, o magnífico piano de Erhard, vítima desses caprichos antimusicais.

Enquanto isto se passava, Cecília dizia a Jenny:

— Por favor lhe peço, Jenny! Deixe-me ficar aqui! Eu não sei se poderia por muito tempo suster esta tristeza que se me pôs no coração.

Tenho medo de chorar.

— Criança! — respondeu Jenny. — Não estou eu ao pé de si? Não seja assim fraca. Esse seu coração deu-se agora a fantasiar desgraças impossíveis, que não se concebem?

— Impossíveis?!

— Impossíveis, sim. Olhe, Cecília; eu andei primeiro do que a menina em imaginar futuros negros. Cecília ria ainda e eu estava já séria. Este Carlos tem-me obrigado muitas vezes a isto e desta vez sobretudo.

— Jenny!

— Desta vez sobretudo, porque eu sabia que era um coração que ele encontrara no caminho e... aquele estouvado podia não reparar. e magoá-lo. Avisei-o.

— Ó Jenny!

— Avisei-o; porque, bem vê, Cecília, todos os sacrifícios são dolorosos. Sacrificar orgulhos, sacrificar vaidades, sacrificar até caprichos, tudo é sacrificar; e eu não imagino que isso se faça sem esforço; mas os sacrifícios do coração. oh! esses.

— Matam! — concluiu Cecília, quase insensivelmente.

— Pois não matam? Isso sabia. quero dizer — emendou a sorrir — isso supunha eu. Por isso pedi a Carlos que se

esquecesse. Sim, que se esquecesse; no tempo em que eu lhe pedi isto, talvez ainda não viesse daí grande mal.

Cecília não respondeu. Um suspiro respondeu por ela.

— E quem sabe — prosseguiu Jenny, olhando-a — se seria eu a que me enganava ao pensar assim! É certo, porém, que o meu irmão não me obedeceu.

— Não? — interrompeu Cecília, com expressão de dúvida.

— Não; longe de esquecer, avivou impressões, e, em poucos dias, eram já tão fundas, que me assustavam.

Cecília meneou a cabeça ainda, como quem duvida.

— Vamos, Cecília; não me olhe dessa maneira. Quem lhe ensinou a desconfiar assim? Com quem aprendeu esses modos de sorrir, tão pouco da sua idade?

Cecília baixou, silenciosa, a cabeça.

— Convencida de que se passavam coisas novas no coração do meu irmão.

— E convenceu-se disso?

— Convenci. Não eram os antigos caprichos muito meus conhecidos. Não eram aquelas fantasias, que tão bem se davam com os seus hábitos de vida, que nem o obrigavam a alterá-los.

— Não eram?

— Não. Com grande espanto meu, vi-o mudar. Fez voluntariamente o que nem os meus rogos. — pois eu creio que bem vontade teria de me satisfazer —, o que nem os meus rogos tinham conseguido. Desde que o percebi, desde que assim o vi tão outro do que sempre fora, mudei também de pensar. O meu único fim, Cecília, creia, era a felicidade de Carlos e a sua. Enquanto julguei que ela estava no esquecimento a tempo, trabalhei por apressá-lo; desde que me convenci de que este esquecimento era impossível, desde que me convenci de que não era nele que estava a felicidade. então. voltei os esforços em direção diversa.

Tocou a campainha, anunciando o jantar.

Os dois ingleses, tão insensíveis ao escândalo musical perpetrado por Mr. Richard, estremeceram agora à voz do

instrumento tocado pela desembaraçada mão do escudeiro na sala de jantar.

— Para a mesa! — exclamou Mr. Richard, deixando em paz o piano. — Não temos a esperar por ninguém.

Em consequência da recente morte de Kate, os convites não se tinham estendido além dos dois íntimos da casa — Morlays e Brains.

Os dois ingleses e Carlos encaminharam-se para as duas senhoras.

Cecília, vendo-os, disse, segurando a mão de Jenny:

— Jenny, Jenny; se é minha amiga, deixe-me ficar aqui!

— Que diz, Cecília?

— Não posso, sinto que não posso forçar-me a ponto de…

Calou-se, estremecendo.

Carlos estava junto dela, oferecendo-lhe o braço para a conduzir à sala do jantar.

Jenny tinha fitado atentamente a sua amiga, e parecia convencer-se de que lhe seria efetivamente custoso o constrangimento de algumas horas a que se ia sujeitar.

— Não, Charles — disse, em vista disso e sem desviar os olhos dela. — Cecília não pode fazer-nos companhia. Está incomodada e precisa de alguns minutos de repouso.

Mr. Richard aproximou-se, perguntando o que era.

— Nada — respondeu Jenny —; mas seria crueldade constrangê-la. É um incómodo passageiro, mas, em todo o caso, é um incómodo.

— Será bom retirar-se ao quarto de Jenny.

Cecília escusou-se, dizendo que ficaria bem ali.

Jenny prometeu vir em breve fazer-lhe companhia.

Mr. Whitestone indicou uma poltrona própria para descanso, e foram jantar.

— Que quer isto dizer, Jenny? — perguntou Carlos, encontrando-se com a irmã à porta da sala.

— Que está a chegar o momento de dizeres adeus às tuas leviandades, Charles. Quero ver que fundo de sisudez

há neste meu estouvado irmão.

— Mas.

— Repara que esperam por nós.

E entrando para a sala, tomaram lugares à mesa.

O leitor não espera de mim a fiel enumeração de todos os pratos com que se adornou neste dia a mesa, sempre abundante e variada, de Mr. Richard.

Nada faltou de tudo quanto possui o cunho característico da cozinha britânica, desde o roast-beef ao plum-pudding, desde a batata ao chester.

Os três ingleses fizeram as devidas honras à maestria do cozinheiro. Mr. Morlays chegou a sorrir; Mr. Brains esgotou todas as interjeições do vocabulário pátrio e assegurou que nem no Erechtheum Club, em St. James square, se jantava melhor; Mr. Whitestone contou todas as suas histórias e expôs teorias de culinária.

Jenny e Carlos eram os únicos silenciosos e preocupados. Jenny via com impaciência a morosidade do jantar e escutava distraída os cumprimentos dos convivas. Carlos

tremeu, como nunca, perante o inesgotável tesouro das reminiscências paternas.

Com todos os vagares foi o jantar aproximando-se daquela fase crítica dos jantares, especialmente ingleses, em que a gravidade e a etiqueta são postas de lado inteiramente, em que a parte feminina levanta arraiais e foge amedrontada perante as bandeiras da orgia que, aos primeiros toasts, começam a desenrolar-se; e em que os convivas masculinos, livres do único laço que os refreava, preparam-se a reproduzir nas salas cenas vulgares em mais baixos tablados.

Nada falta: vinhos entornados, cristais partidos, toasts intermináveis, discussões em que ninguém sabe o que discute, corpos estendidos por debaixo da mesa e, em alguns, um sono digno dos sete dormentes.

Tinha atingido o jantar de Mr. Whitestone este período de transição.

Jenny agradecera os primeiros brindes que lhe foram dirigidos.

— O próprio Mr. Morlays fora difusíssimo na sua saudação, que parecia haver modelado por a de um personagem de Dickens, como se verá do seguinte excerto:

— E sendo Mr. Richard Whitestone um dos raros caracteres honrados que se encontram na vida — terminara Mr. Morlays — e sendo miss Jenny Whitestone em tudo digna filha de Mr. Richard Whitestone, eu faço votos pela felicidade de Jenny Whitestone, para que possa assim recompensar Mr. Richard Whitestone pela sua honradez, probidade, cavalheirismo; recompensa que Mr. Richard Whitestone não pode nem deve esperar do mundo. Sendo demais miss Jenny Whitestone a terna irmã de Mr. Charles Whitestone, coração leal, generoso, sem fermento de maldade social, eu, bebendo à saúde de miss Jenny Whitestone, brindo também Mr. Charles Whitestone, porque o sentimento fraterno faz uma só daquelas duas almas, da mesma sorte que miss Jenny Whitestone receberia, como dirigido a si, um toast a Mr. Charles Whitestone, seu afetuoso irmão. De maneira que este brinde individual a miss Jenny Whitestone transforma-o a

simpatia cordial que liga esta família exemplar num brinde coletivo à família Whitestone. Miss Jenny Whitestone!

E bebeu.

— Hear! hear! — aplaudiu Mr. Brains, batendo com os nós dos dedos na mesa, o que já fizera durante todo o speech, mais por força de hábito do que por se tornar necessário o recomendar atenção em tão limitada e atenta assembleia.

Jenny agradeceu modestamente o eloquente discurso.

Mr. Richard brindou os hóspedes em termos não menos lacónicos.

Carlos, em poucas palavras, desempenhou-se de idênticos deveres.

E os toasts sucediam-se e o nível do líquido descia nas garrafas de cristal.

Jenny levantou-se. Era tempo de deixar sós os convivas. Ia soar para eles a hora da liberdade.

Carlos viu com inveja o movimento da irmã. Não a poder imitar! Ficou, porém.

A desaparecer atrás do reposteiro da sala a última dobra do vestido branco de Jenny e uma transformação completa a operar-se na cena.

Mr. Brains passou a perna por cima do braço da cadeira e deixou-se escorregar até ficar com a cabeça à altura da mesa. Mr. Morlays estendeu os cotovelos por esta adiante, meteu a cabeça entre as mãos, posição na qual as faces lhe tomaram um jeito de caricatura iminentemente cómica; Mr. Richard, esse, fez balançar a cadeira sobre os dois pés posteriores.

Acenderam-se charutos, cobriu-se de fumo a atmosfera da sala, encheram-se e despejaram-se copos sobre copos.

Os criados retiraram-se discretamente.

— Uma canção, Mr. Brains — disse Mr. Richard Whitestone.

— Mr. Morlays que cante — respondeu aquele.

— Ho! Mr. Morlays! Seria capaz de nos cantar um dies illa — notou Mr. Richard, rindo.

Mr. Morlays fez uma careta, com pretensões a sorriso.

— As digestões costumam reconciliar Mr. Morlays com a humanidade — dizia Mr. Brains.

— As feras saciadas são menos terríveis — acrescentou Mr. Richard jovialmente e batendo com familiaridade no ombro do seu amigo Morlays.

Este tornou a sorrir, ao seu modo.

— Vamos à canção! — insistiu Richard, voltando-se para Mr. Brains.

— Vamos à canção.

— Mas a presença aqui do amigo Morlays faz recear que suceda como no brinde de Lucrécia. Lembra-se? Se nos saía vinho de Siracusa?

Depois dos risos concedidos à reflexão de Mr. Brains, este dispôs-se a cantar.

Nós, os portugueses, que mais do que uma vez alcunhamos de sorumbáticos e melancólicos os nossos aliados bretões, somos talvez na Europa o povo mais sisudo e grave dos tempos modernos.

Eu creio que nem a filosofia e o landwehr da Alemanha; nem o knout e sombria política da Rússia; nem os fuzilamentos e o militarismo da Espanha; nem os meetings e os fenians da Inglaterra; nem o sufrágio universal e a febre napoleónica da França têm conseguido tornar as respetivas nações mais avessas ao canto do que a nossa. Com o nosso céu, com a nossa vegetação, com os nossos vinhos e com a nossa língua e com tão pouca disposição para nos ocuparmos de coisas sérias — e nesse particular nenhum povo nos leva a palma — esta quase aversão que temos ao canto denota uma índole essencialmente sisuda e pouco de gente do meio-dia.

Em qualquer jantar nacional, qual seria o conviva que teria coragem para imitar Mr. Brains, satisfazendo ao pedido do seu anfitrião e dispondo-se a cantar?

E, se algum houvesse, com que olhos de escandalizados o não encarariam os outros?

Ninguém há mais pusilânime diante do ridículo do que o português; ninguém que mais corajosamente o encare de face do que o cidadão britânico. Ora o ridículo imita os costumes insidiosos de certos cães, que mordem as pessoas

que lhes fogem, e recuam diante de quem os espera a pé firme.

O que é verdade é que Mr. Brains, vergando-se sobre as costas da cadeira, com as pernas estendidas, os olhos meio fechados, a mão pousada sobre o corpo, principiou a cantar com voz de impossível classificação, em timbre nasal, e em música inglesmente monótona, uma canção de Sharpe feita para ocasiões como esta.

O sentido era pouco mais ou menos este:

Vá! sem medo enchei os copos

De vinho, cor de rubim;

Levem-no aos lábios as damas;

Consagrá-lo-ão assim.

No peito o vinho alimenta

Da amizade o almo calor,

E o engenho dele regado,

Ascende em voo maior.

Enchei os copos, fiai-vos

Nesta bebida de reis

Contanto que…

Estava escrito que os dotes vocais e os talentos artísticos de Mr. Brains não seriam devidamente apreciados. A lembrança da cena do banquete da Lucrécia fora até certo ponto fatídica!

De facto, quando o inglês chegava àquele verso da canção, um forte e cada vez mais próximo rumor, como de passos precipitados, de vozes em confusão, de súplicas e de ameaças, partindo da sala imediata, veio emudecer a laringe do cantor e enrugar a testa de Mr. Whitestone, a quem, à hora solene do jantar, impacientavam interrupções.

Quando ia a elevar a voz para saber a causa daquele desacato, abriu-se com violência a porta da sala, e, aos olhos espantados de todos os presentes, desenhou-se a

figura de Manuel Quintino, pálido, agitado, como nenhum deles o tinha ainda visto.

Ao mesmo tempo Jenny, atraída pelo ruído, aparecia a outra porta da sala.

Mr. Richard Whitestone olhou pasmado para o guarda-livros.

CAPÍTULO XXXIV

MANUEL QUINTINO ALUCINADO

Melhor do que qualquer dos personagens desta cena, prevê o leitor os motivos do aparecimento de Manuel Quintino na sala e do estado de perturbação em que se apresentou.

As revelações da criada tinham-no feito já, como vimos, sair desorientado. Chegando a casa de Mr. Richard, soube, do criado de Carlos, que Cecília havia entrado pela manhã no jardim; mas conjeturava este que ela provavelmente se retirara já, porque a não vira mais em casa. — Os criados, que serviam à mesa, confirmaram a conjetura, assegurando a Manuel Quintino que Cecília não tinha assistido ao jantar.

Não é possível dizer que ideias se sucederam no espírito de Manuel Quintino ao ouvir tudo isto. Correu-lhe pela vista o véu das névoas que antecedem uma vertigem. Tomou-se-lhe o coração de dor e de cólera; esqueceu todas as considerações que poderiam ainda sopeá-lo, e rompendo,

em vociferações incoerentes, por entre os criados que o rodeavam, apareceu, como vimos, verdadeiramente alucinado diante de Mr. Richard e dos estupefactos convivas.

O olhar de Manuel Quintino, animado por expressão estranha, correu num momento a sala.

A ausência de Cecília acabou de perturbar o velho.

Fitou Carlos, cheio de raiva pronta a fazer explosão, e atravessando, com andar mal seguro, o espaço que o separava dele, veio pousar-lhe a mão no ombro, dizendo em voz sufocada e trémula por o esforço que fazia a reprimir a violência da paixão crescente:

— Sr. Carlos, eu venho aqui saber da minha filha.

A estas palavras, Jenny descorou. Os dois ingleses conservaram-se boquiabertos; Mr. Whitestone não desviou mais de Manuel Quintino e de Carlos o olhar penetrante.

— Sr. Carlos! — repetia Manuel Quintino, com uma expressão em que se revelava ao mesmo tempo a angústia e a cólera. — Sou eu!. eu. repare bem! É um pai que lhe vem pedir contas da sua única filha!

Carlos, a quem a surpresa parecia haver paralisado — a surpresa e porventura ligeiros remorsos de consciência também — olhava para Manuel Quintino e, corando e empalidecendo, permanecia como subjugado pelo olhar de irritação daquele velho que o interrogava assim.

Manuel Quintino, ao ver esta perturbação, perdeu todo o poder que ainda conservava sobre si.

— Carlos — disse ele —, o senhor abusou da confiança do homem que lhe abriu sem hesitar as portas da sua casa; o senhor zombou cruelmente destes cabelos brancos, que foram criados em serviço honrado e sem vergonha; o senhor esmagou o coração que se lhe abrira, como o de um pai. o senhor é. é um infame!

Quem visse a postura e o rosto de Carlos julgaria verdadeira a acusação. Surpreendido inesperadamente por ela, faltou-lhe a reação para repeli-la.

Mr. Whitestone, ao escutar as últimas palavras de Manuel Quintino, empalidecera, fenómeno raro nele e que se julgaria irrealizável. — Cedo, porém, o sangue reagiu contra a repressão que o expelira das faces, e afluiu com

máxima intensidade a elas. Os olhos, brilhando com fulgor extraordinário, não se desviavam do filho, como à espera de vê-lo protestar contra aquela grave acusação.

Jenny, erguendo a cabeça, por um movimento cheio de dignidade, adiantou-se na sala. Subira-lhe também às faces um rubor de impaciência, vendo o irmão emudecer perante uma acusação que ela sabia ser injusta.

Com fogo no olhar e vivacidade na voz, que eram pouco do carácter dela, disse, dirigindo-se a Manuel Quintino:

— Manuel Quintino, acaba de fazer uma acusação que o desonra, porque é falsa.

O velho guarda-livros voltou-se para Jenny e, em luta entre a dúvida e a esperança, perguntou ansiosamente:

— Falsa?

— Sim, falsa — repetiu Jenny com firmeza —; tão falsa, como cruel! Eu sei o que a motiva.

Mas se, em dezoito anos de convivência com Cecília — que são todos os que ela tem de vida — Manuel Quintino aprendesse a conhecê-la, se depositasse mais fé nos nobres

sentimentos daquele coração, que é obra sua, se tivesse mais confiança na sua própria filha, hesitaria sempre ao acusá-la, e não viria aqui soltar essas expressões que a poderiam perder, embora inocente.

A porta da sala, em que Cecília ficara, abriu-se, e a filha de Manuel Quintino apareceu, pálida e sobressaltada, porque tinha reconhecido a voz do pai e suspeitado de tudo.

Jenny, vendo-a, caminhou apressada para ela, e, apertando-a nos braços, disse para Manuel Quintino:

— A filha, de quem vinha saber, estava comigo. Receia ainda por ela?

Manuel Quintino correu para Cecília e abraçou-a com frenesi.

Mas as suspeitas, que as informações de Antónia lhe tinham feito nascer, não estavam de todo sufocadas naquele espírito.

Reparando na palidez e no ar de abatimento da filha, e lembrando-lhe a anterior confusão de Carlos, Manuel Quintino afastou-a brandamente de si, fitou-a por algum

tempo em silêncio e perturbado, e depois disse, com tristeza e afeto:

— Porque estás assim pálida e comovida, filha? Porque perdeste aquela alegria de outros tempos? Porque choraste?

E, voltando-se para Carlos, acrescentou já sem a primeira veemência, mas ainda com amargura:

— A quem hei de eu pedir contas destas lágrimas, Sr. Carlos? Das dela. e das minhas?

Cecília, ouvindo-o dizer isto, encostou-se vacilando ao seio de Jenny.

— Basta, Manuel Quintino! — disse esta em voz severa. — Respeite-se! Essa exaltação é indigna de si. Respeite-se e peça perdão a Deus do que está fazendo padecer a este anjo com essas palavras. Vamos, Cecília, não podemos ficar mais tempo junto de quem, devendo ser o primeiro a fazer-lhe justiça, é o primeiro a ofendê-la, duvidando de si. Vamos.

Manuel Quintino ergueu as mãos para Jenny.

— Espere! espere! E se tem poder para me tirar do coração isto, que me esmaga, faça-o, faça-o! Por muito que os outros sofram, quem sofre aqui mais sou eu!

Havia na voz do pobre pai a comoção mais sincera.

Jenny parou a escutá-lo.

Manuel Quintino estendeu para ela a carta de Carlos, que trouxera consigo.

— Quem escreveu esta carta à minha filha?

Jenny ficou enleada à vista da carta; olhou para Carlos, cuja fisionomia lhe disse tudo.

Cecília ergueu também a cabeça com espanto.

Em Manuel Quintino, que notou a perturbação de Jenny, redobrou com isto a ansiedade, e, sem atender a que ia sacrificar Cecília, insistiu imprudentemente.

— Quem escreveu esta carta à minha filha? Esta carta recebida ainda há poucas horas? Ela aí está ainda como me chegou às mãos. Abram-na, leiam-na, e, se o que contiver não justificar as minhas suspeitas. se.

E Manuel Quintino, ao dizer isto, ia já a abrir a carta, quando a voz de Mr. Richard o deteve.

— Não é preciso, essa carta é minha.

Eram as primeiras palavras ditas por o velho inglês, desde o princípio da cena, à qual assistira até então imóvel e silencioso. Mr. Richard Whitestone era homem de rápida perceção e de resoluções não mais demoradas.

Entrando-lhe a inteligência num a corrente de pensamentos, em poucos instantes lhe atingia o fim e, acto contínuo, formulava a si mesmo um plano de procedimento, que logo punha em prática. Tinha já compreendido tudo; a confusão de Carlos e o seu grau de culpabilidade, os fundamentos da acusação de Manuel Quintino e a generosa e nobre intervenção de Jenny. Previu a iminente derrota da filha, perante um documento, cuja existência ela não suspeitava; previu as consequências desta cena; o perigo que corria a reputação de Cecília; o descrédito que resultaria para o nome de Carlos, que era também o dele — Richard — e o de Jenny; e imediatamente talhou para si papel num a situação na qual ele só poderia intervir com bom êxito.

Manuel Quintino, ouvindo ao patrão aquelas palavras, ditas em tom firme e seguro, ficou a olhá-lo embaraçado.

Jenny fitou as feições inalteradas do pai e compreendeu-o.

A boa e generosa menina sentiu desejos de se lhe lançar ao colo, para lhe agradecer aquela pronta e feliz resolução.

Carlos conheceu que lhe coravam as faces, ao ver quanta magnanimidade havia no procedimento do pai.

Era a segunda lição que, naquele dia, recebia dos seus; lição de grandeza de alma, salvadora da reputação de uma pessoa, que ele sinceramente amava, mas que, com actos irrefletidos, pela segunda vez ia perdendo.

— Esta carta é de V. S.a? — repetiu Manuel Quintino, deixando sensivelmente cair a carta, que conservava na mão.

Jenny correu a apanhá-la e passou-a para as mãos de Mr. Richard, que trocou um olhar de inteligência com a filha.

Travara-se naquele momento tácita aliança entre os dois para salvar a reputação de uma rapariga, inocente e indefesa.

— É minha, sim — continuou Mr. Richard, tomando a carta e abrindo-lhe naturalmente o fecho. — É minha. ou melhor, é. de nós ambos — acrescentou, designando Carlos com a mão, mas sem o fitar. — Tínhamos resolvido preparar uma surpresa a Jenny hoje, que é o dia dos seus anos, convidando Cecília, que há tempos não víamos aqui. Mas gorou-se o plano, porque Jenny, já antes de nós, a tinha convidado; e fez muito bem. Aí está o que é. Esta carta foi escrita por Carlos e ditada por mim. E se duvida? — concluiu, fazendo o gesto de entregar a carta a Manuel Quintino.

Era um destes expedientes heroicos, que tudo podem perder ou salvar.

Servem-se deles, em ocasiões assim, os homens de coragem e de suficiente confiança em si próprios, para não recearem trair no rosto a posição crítica em que ficam colocados, depois de os empregarem.

A esses tais é quase sempre o meio eficaz e salvador.

Manuel Quintino não ousou aceitar a prova que se lhe oferecia.

— Os hábitos de respeito, contraídos em longos anos de serviço e que um momento de indignação, quase de delírio, lhe tinha feito esquecer, dominaram-no de novo, restituindo-lhe a sua natural brandura e timidez de carácter.

— Perdão — disse ele, quase com humildade e como arrependido já da excitação anterior. — Perdão; eu julguei.

— Está bom, está bom — atalhou Mr. Richard com modo de quem não desejava continuar no assunto. — É preciso ser menos. pronto em obedecer a. certas exaltações. inconvenientes.

O epíteto foi dito depois de alguma hesitação em adotá-lo.

Manuel Quintino ia ainda a abrir a boca para desculpar-se, porém Mr. Richard o impediu.

— Não falemos mais nisto. Não vale a pena. Sente-se e faça-nos companhia à mesa.

— Perdão, Mr. Richard, mas. Mr. Richard fingiu que o não ouvia; chamou por um criado para preparar o lugar e talher para Manuel Quintino. Este sentou-se, quase sem bem reparar no que fazia.

Jenny e Cecília saíram outra vez da sala.

O jantar continuou.

Tinha porém perdido para sempre a feição jovial do princípio.

O que se passara e a presença de Carlos e de Manuel Quintino, qual deles mais constrangido e sombrio, inutilizavam todos os esforços de Mr. Richard para restabelecer no diálogo a perdida animação.

As libações repetiram-se, mas sem longos toasts.

— A seu sobrinho, Mr. Brains! — dizia por exemplo Mr. Richard, bebendo.

Mr. Brains fazia uma mesura a agradecer. Os outros levavam os cálices aos lábios.

— A seu amigo Roxboy, Mr. Whitestone! — dizia em seguida Mr. Brains.

Mr. Whitestone agradecia; os outros repetiam a saudação, como anteriormente.

— Mr. Morlays, ao seu tio das Índias!

Mesura de Mr. Morlays. Os outros como antes.

Estes mesmos lacónicos toasts terminaram. A feição da assembleia carregava-se cada vez mais.

Mr. Richard fez um último esforço para a desanuviar.

— Outra canção, Mr. Brains! — disse ele, enchendo-lhe o copo.

O inglês fitou Mr. Richard com olhos de estremunhado.

— Eu cantar! Para a transição ser menos sensível, que cante Mr. Morlays primeiro.

Mr. Morlays grunhiu um monossílabo impercetível e esvaziou até à última gota o cálice que tinha em frente de si.

— Então cante Mr. Morlays — insistiu Mr. Richard, sem grandes esperanças de o convite ser aceite.

Contra a expectativa geral, o sorumbático inglês levantou-se e, enfiando as mãos nos bolsos do colete, pronunciou, em tom fúnebre, o nome da canção que se propunha a cantar.

— The old saxton — o velho coveiro — de Park Benjamim.

Mr. Brains fez um gesto de arrepiado. Mr. Morlays, imperturbável, principiou cantando.

Eis o sentido da canção que ele, com esquisito tato da oportunidade, julgou dever escolher:

«Junto de uma sepultura, cavada de pouco, estava o velho coveiro, encostado à enxada, já gasta pelo uso. Tinha terminado a tarefa e parara à espera do cortejo funeral que transpunha naquele momento a porta aberta do cemitério. Era uma relíquia do tempo passado este velho! Os cabelos estavam-lhe tão brancos, como a espuma do mar; e dos lábios trémulos saíam-lhe, em voz submissa, estas palavras: — Venham! venham! que eu os guardo todos! Eu os guardo todos!

Sim, eu os guardo! Para homens e para crianças, ano após ano, uns de pesares, outros de alegrias, edifiquei essas casas que por aí jazem em torno, em cada recanto deste funéreo terreno. Mãe e pai, filhos e filhas, um por um, vieram acolher-se à minha solidão. Mas, ou estranhos ou

parentes, venham! venham! que eu os guardo todos! Eu os guardo todos!

Sim, eu os guardo! Muitos estão comigo, e contudo eu estou só! Eu sou o rei dos mortos! Meu trono faço-o de um sepulcro de pedra ou de frio mármore, e o meu cetro de comando é a enxada que empunho. Todos os homens são meus vassalos, quer cheguem da choupana, quer cheguem das salas; todos, todos, todos! Agitem-se embora na ânsia do prazer ou na ânsia do trabalho! Venham! venham! que eu os guardo todos! Eu os guardo todos!

Sim, eu os guardo! Seu leito final é aqui; aqui debaixo, no escuro seio da terra. — E o coveiro calou-se, porque o cortejo funeral passava silenciosamente naquela planície. E eu disse comigo: Ao findar dos séculos, uma voz, mais poderosa do que a desse velho coveiro, bradará mais alto do que o tremendo clangor da trombeta final: Venham! venham! que eu os guardo todos! Eu os guardo todos!»

Imagine-se o efeito que a voz do cantor, a música e a letra da canção produziriam depois de um jantar.

A música obrigava a repetir por mais de uma vez o estribilho final de cada estância no original.

— I gather them in, gather, gather, gather, I gather them in — cantava Mr. Morlays, com entonação que fazia lembrar um sino dobrando a finados.

Não se consegue estômago que ficasse imperturbado após uma sobremesa destas.

O cantor seguia com malignidade, verdadeiramente satânica, o efeito do canto sobre o acto visceral dos seus amigos.

Mr. Brains reprimia a custo a indignação que sentia.

Acabando de cantar, Morlays sentou-se e bebeu novo cálice de vinho.

Apenas um monossílabo seco de Mr. Richard Whitestone o congratulou.

A misantropia de Mr. Morlays, azedada com o escândalo de Manuel Quintino, folgou com a vingança que tomara. Daí por diante todos somente suspiravam por se levantar da mesa.

Mr. Brains foi o primeiro que ousou fazê-lo. À índole jovial do Demócrito inglês repugnava a atmosfera pesada que estava respirando ali. Mr. Morlays imitou-o. O mau humor deste crescera de ponto com as ocorrências do dia. As suas caprichosas digestões estavam em risco de serem perturbadas, e em consequência disso teve a humanidade muito que sofrer no conceito de tão hipocondríaco personagem.

Carlos retirou-se também ao quarto.

CAPÍTULO XXXV

A SENTENÇA DO PAI

Manuel Quintino, ficando só na presença do patrão, não se sentia à sua vontade. Foi pois com verdadeira satisfação que recebeu um recado de Cecília, a pedir-lhe que a acompanhasse a casa.

Despediu-se de Mr. Richard, a quem dirigiu pela segunda vez mal formuladas desculpas, que o inglês recebeu com afabilidade, e ao mesmo tempo com ares de quem preferia não ouvir falar mais em tal.

Manuel Quintino foi ter com Cecília, que estava na outra sala com Jenny.

— Cecília, perdoa-me se duvidei de ti — disse ele com a voz sufocada —; perdoa a minha imprudência de há pouco, filha; foi uma loucura. Bem o vejo agora. Perdoa-a ao muito amor do teu pai.

A comoção não o deixou continuar.

Cecília lançou-se-lhe, chorando, nos braços.

— Manuel Quintino, que está a fazer? — disse Jenny. — Não vê como a aflige?

— Menina — respondeu Manuel Quintino, voltando-se para ela —, perdoe-me também se pude imaginar que a sua proteção de santa. — de verdadeira santa, miss Jenny — que essa abençoada proteção podia deixar-se vencer. E, por quem é, não se esqueça de velar por ela, pela minha filha!

— Mais valiosa proteção encontra Cecília em si mesma — respondeu Jenny. — É um coração forte.

Manuel Quintino tinha a cabeça da filha encostada ao peito; ouvindo estas últimas palavras, cingiu-a ainda mais a si, e murmurou para Jenny, procurando não ser percebido por Cecília:

— Forte?. Era. enquanto lhe pertencia.

Jenny demorou o olhar nas feições do velho.

Aquela resposta dava a entender que algumas suspeitas lhe restavam ainda da verdade; que ele podia estar convencido já da inocência da filha, que podia julgar com menos

severidade e dúvida as atenções e procedimentos de Carlos, mas sem haver fechado de tal maneira os olhos à evidência, que supusesse que nada havia de comum entre os corações dos dois.

Jenny respondeu, percebendo isto:

— Forte há de sê-lo sempre; resta fazê-lo feliz.

— Se miss Jenny o não conseguir, quem mais o conseguirá?

— Trabalharei — disse Jenny, sorrindo.

— Dê-lhe a serenidade do seu coração e tê-la-á salvado.

Jenny, que abraçava neste momento Cecília, ouvindo estas palavras, meneou a cabeça, e, entre risonha e melancólica, disse ao ouvido da sua amiga:

— Não é assim que eu desejo salvar-te.

Pela primeira vez a tratava por tu.

Enquanto se passava esta cena, Carlos, de volta ao quarto, engolfava-se em pensamentos profundos. Tudo quanto lhe sucedera lhe estava reproduzindo a memória, e cópia de

afetos e de paixões agitavam-lhe o coração em palpitar desordenado.

Que lhe competia fazer? Como devia sair da posição em que se achava? De que maneira compensar com uma resolução nobre, digna dos sentimentos que percebia no coração, a insuperável timidez que durante o jantar se apoderara dele?

Nisto pensava Carlos, quando o criado lhe entrou no quarto anunciando que Mr. Richard Whitestone o mandara chamar ao gabinete.

Carlos esperava esta entrevista, que, depois do sucedido, podia dizer-se inevitável; ele próprio a procuraria talvez espontaneamente; mas, apesar disso, não se sentia preparado para ela; nem outra coisa lhe sucederia, talvez, quando mais espaçada fosse.

Causou-lhe pois o efeito de imprevista.

Vacilavam-lhe os passos ao dirigir-se ao gabinete do pai, como se fora um réu, caminhando para o tribunal em que vai ser julgado.

Quando Carlos entrou, Mr. Richard estava em pé, encostado ao mármore do fogão. Tinha a expressão tão severa quanto era possível à sua fisionomia inglesa, e conservava na mão a carta de Carlos, como quem acabava de a ler naquele momento.

Carlos parou no meio da sala, esperando que o pai lhe dirigisse a palavra.

Mr. Whitestone estendeu para o filho a carta aberta, perguntando com modo rápido e incisivo:

— Que há de verdade nisto que se diz aqui?

— Tudo — respondeu Carlos, procurando dar à voz a firmeza que não sentia.

Mr. Whitestone enrugou a cara ao ouvir a resposta; fez um leve movimento de ombros e de lábios, e, passando a carta para o filho, apenas lhe disse:

— Aí a tem. Rasgue-a, queime-a. Deve fazê-lo. porque destruirá assim a prova de uma nova. infâmia.

As faces de Carlos cobriram-se de intenso rubor.

— Meu pai! — balbuciou ele.

— Repito-o; de uma infâmia — prosseguiu Mr. Richard com redobrada acrimónia. — Não sou eu o primeiro que lho diz; e se já se calou vergonhosamente diante da primeira acusação, não é muito que escute a segunda com a mesma. humildade.

E, acabando de dizer isto, pôs-se a passear no quarto, como costumava quando assim exaltado, e continuou:

— É falso orgulho esse que. todo se alvoroça ao ouvir uma palavra e com tanta facilidade se conforma, ao que é bem pior, à feia ação que ela exprime. É orgulho de teatro. Não compreendo deveras.

Carlos respondeu:

— Eu posso estranhar que a acusação me venha de quem me devia conhecer melhor, e de quem não está dominado, como o primeiro que me acusou, por um excesso de paixão violenta, mas desculpável. Estranho e lamento que, no curto período de alguns dias, tenha já ouvido duas vezes do meu pai a acusação de… infame.

Mr. Richard, que, enquanto o filho falara, ia aumentando a velocidade dos passos, com que media a sala, parou

repentinamente neste ponto e fitou Carlos com um olhar cheio de fogo.

— Estranha, porquê? Faz favor de me dizer? Não me apontará algum nome mais exato para dar às suas ações?. Deveras que não sei. Julgo que não quererá arguir-me de demasiado severo?. Repito o que já lhe disse no outro dia. Tenho sido em excesso benevolente consigo, tenho fechado de propósito os olhos a muitos desvarios seus, desculpando-lhos com o verdor dos anos. Mas ações há que nem a crianças se desculpam. E, sempre que nos actos de um homem existe o carácter de… baixeza.

Carlos não pôde suspender um movimento instintivo de reação, ao ouvir esta palavra.

Mr. Richard, percebendo-o, repetiu com mais força, e olhando fixamente para o filho:

— De baixeza. e de vilania!. Em tais casos, é criminosa a indulgência; e nunca é de mais toda a severidade de opinião contra esse homem. Escusa de protestar com esses movimentos e gestos. Mais severamente do que eu, o acusava há pouco a sua própria consciência, obrigando-o a

calar-se e a abaixar a cabeça diante das arguições daquele homem. que. que. que tentara desonrar.

— Eu já lhe disse, senhor — acudiu Carlos, com veemência desusada para com o pai —, que tudo quanto escrevi nessa carta é verdadeiro. Seria imprudente, fui decerto; disso me acuso eu; mas diz-me a consciência que estou sendo severamente julgado e por isso.

— Era bom que a sua consciência tivesse acordado mais cedo. Escusava de ter deixado que da boca de um estranho, e diante de testemunhas, caísse sobre o nome do seu pai e da sua irmã uma acusação grave e que nós mentíssemos para o salvar. Esses escrúpulos vêm bastante tarde. Deve confessar.

Carlos curvou a cabeça e ficou silencioso.

Mr. Richard ficou também algum tempo calado, depois prosseguiu:

— É verdadeiro tudo quanto diz nessa carta! Lembre-se de que ainda há poucos dias marcava nesta mesma casa, na casa em que habita sua irmã, entrevistas a.

Carlos não o deixou continuar.

— Peço-lhe que não renove essa insinuação, senhor; já dei a minha palavra em como ela era injusta. Não posso oferecer prova mais convincente, mas custa-me deveras ver que me recusam esta. No dia em que sucedeu o facto a que alude, nesse dia em que pela primeira vez ouvi o epíteto de infame da boca do meu próprio pai, já eu me sentia bem outro do que tinha sido até ali. Creia-me, senhor; não é uma vã inclinação, um efémero capricho de rapaz o que sinto por Cecília. A única importante mudança de carácter, que tenho experimentado na vida, operou-a ela sem uma palavra, sem uma tenção formada, sem denunciar um desejo. Adivinhei-a talvez, mas não que ela se me revelasse nunca. Cecília só de per si conseguiu, e sem esforço, o que nem as repreensões do meu pai, nem os conselhos e os pedidos de Jenny tinham conseguido nunca, por isso creio na sinceridade dos meus sentimentos para com ela, por isso.

Mr. Richard escutava o filho com manifesta impaciência; parecia que lhe seria quase tão desagradável o ver Carlos conseguir justificar-se da maneira porque o estava fazendo,

como persistir sob a acusação de menos leal que lhe tinha sido feita.

O amor-próprio de Mr. Richard — porque, enfim, é forçoso confessar que Mr. Richard tinha amor-próprio também — não se sentia muito lisonjeado com esta sincera paixão de Carlos por Cecília, a filha do seu guarda-livros.

Um enxame de preconceitos se alvoroçava todo a esta ideia; preconceitos que a razão clara e forte de Mr. Richard se pejaria de reconhecer como legítimos, mas aos quais, sem o saber, se sujeitava.

Eram de diversas ordens.

Preconceitos de inglês, primeiro que tudo; nunca é com absoluta indiferença que o filho da Grã-Bretanha vê uma mulher de outro país roubar-lhe o coração de algum dos seus parentes. Há em toda a alma inglesa a profunda convicção mais ou menos declarada de uma superioridade de raça, que a não deixa encarar desapaixonada alianças destas.

Depois sobrevinham os preconceitos de comerciante, o qual, por mais consideração e estima que tenha por um

guarda-livros, não pode de todo em todo olhá-lo como de natureza igual à sua, e não se lisonjeia demasiado com obter nora ou genro em casa dele.

Ainda o preocupavam preconceitos de capitalista; por mais filosóficas doutrinas que estes expendam sobre a vaidade das riquezas, na prática da vida não abstraem desse elemento quando combinam cálculos para resolver o problema da felicidade. Finalmente até preconceitos de pai lhe ofuscavam a luz da inteligência, pois não obstante a severidade das arguições que ouvimos, é certo que poucas mulheres no mundo lhe pareciam dignas do seu Carlos. Tudo isto o fazia pois escutar de má vontade a declaração do filho, a quem interrompeu precipitadamente.

— Está bom. Eu não preciso saber a história das transformações do seu carácter, o qual até me parece ser demasiadamente sujeito a elas. E se é essa a garantia única que tem da sinceridade dos seus sentimentos, há de concordar que é bem fraca. Mas seja como for; depois do sucedido, parece-me escusado indicar-lhe o melhor partido que tem a abraçar.

Carlos elevou para o pai o olhar interrogador.

Mr. Richard guardou, por instantes, silêncio; depois acrescentou:

— Dentro de oito dias sai um vapor para Londres.

— Mas.

Mr. Richard fingiu não ouvir a interrupção, e continuou:

— Há muito que se faz necessária uma entrevista pessoal com Mr. Woodfall Hope, porque.

— Não sei se me será possível obedecer-lhe, senhor.

Mr. Whitestone voltou-se com vivacidade para o filho e, visivelmente irritado, disse:

— Espero que não cometa a baixeza de querer demorar-se aqui, depois do que se passou. Não me faça envergonhar de o ter por filho.

Carlos desacostumara-se a arrostar por muito tempo com a severidade do pai. Sentia-se incapaz de reagir diante daquele olhar. Baixou a cabeça e calou-se.

Mr. Richard acrescentou instantes depois, em voz ainda severa, porém já menos ríspida:

— Pode retirar-se e faça por ser homem de bem. Há erros que deixam vestígios que nunca se apagam mais. Respeite as famílias, porque o contrário é desonrar a sua. Se se lembrasse de que tinha uma irmã.

Neste ponto ouviu-se rumor à porta do quarto.

— Que temos? — perguntou Mr. Richard, impaciente.

Era um criado que vinha de mando de Jenny perguntar se Mr. Richard a podia receber.

Mr. Richard fez um sinal afirmativo e voltando-se para Carlos:

— Saia. A sua irmã precisa falar-me.

Carlos curvou a cabeça e saiu sem dizer palavra. Era ainda o réu que deixava o juiz, não o filho que se despedia do pai.

Carlos encontrou-se com a irmã na sala contígua. Ela estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Vês, Charles, vês o resultado das tuas loucuras?

— Loucuras, Jenny! Pois ainda lhes chamas assim?

— Principio a ter vontade de lhe dar outro nome, principio; e é por isso que venho aqui.

— Que vens fazer?

— Advogar a causa de uma má cabeça, em atenção a um pobre coração, que não tem culpa nenhuma em andar unido àquela estouvada.

— Ó Jenny! — exclamou Carlos, tomando, cheio de confiança, as mãos da irmã.

— Então! Deixa-me, que o pai espera-me.

E separando-se do irmão, disse a rir:

— Que difícil papel me fazem representar em toda esta história!

CAPÍTULO XXXVI

A DEFESA DA IRMÃ

Jenny abriu vagarosamente a porta do gabinete de Mr. Richard.

Este andava ainda de um para o outro lado, a passos largos, com a cabeça baixa e as mãos atrás das costas.

Ao ouvir abrir a porta, parou, aguardando quem chegava.

— És tu, Jenny? — disse, ao ver o rosto da filha, e usando de uma afabilidade que formava completo contraste com a aspereza com que se dirigira a Carlos.

Jenny aproximou-se do pai e, apoderando-se-lhe da mão, beijou-a com afeto.

— Que quer dizer isso, Jenny? — disse Mr. Richard, procurando retirá-la.

— Deixe-me agradecer-lhe, senhor, uma ação generosa, nobre, digna de si, e que me fez sentir, mais do que nunca,

o orgulho de ser sua filha.

— Ora essa, Jenny. E foi para isso que vieste? — perguntou Mr. Richard, sorrindo e já sem o menor vestígio de rugas na cara, momentos antes contraída.

— E para mais alguma coisa — respondeu Jenny, com a respeitosa familiaridade de filha a quem diz a consciência que nada lhe será recusado.

— Então fala.

— Sabe tudo, não é verdade?

— Sei; infelizmente sei.

— E que tenciona fazer? E perdoe-me o querer assim penetrar as suas resoluções; mas tantas vezes voluntariamente mas confia, que me animo.

— Fazes bem, Jenny, fazes bem — atalhou Mr. Richard, afetuosamente. — Eu não me esqueço de que és uma boa conselheira.

— Bem; então desta vez?.

— Já refleti; e tomei algumas providências. Carlos partirá para Londres no vapor que.

Jenny moveu a cabeça, em sinal de desaprovação.

Mr. Whitestone, percebendo o gesto da filha, olhou para ela em silêncio alguns momentos.

— Parece que não aprovas, Jenny.

Jenny calou-se.

— Responde, fala. Com toda a franqueza diz-me o que pensas desta medida.

— Pois bem; direi. Não era isso que eu esperava do meu pai.

— Então? — perguntou Mr. Richard, com levíssimo tom de despeito.

— O seu proceder de há pouco deixou-me esperar outra resolução mais. mais. mais acertada — concluiu, depois de modesta hesitação e corrigindo a força da frase com a brandura da expressão.

— Que podia eu fazer?

Jenny, em vez de responder diretamente, continuou:

— Quer obrigar a partir Charles, quando ele levaria consigo, no coração, alguma coisa que o não deixaria ser feliz no desterro — porque é um desterro a que o vai condenar; quer obrigá-lo a partir, quando, atrás de si, aqui, deixaria alguém que sentiria essa ausência como uma condenação cruel.

Mr. Richard olhou admirado para a filha, ao ouvi-la falar assim; depois, com ar mais grave do que até aí, respondeu, parando em frente dela:

— Não, Jenny; quero obrigar a partir Charles para acabar a tempo com um capricho que podia vir a fazer a infelicidade dele e… — depois de hesitar por algum tempo, o velho inglês concluiu: — e dela, desse alguém de quem tu falas, suponho eu. Não vês que é uma inclinação de dois dias essa de Carlos?

— Não é, senhor, não é. Eu sinto que não é. Desta vez bem vejo que é sincera.

Mr. Whitestone encolheu os ombros, sorrindo.

— A Jenny ainda não aprendeu a conhecer seu irmão.

— Tenho seguido passo a passo, desde o princípio, esta paixão de Charles. Já desconfiei dela também; já receei por Cecília, e tentei dissuadir meu irmão do que imaginei não passar nele de um capricho. Depois reconheci que me enganara.

Mr. Richard abanou a cabeça, em sinal de dúvida.

— Há quanto tempo te convenceste da sinceridade dessa paixão em Charles?

— Há muitos dias; desde.

Mr. Richard sorriu.

— E se eu tiver provas de que, ainda há bem pouco, teu irmão era o mesmo irrefletido e estouvado rapaz de outros tempos?

— Provas?

— Se eu te mostrasse que ele hoje, ainda como dantes, não hesita, para satisfazer doidas e pouco delicadas fantasias, em cortar por certas contemplações, respeitáveis para quem possui intactos os sentimentos de família, ridículas talvez para ele?

— É injusto. demasiadamente severo para Charles, senhor.

— Pergunta-lhe se foi em homenagem a essa rapariga, por quem o imaginas apaixonado há tanto tempo, que ele vendeu o relógio, de que no dia dos seus anos eu lhe tinha feito presente. Afligiu-me este facto, não por o valor do objeto, mas porque me revelou uma fraqueza na alma do meu filho, uma tibieza nos sentimentos de dignidade, que não esperava encontrar nele.

— Charles afirmou-me que fora um motivo poderoso o que o obrigara.

— Mentiu! — disse Mr. Richard com azedume.

— Ó senhor! — exclamou Jenny, como exprobrando-lhe a dureza da expressão.

— O motivo sei eu qual foi.

— Terá provas certas de que o sabe?

Mr. Richard vacilou a esta pergunta, dizendo depois:

— Quase evidentes.

Jenny sorriu ao repetir:

— Quase.

Mr. Richard, como excitado por aquele sorriso, insistiu:

— Decerto não foi Cecília a pessoa que nesse dia procurou teu irmão e o acompanhou de carruagem até à loja do ourives onde se efetuou a venda?

Jenny soube pela primeira vez estas particularidades, mas, animada pela confiança que o irmão lhe soubera inspirar, disse sem hesitação:

— São esses os únicos fundamentos da acusação?

— E julgo que. — e mudando repentinamente o tom, acrescentou: — Mas, deixando isso, a não fazer o que fiz, que querias tu que eu fizesse?

Jenny, desviando os olhos para um periódico de gravuras, que estava sobre a mesa, respondeu:

— Não sei que mal haveria em ceder ao impulso daqueles dois corações, visto que.

Mr. Richard bateu, algum tanto impacientemente, uma pancada com a mão na secretária, junto da qual tinha parado.

— Julguei que Jenny não conhecia o mundo por o ter visto nas páginas dos romances.

— Não, senhor; não o conheço daí; mas também o não conheço por experiência pessoal. Das lições do meu pai obtive o pouco que dele sei; por isso avalio o bom e o mau das nossas ações na vida, à luz do dever e da consciência. Não foi o que me ensinou?

Mr. Richard aceitou com um sorriso a correção filial.

— Pois foi à luz do dever e da consciência que eu procedi.

— Julguei que, depois do acontecido, o dever lhe aconselharia outra coisa.

— Algum absurdo? Loucuras?. Fantasias? És mulher afinal, Jenny!

Jenny aproximou-se do pai, que viera sentar-se num a cadeira junto do fogão, apoiou-se-lhe ao ombro e, a meia voz, disse-lhe como a brincar:

— Desejava agora, por um momento só, deixar de ser sua filha, senhor.

— Para quê?

— Para me atrever a fazer-lhe uma pergunta.

— Autorizo-te a fazê-la, Jenny — respondeu o inglês, completamente desarmado contra a diplomacia da filha.

— Autoriza? Eu sei?!

— Exijo até que a faças.

— Sou mulher afinal! disse o pai. Pode ser. E como mulher tenho talvez o meu fraco pelo sentimento — preconceitos do coração. Não é isto?. Mas. era a pergunta que eu, se não fosse a sua filha, lhe quereria fazer: mas esse seu espírito, reto, esclarecido e forte. julgará sem preconceitos desta vez?

— Que preconceitos queres que sejam os meus? — perguntou Mr. Richard, desviando os olhos.

— Quem sabe lá? Cecília é filha de Manuel Quintino, um homem honrado, mas. subalterno; fiel, mas. pobre; um carácter generoso, mas. educado na escola da obediência; capaz de se sacrificar por nós, mas. vivendo dos ordenados da nossa casa.

— Doida! Então não me fazes a justiça de acreditar que a força da minha razão seria bastante para vencer esses preconceitos de educação. quando os tivesse? — disse Mr. Richard, porém de modo que estava justificando Jenny.

— Assim o espero; por isso é que.

— Não — interrompeu Mr. Richard —; não é isso o que me faz hesitar. O motivo é diverso. É porque não creio na duração dos sentimentos de Carlos; é porque lhe conheço o carácter leviano, e hesito por essa razão em fazê-lo chefe de uma família, que ele não saberia guiar e que tornaria desgraçada.

— Não é justo para com o seu filho, senhor. Ele herdou os dotes do seu coração. É leal e generoso. E será salvá-lo, fazê-lo entrar pelo coração no caminho do dever.

— Dizes-te amiga de Cecília, Jenny, e não hesitas em arriscar-lhe assim imprudentemente a felicidade?

Jenny demorou algum tempo sobre o pai um olhar quase malicioso.

— Eu, pelo menos — disse ela por fim — tenho uma garantia: é o coração de Charles, que está do meu partido;

mas ainda há bem pouco tempo que o pai concebia outra aliança para meu irmão, à qual até este pequeno auspício faltava. Que fez da confiança que então depunha no seu filho, ao querer fazê-lo chefe de uma família? porque não hesitava então, e hesita agora? Ser-lhe-ia indiferente a felicidade de Alice Smithfield, da filha do seu amigo? Decerto que não; mas é que sabia que Charles, prometendo fazê-la feliz, havia de ser fiel a essa promessa. E agora.

Mr. Richard não atinou com a resposta que desse a este argumento da filha.

Ergueu-se e voltou a passear.

Daí a instantes parou e, dirigindo-se a Jenny, disse:

— E demais, se, depois do que sucedeu diante de testemunhas, eu fosse seguir o teu conselho, não sofreria a reputação dessa pequena com isso? O mundo não veria neste acto, que pode ser. que creio mesmo que seja muito justo, mas que é preciso confessar também que não é natural, não veria nesse acto a reparação de ofensa maior?

Jenny sentiu-se alentada ao ver a nova face que o pai dava à discussão.

— E a partida repentina e inesperada de Charles, depois dos factos que sucederam, não dará lugar a vozes menos favoráveis ainda para ela, para ele e… para nós todos?

Mr. Whitestone não respondeu.

— Eu conheço pouco o mundo, é verdade — prosseguiu a filha —; mas parece-me que, em todo o caso, ele falará; o que se tem a fazer é dar às nossas ações a feição mais natural, para que menos curiosidade lhe excitem. Conduzamo-las de modo a deixar-lhe entrever os motivos que nos convier que ele suponha; mas sem mostrarmos o propósito de revelar-lhos, que não desconfie da intenção e procure então os verdadeiros.

Mr. Richard olhava para a filha com um sorriso, já muito desanuviado.

— Bravo! Que maquiavelismo! Não te sabia tão diplomata. Vamos à aplicação ao caso presente.

Jenny sorria também, mas de íntima satisfação, porque se pressentia vitoriosa.

— Trata-se de diminuir, pouco a pouco, a estranheza do acto que o faz hesitar; preparar as opiniões para aceitá-lo

como natural.

— E como? Que queres que eu faça?

— O que lhe ditar o coração. Não é a mim que compete aconselhá-lo.

Mr. Whitestone baixou a cabeça, com ar de reflexão.

Jenny principiou a dizer, como se falasse para si própria, mas de maneira que fosse escutada por o pai.

— O mundo é assim. Dá-se-lhe a verdadeira explicação dos factos, raras vezes a acredita. Forja-se outra, às vezes menos natural e plausível, quase sempre a prefere. Principalmente se a verdadeira é generosa e nobre, e a falsa interesseira e mesquinha. A aliança de Charles com a filha de Manuel Quintino, tendo por explicação somente o afeto dos dois, seria estranha e incompreensível; mas se Manuel Quintino, em vez de ser guarda-livros, fosse um sócio da casa.

Mr. Richard, ouvindo estas palavras, desviou para a filha o olhar. Viu-a distraída, examinando, com aparências de atenção, um pesa-papéis de cristal.

Mr. Richard teve uma lembrança.

Aproximou-se da secretária, e, tomando uma folha de papel, escreveu nela algumas linhas.

Jenny sorria, como se estivesse de longe lendo tudo o que o pai se pusera a escrever.

No fim o inglês releu com atenção o que havia escrito; dobrou cuidadosamente o papel e, entregando-o à filha, disse com rapidez, como se receasse que a resolução que abraçara lhe fugisse ainda:

— Aí tens. Entrega isso a Manuel Quintino. É uma memória dos teus vinte e dois anos.

Jenny, que astuciosamente deixara ao pai o prazer e a glória da boa ideia, cuja insinuação viera dela, suspeitou logo qual a natureza do escrito e disse com efusão:

— Agora sim! Torno a reconhecer o seu coração generoso.

— Então já sabes o que isso contém?

— Adivinho-o sem o ler. Atendendo aos antigos serviços prestados por Manuel Quintino à casa Whitestone, o meu

pai associa-o de hoje em diante ao negócio e à sua firma. Não é verdade?

— Quase por formais palavras — respondeu Mr. Richard, passando amigavelmente a mão por as faces da filha.

— Que mais ordena, miss Jenny? — perguntou jovialmente o inglês.

— Peço mais uma coisa.

— Diz.

— Peço para não fazer desde já uso deste papel.

— Então?

— Esse facto, que serve para preparar a opinião pública para o outro. não é verdade?

— Eu não prometi ainda.

— Este facto — continuou Jenny, fingindo que não ouvia resposta — causaria ainda estranheza, se não fosse preparado também com antecedências.

— Como?

— Recordo-me de que não há muitos dias o pai me falou de um negócio comercial, em que esteve para tomar parte a casa Whitestone, o que não fez por instâncias de Manuel Quintino, instâncias que a salvaram de um abalo, talvez fatal para ela. Não foi assim?

— Foi. O homem mostrou dessa vez um tino comercial!.

— A quantas pessoas falou já desse serviço do seu guarda-livros?

— Que eu saiba a nenhuma. Certas tentativas, por felicidade frustradas, não é muito conveniente revelá-las, pois podem abalar a confiança na prudência da casa.

— Pois, se me permite dar-lhe um conselho, deixe que se faça desta vez exceção à regra. Durante esta semana, eu, se estivesse no seu lugar, falaria a toda a gente naquilo. O nome de Manuel Quintino havia de andar, nestes oito dias, nos ouvidos de todos. Toda a Praça havia de ficar ciente dos seus prestantes serviços. e depois que haveria que estranhar quando se enviasse ao pai de Cecília este documento, em cujas dobras vai a felicidade de duas pessoas?

— E julgas tu que a gratidão é facto mais natural para o mundo do que a iniciativa no benefício? Se subtraíres da explicação o elemento «interesse», o facto será incompreensível!

— Nesse caso é deixar ao mesmo tempo suspeitar que Manuel Quintino tem conseguido acumular riquezas, e que da nossa parte.

Mr. Richard sorriu.

— Mais aceitável será o facto à opinião, ainda que. É uma trabalhosa semana a que me destinas! Não recuso, porém, a tarefa; veremos o que é possível fazer. Mas o meu egoísmo não me consente ver-te assim desocupada, enquanto eu trabalho.

— Então em que tenho a ocupar-me?

— Na justificação do teu irmão. O meu assentimento aos teus últimos projetos, Jenny, fica dependente dessa condição. Enquanto não me convenceres de que foi nobre o motivo que levou Charles a vender aquele relógio, não esperes de mim.

— Mas Charles insiste em ocultar-mo.

— Pois fosse a empresa fácil, que não a confiaria de ti. Não julgues isto capricho da minha parte. Tu bem deves compreender a importância dessa justificação. A fé não basta; é mister provas. Os teus planos baseiam-se na excessiva confiança no teu irmão; é fraca base para a felicidade da pessoa de quem advogas a causa.

— Procurarei obter provas.

— Então dentro de oito dias.

— Dentro de oito dias.

E o pai e a filha separaram-se do melhor acordo.

Os preconceitos de Mr. Richard não tinham absolutamente serenado; mas Jenny tinha conseguido, por assim dizer, destacá-los do íntimo, em que eles viviam dominando, e apresentá-los à vista do pai que, envergonhando-se deles, os renegou.

Mr. Richard estimaria ainda encontrar outra solução à crise presente; mas por coisa alguma consentiria já em se mostrar sob o império dos seus preconceitos clandestinos.

CAPÍTULO XXXVII

COMO SE EDUCA A OPINIÃO PÚBLICA

No dia seguinte Manuel Quintino saiu cedo para o escritório.

Andou toda a manhã pensativo o guarda-livros.

Quanto mais refletia na cena da véspera e em outras antecedentes, tanto mais confirmada lhe parecia a vaga desconfiança de que não fora inteiramente verdadeira a explicação de Mr. Richard.

Mas não lhe queria mal por ela o velho guarda-livros; antes intimamente lha agradecia. Assustava-o, porém, o estado do coração de Cecília. Seria ainda tempo de arrancar de lá aquela afeição tão louca, que por imprevidência deixara crescer?

Nisto pensava ainda Manuel Quintino, quando entrou no escritório um dos mais sisudos e abastados negociantes da Praça, e muito afavelmente o cumprimentou, dirigindo-lhe

as mais lisonjeiras expressões sobre os seus relevantes serviços à casa Whitestone e aplaudindo a sagacidade com que antevira a suspensão de pagamentos de uma poderosa casa de Londres e evitara que a firma Whitestone sofresse na quebra. Manuel Quintino ficou surpreendido com o inesperado cumprimento. Ele já nem pensava naquilo, nem imaginava que Mr. Richard, único que o podia contar, o conservasse tão presente na memória.

O grande conceito em que tinha o negociante que lhe falara não deixava porém ser-lhe indiferente o louvor recebido dele.

A surpresa do velho aumentou quando a este primeiro se sucedeu outro e quando todos os que naquela manhã entravam no escritório pareciam apostados a reproduzir, com pequenas variantes, frases iguais de louvor.

A consideração que Mr. Whitestone gozava na Praça fizera com que por toda ela se espalhasse com rapidez a fama dos serviços prestados por Manuel Quintino, a quem o honrado inglês, fiel às promessas que fizera a Jenny, exaltou com uma veemência de frase e de expressão pouco habitual à

sua fleuma britânica, e que por isso mesmo teve dobrado efeito.

Como sempre acontece, à medida que a notícia se transmitia, ampliavam-se os serviços de Manuel Quintino. A opinião pública, que até então nem atentara nele, supondo-o um ente inteiramente nulo, sofreu um destes reviramentos súbitos, de que por certo os leitores hão de conhecer exemplos.

Em um grupo de negociantes, estacionados no passeio da Rua dos Ingleses, discutia-se toda a manhã Manuel Quintino. Um insistia em dar a entender aos colegas que havia muito adivinhara o homem; outro proclamava-o já o primeiro guarda-livros do Porto; outro fazia valer o seu profundo conhecimento da língua inglesa; outro a sua perfeição caligráfica; outro a sua atividade, o seu desembaraço em operações e escrita comerciais, e a sua longa prática, etc., etc.

— Disse-me há pouco Mr. Whitestone — acrescentou a isto tudo um barão — que o homem tem já o seu pecúlio bem bonito.

Mr. Whitestone não se esquecera desta parte do plano de Jenny.

— Que dúvida! — disseram alguns.

— Sabem o que ali está? — fez notar um brasileiro. — É um bom diretor de banco.

— E olhe que é verdade.

Esta opinião prova a que ponto subira, em poucas horas, o crédito de Manuel Quintino. Julgá-lo apto para diretor de um banco era o mais alto grau a que podia elevá-lo o conceito público. Tal foi o efeito do artifício de Jenny.

Mr. Richard via com prazer o bom êxito do plano. O amor-próprio de artista estava a sufocar o resto de preconceitos que ainda sobreviviam nele. Por prudência chamou de parte Mr. Brains, que viu na Praça, e deu-lhe a entender que convinha não falar na cena do jantar da véspera.

— Porque, Mr. Brains — disse ele —, bem vê que aquele pateta do Charles portou-se de maneira que será pouco airoso para um inglês se se vier a saber.

Feita esta reflexão, o orgulho nacional terminava a obra, encadeando a língua de Mr. Brains; a de Morlays também a mesma causa foi, além da misantrópica incomunicabilidade, suficiente para a refrear.

Nesta mesma manhã, Cecília, achando-se só em casa, julgou ouvir uma carruagem parar-lhe à porta.

Indo à janela, ficou agradavelmente surpreendida vendo Jenny, que descia de um elegante carro descoberto, entrar para o portal.

Cecília correu a recebê-la nos braços.

— Este sol não me deixou desde pela manhã ficar quieta, Cecília — disse Jenny. — Apeteceu-me tomar ar e vim, para me fazeres companhia.

— Eu?

— Sim, tu; e desde já te declaro que não me sinto de ânimo para aceitar desculpas. Veste-te e vamos.

— Mas, Jenny. repare.

— Reparo que são dez horas e que não tenho paciência para esperar mais. Queres que te leve à força?

— Mas estou só.

— Enquanto te vestes alguém virá decerto, e, se não vier. Enfim, estou resolvida a cortar por todas as objeções, ainda que seja de uma maneira absurda. Vê lá se podes lutar comigo.

Cecília sorriu a este capricho de Jenny; era tão pouco sujeita a eles, que a filha de Manuel Quintino suspeitou que alguma ideia oculta andava nisto.

Retirou-se, porém, para obedecer-lhe.

Jenny ficou só na sala.

Não esteve muito tempo sem que ouvisse passos na escada.

Era Antónia que voltava de fora.

Antónia não suspeitava a presença de Jenny em casa. O jóquei, para evitar o resfriamento da horsa, conduzira o carro até o fim da rua, de maneira que Antónia, ao chegar, nada viu à porta que lhe denunciasse a visita.

Achando a sala aberta, supôs que era Cecília que estava ali e ainda do corredor principiou a clamar:

— Bem se diz: não há nada que o tempo não descubra. Agora mesmo acabo de saber aonde mora a tal sujeita com quem o senhor Carlos saiu de carruagem aquela manhã. Não que nem de propósito! Ia eu.

Aqui interrompeu-se de súbito, porque reconheceu que estava falando a Jenny, em vez de Cecília.

— Boa te vai — exclamou Antónia, mortificada. Mas já tinha dito bastante para que Jenny não a deixasse retirar.

— Espere, acabe. Aonde mora essa senhora? Diga.

Antónia estava visivelmente embaraçada.

O tipo inglês de Jenny mostrou-lhe imediatamente que era na presença da própria irmã de Carlos que ela tinha imprudentemente avançado aquelas palavras.

Jenny não lhe deu tempo de dominar esta primeira impressão e de tomar um partido.

— Não se constranja. Fale. Está diante da irmã de Carlos. Sei o facto a que se refere. Eu também tenho o maior interesse em conhecer a pessoa de quem falava. Por isso acabe o que ia a dizer.

— Ora nem vale a pena. A minha ideia não era.

Jenny resolvera não abandonar aquela oportunidade de resolver o mistério que se prontificara a elucidar em oito dias. Um secreto pressentimento lhe assegurava que destas pesquisas resultaria a justificação do irmão.

— Vamos — insistiu ela, dando às palavras tom de familiaridade própria a inspirar confiança. — Dizia que tinha descoberto a morada daquela senhora.

— Eu não disse.

— Não negue. Ouça-me. Eu sei tudo o que se tem passado entre meu irmão e Cecília.

— Sabe?!

O que Jenny não sabia era quais as ideias da Sra. Antónia sobre este assunto, e por isso continuou com a maior precaução:

— Sei, e bem vê que, não só como irmã, mas como amiga, devo… preciso de…

— Mas quais são as tenções da senhora?

— Concorrer para evitar o infortúnio de ambos — respondeu Jenny, ambiguamente.

Antónia interpretou ao seu modo a resposta.

— Pois bem; eu sei que a senhora tem muito juízo, e por isso digo-lhe, esta manhã.

Nisto ouviu-se Cecília fechar a porta do quarto.

— Silêncio — disse Jenny —; Cecília vem aí. Vamos sair juntas. Não lhe diga nada, enquanto não falar comigo. É para bem dela.

Amanhã pela manhã procure-me. Sabe onde moro?

— Sei, sim, minha senhora.

— Então não falte. Vossemecê é uma mulher de juízo, e por isso quero falar-lhe. E não diga a Cecília!

— Esteja descansada — disse Antónia, a quem as últimas palavras de Jenny tinham em extremo lisonjeado e ganho de coração para a causa dela.

Cecília chegou à sala.

Dentro em pouco, ambas aquelas duas mulheres de beleza incontestável, ainda que de tão diversa índole, partiam no elegante carro, conversando e rindo, com a despreocupação da juventude.

Jenny tinha com antecipação dado ordens para o passeio.

Seguiram pela estrada da Foz. Passaram quase toda a manhã à beira-mar. Jenny parecia outra. A sua seriedade inglesa cedera o lugar a uma vivacidade de conversação e a um contentamento, quase de criança. Tudo lhe era motivo para alegria, que pouco a pouco se comunicou a Cecília também.

Há poucas coisas tão fatalmente contagiosas como a alegria das pessoas sérias.

Foi uma deliciosa manhã a das duas raparigas. Cecília estava muito longe de prever em que terminaria aquilo.

À uma hora voltavam para o carro e às duas entrava ele, com grande surpresa e sobressalto de Cecília, pela Rua dos Ingleses, então em plena atividade comercial.

A presença das duas amigas causou sensação na Praça. Todos conheciam Jenny; raros, se alguns, podiam dizer

quem fosse Cecília.

Um inglês veio cumprimentar Jenny. Ela aproveitou a ocasião para lhe apresentar Cecília. Dentro em pouco corria voz na Praça de que era a filha de Manuel Quintino a senhora que acompanhava a inglesa.

Mr. Whitestone veio receber a filha ao portal. Ao ver Cecília, trocou um sorriso de inteligência com Jenny. Com toda a galantaria as ajudou a descer do carro.

Foi grande a surpresa de Manuel Quintino, vendo entrar a filha no escritório.

Jenny aplaudiu o espanto do velho, rindo com vontade. Mr. Richard também não ficou sério.

Não menos surpreendido foi Carlos com o encontro, que estava longe de esperar.

Entre Cecília, Carlos e Manuel Quintino conservou-se invencível constrangimento.

Perto das três horas, os grupos que estavam ainda na Praça viram sair do portal do escritório a família Whitestone, Cecília e Manuel Quintino, e todos tomarem lugar no carro.

Momentos depois este, guiado por Carlos, atravessava por entre esses grupos, e seguia toda a extensão da rua, deixando atrás de si uma esteira de comentários.

Manuel Quintino ia enleado; Cecília, pensativa; Jenny, contente.

CAPÍTULO XXXVIII

JUSTIFICAÇÃO DE CARLOS

No dia seguinte, pela manhã, era a Sra. Antónia introduzida com muita deferência no quarto de Jenny. A criada de Manuel Quintino estava penhorada com tantas atenções, e era já, de corpo e alma, criatura da inglesinha, como ela chamava a Jenny Whitestone.

Jenny fê-la sentar junto de si e pediu-lhe que lhe dissesse quanto sabia da tal senhora a quem aludira na véspera.

Antónia com muitas digressões, a que era inclinada, contou como naquela manhã, passando por a Rua de Santa Catarina, vira estar o Sr. Paulo, segundo-caixeiro do escritório de Mr. Richard, falando, da rua para a janela, com uma senhora, que lhe sorria com afeto. Antónia, obedecendo a natural curiosidade, afirmou-se na tal senhora e reconheceu-a a mesma que procurara Carlos e

saíra com ele naquela manhã em que Antónia viera colher informações da Sra. Josefinha da Água-Benta.

— Era ela sem tirar nem pôr. Enquanto a mim, alguma comediante de teatro, porque dizem. mas perdoe-me a senhora o eu estar com isto.

Jenny fingiu não atender à opinião de Antónia e perguntou:

— E diz então que mora?

— Na Rua de Santa Catarina.

E entrou na minuciosa descrição da casa, com todas as particularidades que a pudessem fazer conhecida.

Jenny já não tinha nada mais a saber de Antónia.

Ao recompensar generosamente a boa vontade da informação, disse, como para acalmar os escrúpulos fictícios de Antónia:

— Creia que lhe fico ainda obrigada por o que me contou. E agora tenho a pedir-lhe outra coisa.

— Diga, minha senhora, diga.

— A Sra. Antónia não há de dizer que veio aqui.

— Ora essa!

— Estou certa que não diz; além disso, fale verdade, quer muito mal ao meu irmão?

— Eu, minha senhora? — disse Antónia, visivelmente enleada com a interpelação.

— É provável que sim. Quase todos são injustos para Carlos, antes de o conhecerem. Depois, vendo como ele é bom, generoso e delicado, acabam por adorá-lo.

A Sra. Antónia ficou abalada nos seus juízos a respeito dos dotes críticos da cunhada da sobrinha do homem da sua comadre.

— Ora diga — continuou Jenny — : não são prevenções somente as que tem contra meu irmão?

— Sim. eu. quero dizer. a falar a verdade.

— Pois bem; só lhe peço que, durante alguns dias, não pense bem nem mal de Carlos, até. até ter notícias minhas.

— Ó minha senhora, pois eu pensava lá.

— Vá, vá, Sra. Antónia, para que Cecília não desconfie. Não lhe diga coisa alguma, nem fale na tal senhora.

— Esteja descansada.

Logo que Antónia saiu, Jenny deu ordem para prepararem o carro.

E quando lhe anunciaram que esta ordem estava cumprida, desceu ao portal e, entrando para o carro, disse ao criado, que a ajudou a subir:

— Ao alto de Santa Catarina.

Em pouco tempo, achou-se transportada lá. Jenny, pelos sinais que recebera de Antónia, e que conservava de memória, pôde reconhecer a casa da tal senhora e mandou parar em frente dela.

Só então hesitou pela primeira vez nesta série de actos, a que obedecera como subjugada por quase instintiva violência.

— Em casa de quem vou eu entrar? — pensou ela. — Que mulher será esta? Carlos afiançou-me. porém.

À porta da casa contígua estava um criado, olhando com curiosidade para o carro em que viera Jenny.

Jenny mandou perguntar a este criado informações a respeito da senhora que vinha procurar.

Obteve a resposta de que morava na tal casa uma senhora viúva, na companhia do filho.

Jenny não hesitou mais; saltou para o passeio e tocou a campainha.

Passados minutos, era recebida num a modesta, mas asseada sala, por uma senhora, ainda bela, apesar de haver já passado o verdor da juventude.

Jenny foi direita ao fim da visita.

— Minha senhora — disse ela —, eu chamo-me Jenny Whitestone.

A senhora estremeceu de surpresa. Jenny prosseguiu com uma concisão verdadeiramente inglesa:

— Venho de propósito procurá-la, e não sei ainda a quem tenho a honra de falar. O fim da minha visita é este: Meu irmão, Carlos Whitestone, saiu há dias de casa na companhia de uma senhora; entrou num a loja de ourives, e vendeu um relógio, que, pouco tempo antes, recebera do

meu pai. — Este facto foi sabido; o meu pai experimentou com isto grande desgosto, e esta ação de Carlos tem sido interpretada de maneira desfavorável para ele e trazido consigo dissensões domésticas, que trabalho por aplacar. O meu irmão afiança não ter sido indigno o motivo do sacrifício que fez daquela dádiva do afeto paterno; insiste porém em não o explicar. Eu creio na palavra de Carlos, porque o conheço; mas nem todos depositam nele a mesma confiança. Soube por acaso que era V. Exa. a senhora que naquela manhã acompanhava meu irmão. Poderei obter de V. Exa. provas para a justificação de Carlos?

Enquanto Jenny falava, a senhora mostrava-se cada vez mais agitada, como se diversas sensações se combatessem nela. Ao ouvir-lhe esta pergunta, respondeu com as lágrimas nos olhos:

— Pode, sim, minha senhora; mas. depois de V. Exa. as ver, dirá se me será possível deixar de pedir-lhe que não use delas.

— Como? — perguntou Jenny, admirada.

Em vez de responder, a senhora levantou-se e aproximou-se de uma secretária, que abriu. Voltou dentro em pouco, trazendo alguns papéis na mão.

— Eu sou a mãe de Paulo, o caixeiro do escritório do Sr. Whitestone.

— Ah!

— Queira ler esta carta, minha senhora.

Era uma carta de Paulo à mãe.

Jenny leu; a meia leitura, saltavam-lhe já as lágrimas dos olhos e compreendia tudo.

Nesta carta Paulo confessava-se criminoso e dizia-se perdido para sempre. O muito amor que tinha à mãe tornara-lhe insuportável a ideia de que a menor privação fizesse sentir à pobre senhora as amarguras de uma existência, para cujo amparo só ele ficara, depois da morte do seu pai. — Este sentimento piedoso perdeu-o. Não bastando para tratá-la, como desejava, os ordenados do escritório, contraiu dívidas primeiro; para as saldar, jogou nas lotarias; acresceu o mal; e mais tarde, num momento de desespero, durante o mês da doença de Manuel

Quintino, subtraiu uma avultada soma da caixa, fechando os olhos às consequências. — A confiança de Carlos era fácil de iludir; mas na véspera do regresso de Manuel Quintino ao escritório, Paulo previu que o desconfiado guarda-livros cedo descobriria tudo. Após o susto veio o remorso, e após o remorso, a resolução desesperada. Para evitar o suicídio, resolveu fugir da cidade. Nesta carta despedia-se, portanto, da mãe, e recomendava-lhe que pedisse proteção a Mr. Richard e sobretudo a Carlos, em cujo carácter generoso o pobre rapaz confiava cegamente.

— Ó meu bom Charles! — disse Jenny, ao acabar de ler — eu bem sentia que havia de ser digno de ti o motivo que te levou àquilo. Compreendo tudo, meu irmão.

— Seu irmão é uma alma sublime, a quem Deus pagará em venturas as lágrimas de gratidão que ele me tem feito derramar.

Jenny apertou comovida as mãos da senhora, que chorava.

Contou a mãe de Paulo os pormenores das cenas que se passaram naquela manhã: como, ao acordar, dera pela ausência do filho e encontrou esta carta a explicá-la; o seu

desespero, a sua irresolução; a ignorância em que ficou sobre o destino de Paulo. — Disse depois como o bilhete de um amigo desconhecido, indicando Paulo a hora a que devia estar a bordo do navio, lhe dera indícios.

Depois contou toda a entrevista com Carlos, a quem ela recorrera desesperada. A pronta disposição deste para valer-lhe; como, obtida com a venda do relógio a soma do alcance de Paulo, Carlos a acompanhou à Foz, até bordo do navio, e lhe restituíra o filho, que ela já supunha perdido.

— Horas depois — concluiu ela — recebia eu em casa este bilhete de Paulo.

Jenny leu-o. Dizia apenas:

«Tudo está salvo, minha boa mãe. A generosidade do Sr. Carlos livrou-me da desonra. Resta-me o dever da regeneração, que sinto agora mais vivo do que nunca.»

— E agora diga, minha senhora, devo acusar meu próprio filho? Não era por mim que ele se perdia? E devo pagar-lhe assim? É de justiça, bem sei; mas. perdoe-me se me falta a coragem. Não desculpará esta fraqueza a uma mãe?

Jenny abraçou-a com ternura.

— Tranquilize-se, minha senhora. Não é a esse coração que eu pedirei tal sacrifício. Deus me inspirará algum meio de valer a todos. Sinto-me agora com força para tudo.

— Pobre Paulo! O muito amor que me tem foi que o levou àquilo. Ainda hoje sente remorsos tão vivos!. Ele bem faz por se alegrar, mas. conheço que lhe pesa esta pena dentro da alma. «Se eu fosse só — disse-me ele há dias — se a minha desgraça não pudesse cair sobre a cabeça de mais ninguém, eu já teria confessado tudo! Envergonho-me de mim mesmo, quando penso no meu silêncio.» E eu, senhora, que abençoaria a hora em que espontaneamente ele o confessasse, não tenho coragem para dizer-lhe: Fala! Parece-me quase uma ingratidão. Era como se eu própria, sabendo que ele se desonrara por mim, o apontasse desonrado aos olhos dos outros.

Jenny consolou a pobre mãe e prometeu-lhe não revelar a alguém o que dela acabara de saber.

Saiu dali com a alegria no coração a generosa irmã de Carlos.

De caminho ia pensando na maneira de proceder para patentear ao pai a inocência de Carlos, sem trair a confiança que a mãe de Paulo depositara nela.

De súbito, acudiu-lhe uma ideia que a fez sorrir. E, em vez de voltar para casa, como tencionava, deu ordem para que a conduzissem ao escritório da Rua dos Ingleses.

Mr. Richard, que passeava na Praça, vendo chegar a filha, aproximou-se dela sorrindo.

— Que madrugada é esta, Jenny?

— Admira-se? Pois há muito que ando por fora.

— Então é dia de feira?

— Não, senhor; mas tenho hoje de lhe dar contas de um trabalho de que me encarreguei.

— Qual?

— Um problema que prometi resolver em oito dias.

— Ah! E então?.

— E então, nem tanto tempo me foi preciso; já possuo a solução; agora só me resta uma dificuldade.

— Qual é?

— Achar a maneira apropriada de lha fazer saber.

— Isso não custa a imaginar.

— Não é muito fácil, porque prometi que não serei eu que a diga.

— E então quem há de ser?

— É o que venho procurar.

— Aqui?

— Lá acima, ao escritório, onde me deixará subir e demorar algum tempo.

— Como quiseres. E pode saber-se se a solução é satisfatória?

— A melhor possível.

— Duvido.

— Verá.

— Verei.

— Duas palavras mais: os seus caixeiros sabem todos inglês?

— Manuel Quintino.

— Esse sei que sim; os outros?

— Paulo não o fala, mas entende-o; o outro nem o entende, nem o fala.

— Bem. Outra coisa. Há de fazer-me uma promessa.

— Diz.

— Quando souber a solução do problema, se reconhecer que foi severo de mais para com o seu filho, será, em compensação, indulgente para com o verdadeiro culpado.

— Pois há culpados?

— Promete?

— Mas.

— Promete?

— Prometerei, porém.

— Até logo. Ou eu me engano muito, ou, daqui a meia hora, pode vir saber o resultado.

— De ti?

— De mim não. Até logo.

E desapareceu, subindo com ligeireza as escadas carunchentas do escritório.

Ao entrar ali dentro, Jenny revestiu-se de um daqueles ares graves e pensativos que tão bem lhe iam à fisionomia simpática.

Estavam na sala Manuel Quintino, Paulo e o outro caixeiro, e todos se levantaram, ao verem entrar a jovem inglesa.

— Por favor, deixem-se estar como estão — disse ela, sentando-se ao pé de Manuel Quintino. — Quero descansar algum tempo aqui; mas não interrompam os trabalhos.

— Estava bem longe de a esperar hoje por estes sítios, miss Jenny — disse Manuel Quintino, continuando a trabalhar.

— Precisei de falar com o pai. Mas que tem, Manuel Quintino? Parece-me triste; Cecília como está?

— Graças a Deus, menina, Cecília. não está mal.

— Então não esteja triste. Para tristezas basto eu.

— Então, miss Jenny, está triste?

— E não pouco, Manuel Quintino.

Manuel Quintino sorriu, como quem duvidava.

— De que se ri? Julga-me incapaz de sentir a tristeza?

— Não, mas não vejo o que possa causar-lha.

— Então ouça e diga se o motivo não é para estes e piores efeitos.

Jenny, passando de repente a falar inglês, como se desejasse ser somente compreendida por Manuel Quintino, a quem se dirigia em tom confidencial, prosseguiu:

— Charles tem excelente coração, como sabe; mas uma cabeça!. Sem o querer, é o motivo de continuados desgostos em casa. Aí está que se dá agora com ele um facto, bem singular, que é a causa da minha tristeza.

E Jenny principiou a contar a Manuel Quintino a história do relógio, o desgosto de Mr. Richard, a insistência de Carlos em ocultar as razões que o moveram àquela venda, razões que ele se limitava a afirmar não serem vis.

— Mas que quer? — prosseguia Jenny — quem o acreditará? Eu e mais ninguém. O conceito que geralmente fazem do meu irmão não lhe serve de fiança valiosa. Isto tem feito existir entre Charles e o pai, há já muitos dias, uma frieza. mais do que frieza, uma quase hostilidade, que me aflige. Se soubesse, Manuel Quintino, o que tenho chorado por causa deles!.

Jenny que, como dissemos, falava agora em inglês e como quem não receava que alguém mais a compreendesse na sala, lançava de vez em quando olhares furtivos para Paulo e via-o mudar de cor, passar de pálido a corado, empalidecer de novo, corar outra vez, enquanto mal segurava na mão trémula a pena com que escrevia.

Jenny seguia com prazer todos estes sinais, e por eles conjeturava que estava sendo entendida.

— Verduras! — disse Manuel Quintino, procurando desculpar Carlos.

— Que importa que o sejam? São motivo bastante para nos fazer sofrer a todos.

Jenny insistiu muito nisto, exagerou as cores sombrias com que pintou o horizonte doméstico. Nisto falava ainda, quando Mr. Richard entrou no escritório. Jenny receou que qualquer pergunta dele inutilizasse todo o artifício, e por isso correu ao encontro do pai e, fingindo abraçá-lo, disse-lhe ao ouvido:

— Não se refira a nada do que há pouco lhe disse e demore-se aqui no escritório.

Mr. Richard fez, sorrindo, um sinal de assentimento.

Jenny sustentou uma conversa insignificante, sem nunca perder de vista Paulo, cuja turbação indicava uma violenta luta interior. Jenny agourava bem do que ia observando nele.

Enfim, deixou afrouxar a conversa e fez ao pai sinal para que entrasse no gabinete. Mr. Whitestone assim o fez.

A agitação de Paulo cresceu. Jenny espiava-lhe todos os movimentos e expressões. Viu-o pousar a pena e erguer-se, como movido por forte resolução. Jenny tremeu de sobressalto! Depois fez-se pálido, passou a mão pela cara e sentou-se outra vez. Jenny desanimou. Ergueu-se, enfim,

resoluto, e sem parar um momento mais, dirigiu-se ao gabinete de Mr. Richard e pediu licença para entrar.

— Entre — disse de dentro a voz do negociante.

Paulo entrou, fechando a porta atrás de si.

Jenny não pôde conter-se; saíram-lhe involuntariamente dos lábios estas palavras:

— Está ganha a causa!

Manuel Quintino olhou para ela admirado.

Jenny pôs-se a rir.

— Se soubesse, Manuel Quintino, que se está agora mesmo desmoronando o último e pequeno estorvo que se opunha à sua felicidade!.

Manuel Quintino cada vez a compreendia menos.

Jenny nada mais disse.

A conferência de Paulo e de Mr. Richard durou muito tempo. De fora só se percebia um indistinto rumor de vozes, sem se distinguir uma só palavra.

Afinal abriu-se a porta outra vez.

Passou por Jenny o tremor de incerteza.

O primeiro que saiu foi Paulo; trazia as faces afogueadas, os olhos vermelhos; mas, por entre estes vestígios de tristeza, transluzia certo ar de contentamento de alma, que tranquilizou Jenny.

Momentos depois saiu Mr. Richard. Através da impassibilidade e frieza aparente da fisionomia do velho, o olhar de Jenny percebeu que lhe ia muita alegria no coração.

Mr. Richard deu algumas ordens, fez algumas recomendações, e depois, voltando-se para a filha, disse-lhe que estava à disposição dela. Retirava-se do escritório a uma hora excecional. Jenny acompanhou-o.

— Saíste-te perfeitamente da tua incumbência, Jenny — disse-lhe o pai, quando a sós com ela no carro.

— Então não saí?

— E como o conseguiste?

— Mais devagar!. Esse é o meu segredo. Diga, não estará Carlos ainda justificado?

Um sorriso foi a resposta que obteve esta pergunta; sorriso de orgulho, de afeto, de comoção, que tudo estava então experimentando aquele coração de pai.

— Carlos tem uma alma generosa, leal; eu tenho sido deveras injusto com ele.

Jenny exultou ao ouvir esta confissão.

— Escuso de perguntar — disse ela — se foi indulgente com o culpado; tenho até a pedir-lhe perdão de ter antes exigido a promessa daquilo que por certo espontaneamente faria.

— Enganas-te; eu castigo.

Jenny olhou-o inquieta.

— O castigo é um dever moral — prosseguiu o pai. — É o meio de regeneração. As almas fracas e vis castigam-se com rigores; só o medo pode refreá-las. Mas Paulo, apesar da sua fraqueza, tem vigorosos ainda os instintos da honra; para estes o castigo, que regenera, é o pagar a culpa com o benefício. No mesmo dia em que Manuel Quintino for meu sócio, Paulo será nosso guarda-livros, ser-lhe-ão aumentados os salários e confiada a caixa.

Jenny beijou as mãos do pai.

— Deus não castiga por outra forma.

— Não digas heresias, Jenny.

Tinham chegado a casa.

— Agora podes fazer a Manuel Quintino o teu presente — disse Mr. Richard.

— E depois.

— Depois examinaremos devagar o resto das tuas loucuras.

CAPÍTULO XXXIX

COROA-SE A OBRA

Manuel Quintino estava ainda em casa, na manhã do dia seguinte, quando Antónia lhe veio anunciar que a «inglesinha» chegara num a carruagem e perguntara por ele.

Cecília e Manuel Quintino correram ao encontro de Jenny.

— Estranham-me a madrugada? Que querem? Não pude dormir toda a noite com a lembrança desta visita. Desejava encontrar ainda em casa o Sr. Manuel Quintino e como sei dos seus hábitos matinais.

— Ainda tenho meia hora — disse o guarda-livros, consultando o relógio.

— O fim da minha visita é simplesmente entregar-lhe em mão própria uma mensagem do meu pai. Quer ver?

E passou para as mãos do velho a carta, que o leitor conhece já.

Enquanto Manuel Quintino se dispunha a lê-la, Jenny dizia a Cecília:

— Então como vai esse coração?

— O coração?

— Sim; eu não quero que ele se deixe curar, senão por mim. Entendes?

— E acha-o doente? — perguntou Cecília.

— E acha-o são? — perguntou Jenny, imitando-a.

Cecília ia a responder, mas suspendeu-se, olhando para o pai.

— Jesus! Que tem meu pai? Olhe!

Manuel Quintino, que acabara de ler a carta de Mr. Richard, estava efetivamente perturbado; fizera-se pálido, e tremia, olhando para o escrito, que conservava na mão.

Jenny sorriu.

Cecília correu para o pai.

— Que é isso? Que é que tem?

Manuel Quintino mostrou-lhe em silêncio a carta do inglês.

Cecília leu-a num relance de olhos. No fim, banhada de lágrimas, abraçou o pai com transporte.

— Oh, que felicidade, meu pai!

O velho parecia hesitar ainda entre a alegria da nova e não sei que amargo pensamento, que teimava em enlutá-la.

— É decerto à influência deste anjo — disse Cecília, designando Jenny — que devemos esta ventura.

O guarda-livros olhou também para Jenny e, com certa perturbação de voz mal disfarçada, perguntou-lhe:

— Miss Jenny, a que serviços devo eu uma tão generosa recompensa?

— Serão poucos os de dezoito anos de fidelidade, Manuel Quintino? Vamos — continuou sorrindo —; querem ver que nos sai um desconfiado? Asseguro-lhe eu, Jenny — continuou com voz firme e grave, porque julgou divisar um raio de desconfiança no olhar de Manuel Quintino —, asseguro-lhe eu, que vi escrever essa carta e que beijei,

reconhecida, a mão que a escreveu, asseguro-lhe que pode e que deve aceitar a mercê — se mercê se pode chamar — com a certeza de que a obteve por nobres e reais serviços.

Estas palavras desarmaram Manuel Quintino. Todas as sombras suscitadas pela leitura se desfizeram.

Havia-lhe de facto ocorrido que lhe queriam compensar daquela maneira as tenções, menos leais, de Carlos para com a filha, e, com esta ideia, o orgulho e o despeito, mal sopeados ainda, revoltaram-se-lhe no coração outra vez.

Mas o conceito em que tinha Jenny não lhe deixava suportar estes escrúpulos, desde que por ela os via condenados.

Agora porém era Cecília a que ficava pensativa.

Passada a primeira expansão de alegria, que a felicidade do pai lhe despertara, acudiu a reflexão a fazê-la meditar sobre as tenções de Jenny.

Esta, que observava a amiga, chamou-a de parte.

— Que ares graves são esses, Cecília?

— Jenny, deixa-me fazer-lhe uma pergunta?

— Não; se for feita de maneira tão cerimoniosa. Vê que não é assim que eu te trato.

— Mas.

— É condição para que te escute. Fala.

— Diga-me.

A um gesto de Jenny, corrigiu, sorrindo:

— Dizes-me toda a significação disto?

— De quê?

— Desta generosa ação, que eu sinto vir da. A tua inspiração?

— Então não te basta a explicação que dei? Tão impossível te parece já a gratidão, que.

— Não, mas as circunstâncias que ocorreram. o que se passou.

— Que tem tudo isso?

— Jenny, perdoa-me; mas a minha consciência obriga-me a pôr de parte todas as reservas e a falar-te com franqueza.

— E ainda agora o fazes?

— Responde-me. Quais são as tuas tenções?

— Que tenções?

— As tuas tenções. ao meu respeito?

— Ah! . As melhores tenções deste mundo. Fazer-te feliz.

— Mas repara, Jenny, que eu não o posso nunca ser, à custa de sacrifícios alheios.

— E quem é que se vai sacrificar?

— Não sei, mas. acudiu-me um pensamento. louco por certo. mas inquieta-me. A tua generosidade é capaz de tudo.

— Vamos lá a ver esse pensamento louco que te ocorreu.

— Naquela manhã, no dia dos teus anos, quando me apareceste, como o anjo de misericórdia, num momento de aflição. lembras-te?

— Vamos adiante... O anjo de misericórdia é que veio de mais aí...

— Nesse momento, ouvi-te dizer algumas palavras, que tremi de compreender, depois quando disseste a. O teu

irmão que eu tinha direitos a exigir dele a afeição que.

— E não tinhas?

— Ouve-me, Jenny. Daquela vez a tua angélica presença bastou para me salvar; mas, se não bastasse, quando eu tivesse sido surpreendida, como o acaso me arriscou a ser, ali, só, naquele lugar, e ficasse perdida na opinião de todos, coberta de vergonha e de desprezo, ainda assim preferiria retirar-me só com a minha consciência, que me não acusava, a usar dos direitos a essa reparação, que dizias. Exigir afeições! Repara bem, Jenny: — Exigir! — E podem lá exigir-se afeições? Receber as aparências delas, em vez da realidade! E a quem dá isso venturas?

— Tens razão, Cecília. Vê; eu também sou do teu pensar, e, contudo, teimo em fazer-te feliz. E sinceramente te confesso que isto hoje é um passo dado no caminho em que entrei e que estou disposta a seguir até ao fim.

— Mas.

— Com franqueza, Cecília. Falta-nos o tempo para rodeios. Acreditas ou não na afeição de Carlos?

— Não.

— Que não tão desenganado! — disse Jenny, sorrindo. — Há de custar-me a perdoar-te. Não sei se sabes que tomei sobre mim o justificar meu irmão. Já tenho alcançado muitas vitórias. O meu pai confessou-se já ontem injusto para com ele. A tua criada Antónia está meia abalada também.

— Antónia?!

— É verdade. Eu suspeitei que o meu irmão tinha nela um inimigo, e parece-me haver acertado. E senão diz-me: não foi Antónia quem te contou a história de certa visita que Carlos recebeu?

Cecília desviou os olhos, ao ouvir a referência ao delito que com tão amargas censuras lhe fora de facto contado pela criada.

— Bem vejo que me não enganei — continuou Jenny. — Pois até Antónia se dará por vencida afinal. Enquanto à tal visita. dir-te-ei de passagem que tudo está satisfatoriamente explicado.

— Como? — perguntou Cecília com vivacidade.

— É segredo que o meu irmão te poderá revelar, quando. entre ti e ele não devam existir segredos.

— Tarde viria então, para me aproveitar, o esclarecimento.

— Até lá contenta-te com a minha palavra; ou também duvidas dela?

A volta de Manuel Quintino à sala interrompeu o diálogo.

Cecília ficou no fim dele com mais confiança no futuro, e mais frequentes lhe assomaram os risos aos lábios no resto da manhã.

Espalhou-se rapidamente na Praça, durante aquela manhã, a nova da promoção de Manuel Quintino.

Choveram-lhe parabéns de todos os lados, cresceu na opinião pública a reputação do guarda-livros.

Conceituando altamente a classe comercial, não podia Manuel Quintino ficar indiferente, ao sentir-se guindado por ela na escala da consideração. Deixava-se possuir de legítimo orgulho que, não obstante, o não fazia soberbo.

Paulo foi no mesmo dia nomeado guarda-livros, com aumento de ordenado.

O pobre rapaz recebeu com lágrimas a nomeação. Estas lágrimas estavam vingando Mr. Richard.

As manifestações públicas de intimidade entre as duas famílias repetiram-se, graças aos sacrifícios de Jenny.

Uma noite, Cecília, obrigada por ela, apareceu no teatro.

Os amigos de Carlos reconheceram-na, e os boatos do próximo casamento do filho de Mr. Richard com a filha do seu novo sócio principiaram, desde então, a transpirar na cidade com certa insistência.

A fantasia de alguns noveleiros explicava o facto por motivos ocultos, dando a entender que os serviços que devia a casa Whitestone a Manuel Quintino eram maiores do que os reconhecidos por ela e que as economias do velho guarda-livros tinham valido para atalhar os males causados pelos arrojos do patrão. Desde que se achara assim meio de fazer intervir na explicação o elemento interesse, os ânimos aceitavam-na de mais boa mente.

Tinha Mr. Richard razão.

Partira porém um vapor para Londres e, após o primeiro, outro e outro, sem que o velho comerciante inglês fizesse lembrar ao filho o cumprimento da sua sentença.

Uma manhã, estava Mr. Richard no gabinete, entusiasmado na contemplação da chamada «Águia dourada», ou tecnicamente: Aquila Chrysaetus, raro visitador dos subúrbios de Londres, que ele recebera nas vésperas de um seu amigo de Boxhill, onde fora caçada e morta, quando deste quase êxtase de colecionador o arrancou o rumor da porta do gabinete que se abria; Mr. Richard voltou-se e viu o rosto da filha, que espreitava para dentro.

— Entra, Jenny, entra — disse ele, com a afabilidade com que sempre lhe falava.

Jenny entrou.

— Que te traz por aqui, tão de madrugada?

— Encarreguei-me de uma apresentação, que peço licença para fazer-lhe.

— De uma apresentação?! De quem?

— De uma pessoa — respondeu Jenny maliciosamente — que lhe quer pedir as suas ordens para Londres. Há muitos dias já que tinha de partir para lá.

Mr. Whitestone olhou, sorrindo, para a filha, cujas palavras, com o seu sabor epigramático, o deliciavam.

— Que entre, que entre o teu recomendado.

Jenny abriu a porta e introduziu Carlos na sala.

Apesar da timidez que sentia sempre na presença do pai, Carlos recebia agora coragem da consciência de ter ganho de antemão a causa que vinha por formalidade advogar ali.

— Meu pai — disse ele, adiantando-se para Mr. Whitestone —, não há muitos dias, que pela sua boca ouvi qualificada como infâmia uma ação minha; venho pedir-lhe agora que me deixe usar do único meio que tenho, para evitar que a arguição seja, até certo ponto, merecida.

— Qual é? — perguntou concisamente Mr. Richard.

— Procurar Manuel Quintino e pedir-lhe para oferecer o meu nome, honrado pelo meu pai com uma vida inteira de probidade, a essa menina, que as minhas imprudências, e

nunca as minhas intenções, iam sacrificando. Salvou-a uma vez a generosidade da minha irmã; outra, a sua, senhor. Deixe-me, pois, seguir o exemplo tão nobre que me apontaram e com ele o que, ao mesmo tempo, me aconselha o coração.

— E já pensaste bem, Carlos — disse Mr. Richard, que tinha já perdido toda a sua rispidez —; já pensaste bem no que vais fazer? Não temes que venhas ainda a arrepender-te desse passo pouco refletido? Não receias tornar-te o instrumento da infelicidade dessa menina? Estás preparado para as obrigações que, como chefe de família, vais chamar sobre ti?

— Eu sei que o passado poucas garantias me pode conceder; mas tenho fé em que o futuro me justificará.

— Fé? — disse Mr. Richard, rindo. — É o único fiador que tens por ti?

Jenny pousou a mão no ombro do pai, dizendo com suavidade:

— E eu.

Mr. Richard voltou-se.

— Tu? Tu afianças Carlos?

— Afianço.

— É arrojo!

— Não é a primeira vez. E o pai sabe qual de nós tem tido razão de se arrepender. Se eu, da minha confiança; se o pai, das suas suspeitas.

— À falta de melhor, aceito a garantia.

E voltando-se para o filho:

— Parta então, Carlos; e lembre-se de que, depois do passo que vai dar, é. deve ser outro homem.

E Mr. Richard Whitestone estendeu a mão para o filho, que a beijou, antes de partir.

— Não sei se fizeste bem, Jenny — dizia o pai, vendo-o sair do quarto.

— Consultei a memória da minha mãe, tendo os olhos no retrato dela. Tenho fé nas resoluções que me vêm assim.

Mr. Richard olhou algum tempo para a filha com amor, e depois, apertando-a ao peito, disse:

— Deus te ouça!. E há de ouvir, que bem lho mereces.

— E nós, senhor, ficamos aqui? — perguntou Jenny.

— Pois que mais queres tu ainda?

— É natural que seja Charles o primeiro a tratar este negócio em casa de Manuel Quintino; mas será delicado que seja o único?

Mr. Richard tocou a campainha.

— Que aprontem o carro para já — disse ao criado que acudiu ao sinal.

— E agora que mais queres?

— Agradecer-lhe.

E depois de abraçar o pai, saiu a correr da sala.

Esta cena teve em casa de Manuel Quintino os seguintes resultados:

Estava o pai de Cecília preparando-se para sair, quando viu entrar Antónia no quarto com inquietação e sobressalto.

— Que é, Antónia? Que temos nós? — disse Manuel Quintino, surpreendido com o aspeto da criada.

— Está ali alguém a procurá-lo, Sr. Manuel Quintino.

— Ainda algum importuno a dar-me parabéns. Enquanto eu fui guarda-livros, ninguém me procurava. agora.

E preparou-se para ir ver quem era.

Cecília, ao ouvir a criada, corada de maneira particular e sob não sei que pretexto, recolheu-se ao quarto.

É que se lembrou, naquele momento, de um bilhete, que na véspera recebera de Jenny, com estas sós palavras:

— «Desejo-te e agouro-te muito risonhas madrugadas.»

Assinada — «A tua irmã, Jenny».

Logo que Cecília saiu, Antónia chegou-se ao pé de Manuel Quintino e disse-lhe em ar de mistério:

— É ele outra vez!

— Ele quem?

— O filho do inglês.

— Carlos?!

Foi com alvoroço que Manuel Quintino desceu as escadas e chegou à presença do irmão de Jenny.

Carlos não estava menos agitado. Nos seus gestos e palavras havia uma gravidade que Manuel Quintino lhe estranhou.

Não se sentiam à vontade um na presença do outro, o que não é para admirar depois das cenas ocorridas entre ambos.

Carlos rompeu primeiro o silêncio.

— Manuel Quintino, eu venho aqui para um fim muito sério e de máxima importância para nós os dois.

Depois de curto intervalo de pausa, acrescentou:

— Venho aqui pedir-lhe a mão da sua filha.

Manuel Quintino deu um salto na cadeira em que estava sentado.

— Pedir a…?

— A mão de Cecília — repetiu Carlos, com firmeza.

Uma nuvem toldou por momentos o espírito de Manuel Quintino. As suspeitas, mal acalmadas, agitaram-se de novo àquelas palavras.

Carlos, notando-o, acrescentou:

— Não lhe oculto agora que há muito sinto pela sua filha uma afeição, que em vão procurei combater. Curvei a cabeça prante as suas acusações, Manuel Quintino, não porque me exprobrasse a consciência alguma tenção infame, mas porque pelas minhas imprudências podia de facto ter arriscado a boa fama da pessoa que eu queria defender por todo o preço, à custa de todos os sacrifícios, e tinha remorsos disso. Não é reparação que venho aqui oferecer; Cecília não carece dela; venho pedir-lhe a minha felicidade.

Manuel Quintino permanecia como estupefacto.

— Do meu pai tenho já o consentimento; tenho também a aprovação de Jenny; falta-me apenas…

— E Cecília?…

— Interrogue-a.

Manuel Quintino, quase sem saber o que fazia, dirigiu-se à porta para chamar a filha. Esta não estava longe, como é de prever.

Ao entrar na sala, o rosto tinha-lhe dito mais do que se podia esperar das palavras.

Manuel Quintino não era para mais hesitações e reservas. Atirou-se ao pescoço de Carlos; abraçou-o, beijou-o, chamando-lhe seu querido filho.

— Cecília — dizia Carlos, daí a pouco, aproximando-se dela —, se, para avaliar os seus sentimentos, esperasse que mos revelasse, duvidaria ainda, sabe?

— Mas não duvida?

— Não, porque. os adivinho; julgo eu que os adivinho.

— E que mais quer? Infelizes dos que não sabem adivinhar assim. Esses. não amam deveras. Não lhe parece?

— E adivinha também?

— Espero que sim.

— Mas ainda há tão pouco tempo que duvidava!

— Ou queria obrigar-me a duvidar.

— E não o conseguiu?

— Bem vê que creio, antes de ouvir a justificação.

— Prometo-lhe que não abusarei dessa generosa confiança — respondeu Carlos, beijando-lhe a mão que ela lhe estendia.

Ora sucedeu que a Sra. Antónia surpreendesse esta cena. Rica de tal descoberta, correu a dar parte dela ao amo, que cantarolava na sala contígua.

Mas qual não foi o seu espanto, ao ver Manuel Quintino receber às risadas a comunicação do delito!

Um raio de luz atravessou o entendimento daquela prudente senhora.

Tinha ela bastante tino político para deixar de imitar os deputados que, aos primeiros indícios de mudança ministerial, têm a cautela de se passarem, com armas e bagagem, para a oposição, com o fim de no dia seguinte amanhecerem do lado do poder.

Teve cedo a Sra. Antónia ocasião de manifestar este tato político. Ouviu-se tocar a campainha do portal, e Antónia, que veio abrir a cancela, achou-se na presença do Sr. José

Fortunato, o qual a vinha prevenir de que vira passar Carlos na rua.

— Olhem o milagre! Se ele está cá em cima! — disse Antónia, encolhendo os ombros.

— Lá em cima! — exclamou o outro.

— Temos grande novidade. A coisa agora é a valer.

— O quê? O que é a valer, Sra. Antónia, o que é a valer?

— Desconfio que há casamento tratado.

O Sr. José Fortunato fez uma careta.

— Que me diz?!

— Sim; então que há aí de maior? Talhados são eles um para o outro. Da mesma idade e…

Não pôde continuar; o carro de Mr. Richard parava junto do portal, e o velho inglês saltou lepidamente dele e ajudou Jenny a sair.

— Santa Virgem, que aí vem tudo! — exclamou Antónia, correndo pelas escadas acima, a anunciar os recém-chegados.

A curiosidade do Sr. José Fortunato venceu o despeito e fê-lo entrar também para ver.

Viu um singular espetáculo!

Jenny abraçava Cecília com efusão; Manuel Quintino era gravemente abraçado por Mr. Richard; depois era Carlos, que apresentava Cecília a Mr. Richard, dizendo:

— Trago-lhe mais uma filha, senhor.

E Mr. Richard, que respondia, abraçando-a:

— Agradecido, Carlos. É um verdadeiro tesouro que me dás.

Cecília beijava comovida a mão do inglês. Manuel Quintino, soltando frases desordenadas, abraçava toda a gente. Antónia dava parabéns a todos e de ninguém era atendida.

O Sr. José Fortunato viu e voltou as costas ao que vira. Desceu as escadas, despercebido de todos, sacudiu na soleira da porta o pó dos sapatos, e, resmoneando palavras ininteligíveis, saiu para não voltar.

CAPÍTULO XL

CONCLUSÃO

Vencidas as dificuldades, que as diferentes religiões de Carlos e de Cecília traziam consigo, o casamento fez-se. Não exponho agora aqui as condições do contrato, por me parecerem de pouco interesse para o leitor.

Manuel Quintino não desceu no conceito público. Pelo contrário, passou a ser um destes homens, que, em certas épocas, o Porto julga indispensáveis e cujos nomes passam a figurar em quantos cargos, sociedades e comissões se organizam nesta empreendedora cidade.

Tem sido sucessivamente diretor de um banco, mordomo da Santa Casa e camarista.

Mr. Richard continua com os seus hábitos de vida inglesa e com as leituras de Sterne.

Os seus compatriotas Brains e Morlays são ainda o que sempre foram: um, o inglês que chora; outro, o inglês que

ri.

Preciso de acrescentar que Cecília e Carlos vivem felizes?

Nem eu sei se teria coragem de lhes escrever a história dos seus amores, se esse não fora o resultado.

E Jenny?

Jenny é sempre o anjo bom da família.

Nunca Mr. Richard teve de pedir-lhe contas da fiança que dera por Carlos. Este não lhe tem oferecido oportunidade para isso.

FIM